

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM TEOLOGIA**

ANA PAULA REIS DA COSTA

**A RECONSTRUÇÃO DA FÉ NO ENFRENTAMENTO DO LUTO:
TEOLOGIA E PSICOLOGIA EM DIÁLOGO**

Porto Alegre
2015

ANA PAULA REIS DA COSTA

A RECONSTRUÇÃO DA FÉ NO ENFRENTAMENTO DO LUTO:
TEOLOGIA E PSICOLOGIA EM DIÁLOGO

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador:

Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin

Porto Alegre

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837r Costa, Ana Paula Reis da

A reconstrução da fé no enfrentamento do luto : teologia e psicologia em diálogo / Ana Paula Reis da Costa. – Porto Alegre, 2015.

254 f.

Diss. (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brust.

1. Religião e Psicologia. 2. Teologia. 3. Luto - Aspectos Religiosos. 4. Morte - Aspectos Psicológicos. 5. Fé. 6. Igreja Católica. I. Brust, Leomar Antônio. II. Título.

CDD 155.937

**Ficha Catalográfica elaborada por
Vanessa Pinent
CRB 10/1297**

ANA PAULA REIS DA COSTA
"A RECONSTRUÇÃO DA FÉ NO ENFRENTAMENTO DO LUTO:
TEOLOGIA E PSICOLOGIA EM DIÁLOGO"

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Teologia, pelo Mestrado em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 15 de janeiro de 2015, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin
(Orientador)

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Prof. Dr. Manfredo Carlos Wachs

RESUMO

A presente pesquisa pretende um diálogo entre Teologia e Psicologia a fim de compreender a fé católica e suas possíveis mobilizações dentro do processo psíquico de assimilação e elaboração do luto, utilizando como objeto concreto de análise o histórico clínico de dois pacientes enlutados católicos acompanhados em psicoterapia em seus primeiros anos de enlutamento. Material clínico contido em seus prontuários psicológicos aqui anexados e recortados para análise teológica em um estudo longitudinal. O projeto parte de um levantamento bibliográfico histórico e filosófico sobre a morte e a seguir abastece-se das contribuições de Jurgen Moltmann na Teologia da Esperança, das produções do psicanalista John Bowlby e seu sucessor o psiquiatra Colin Parkes sobre os dados acerca do luto e recuperação. Conclusivamente, a partir da análise do conteúdo teológico encontrado, foi possível constatar que o luto desperta intenso e profundo processo de transformação teológica que alcançou três categorias: fé, Deus e Comunhão dos Santos, causando mudanças que inferem potencialmente nas condições de recuperação dos enlutados, bem como em sua forma de ser e viver após a perda, apontando para a necessidade de uma escuta diferenciada aos dados encontrados sobre a fé, frente ao cuidado humano no enlutamento.

Palavras chaves:

Luto, vínculo, fé, Deus, Ressurreição e Esperança.

ABSTRACT

This research aims at a dialogue between Theology and Psychology in order to understand the Catholic faith and their possible mobilization within the psychic process of assimilation and elaboration of mourning, using the clinical history of two Catholic bereaved patients followed up in psychotherapy in their first years of bereavement as a concrete object of analysis in a longitudinal study. The Project is part of a historical and philosophical literature on death and then supplies from the contributions of Jurgen Moltmann in the Theology of Hope, the psychoanalyst John Bowlby's productions and his successor, the psychiatrist Colin Parkes on data about the mourning and recovery. Conclusively, from the analysis of the theological content found, it was established that the fight arouses intense and profound theological transformation process that reached three categories: faith, God and the Communion of Saints, causing changes that potentially infer the recovery conditions of the bereaved, as well as their way of being and living after the loss, pointing to the need for a differentiated listening to the data found on faith, against human care in bereavement.

Keywords:

Bereavement, relationship, faith, God, Resurrection and Hope.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. A MORTE ATRAVÉS DOS TEMPOS.....	13
1.1 Pré-História e Idade Antiga.....	13
1.2 Idade Média: primeira metade: a morte no Ocidente medieval cristão	15
1.3 Idade Média: segunda metade.....	16
1.4 Idade Moderna	18
1.5 Idade Contemporânea	19
1.6 Atualidade	20
2 PENSAR A INEXISTÊNCIA: FILOSOFIA E MORTE.....	25
2.1 FILOSOFIA E MORTE NO MUNDO ANTIGO: 700 A.C. – 250 D.C.....	25
2.2 A MORTE NA FILOSOFIA DO MUNDO MEDIEVAL: DE 250 A 1500	26
2.3 FILOSOFIA E MORTE NA ERA DA REVOLUÇÃO: 1750 A 1900	30
2.4 A FILOSOFIA E A MORTE DE 1900 ATÉ OS DIAS ATUAIS	31
3 A PSICOLOGIA NO ENLUTAMENTO	41
3.1 O LUTO EM JOHN BOWLBY	43
3.2 LUTO E PADRÕES DE APEGO EM COLIN M. PARKES.....	49
3.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE PSICOLÓGICA DOS CASOS CLÍNICOS.....	53
3.3.1 Apresentação do Caso A	54
3.3.2 Análise do Caso A	55
3.3.3 Apresentação do Caso B	60
3.3.4 Análise do Caso B	60
3.4 ANÁLISE DOS ASPECTOS HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS PRESENTES NOS CASOS A E B.....	69
4 A TEOLOGIA DA CRUZ: LUTO E FÉ: RESGATE E RECONSTRUÇÃO DA VIDA NO CORAÇÃO DE UM DEUS QUE SOFRE.....	74
4.1 JÜRGEN MOLTSMANN E O LUTO.....	74
4.2 ANÁLISE DO CONTEÚDO TEOLÓGICO DOS CASOS A E B.....	78
4.2.1 Análises do conteúdo teológico do Caso A – primeiro recorte: contido na consulta de número 1.....	79
4.2.2 Análises do conteúdo teológico do Caso A – segundo recorte contido na consulta de número 3.....	84
4.2.3 Análises do conteúdo teológico do Caso A – terceiro recorte contido na consulta de número 8.....	87

4.2.4 Análises do conteúdo teológico do <i>Caso A</i> – quarto recorte contido na consulta de número 9.....	108
4.2.5 Análises do conteúdo teológico do <i>Caso A</i> – quinto recorte contido na consulta de número 11.....	116
4.2.6 Análises do conteúdo teológico do <i>Caso A</i> – texto-recorte contido na consulta de número 34.....	119
4.3 ANÁLISES DO CONTEÚDO TEOLÓGICO DO CASO B	126
4.3.1 Primeiro recorte: contido na consulta de número 2	126
4.3.2 Análises do conteúdo teológico do <i>Caso B</i> – segundo recorte contido na consulta de número 7.....	128
4.3.3 Análises do conteúdo teológico do <i>Caso B</i> – terceiro recorte contido na consulta de número 14.....	131
4.3.4 Análises do conteúdo teológico do <i>Caso B</i> – quarto recorte contido na consulta de número 19.....	134
4.3.5 Análises do conteúdo teológico do <i>Caso B</i> – quinto recorte contido na consulta de número 26.....	140
4.3.6 Análise do conteúdo teológico do <i>Caso B</i> – sexto recorte contido na consulta de número 43.....	144
4.3.7 Análise do conteúdo teológico do <i>Caso B</i> – sétimo recorte contido na consulta de número 46.....	147
4.3.8 Análise do conteúdo teológico do <i>Caso B</i> – oitavo recorte contido na consulta de número 49.....	149
4.3.9 Análise do conteúdo teológico do <i>Caso B</i> – nono recorte contido na consulta de número 51.....	151
4.4 CONCLUSÕES DA ANÁLISE DO CONTEÚDO TEOLÓGICO DO CASO A E DO CASO B	154
CONCLUSÕES	157
REFERÊNCIAS.....	165
ANEXOS	169

INTRODUÇÃO

Representações contemporâneas sobre a morte transitam do genérico ao específico movimentando-se no campo da experiência, do significado, do conhecimento e da fé.

Podem carregar uma noção generalizada de que a boa morte é aquela sobre a qual as pessoas têm algum controle, como, por exemplo, a morte de um familiar hospitalizado. Já a morte considerada má é a incontrolável, que tende a ser rechaçada, pois é tomada como a que ocorre no momento errado e na hora errada tal como acidentes, assassinatos, etc.

Pode-se pensar também na boa morte, considerada sagrada, pois sinaliza a entrada no Céu, talvez como consolo aos aflitos. Ou ainda, a boa morte medicalizada, cuja noção de alívio fica na ideia de que foi feito tudo o que se podia fazer. Há também a boa morte natural, a morte de idosos, valorizada por não ser inesperada e supostamente ausente de medo ou dor... São representações contrastantes.¹

No entanto, nenhuma delas, de fato, anula a dor, o desamparo, o medo e a angústia que perder alguém causa ao ser humano, o enlutamento. A morte nunca é romântica. Mário Quintana já dizia; la nos assalta, saímos da vida sempre às tontas e nossas malas nunca estão prontas². Por isso, todas as representações sociais relacionadas à morte partem também da subjetividade, da maneira como o ser humano se vincula às pessoas pelas quais têm apreço, pelo seu modo de amar, pela sua herança cultural, pelo seu modelo médico sobre saúde, doença, pelas suas crenças, pelos seus valores e pela condição psíquica.

Cabe também à Psicologia cuidar da humana possibilidade de sentir, a partir de uma perda, as mudanças e transições experimentadas pelo ser humano, reconhecendo o luto em suas múltiplas formas de expressão, riscos e possibilidades. Assim, urge dispensar o cuidado a enlutados na atualidade, cuidado esse, muitas vezes, obstaculizado por uma escuta inconsistente, temerosa, desejosa de ajudar, porém, talvez, pouco instrumentalizada, por isso nem sempre funcional.

Para cada morte no Brasil anualmente, pode-se pensar, ao menos, em três pessoas vinculadas, portanto enlutadas. Assim, se multiplicado por três, o número

¹ FRANCO, M. H. P. *Nada sobre mim sem mim*. São Paulo: Livro Pleno, 2005. p. 13-33.

² QUINTANA, M. *Velório sem defundo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 17.

de óbitos de 2011, por exemplo, teríamos uma contingência de, aproximadamente, 3.600.000 enlutados.³ Não obstante, cabe pensar quem atende a toda essa população... A grande maioria de enlutados não tem condições de chegar a consultórios médicos ou psicológicos. E o que sabem todos sobre o cuidado diante de circunstâncias de luto...?

Diante de uma perda, quatro são as saídas possíveis: a elaboração de um luto normativo e saudável; a instauração pela inferência de fatores dificultadores de um luto complicado, antigamente chamado de luto patológico; uma desordem mental ou física diagnosticada, como, por exemplo, problemas cardíacos ou gastrointestinais, doenças autoimunes, etc. e a morte.

O custo social e financeiro do luto se relaciona não apenas ao sofrimento pessoal ou familiar, mas atinge a rede de relações mais ampla, o local de trabalho, a comunidade e a sociedade, inclusive do ponto de vista político, religioso, sem dúvida, e filosófico.

Custos presentes nos reembolsos, seguros de vida e despesas funerárias, e sintomas, como: abuso de álcool e drogas, absenteísmo, acidentes, queda na produtividade e na qualidade do trabalho, desajustes e reações normativas são entraves nutridos por ondas de choque, torpor, revolta e protesto, previstas como parte inicial do processo psíquico de elaboração do luto com efeitos também na escala de violência social. Todos esses são fatores de impacto contemporâneos que desafiam para o cuidado.

Atualmente, existe uma vasta literatura com diferentes linhas de abordagem sobre o luto na Psicologia, e as principais compreendem:

- a Psicanálise que abarca as produções de Freud, Melanie Klein e Bowlby, embora este último seja também considerado um teórico sistêmico. Aqui também os trabalhos de Elisabeth Kubler-Ross e Cicely Saunders sobre luto antecipatório e morte humanizada;
- o luto na Teoria Cognitiva Experimental, uma linha de entendimento compatível com a Psicanálise clássica, a Neopsicanálise e a Psicologia Jungiana;

³ Dados retirados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: www.ibge.gov.br/paisesat. Acesso em: 18 nov. 2014. Descrição do cálculo, ver COSTA, A. P. R. *Projeto de pesquisa*, fateo-2012.

- o luto como transição psicossocial, tendo como autor o psiquiatra Colin Parkes, sendo que algumas de suas contribuições serão utilizadas para dialogar aqui com a Teologia e que tem como antecessor Bowlby;
- a Teoria Cognitiva Comportamental que compreende o luto associado a quadros de Transtorno de Estresse Pós-Traumático e Transtornos de Ansiedade, por serem eventos disparados por estressores externos;
- a Teoria Sistêmica que envolve a compreensão do luto na família, um estudo dos vínculos (tendo como principal autor Bowlby), respostas familiares, dinâmicas, sistemas de crenças (habilidades familiares para extrair significado da adversidade, perspectivas positivas e transcendência), padrões organizacionais e processos de comunicação. Proposições que serão também exploradas aqui para análise dos casos. E ainda estudos sobre resiliência familiar e luto, desenvolvidos por Mônica Mc Goldrick⁴ e Froma Walsh.⁵ Produções e compreensões de Stroebe e Stroebe⁶ acerca dos estilos de enfrentamento (Instrumental, Intuitivo e Misto) para o luto.
- o Luto como reconstrução de significados, uma linha que oferece recursos para o trabalho com o luto, a partir de uma perspectiva construtivista, cujo processo de luto implicará a reconstrução de um mundo e de uma vida com sentido e propósito renovados, uma vez que os anteriores foram desafiados pela perda. Aqui se pode pensar em autores como a canadense Therese Rando que pesquisa sobre os processos “R” de luto, o luto complicado e suas síndromes,⁷ e Worden que pesquisou sobre fases, tarefas e etapas normativas do processo de luto.⁸

Propostas de compreensão e auxílio para uma das experiências mais mobilizadoras da vida humana. E a despeito de todas as contribuições já existentes, poucas são as pesquisas nessa área do conhecimento, menores ainda se relacionadas à fé e ainda menores se relacionadas à fé católica.

⁴ WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. *Morte na família: sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 27-128.

⁵ WALSH, F. *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Edit Rocca, 2005. p. 41-127.

⁶ STROEBE, M. S.; STROEBE, W. *Handbook of Bereavement*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 375-404.

⁷ RANDO, T. A. *Treatment of complicated mourning*. Champaign: Research Press Company, 1993.

⁸ WORDEN, J. W. *Terapia do luto: um manual para o profissional*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Assim surgiu esta busca, diante da demanda de atendimento psicológico a enlutados católicos. Ao longo de 15 anos de prática clínica, observou-se que representações religiosas se faziam presentes de modo importante, inferindo no processo terapêutico de recuperação.

Muitas são as associações trazidas pelos pacientes relacionadas a sentimentos de abandono por parte de Deus, sofrimento de Cristo, bem como, em dado momento de seu acompanhamento psicoterapêutico, sentiam-se auxiliados recobrando forças, que, de algum modo, não se referiam apenas à elaboração psíquica de assimilação do luto. Compreender tais fenômenos exclusivamente nas bases do que a Antropologia apresenta tornou-se insuficiente.

Por isso, o que se determina aqui é conhecer com maior profundidade esses fenômenos, especialmente na direção, portanto, da experiência viva que acontece no coração dos enlutados, em cada uma de suas entregas no uníssono espaço íntimo do acompanhamento psicológico, onde o *entre* e o *dentro* se fundem, e a vida se mostra com a força e a firmeza de sua realidade mais crua. Elucidar porquês, quais, como e se esses fenômenos de fato acontecem poderia, talvez, clarificar quais fatores podem, na fé, complicar ou que recursos facilitadores do processo de elaboração pode-se estar deixando escapar. Pensa-se, ainda, como psicoterapeutas, cuidadores dedicados e comprometidos com a ciência e o bem-estar humanos, o que se sabe sobre a fé de nossos pacientes e nisso como então acompanhá-los em uma linguagem que lhes seja possível à luz e à vida em momentos tão difíceis e conturbados. E, como religiosos, o que esses podem descobrir ou redescobrir na intersecção entre cuidados psíquicos, luto e fé diante de circunstâncias traumáticas e por dentro da experiência real do acompanhamento clínico.

Porém e acima de tudo, a busca pelas lentes teológicas (como ciência) e na veracidade da fé desses pacientes, tornou-se, neste intento, esperança de compreensão, na direção da amplitude de cuidados, que possam mostrar-se mais claros, quem sabe, como ferramentas, numa perspectiva integradora de duas dimensões do conhecimento a serviço do resgate e da reconstrução da vida.

Desse modo, utilizando relatos do acompanhamento psicológico longitudinal de dois pacientes enlutados, consulta a consulta, através de seus prontuários psicológicos, no período do seu primeiro ano de psicoterapia focada para situações de luto, e já considerando também as inferências da história e filosofia sobre o

enlutamento, a pesquisa organiza-se, inicialmente, a partir de uma revisão da fundamentação teórica encontrada em história, no Capítulo 1 (item 1.1) “o homem e a morte através dos tempos”. No Capítulo 2, uma breve revisão filosófica com autores aproximados e relacionados aos temas colhidos dos pacientes.

No Capítulo 3, os subsídios teóricos da Psicologia e da Psiquiatria para a compreensão do luto, referentemente aos cuidados a enlutados na prática clínica, bem como a apresentação e análise histórica, filosófica e clínica dos casos envolvidos.

No Capítulo 4, a pesquisa contempla uma revisão teológica e a análise dos conteúdos teológicos encontrados e extraídos do material clínico dos pacientes em estudo.

A escolha dos autores tanto de temas da Psicologia como da Teologia segue uma lógica próxima e condutora, pois, na observação do processo de elaboração do luto de pacientes católicos, ao longo e em torno do seu primeiro ano de luto, constataram-se intensas mobilizações relacionadas a vínculos, sofrimento, Cristo, amor e fé cristã. A escolha pelos autores se deu, portanto, a partir dessas temáticas contempladas pelo psicanalista, psiquiatra e teórico sistêmico John Bowlby, considerado o “Pai da Teoria de Formação e Rompimento de Vínculos Afetivos” e o principal teólogo do século XX, Jurgen Moltmann com mais de 1.200 escritos, contribuições teológicas que, em toda sua essência, dialogam com a história e a filosofia, porém essencialmente com a ciência, daí sua importância para a Psicologia.

A metodologia adotada, portanto, abraça primeiramente a pesquisa bibliográfica seguida de análise histórica, filosófica, psicológica e teológica do material clínico colhido dos prontuários psicológicos relatados em atendimento, no primeiro ano em psicoterapia, de dois pacientes enlutados católicos, em circunstância de luto traumático, ou seja, que vivenciaram a elaboração de uma perda violenta e repentina em sua família.

Prontuários psicológicos são registros em que, normalmente, o clínico faz anotações que julga importantes para o estudo e acompanhamento do caso atendido, com o intuito de aprimorar e aprofundar cuidados referentes ao andamento do tratamento, à condução psicoterápica, ao destino pulsional, a elaborações psíquicas e à evolução do paciente.

Nesses registros, estão contidos aspectos importantes que servem de base para instrumentalizar o profissional ao longo da caminhada de cuidado clínico.

Prontuários psicológicos são, via de regra, os documentos mais importantes em um tratamento médico e psicológico. A escrita dos registros de atendimento é procedimento de conduta normativa e necessária, ferramenta de organização, preservação de dados dos pacientes, bem como de orientação. Diante de cuidados éticos, por exemplo, os prontuários permitem estudar, prevenir ou identificar possíveis inferências do psicoterapeuta ao longo do tratamento, dando mostras de sua participação e troca com os pacientes, facilitando, inclusive, a supervisão do caso com outro profissional caso seja necessário.

Os prontuários podem ser escritos sob forma de pequenos apontamentos durante as consultas, mas, tendencialmente, devem ser escritos logo após cada consulta, nos 15 a 20 minutos de intervalo que o psicoterapeuta deve oferecer-se entre um atendimento e outro.

Assim, os prontuários aqui anexados na íntegra são transcrições de trechos de consultas. Para esse intento, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da PUCRS que o aprovou⁹. Antes, porém, os pacientes foram consultados e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foram também convidados a ler seus prontuários. Ambos desejaram e, para que isso lhes fosse possível com conforto, tranquilidade e segurança, foram-lhes disponibilizados ainda maior atenção e cuidados, contando com espaços psicoterápicos de maior frequência, para trazer o que sentiram, e isso ocorreu em torno de um ano depois do que leram sobre si mesmos. Objetivando sua íntegra participação, foi também solicitado que, caso julgassem necessário que fizessem correções e ajustes. No entanto, nenhum dos pacientes (depois de ter lido o prontuário) sentiu tal necessidade. Seus nomes foram alterados para pseudônimos.

Com o auxílio de levantamento bibliográfico e de análise dos casos em recortes para dinamizar o estudo do conteúdo teológico, a partir do Capítulo 4, espera-se, nas conclusões, encontrar pontos de compreensão convergentes para esclarecer os fenômenos observados, também considerando a perspectiva da evolução clínica longitudinal.

⁹ Número do protocolo de aprovação, Plataforma Brasil, CAAE 14034314.5.0000.5336

Compreende-se, portanto, que, atualmente, é imprescindível buscar meios de escutar os enlutados para além do drama da modernidade, não apenas em sua fragmentação religiosa, psicológica, mas como caminhada para a integração. Isso implica estudar o luto numa proposta de homem inteiro, ou seja, o ser humano à luz de sua transcendentalidade e transcendência. Quem sabe, a serviço de compreender que o vínculo, no processo de luto, é o contato com o eterno em perspectiva de escuta científica, teológica e psicológica para a conexão: vínculo-dor e sofrimento-fé-amor e recuperação. A chance que tem o ser humano de se consolidar e de se reassegurar não está apenas em olhar para dentro, mas quando é capaz de olhar para si sem deixar de olhar para o alto.

1. A MORTE ATRAVÉS DOS TEMPOS

A morte é a marca da temporalidade; angústia certa no coração do homem que vive o presente, um espaço entre dois nadas: um que já não mais é, e outro chamado futuro, ainda incerto e intrigante. Assim, morte, passado, futuro e presente estão intrinsecamente correlacionados. Nesse espectro, trabalhar os conceitos *morte* e *luto* é transitar entre o micro (específico) e o macro (genérico), em que se torna impossível dissociar uma dimensão de outra, pois evidencia: consciência da vulnerabilidade, fragilidade, finitude, perda, dor, ajustamento às mudanças, bem como os recursos de que dispõe o ser humano em cada tempo, para lidar com isso. Ao acompanhar tais transições, é possível observar que diferentes períodos históricos caracterizarão diferentes formas de convívio, enfrentamento e relacionamento com o morrer e a morte na humanidade.

1.1 Pré-História e Idade Antiga

Dentre todos os seres vivos, apenas os humanos se despedem de quem morre. Desde o *Neanderthal* são dadas sepulturas aos mortos. Portanto, tem sido o humano a negociar com essa experiência angustiante entre ausência e presença, ruptura e continuidade, construção e destruição. A negociação, de certo modo, viabilizada por ritos de despedida e sepultamento, movimentos de apropriação do que *foi* está a serviço de reduzir o impacto e o assombro causados pelo

esvaziamento e pela impotência que o morrer deixa exclusivamente no humano, que sente, pensa, comunica-se, cuida e ama.

As práticas fúnebres, para a grande maioria das culturas, implicam o cuidado com os mortos, embora os enderecem para fora da vida, oferecendo aos vivos crenças de sobrevivência pós-morte, não existindo nenhum grupo, por mais primitivo que seja, que abandone seus mortos ou que os abandone sem ritos.

Os ritos mais antigos trazem construções míticas comportamentais e fábulas folclóricas relacionadas à morte maternal; fantasias nas quais a morte está associada à presença feminina, no regresso ao útero, onde são utilizados elementos da natureza, como, por exemplo, mortos envoltos em mantos ou sepultados em potes de argila tendo o corpo na posição fetal, ou ainda, em cavernas, ou na água.¹⁰ Imagens e cerimônias que associam a morte a noções de passagem para outro estágio como metáfora de um prolongamento da vida, seja através de um sono profundo e sem sonhos, seja em viagem ou entrada na morada dos antepassados. Com isso, se reconhece que o morto ganha novo e especial *status*: ele já não é mais um vivo qualquer.

A mudança, nesse contexto, no entanto, por conter o mistério e ter nuança sobrenatural, provoca profundas perturbações nos vivos. Por isso, nas comunidades primitivas, os rituais tinham também a função de ajudar o morto a completar a passagem (ou viagem) para seu território definitivo, protegendo, dessa forma, a comunidade dos vivos contra o retorno dos mortos.¹¹

De modo geral, os ritos, como: o pó que as pranteadoras jogavam sobre sua cabeça, as moedas colocadas nos olhos dos mortos ou lenços em seu rosto, permitiam o compartilhar de temores e emoções diante da morte. Cada rito, portanto, está diretamente associado às representações de cada cultura, em uma grande diversidade de formas de expressão. Costa aponta como a dor da perda era experienciada desde os primeiros tempos, na história da humanidade.¹² Cita, no século I, o filósofo estoico Sêneca que afirmou que os verdadeiros homens, os romanos, poderiam deixar correr lágrimas desde que não em excesso. Lembra que, de acordo com Sêneca, os antigos romanos haviam instituído “o luto de um ano para as mulheres não porque elas devessem chorar exatamente por um ano, mas para

¹⁰ BAYARD, J. P. *Sentido oculto dos ritos mortuários*. São Paulo: Paulus, 1996. p. 17ss.

¹¹ *Ibidem*, p. 54-85.

¹² COSTA, R. A dor da perda e as mulheres na história. In: SANTOS, F. S. (Org.). *Tratado brasileiro sobre perdas e luto*. São Paulo: Comenius, 2012. p. 2- 4.

que não chorassem ainda por mais tempo”.¹³ O autor pondera que, nas culturas antigas e em sociedades pré-industriais, as pessoas sentiam muito mais intensamente a vida e a morte do que o homem da atualidade. Havia notável sensibilidade na cultura antiga, onde tudo era muito mais sentido, sofrido e regozijado.

1.2 Idade Média: primeira metade: a morte no Ocidente medieval cristão

A morte medieval, de acordo com o historiador Ariès, é sincrônica, estabelecida em relação concomitante e coexistente com a vida. Aparece vestida de naturalidade, é precedida de avisos, sinais, ou por uma convicção íntima do ser humano desse tempo. Avisos que permitem ao moribundo conscientizar-se espontaneamente de todas as providências para sua partida, quando se recolhia ao leito deitado de costas com a cabeça voltada para o Oriente.¹⁴

A morte tornara-se próxima e conhecida. “Fazer as malas”, nesse período, é um evento experimentado e construído com atenção e cuidados. O cerimonial da partida envolvia diversos passos: o lamento da vida com evocações nostálgicas de todas as coisas amadas; o perdão de companheiros, parentes e amigos; reflexões sobre Deus que incluíam admitir culpas e homenagear o Divino, bem como esforços para conquistar a absolvição sacramental.

Ariès cunhou o conceito “Morte domada” referindo-se a esse período histórico, a fim de deixar claro que a morte era um evento público, social e organizado, que se desenvolvia sem desgastes, dificuldades ou alardes entre os vivos.¹⁵ Os ritos eram perfeitamente aceitos, comparecidos integralmente, cumpridos, sem caráter dramático ou emoções excessivas. As pessoas despediam-se da vida dentro da vida, isto é, em sua casa, perto de seus familiares. Não havia exclusão, dissociação, impedimentos, reações invasivas ou selvagens. A morte estava domesticada.

Embora no início desse período a humanidade ainda temesse a proximidade com os mortos, aos poucos, o culto aos mártires produziu uma visão diferente, pois seus restos mortais eram trazidos às cidades para as igrejas, no intuito de cuidá-los e de protegê-los. Logo as pessoas passaram a desejar ser enterradas próximas dos

¹³ Idem.

¹⁴ ARIÈS, P. *História da morte no Ocidente*. São Paulo: Ediouro, 2003. p. 25, 31-32.

¹⁵ Ibidem, p. 34.

mártires. As pessoas com maior prestígio social eram sepultadas ao lado dos santos, dentro das igrejas. Assim, os cemitérios acabaram se tornando área pública, ponto de encontro, reunião e até de comércio. Do pátio das igrejas, em função da necessidade de dar espaço às construções citadinas, e da insalubridade, com o tempo, os cemitérios foram sendo transferidos para fora das cidades, dentro de parques, porém era mantido o convívio entre vivos e mortos.

Nesse período histórico, o moribundo era o centro do processo de elaboração, enfrentamento e cuidados com o luto, e os rituais eram verdadeiramente o espaço reconhecido socialmente para acolher e compartilhar a dor e o sofrimento da família enlutada. Se, por um lado, a maioria das doenças não tinha cura, e a medicina agia muito mais para o alívio dos sintomas, por outro, a morte temida era a imprevista, inesperada ou solitária. Na época morrer, ainda que fosse um idoso, repentinamente, sem aviso, dormindo ou rapidamente, não era tão positivo como parece ser hoje em dia.

O cristão tinha, assim, com a morte, uma experiência de pertencimento a Deus que o integra à vida reduzindo seu assombro. Pode-se dizer, pelas produções artísticas desse período histórico, que existia até uma espécie de experiência amorosa com as noções de morrer, tais como: partida, despedida e/ou descanso.

1.3 Idade Média: segunda metade

Ariès relata que pequenas e sutis mudanças introduzem aspectos diacrônicos nas relações evolutivas do homem e na morte através daqueles séculos. São aspectos que vêm dar um caráter mais dramático e pessoal à familiaridade com o morrer.¹⁶

Até então, a morte desenhava-se em uma concepção coletiva de distinção; o homem estava profundamente ligado à natureza e à sua ordem natural que era respeitada e aceita. Como pondera Morin, já não era mais possível negar, partia-se não do caráter espantoso, paradoxal e escandaloso da morte em relação ao vivo, mas do caráter espantoso, paradoxal e escandaloso da vida em relação à ordem física, visto que a organização físico-química está submetida ao princípio natural da

¹⁶ ARIÉS, P. *História da morte no Ocidente*, p.102.

degradação, desintegração e dispersão irrevogáveis. O estado natural do vivo é a dispersão que sobrevém após a morte. Eis o paradoxo da vida...¹⁷

Diversos fenômenos foram introduzindo, nesse sistema tradicional, nuances de individualização sobre a morte. Por isso, Ariès nomina esse período de “A morte de si mesmo”.¹⁸ Muitas representações artísticas sobre o Juízo Final aparecem a partir do século XII, que já não são mais como as tradicionais representações coletivas de ressurreição, mas, com ênfase no julgamento pessoal; são produções que sugerem uma preocupação do humano com o que acontecerá depois da sua morte. É presente o temor pelo julgamento e pelo que acontecerá com a alma. Ideias relacionadas ao inferno, ao paraíso e à premência das coisas materiais geram intensa sensação de ameaça a esse julgamento e, conseqüentemente, ao ser humano. Nessa etapa, é o indivíduo quem morre passional e possuidor de uma aderência apaixonada a todas as coisas que conquistou durante a vida, bem como de um conseqüente reconhecimento por parte de cada um, de sua própria biografia.

Crenças populares tematizam o risco de perder a salvação por cair em tentação no momento da morte. Por isso, as pessoas desse tempo buscavam meios de garantir o paraíso, através de donativos à Igreja, orações aos mortos, missas, organização de testamentos, que, como o próprio termo sugere, referia-se ao ato de avaliar e cumprir o dever de consciência. Como parte dessa obrigatoriedade notória, no morrer, incluíam-se a confissão dos pecados, a recomendação da alma, a escolha prévia da sepultura, a transmissão dos desejos em relação aos sobreviventes, a regularização da transmissão dos bens, a fim de deixar em ordem as coisas temporais, as doações à Igreja e as que portanto se referiam às atemporais, às da vida eterna.

O corpo morto passa a ser escondido com o uso de caixões, já não é mais suficiente envolver a morte em mantos de linho. Reforçam-se as práticas de embalsamento, como forma de conservar viva a imagem do morto. Esses são os primeiros sinais de afastamento ou negação da morte. Vê-se no próprio embalsamento uma tentativa de conservar o físico.

Nesse período, aparecem os primeiros sinais do uso da cor preta com o intuito não só de expressar pesar, mas também, medo. O preto, nesse tempo retoma o horror dos mortos, como véu de proteção da própria morte ou como simbolismo da

¹⁷ MORIN, E. *O homem e a morte*, p. 9.

¹⁸ ARIÈS, P. *História da morte no Ocidente*, p. 46-47.

noite, ausência de cor. Só mais tarde representará, propriamente, dor, tristeza e abandono.

Nos séculos XV e XVI, os túmulos carregam recordações sobre a imagem física do morto, com esculturas e fotos. Na arte, os temas macabros surgem com alusões aos cadáveres em decomposição. Ariès conclui que, naquela época, a morte tornara-se um evento, durante o qual o ser humano melhor tomou consciência de si mesmo, de sua existência individual.¹⁹ Por sua vez, Morin aponta o que pode representar as primeiras razões para a resistência do homem a enfrentar a morte, resistência que virá com mais força a partir dos próximos séculos, quando consideravam que a dor, o temor, a obsessão sobre o morrer tinha um denominador comum: a perda da individualidade, o aniquilamento do ser. Para o autor a ideia de morte não é nada mais do que a da perda da individualidade, e o complexo dessa perda é traumático, visto que corresponde à destituição e destruição da consciência do ser.²⁰ Nessa perspectiva, Morin faz pensar que as tentativas do ser humano de buscar a imortalidade são também a afirmação de sua individualidade, afirmação incondicional do ser, de sua realidade primordial. As sepulturas coletivas em igrejas passam a ser, gradativamente, substituídas por túmulos individuais. O horror à morte será um sinal cada vez mais intenso do amor à vida. O humano dá seus primeiros passos para compreender a morte em si, passos que já o afastam da naturalidade que tinha com ela, mas morte é teimosa e rebelde, insistirá em dar palavras à vida.

1.4 Idade Moderna

O reconhecimento da individualidade é também evolutivo. De acordo com Morin, nos animais, vale o instinto, quando então é a espécie que conhece a morte, e não o indivíduo. Nesse sentido, o animal é cego para a morte, pois ele não tem consciência. A cegueira animal em relação à morte é uma cegueira à individualidade. A *morte-perda-de-individualidade* só os humanos conhecem.²¹ A partir disso, a crença na sobrevivência pessoal após a morte é o lugar onde o indivíduo exprime sua tendência de salvar sua integridade para além da decomposição física, pois a degradação do corpo foi uma questão importante nesses séculos. O cadáver antes considerado sagrado, velado, é investigado, desvendado, descoberto. Esse

¹⁹ ARIÈS, P. *História da morte no Ocidente*, p. 58.

²⁰ MORIN, E. *O homem e a morte*, p. 54-55.

²¹ *Ibidem*, p. 56.

fenômeno traria, ao ser humano, novas perspectivas para seu relacionamento com a morte.

A morte é confirmada pela putrefação físico-química. O ser humano estuda o corpo morto, invade-o, disseca-o, constata que o cadáver guarda segredos da vida e da morte. Observa que, no defunto, mantêm-se, depois da morte, resíduos de vida, pelos e unhas que continuam crescendo, fator de intensa ambivalência em relação à concretização da morte, que suscita o temor de ser enterrado vivo, tornando rituais, cerimônias e velórios mais extensos. Por isso, os tempos dos ritos de despedida passam a representar também períodos para certificação. Do mesmo modo, emergem crenças de que a alma do morto não se desprenderia imediatamente do corpo, que trouxeram aos ritos novas funções: confirmar a morte e oferecer tempo para o desprendimento da alma. Nesse período, portanto, já havia nuances de credices que diziam que quanto mais dependente das coisas de sua vida o finado estivesse, mais difícil seria sua libertação do antigo corpo.

A consciência do homem segue ampliando-se, e a morte que foi de *todos; domada; de si; e do cadáver*,²² encaminha-se ora claramente presente, ora duvidosa, oscilante e intrínseca ao discernimento buscado pelo ser humano.

1.5 Idade Contemporânea

Nesse período, o humano é invadido por maciças transformações sociais e eclosões científicas, influenciadas pela Revolução Industrial britânica e a ideologia da Revolução Francesa. O que implica pensar a vida em meio a explosões econômicas, ferrovias, fábricas, novas e vertiginosas referências.

Em toda a Europa, no final do século XVIII, faz-se presente o Romantismo, uma tendência cultural artística e literária, que se espalhou pelo mundo, com berço na Itália, Alemanha e Inglaterra, ganhando força na França como em nenhum outro país. As principais características desse movimento, e por que não dizer desse período, eram o encantamento pelas novas descobertas e mudanças na vida humana, porém mais ainda, a valorização das emoções, da liberdade de criação, do amor platônico, de temas religiosos e outros, como: o individualismo, o nacionalismo e a história. Entre 1780 e 1830, aconteceu o movimento Romântico, que tinha o intento de ser uma forte reação ao racionalismo iluminista; explorou quase até a

²² ARIÈS, P. *História da morte no Ocidente*, p. 25, 46, 54, 64.

exaustão as mais diversas sensibilidades humanas. Assim, também a morte e a melancolia foram bastante expressas nas artes, talvez como um modo de tentar impedir que o ser humano se deixasse ser engolido pelo objetivismo mensurável da racionalidade científica.

A consciência, agora marcadamente presente no ser humano, nutre o idealismo que germina descobertas e mudanças. A ciência invade esses séculos com força total, enriquece a humanidade de recursos e provoca choques, conflitos, disputas e dissociações, diálogos presentes em nossa história atual desde então.

Como reflexo de todas essas mudanças, a morte, até então romântica e bela, sublime repouso, possibilidade de união com o ser amado, desejada por trazer liberdade, fuga para o além, sofre alterações; torna-se ruptura insuportável, separação, agora associada à improdutividade, pois, em meio à explosão industrial, mortos não geram tanto lucro quanto os vivos. Apesar do aparecimento dos *funeral homes* e da exploração do corpo morto como matéria-prima, os mortos não eram tão rendosos.

As crenças na vida pós-morte ganham vigor em 1854, na França, quando Allan Kardec fundou o Espiritismo kardecista; uma doutrina que propõe intermediação entre vivos e mortos. A partir desse século, é expressiva a ideia de que a alma da pessoa falecida comunica-se com os vivos, mantém relacionamento com o mundo físico e pode reencarnar. Em 1862, nos Estados Unidos, foi fundada uma sociedade de pesquisa física para estudar possíveis fenômenos ligados à morte e a aparições sobrenaturais, quando se desenvolvem explorações no campo da Parapsicologia. O medo das *almas do outro mundo* mostra-se potencialmente presente e surgem rituais para mantê-las almas longe dos vivos, por exemplo, mantendo as janelas abertas e água corrente nos ambientes, luzes acesas, entre outros.

Nessa perspectiva, também os cemitérios passam a ser contestados, não apenas como tentativa de separar os vivos dos mortos, mas no intuito de aproveitar melhor os espaços, quando a temática da cremação passa a ser considerada com maior amplitude.

1.6 Atualidade

No início do século XX, já é evidente a tendência de reconhecer a morte como vergonhosa, indício de fracasso, impotência ou imperícia, quando não de

traição, negligência, castigo ou punição. Ao doente que se despede da vida é escondida a real gravidade do seu estado; a verdade nesse período histórico começa a tornar-se problemática. Franco aponta que, quando tudo parece sinalizar para a perda, para o desencontro, para a separação, é comum surgirem tentativas de preencher essa lacuna, ainda que à custa de falácias, pois, nessas circunstâncias, a verdade se mostra borrada ou é intensamente causadora de dor.²³

Subsidiado pelos estudos do sociólogo inglês Geoffrey Gorer, Ariès considera que, no final do século XIX e no século XX, em torno da morte, constrói-se um tabu, seja em função de uma excessiva premência de coisas materiais, tão característica da civilização industrial, seja pelo hedonismo moderno, que propõe um mundo guiado por valores externos e individualistas, sustentado no culto ao exclusivamente belo, pelo prazer imediato ao sempre novo e saudável.²⁴

Desde que o homem sentiu-se capaz de controlar doenças, passou a experimentar, também, uma ilusão de controle sobre a vida e a morte, potencializando pensamentos mágicos, onipotentes, e defesas maníacas. Cassorla alerta para a seguinte correlação: se a própria vida perde o valor, a morte passará a ser desconsiderada, porém é fato que a morte está presente, e o que se nega é sua importância, que faz dela parte da vida a espreitar o ser humano. Logo, negá-la e a isso o desprepara para enfrentar a realidade e o que há de vir.²⁵

A sociedade industrial parece ter criado um horror à ideia de morrer. Enquanto a antiga sociedade tradicional reprimia o sexo e encarava a morte com naturalidade, agora o sexo é apresentado cedo às crianças, mas delas se oculta o que diz respeito à morte e ao luto. Esse sintoma denuncia uma intensa corrente do pensamento moderno, que promove uma espécie generalizada de obsessão pela felicidade contínua, evitando a todo custo circunstâncias que causem tristeza ou que se relacionem com o medo, o desamparo, a frustração ou a aborrecimentos. Esse fator, além de colocar o ser humano atual em risco de atuações e esvaziamentos, fragiliza seus recursos psíquicos para assimilação e elaboração de adversidades.

A morte é excluída do cotidiano para *proteger* a vida. Diante do morrer, tem-se mesmo a impressão de que nada mudou, como se a morte não devesse mais ser notada, torna-se uma rápida e discretíssima virada de página. Faz-se grande esforço

²³ FRANCO, M. H. P. *Nada sobre mim sem mim*, p. 14.

²⁴ ARIÈS, P. *História da morte no Ocidente*, p. 89-90.

²⁵ CASSORLA, R. *Da morte: estudos brasileiros*. p. 38-40.

para negá-la, exatamente porque o assombro que causa é o único a lembrar ao ser humano que ela tem absolutos poderes sobre ele, ou seja, pode invadi-lo e destituí-lo de tudo o que possui e deseja.

Em nenhum outro momento da história, a morte foi tema tão angustiante quanto nos séculos XX e XXI. Aquela que era a morte do outro, aqui traz à consciência o medo sentencial da própria finitude, conflito agora declarado como guerra subliminar entre a realidade objetiva do morrer e a subjetividade humana. É neste período que uma importante contribuição teológica surge a partir de construções também relacionadas à dor e ao sofrimento humanos, a “Teologia da Esperança” e a complementar “Teologia da Cruz”, de Moltmann, portanto, referência fundamental nos estudos aqui relacionados à morte e ao luto.

A morte considerada *boa* é aquela que ocorre na idade avançada, que é repentina, rápida e indolor, evento que não ocupe tanto o homem. Assim, o luto também precisa ser breve e reservado, bem como suas formalidades e rituais devem ser cumpridos rapidamente. Essa é, sumariamente, a característica da atualidade. Os ritos fúnebres não são mais desenvolvidos nas residências; são funerais empresariais, produzidos em larga escala, de modo impessoal, pré-fabricados pelas casas funerárias. Eles castram a morte e o morto de sua história e identidade, caracterizando cerimoniais cada vez mais desprovidos de sentido e naturalidade.

Do ponto de vista econômico, a sociedade ocidental não sabe o que fazer com seus mortos e enlutados. Não há tempo para sofrer, sentir torna o trabalhador lento e distraído, que, nesse contexto, precisa ser ágil, dinâmico e eficiente. O *luto* legalmente autorizado fica limitado à *Licença-Nojo*, que concede aos funcionários de dois a nove dias de afastamento do trabalho para se reorganizarem diante do óbito de um familiar, ficando as negociações a cargo de cada empresa. É bastante comum que os funcionários enlutados sejam orientados a buscar medicação e, com o tempo, podem ser confundidos com depressivos. Normalmente, são aconselhados a voltar o quanto antes para o trabalho. Na grande maioria das vezes, o fazem, seja pelo medo de perder o suporte financeiro, que diante do luto tende a tornar-se ainda mais importante, seja porque estão desorganizados emocionalmente pela dor, temporariamente impedidos de administrar com clareza as mudanças ocorridas em sua vida. Retornar rapidamente ao trabalho pode tornar-se um fator complicador, na medida em que contribui para a fuga, a supressão e os bloqueios na fluência do

processo de assimilação do luto do trabalhador, que corre o risco de aprisionar-se no ativismo, incorrendo em problemas também para a empresa, quando se acentuam sintomas normativos, tais como: *déficit* de atenção, concentração e memória, previstos para os primeiros tempos de luto, não obstante, ocasionando acidentes de trabalho, entre outras vulnerabilidades, como o uso de álcool e absenteísmo.

Ariès considera que a modernidade ameaça, inclusive, a visita aos túmulos, época em que se recorre cada vez mais à cremação, como ânsia de fazer desaparecer, o quanto antes, tudo o que pode restar do corpo e do evento.²⁶ Kóvacs, ao considerar os estudos de Ariès, propõe que a “Morte invertida” termo cunhado pelo historiador, no século XX, é apropriada, pois sustenta que, de fato, a morte é, inclusive na atualidade, um evento cada vez mais desconhecido, estranho e solitário. A manifestação do sofrimento é minimizada e reprimida, a morte está oculta ou é combatida.²⁷

Avanços da medicina dividem os estudiosos quanto à definição de *morte* que passa do modelo cardiocêntrico ao encefálico. A morte, agora, é cerebral, biológica e celular. São criados diversos aparelhos para prolongar a vida ao máximo e controlar o momento da morte, que passa a ser uma decisão dos vivos. Condições socioeconômicas e políticas influenciam o tempo de vida. Médicos têm a possibilidade de decidir, tornam-se tanatocratas, constata e provocam a morte. Novas discussões sobre o final da vida se fazem presentes, como, por exemplo, o prolongamento dos dias dos doentes terminais nos hospitais e procedimentos como a eutanásia, ortotanásia e/ou distanásia. O poder decisório, que nos séculos anteriores era da Igreja, agora é da Medicina. A morte está medicalizada, e a vida pode ser desligada.

Nessa perspectiva, o século XXI vem resgatar importantes trabalhos de Klüber Ross e Saunders para a escuta de pacientes em cuidados paliativos, construções que primam pela acolhida no sofrimento e na dor, na reinserção da morte como parte da vida, na aprendizagem compartilhada no processo do morrer, sendo o paciente o centro da ação, promovendo sua autonomia nos processos decisórios e sua dignidade no tratamento, trazendo as famílias de volta como

²⁶ ARIÈS, P. *História da morte no Ocidente*, p.184.

²⁷ KÓVACS, M. J. Retratos da morte no Ocidente. In: BRUSTOLIN, L. Antônio. *Morte: uma abordagem para a vida*, p. 68.

suporte ao enfermo. Kóvacs considera esse um novo período, que, fazendo uso do termo primeiramente empregado por Kübler Ross, denomina de “Morte re-humanizada”.²⁸

No entanto, a frieza do paradigma biomédico, que lentamente vem sendo vencida, não é o único fator complicador. Mesmo a Psicologia, durante algum tempo, negligenciou a questão da morte, provavelmente porque o tema era pouco empírico, e, embora já existam especialistas, essa dimensão do conhecimento é reconhecida como relativamente nova. Aos poucos, o tema se impõe de tal modo que psicólogos e psiquiatras não podem mais permanecer indiferentes.

Cruz, ao estudar a morte como acontecimento jornalístico, refere-se também ao modo como essa é percebida no século XXI. A pesquisadora considera que mesmo a imprevisibilidade da morte só pode aproximar-se da ideia de acontecimento como elemento distante da elaboração do cotidiano. A morte surge na perspectiva em que desloca o homem para fora do evento. Assim, quanto mais insólita for a morte, mais próxima estará de tornar-se evento jornalístico. Logo, a morte, anunciada no discurso da mídia, constrói um sujeito *outro*, que não é aquele que deixou de viver. Nos casos de vítimas de violência, então, o que é representado não é a morte em si nem mesmo o morto, mas a tragédia, a criminalidade. A mesma autora sustenta que quanto mais o homem tenta colocar-se alheio ao enfrentamento da morte mais o assunto torna-se repulsivo, apesar de o tema ser condição inevitável da humanidade²⁹.

A morte, como tabu, afasta o ser humano do básico, do essencial, da beleza, da profundidade e do significado daquilo que existe de mais simples, sensível e verdadeiro, que o endereça à face da Terra: sua humanidade, sua condição de ser mortal. Distrai-o da verdade de que é um ser em constante transformação, como parte da natureza e de seu ciclo. O tabu desaloja o humano de si mesmo. Urge, portanto, que seja ele capaz de reencontrar sua essência, sem, no entanto, abrir mão do que descobriu e ainda descobrirá justamente, para que não se assuste do que realmente é, que não mais se descuide do que lhe é valioso e importante, não apenas como indivíduo, mas como coletividade. Essa parece ser a chave para o resgate, a conservação de sua dignidade, a evolução e os cuidados como espécie.

²⁸ Idem.

²⁹ OLIVEIRA-CRUZ, M. C.B.F. *Morro, logo existo: a morte como acontecimento jornalístico*. 2008. Artigo - Estudos em Jornalismo e Mídia. Ano V – n.1 pp. 149 – 159 jan./ jun. 2008.

2. PENSAR A INEXISTÊNCIA: FILOSOFIA E MORTE

A morte e o morrer trazem consigo as dimensões históricas, socioculturais, políticas, antropológicas, pedagógicas, biológicas e espirituais da humanidade, porém quem primeiro ponderou essas correlações foi a Filosofia.

Ao compartilharem suas ponderações, os filósofos ensinavam não apenas as conclusões às quais chegavam, mas a maneira como chegavam até elas, encorajando seus alunos a discutirem, investigarem, analisarem e criticarem todo tipo de ideias. E para quem desejava pensar, compreender e elucidar o seu mundo, a morte era um instigante desafio que, de modo não incomum, acabava por abraçar concepções na direção da vida como um todo.

Sabe-se, no entanto, que a consciência humana e o medo do morrer estão intrinsecamente interligados. Dessa forma, a consciência da morte cerca o ser humano, persegue-o e o obriga a tomar posição, questões que a Filosofia irá explorar e analisar cuidadosa e metodicamente às contribuições de alguns de seus pensadores e de suas obras que se pretende visitar a partir de uma linha do tempo a seguir neste capítulo.

2.1 FILOSOFIA E MORTE NO MUNDO ANTIGO: 700 a.C. – 250 d.C.

Os filósofos da Antiguidade grega e chinesa foram os primeiros insatisfeitos com explicações sobre a morte, oferecidas usualmente pelos costumes, mitos e religiões, buscando respostas que pudessem nascer do uso da razão. Reuniam-se para compartilhar observações, discutindo ideias entre si. Assim, originaram-se as primeiras escolas e correntes filosóficas, portanto, os primeiros pensadores sobre a morte e, por que não dizer, também sobre o enlutamento.

Para os que tinham fé, morrer não representava o fim. Sócrates e Platão acreditavam nisso e, ao pensar sobre a morte, conseqüentemente, analisavam o viver. Aprender a morrer naqueles tempos significava aprender a viver.

Para Sócrates, o conhecimento desempenhava um papel importante na vida após a morte; não era apenas *status* ou riqueza, nem mesmo diversão ou curiosidade, mas a razão pela qual a existência se dá, era essencialmente o autoconhecimento a definir e a fomentar o cuidado com a alma imortal. Para ele uma vida irrefletida levaria a alma a ficar confusa e aturdida, como se estivesse bêbada, enquanto uma alma sábia alcançaria a estabilidade, e seu vagar chegaria ao fim.

Ziles, citado por Brustolin, sinaliza que para Platão o eterno começa a ser cultivado nas condições transitórias. Entende que o filósofo foi certamente marcado pela morte de seu mestre Sócrates, cuja tranquilidade ao morrer sustentou com a imortalidade.³⁰ Muito mais do que um simples *bios*, Platão percebia o indivíduo como um ser que poderia despedir-se da vida, conduzido pelo enriquecimento da sensibilidade de sua alma que cultivaria apreço pelo verdadeiro e belo, então definido como eterno.

Isso posto, para a Filosofia desse tempo, a alma, constituída de ideias atemporais, também se tornaria parte do divino, participante do bem que, em última análise, o concebia como Deus. Para Ziles, os anseios de Platão estavam em mergulhar na busca dos fundamentos da própria razão, uma forma apaixonada de conhecer e transcender a vida material.

Ainda para Platão, os sentidos humanos não conseguiriam perceber o lugar da imortalidade. Posiciona-se dizendo que o reino das ideias é verdadeiramente a realidade, e o mundo que cerca o ser humano, então moldado pelos sentidos, é uma realidade empobrecida. Desse modo, tudo que para esse filósofo é aprendido pelos sentidos no mundo material, não passa de imagens, simples esboços da realidade verdadeira.

Do mesmo modo, compreende que os seres humanos dividiam-se em corpo e alma, divisão da qual a morte é, portanto, sinal, indicativo da necessidade humana de conhecer os verdadeiros valores da verdadeira vida. Do corpo são os sentidos, e da alma, a razão. Logo, conhecer para Platão era mais do que observar, pois compreendia que aos seres humanos era mais fácil o uso dos sentidos do que da razão, a observação dos objetos reais era muito mais conhecido e confortável para o humano que resistia ao esforço inusitado e surpreendente da razão. O Platonismo influenciou ainda dois grandes filósofos: Aristóteles e Santo Agostinho.

2.2 A MORTE NA FILOSOFIA DO MUNDO MEDIEVAL: DE 250 A 1500

Influenciado por Platão que argumentava que o mal não é algo, mas a ausência de algo, Santo Agostinho, pensador fundante da filosofia medieval, assim também conhecido pelos cristãos, tinha particular interesse sobre a questão do mal, tema relacionado à morte. Para ele que concebia Deus como inteiramente bom e

³⁰ BRUSTOLIN, L. A. *Morte: uma abordagem para a vida*, p. 20.

todo-poderoso, o mal era ponto desafiante, porque via como natural que no mundo existisse o mal, que então se contrapunha à existência de Deus.

Nesse viés, aproximando os conceitos *morte* e *mal* em Santo Agostinho, é possível considerar, por exemplo, que a sensação de revolta quando da perda de alguém amado, ou mesmo diante de acidentes, doenças ou calamidades, é denúncia de um mundo onde se vive o mal que não foi cometido, particularmente, mas que poderá representar o efeito colateral das escolhas da humanidade como um todo, sendo que a responsabilidade deveria ser concebida por todos. Escolhas que, nessa perspectiva, podem construir o mundo, a vida e a morte no universo humano, uma consciência que, se for verdadeiramente assumida, poderá tornar o mundo uma boa casa para todos e não apenas para alguns.

A racionalidade em Santo Agostinho se eleva do visível ao invisível, apresenta-se recheada da preocupação de esclarecer com simplicidade encantadora também a vida prática das pessoas de seu tempo. Nesse sentido, e referente à morte e ao morrer, escreveu em 421, o tratado *De cura pro mortis gerenda*,³¹ sobre o devido cuidado para com os mortos, talvez uma das primeiras obras de Filosofia e Teologia destinada à escuta dos enlutados.

Nessa obra, Santo Agostinho desenvolve as seguintes ponderações e orientações, aqui selecionadas como principais, inclusive por apresentar aspectos associados a questões afetivo-vinculares, psicológicas acerca do enlutamento dos pacientes analisados:

- Todas as orações oferecidas aos mortos têm muito valor.
- Honrar os mortos é virtude de piedade e consolo para os vivos.
- A origem do culto afetivo e solícito que o ser humano demonstra aos mortos tem como fonte o sentimento comum e natural do amor pelo próprio corpo que o leva a homenagear os corpos sem vida de seus semelhantes queridos.
- As sepulturas possibilitam aos visitantes manter viva uma memória que os auxilie a rezar e a fortalecer sua fé.
- A importância de discernir os fundamentos e a legitimidade do culto aos mortos, assimilando os perigos que abusos e excessos a tal culto podem

³¹ SANTO AGOSTINHO. *A verdadeira religião: o cuidado devido aos mortos*. São Paulo: Paulus, 2002. v. 19. (Coleção Patrística).

trazer, freia e fomenta com objetividade e consciência também o culto aos santos.³²

Santo Agostinho compartilha sua convicção pessoal, sustentada por sua forte e íntima sensibilidade, oriunda de sua experiência vincular materna de que os mortos não visitam os vivos, salvo se permitido por Deus, posto que Mônica, sua amada mãe, falecida em 387, nunca viera consolá-lo em sua aflição pela perda. Escreveu:

Tomem como quiserem o que vou dizer. Se deveras as almas dos mortos intervissem nos problemas dos vivos, aparecessem e nos falassem durante o sono, minha piedosa mãe – para não falar sobre outras pessoas – não me abandonaria uma única noite, ela que me seguiu por terra e por mar, a fim de partilhar comigo minha vida. Longe de mim crer, com efeito, que uma vida mais feliz a tornou indiferente, a ponto de não vir consolar em suas tristezas um filho que, em sua vida, foi seu grande amor.³³

Santo Agostinho, nessa produção, objetiva corrigir alguns equívocos, dissipar preconceitos relacionados à morte e aos santos, pretendendo consolar os aflitos. Salaria e adverte que é antes da morte que se deve fazer o que virá a ser útil depois dela. É enquanto se vive no corpo mortal, existindo em certa maneira de levar a vida, que se aliviará o sufrágio que viria após a morte.

Orações aos mortos, na visão de Santo Agostinho, são maneiras de testemunhar a ternura para com os parentes desaparecidos, para que tendo sido retirados dos olhos dos vivos, não o sejam do coração. Sobre o sentido da expressão corporal nas orações, lê-se:

Põem-se de joelhos, estendem as mãos, prostram-se no chão e executam outros gestos. Sem dúvida, Deus concede-lhes a vontade oculta no coração. Ele não tem necessidade desses sinais para penetrar no recôndito da consciência humana. Contudo, por essas demonstrações, a pessoa estimula-se a si mesma [...] a orar [...] com humildade e fervor. É ainda que os gestos corporais não possam se produzir sem movimento interior da alma, esses atos exteriores e invisíveis amplificam, não sei como, o ato interior e invisível que os suscitara. Não obstante, se alguém estiver impedido de realizar com seus próprios membros, isso não incapacita o homem interior de orar. Deus o vê, contrito e arrependido, prostrar-se no santuário secreto de seu coração.³⁴

³² VAN DER MEER. Saint Augustin: pasteur d'âmes. In: SANTO AGOSTINHO. *A verdadeira religião: o cuidado devido aos mortos*, p. 146.

³³ SANTO AGOSTINHO. *A verdadeira religião: o cuidado devido aos mortos*, p.179.

³⁴ Ibidem, p. 165.

Santo Agostinho compreende que a vida está sempre às voltas com a morte, e que Deus é o autor da vida somente. Se a vida se inclina para a morte é por uma falta voluntária contra a ordem de Deus; algo que envolve o ser humano, assim como seu esforço para voltar à unidade com Deus, cuja restauração é sempre possível. O universo em Agostinho é um bom vir-a-ser; a vida boa e feliz não é um objetivo, mas o critério da verdadeira fé, a felicidade do ser humano identificada na união com Deus.

A filosofia agostiniana assegurou que não é a fé, mas a natureza da vida humana que tem horror à morte:

É inegável que fiquemos tristes quando, ao morrer, deixam-nos os que amamos, ainda que saibamos que não nos deixam para sempre pois logo iremos nós, quando a morte chega para a pessoa amada, o sentimento do nosso amor se perturba. [...] Entristecemos-nos, portanto na morte dos nossos, não pelo fato de perdê-los, mas com a esperança de recuperá-los. Naquilo nos angustiamos; nisso nos consolamos. Ali a fraqueza sente; aqui a fé consola. Ali se entristece a condição humana; aqui cura a promessa Divina. [...] Que se reze por aqueles em comunhão do corpo e do sangue. [...] Corações piedosos podem, portanto entristecer-se com uma dor salutar [...] por sua condição mortal podem derramar lágrimas consoladas [...] pela fé, pela qual cremos que os fiéis, quando morrem, caminham à nossa frente e passam para uma vida melhor.³⁵

O filósofo aponta à função benéfica das atenções fraternas que são apresentadas quando de perdas e funerais, reforçando que essas contam entre as boas obras sinalizadas nas Escrituras. E assegura que o próprio Deus fez-se homem mortal, e que, por amor, iluminou a humanidade na escuridão da morte. A análise dos pacientes, adiante, poderá reiterar muitas dessas compreensões também na dimensão da prática clínica.

A seguir, na linha de tempo, outra importante produção filosófica medieval é a de São Tomás de Aquino.³⁶ Como filósofo cristão, Tomás de Aquino acreditava que os humanos são apenas um tipo entre tantas espécies de seres capazes de conhecer intelectualmente as coisas ao seu redor: almas separadas dos corpos na vida após a morte, anjos, e o próprio Deus também podem fazer isso. Esses que, diferentemente do homem, conseguem apreender diretamente das coisas suas definições, sem fazer uso dos sentidos.³⁷

³⁵ SANTO AGOSTINHO. *A verdadeira religião: o cuidado devido aos mortos*, p.194-195

³⁶ BUCKINGHAM, W. et al. *O livro da Filosofia*. p. 90.

³⁷ Ibidem, p. 94.

Assim, Tomás de Aquino³⁸ defendia a imortalidade da alma, também sem romper com as definições primárias de Aristóteles que afirmavam que a forma transforma a matéria naquilo que ela é, e, dentro do corpo humano, essa forma é a alma, que torna o corpo um ser vivo. No entanto, acrescentou Tomás de Aquino: a forma é o intelecto, exemplificando que, em sua determinação, é possível ser um bom aristotélico e um bom filósofo sem renunciar à fé. Logo, a alma em Tomás de Aquino não morreria, mas levaria consigo tudo o que foi e é apreendido em vida pelos sentidos e pela razão, depois da morte, não mais apreendido pelos sentidos, mas pelo intelecto ativo, de algum modo.

É possível pensar que as contribuições filosóficas desse santo são as primeiras em que morte e vida, fé e razão, ser e ciência, não necessariamente, estejam em polos distantes, muito menos opostos, tornando o pensador um visionário, à frente dos tempos revolucionários que ainda haveriam de chegar no desenvolvimento científico e da humanidade como um todo.

Com a revolução filosófica e científica dos séculos XV e XVI, testemunham-se novas elaborações sobre a morte. No Iluminismo a morte tem seus aspectos religiosos e sagrados dissociados; a racionalidade é o elemento filosófico norteador; a morte passa a ser um evento exclusivamente biológico, cujo controle cabe à ciência, e o paradigma *cuidar* é substituído pelo da *cura*, fazendo da morte um fato que denunciaria fracasso ou falência médica. A Filosofia, a partir desse período, pensa a vida e a morte, volta-se a essa perspectiva.

2.3 FILOSOFIA E MORTE NA ERA DA REVOLUÇÃO: 1750 A 1900

Em Kierkegaard a angústia do morrer corresponde ao menor dos males, é um temor similar ao *desconhecido* na criança. Compara o ser humano adulto ao cristão que recebe de sua fé a coragem necessária para afrontar tal perigo. Nas concepções de Sören, a morte recebe luz na experiência pessoal, pois pondera ser mais importante que a busca por uma verdade única a explicar todo o universo e suas transformações: a busca por verdades que sirvam para cada pessoa individualmente, que se adaptem às escolhas feitas, na forma como constituem seus próprios *eus*.

³⁸ BUCKINGHAM, W. et al. *O livro da Filosofia*. p. 91.

A fórmula positiva para a existência humana, de acordo com esse autor, está na busca pela saída do desespero; o estado do *eu* quando desse se extirpa completamente a angústia, orientando-se para si mesmo e querendo ser ele mesmo, deve o *eu* mergulhar através de sua transparência e limitações até o poder que o criou. Assim, é feito o humano de duplo movimento: para o *finito* caracterizado pela morte, e outro ao *infinito*, sustentado pela vida eterna, almejada pelo cristão, o único então a superar a morte.

Desse modo, pensa Kierkegaard, que o único ser que reconhece a doença mortal: o desespero, a desesperança, é o cristão, pois o Cristianismo lhe dá uma coragem ignorada pelo ser humano natural, só vivente. Coragem constituída dessa angústia de grau terrível, porém é verdade que essa coragem dada, por mais que traga ambivalências às escolhas da vida, dará forças para afrontar o perigo da morte que, graças à mesma coragem, passa a ser uma angústia menor.

Logo, em Kierkegaard, a morte para o cristão não será o fim de tudo, sequer um simples episódio perdido na realidade exclusiva do infinito; ao contrário, implicará mais esperança do que a vida comporta, até mesmo quando a saúde e a força física do ser humano vierem a transbordar. Aqui está uma das mais valorosas ideias sobre a elaboração da angústia humana, quando Sören propõe que a verdadeira capacidade de enfrentamento e esperança do ser humano para administrar adversidades não vem da concretude da vida comum.

2.4 A FILOSOFIA E A MORTE DE 1900 ATÉ OS DIAS ATUAIS

É em torno da vida e da morte que as ideias de Friedrich Nietzsche germinam. Ele parte do pressuposto do que prega o Cristianismo, ou seja, tudo neste mundo é de pouca representação se comparado ao que está no mundo após a morte. Chega a chamar os sacerdotes de “pregadores da morte” porque seus ensinamentos encorajariam o ser humano a abandonar a importância da vida neste mundo pela vida após a morte.³⁹ Considerava que, ao seguir as sugestões cristãs de afastar o ser do que parece importante nesta vida e ao tentar transcendê-la, esse se afasta da própria vida e de seu valor presente, enfraquecendo-se, pois se limitaria, em muito, a usufruir de seu viver.

³⁹ BUCKINGHAM, W. et al. *O livro da Filosofia*, p. 220.

Para esse filósofo, o mundo presente não deveria ser desprezado, e o Cristianismo impunha ao ser que negasse a vida do aqui e agora em favor da promessa de uma vida por vir. Nietzsche pontuava fortemente que as suposições acerca de que o valor está, de algum modo, além do alcance deste mundo, levaria a uma forma de pensar que anularia o humano negando fundamentalmente a vida.

Nietzsche alertava para o fato de que não deveria o ser humano se ressentir, se desdenhar, se afastar de si mesmo ou impedir-se de desfrutar o que realmente tem em prol de um mito, chamado mundo real, pós-morte, que, na verdade, era imaginário, situado fora do alcance concreto da visão da humanidade.

Já para Heidegger em *O ser e o tempo*, o humano é muito mais existência do que essência. Por isso, propõe que se considere o ser como experiência, conceito característico da sua abordagem fenomenológica. Nessa perspectiva, o ser humano é visto como um ser que caminha para a morte, vive à mercê da angústia, está jogado no mundo sempre sujeito a perder-se na homogeneidade do não ser, entre outros, ameaçado que está de ficar sem identidade.

A identidade em Heidegger é constituída nas vivências dos fenômenos que oferecem ao ser humano sua subjetividade, quando, então, a morte terá importante papel. A morte será compreendida como a possibilidade do desvelamento do ser, a sua realidade última, quando o humano será obrigado a ver-se preso à própria finitude.

Esse filósofo considera que o ser humano não teme, de fato, sofrer, mas que a dor nasce da consciência filosófica de sua verdade no mundo, a verdade de que é mortal. Logo, para esse autor, se não for possível cuidar da tragédia humana será o mesmo que desconsiderar o ser.⁴⁰

Assumir a morte aqui corresponde a entrar na subjetividade humana pelo factual de que todo ser humano morrerá um dia, sua não vida, dado de uma realidade que vem alertar o ser para o reconhecimento de que se encontra vivo e deve buscar sua verdadeira identidade. Heidegger pensa na possibilidade do ser humano de estar-no-mundo e se definir pela verdade do fenômeno essencial, sua vulnerabilidade maior: o não ser.

A experiência fática em Heidegger é o ponto de partida para a busca da compreensão da verdade, isto é, que a morte não está localizada fora ou no oposto

⁴⁰ GAIO, M. D. *O trágico em Heidegger*. 2007. Dissertação (Mestrado) – UFPR, Curitiba, 2007. p. 6-11.

da vida, mas que é parte integrante das experiências do fenômeno existencial do viver.

Sobre a morte e o luto, pode-se pensar que a escuta e o cuidado para com enlutados recebem valoroso aprofundamento e fidedignidade, pois memórias, sensações e sentimentos podem ser reconhecidos e amparados na compreensão fenomenológica do enlutamento. O luto propriamente dito, aponta Heidegger,

não pode ser medido, talvez algumas lágrimas como expressão psicossomática possam ser examinadas numericamente e o que dizer das tensões emocionais, alterações hormonais, também poderiam ser medidas, mas as relações psique e soma, como poderíamos compreendê-las?⁴¹

Para Heidegger, citado em BUCKINGHAM et al., a questão da existência humana nunca é explícita, exceto pelo próprio existir. Nas concepções desse filósofo, todo ser é, de fato, um ser rumo à morte, e somente depois que o humano reconhecer isso é que terá chances de viver uma vida significativa e autêntica, ou seja, uma vida apropriada de identidade e valor. Assim, para Heidegger, morrer não é um acontecimento, mas um fenômeno a ser compreendido existencialmente.⁴²

Em Sartre, o existencialismo amplia-se para o que chamou também de “humanismo”, e as noções sobre o humano que vive o desamparo de estar neste mundo à mercê de si mesmo e da morte, figuram como pano de fundo em sua filosofia.

Na amargura da dura realidade de que a morte é o fim de tudo, assim denunciada em Sartre, surge também a chance no humano de valorar sua vida e a ação no presente, com sentido e responsabilidade de mundo.

A filosofia de Sartre é uma abordagem à liberdade, posto que propõe que o ser humano considere em sua mortalidade a preciosidade da vida e que se liberte das maneiras habituais de pensar e agir, incentivando a atenção para uma vida onde nada é predeterminado. É dizer: o ser humano pode evitar cair em padrões inconscientes e repetitivos de comportamento, e Sartre defende integralmente que seja o humano responsável por suas escolhas.

Quando Sartre afirma que a existência do ser humano precede à sua essência, está trabalhando, fundamentalmente, também com a questão da morte.

⁴¹ GAIO, M. D. *O trágico em Heidegger*. 2007. Dissertação (Mestrado) – UFPR, Curitiba, 2007. p. 108.

⁴² BUCKINGHAM, W. et al. *O livro da Filosofia*, p. 255.

Em outras palavras, com o sentido da existência, ou seja, o fato de ser é anterior à questão de saber o que realmente é o ser humano. Quando o humano existe e percebe que morrerá um dia, sobretudo quando não vê nenhum sentido nisso, passará a experimentar o medo. Pode deparar-se com a impessoalidade que foi sua vida e se sentir alienado num mundo sem significado, levado ao desespero, ao tédio, à náusea, à absurdidade e ao esvaziamento.

Este é o ponto central da filosofia de Sartre: o ser humano mortal e livre está condenado a tomar decisões por toda a sua vida. Não existem regras eternas que possam guiá-lo, portanto, carrega o peso exclusivo de suas escolhas e nunca poderá negar a responsabilidade pelo que faz, sofrendo o risco de uma vida pautada por expectativas compradas de massas anônimas, que o deformariam na impessoalidade. De outro modo, a morte lembra o ser humano para que realize de si alguma coisa, na busca de uma existência autêntica.⁴³

Assim, como existir em Sartre é criar sentido para a própria vida, o ser humano, ao morrer, não tem uma natureza eterna à qual possa recorrer. É ele quem cria aquilo que é na vida e no mundo. Sendo essa uma questão existencial, apontará Sartre que, por definição, jamais poderá ser respondida de uma vez e para sempre; na verdade, respostas surgirão a cada nova geração, e cada ser humano terá que se colocar novamente; assim, a morte é angústia, mas também convite e alerta ao sentido e à renovação da vida humana.

A seguir, a filosofia sobre a morte amplia-se através das produções de Emmanuel Levinas que traz como núcleo de seu pensamento filosófico as relações inter-humanas, por isso suas contribuições localizam-se na ética como área filosófica, pois sua abordagem fenomenológica aponta caminhos em que prevalecem compreensões sobre relacionamentos, responsabilidade e questões humanitárias.

Em 1975 e 1976, como resultado dos seus dois últimos cursos professorados na Sorbonne, Levinas compôs o livro *Deus, a morte e o tempo*⁴⁴, em que desenvolve as seguintes implicações filosóficas sobre a morte, a seguir elencadas:

a) Que sabemos nós da morte?, em 14 de novembro de 1975.

⁴³ GAARDER, J. *O mundo de sofia*. Cia das Letras, 1991.p. 485-489.

⁴⁴ LEVINAS, E. *Dios, la muerte y el tiempo*. 3. ed. Madrid: Cátedra, 2005.

- b) A morte de outrem e a minha, em 21 de novembro de 1975.
- c) O ser-para-a-morte como origem do tempo, em 9 de janeiro de 1976.
- d) Morte, angústia e medo, em 16 de janeiro de 1976.
- e) O tempo pensado a partir da morte, em 23 de janeiro de 1976.
- f) Como pensar o nada, em 20 de fevereiro de 1976.
- g) O escândalo da morte: de Hegel a Fink, em 9 de abril de 1976.
- h) Outro pensamento da morte a partir de Bloch, em 23 de abril de 1976.
- i) Leituras de Bloch, em 30 de abril e 7 de maio de 1976.
- j) Pensar a morte a partir do tempo, em 14 de maio de 1976.⁴⁵

Em *Primeiras interrogações*, Levinas pondera que a filosofia acerca da morte envolve-se em mistério e obscurecimento. Enquanto Heidegger pensará o ser e o nada diante da morte, Levinas verá Deus, o tempo e a alteridade, pois, diante do obscurecimento, reconhece o pensador, que a filosofia deverá ser exercício de alargamento e de aprofundamento do pensamento, que é, sobretudo, a interrogação, tendo como meta, sempre que possível, já de grande valia, simples instantes de luz.⁴⁶

Levinas acentua que a morte é a morte da alteridade. Embora suas primeiras reflexões tenham partido de Heidegger, propôs ampliações e diferenças sobre a forma de pensar a morte, ponderando as seguintes questões:

- a) O que estaria realmente em jogo com a morte, o nada e o desconhecido?
- b) A morte se reduziria ao dilema ontológico ser-ou-nada?
- c) Morte: aniquilamento, desconhecido e dever (dever porque reflete o caráter de responsabilização que se apresenta junto à morte do *outro*).⁴⁷

A primeira grande diferença entre a morte em Heidegger e a morte em Levinas é que, para este último, tudo o que podemos pensar sobre a morte nos alcança pela morte de outros, a morte do *outro* é a morte primeira.

⁴⁵ LEVINAS, E. *Dios, la muerte y el tiempo*, p. 8.

⁴⁶ LEVINAS, E. *Dios, la muerte y el tiempo*, p. 10-13, apud ROLLAND, J. (org.). *Les cahiers de La nuit surveillée*. Paris: Les Éditions du cerf, 1993.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 17-21.

A morte em Levinas é pergunta dirigida pelo rosto de quem se despede da vida à intimidade do ser que a isso testemunha, esse é o verdadeiro coração de sua obra. Questiona-se, nesse contexto, quando e como verdadeiramente, a filosofia se apropriou de pensar a morte e o tempo, e que relações existem entre ambos e a humanidade. Assim, além de Heidegger retoma ele pensamentos de outros filósofos, como: Hegel, Kierkegaard e Bloch.⁴⁸ As produções de Bloch tornam-se importantes para Levinas e serão referências para Moltmann, autor que subsidia, fundamentalmente, esta pesquisa.

Para Levinas, o saber na morte acontece como experiência observacional, a partir do testemunho da morte do *outro*, que surge do acompanhamento de doentes e de pessoas conhecidas que venham a falecer. Assim, pontua o filósofo: “É na relação com outrem que pensamos a morte em sua negatividade.”⁴⁹

Disso decorre o caráter radicalmente responsabilizador que Levinas faz ver o sujeito, a morte traz ao seu observador intenso e intransferível senso de responsabilidade; o desaparecimento de um vivo entre os vivos é um dado mortal, o aterrador estímulo que suplicará uma resposta, quando, para o filósofo, a própria morte é *o sem resposta*. É a urgência, a ausência e a súplica por uma resposta dirigida àquele que não mais responde.⁵⁰

Desse modo, dirá Levinas, que a morte lança um novo olhar sobre o tempo, não somente às noções de temporalização, ou sobre o tempo medido, o tempo do relógio, mas o tempo autêntico. A morte conduzirá o ser às noções de duração, pois ela é, em si, um término que, sobretudo, retira do tempo um modo que lhe era próprio.⁵¹

A morte, na visão de Levinas, é o primeiro passo do ser em direção a deixar de ser, é partida; partida para o desconhecido, porém sem retorno e sem deixar nenhuma pista de direção. A morte, que é a do outro, não se separa desse caráter dramático, é emoção pura por excelência, aflição e afeto, uma fonte poderosa de emoção que se opõe a qualquer esforço consolador.⁵²

⁴⁸ LEVINAS, E. *Dios, la muerte y el tiempo*, p. 9-11.

⁴⁹ LEVINAS, E. *Dieu, la mort e le temps*. Paris: Grasset, 1993. p. 17 apud HADDOCK, R. *O ser e a morte*. 2003. Tese (Doutorado em Filosofia) – PUCRJ, Rio de Janeiro, 2003. p. 270.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 271.

⁵¹ LEVINAS, E. *Dios, la muerte y el tiempo*, p. 17.

⁵² *Ibidem*, p. 20.

De fato pode-se pensar que enquanto Heidegger reflete sobre o morrer como certeza, Levinas não nega a certeza, mas sua relação com a morte está subsidiada também pelos efeitos emocionais e intelectuais do conhecimento da morte do outro. Questiona:

A relação com a morte, a forma como ela afeta a vida do ser, seu impacto sobre a duração do tempo vivido, sua erupção no tempo, ou sua irrupção fora do tempo, pressentida com temor ou angústia, pode ser assimilada pelo conhecimento e, como tal, ou seja, como uma experiência, como uma revelação?⁵³

O autor conclui que, ao reconhecer a aproximação que há entre os conceitos *tempo* e *morte*, surgirão questões relacionadas à passividade e ao trauma, bem como diferentes modos de perceber a morte e a experiência de morte testemunhada.

Na morte, a relação com o próximo que era exterior entranha uma interioridade, uma consciência e impotência, por isso a morte em Levinas é também ambiguidade e enigma.

Logo, para o autor, a relação com a morte é mais antiga que qualquer outra experiência humana; não é uma visão sobre o ser e o nada, mas um adeus. A morte em Levinas é a mortalidade exigida pela duração do tempo.⁵⁴

No capítulo “A morte de outrem e a minha”, Levinas aprofunda as relações da morte do próximo com a morte *do* e *no* ser. Para o filósofo a morte do *outro* que, sendo um saber puro, experiencial, é mais que a aparência externa de um processo de imobilização de alguém que até então podia expressar-se, é uma excepcionalidade que outorga ao humano uma profundidade, mais que visão ou objetivo.

Portanto, a morte, de acordo com Levinas, traz consigo reações, que, atualmente, pode-se reconhecer como choque, torpor e lágrimas, o início do enlutamento. Sintomas normativos que o filósofo nomina como “Reação afetiva”, emoção, inquietude e pergunta, em que sobressai a inquietude, a da própria emoção, como tal, na aproximação com a morte, precisamente a origem do primeiro contato do ser com o que lhe é sentencial. Pergunta essa que, para o filósofo,

⁵³ LEVINAS, E. *Dios, la muerte y el tiempo*, p. 21.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 26.

independentemente dos elementos de resposta, indica uma relação, não apenas com a morte, mas que se estende no tempo e ao infinito.

A morte, vista desse prisma, acusa a proximidade, comove e, de algum modo, move o sobrevivente, cuja inquietude não é intencional nem temática por mais significativa que seja. É uma inquietude refratária, inclusive para a aparência e para o aspecto fenomenológico, como se a emoção transcendesse até a nitidez, sem esbarrar em nada material, instituindo o desconhecido, tornando-se registro, na intimidade e sem conhecimento.⁵⁵

Levinas percebe, na afetividade do enlutamento, valor em vida, o resgate do ser que, nessa relação com a despedida, sente e interage com o tempo, não como limitação, mas como relação com o infinito, na morte, não como aniquilamento, mas como pergunta necessária, para que essa relação com o tempo, com o infinito e com o *outro* se produza.

Desse modo, a morte em Levinas é vincular, envolvente, traz o pensar para as perspectivas sobre o viver, é morte viva, sentida, o eco da humanidade, é luz sobre o *nós* em favor do aprimoramento do *eu*.

A pergunta, a morte, pode inverter radicalmente uma crença aponta Levinas, remete a um universo que pode transformar-se. Uma pergunta que vai além de uma modalidade de julgamento, porque traz uma abertura e aproximação. Pergunta que é solicitação e oração, ao mesmo tempo que dirige o ser para o *outro*.⁵⁶

A morte em Levinas não será vista como o fim de uma duração composta de dias e noites, mas uma possibilidade sempre aberta, a mais própria, excludente, isolante, extrema e insuperável.

Em 1976, Levinas refletiu sobre *Como pensar o nada*, incluso na morte, quando desenvolveu, paralelamente, revisões filosóficas sobre esperança e angústia, sustentando que a esperança racional é algo que não pode comparar-se com a esperança no tempo.⁵⁷ Esperança, futuro, morte e angústia tonar-se-ão latentes concepções no desenvolvimento das análises nesta pesquisa.

Portanto, em Levinas, morte é *nada puro*, o *sem fundamento*, experienciado de forma dramática; é *aguda nitidez* que denuncia; nada há de grande nessa ideia que não seja o nada pertencente ao ser. A morte desafia qualquer elo, é

⁵⁵ LEVINAS, E. *Dios, la muerte y el tiempo*, p. 29.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 56.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 83.

inconcebível, refratária ao pensamento, é irrecusável e inegável. Não é fenômeno, apenas tematizável, nem algo que se possa conceber; é onde começa o irracional incluído na angústia, incluso através da angústia, a morte segue sem ser imaginada, desafiando o pensamento ocidental.⁵⁸

Seguindo a linha do tempo filosófica, questões, como: quem é Deus afinal? Qual é o sentido do sofrimento? Como se explica o mal? Perturbaram a filósofa Edith Stein que experienciou diretamente as injustiças da Primeira Guerra na Alemanha.

Stein faz parte de um grupo de filósofos e teólogos de procedência judaica da segunda metade do século XX. A pensadora foi aluna e ajudante de Husserl, uma jovem cética e apaixonada pela Filosofia.

Em Stein luto e fé se entrecruzam. Todo o caminho de sua obra propõe pensar a ciência da cruz, segundo a qual *ser finito* e *ser eterno* são dons e dádivas que conduzem à divindade, já que a humanidade é a porta pela qual o Verbo de Deus entrou na criação.⁵⁹ Como sugere Stein, a noite escura da alma é símbolo de dor e sofrimento, trevas na existência humana, mas, acima de tudo, uma profunda experiência da busca de Deus.

A noite pertence à natureza; é o oposto da luz; envolve-nos e nos devora como envolve e devora todas as coisas. Não é um objeto no sentido verdadeiro de um término; não se inclina para os outros e nem sobre si mesma. Tão pouco é uma imagem, na medida em que imagem quer dizer forma visível. A noite é invisível e informe. No entanto a percebemos, é para nós mais próxima que qualquer objeto ou forma; se une a nós graças a laços muito estreitos. Enquanto a luz faz ressaltar as coisas, a noite as engole e ameaça a nos engolir. O que se afoga na noite não pode reduzir-se ao nada, segue existindo invisivelmente e sem forma, como a noite mesma, como uma sombra, ou algo que ameaça. Nosso ser, ao mesmo tempo, não somente está ameaçado pelo externo, pelos perigos que a noite esconde. Também nos afeta interiormente. A noite nega o uso de nossos sentidos, impede nosso movimento, paralisa nossas faculdades; condena-nos à solidão e nos converte em sombras espectrais. É como a morte antes da morte. E isso não somente desde um ponto de vista natural, senão também desde um ponto de vista psicológico e espiritual. A noite cósmica nos afeta como a noite metafórica. Também metaforicamente chamamos “noite” aquilo que nos produz os mesmos efeitos que a noite do mundo. Antes de tratar de entendê-la, saibamos que a noite cósmica mesma tem um duplo aspecto. A noite sombria e misteriosa contrasta com a doce noite mágica inundada pela ternura da lua. Essa noite não devora as coisas. Aclara seu aspecto noturno. Tudo que é anguloso, duro e rude se faz doce, se atenua; os traços ocultos do dia agora se revelam e as vozes que o meio-dia afogava se fazem sentir.⁶⁰

⁵⁸ Ibidem, p. 87.

⁵⁹ STEIN, E. *Ser finito y ser eterno*. México: Fondo de Cultura Económica.1950. p. 8.

⁶⁰ Ibidem, p. 9.

Desse modo, a morte, bem como o luto são, em Stein, noite escura, convite a um mergulho profundo que sugere participação e lugar ao lado da cruz de Cristo; de acordo com a autora, é sentido para a existência humana: o sofrimento humano e a morte recebem sentido de acolhida e libertação; como se lê:

Sofrer e ser feliz, no sofrimento, estar de pé sobre a terra, caminhar por entre os caminhos sujos e tortuosos desse mundo, no entanto reinar junto a Cristo à direita do Pai, rir e chorar junto com os filhos desse mundo e cantar louvores com o coro dos anjos, isso é a vida do cristão até que irrompa a manhã da eternidade.⁶¹

Ao longo das análises clínicas tanto referentes ao conteúdo psíquico quanto ao conteúdo teológico, nesta pesquisa, será possível perceber a convergência das contribuições de Stein. A investigação filosófica que aqui se encerra fez compreender, de modo geral, a partir dos filósofos que se detiveram a pensar sobre a morte, também chamados “Filósofos do desespero”, resta o legado de uma visão uniforme, ou seja, de que a vida é progressiva, e a morte, sua sujeição última.

⁶¹ STEIN, E. *Ser finito y ser eterno*, p. 26.

3. A PSICOLOGIA NO ENLUTAMENTO

A seguir, serão apresentadas algumas referências científicas da Psicologia para o cuidado diante do luto na atualidade, especificamente, aquelas utilizadas para a compreensão e o diálogo com a Teologia, tendo como principais as contribuições formuladas pelo psiquiatra inglês John Bowlby e seu sucessor o psiquiatra Colin Parkes.

Sabe-se que o luto coloca o indivíduo em situação de vulnerabilidade, estando em risco ainda maior aqueles enlutados que não conseguem, por motivos intrapsíquicos ou externos, tal como: defesas restritivas e/ou ausência de suporte e apoio, reconhecimento social ou familiar, fazer uso de seus recursos de enfrentamento ou desenvolvê-los.

Faz-se um breve resumo, no quadro 1, do que compreende a pesquisadora canadense Rando sobre o que conceitua como processos “R” normativos no luto, que auxiliará na compreensão da análise evolutiva dos casos a seguir e oferecerá uma visão panorâmica do que é preciso compreender sobre luto. A autora lista as fases que considera previstas na vivência de uma perda a partir do momento da notícia da morte:⁶²

Quadro 1 – Dinâmica do luto

FASE DE EVITAÇÃO	1 Reconhecimento da perda
	❖ Conhecimento e compreensão sobre a morte.
	2 Reação à separação
	❖ Vivenciando a dor.
FASE DE CONFRONTAÇÃO	❖ Sentindo, identificando, aceitando e dando alguma forma de expressão a todas as reações psicológicas da perda.
	❖ Identificação; enlutando-se por perdas secundárias.
	3 Recordações e revivendo o morto e o relacionamento
	❖ Revisão e lembrança realísticas.
	❖ Revivendo e revivendo os sentimentos.
	4 Abandonar (do inglês <i>Relinquish</i>) os apegos antigos ao finado e o velho mundo assumido
FASE DE ACOMODAÇÃO	5 Reajuste para adaptar-se a um mundo novo sem esquecer o velho
	❖ Revisar o mundo antigo.
	❖ Desenvolver um novo relacionamento com o finado
	❖ Adotar novos modos de estar-no-mundo
	❖ Formar uma nova identidade
	6 Reinvestir

Fonte: RANDO, T. A. *Treatment of complicated mournig*, 1993.

⁶² RANDO, T. A. *Treatment of complicated mournig*. Champaign: Research Press Company, 1993.

De acordo com a autora, todos os componentes dos processos “R” de luto devem ser completados para evitar a formação de um luto complicado.

Nessa linha de abordagem, outro pesquisador, Worden contribui no auxílio a enlutados ao categorizar as tarefas do luto, desenvolvimento que de fato se fará presente de modo claro e observável nos prontuários psicológicos de acompanhamento clínico dos pacientes aqui analisados:

- a) aceitar a realidade de que a perda aconteceu;
- b) vivenciar a dor e o pesar;
- c) ajustar-se ao ambiente onde a pessoa amada não está; e
- d) reposicionar emocionalmente a pessoa falecida.⁶³

Embora atualmente se pense nessa organização apenas como esquemática e pedagógica, o conhecimento dessas tarefas permite ao cuidador, seja ele terapeuta, ou não, acompanhar o processo de elaboração do luto em suas evoluções e involuções temporárias de modo continente e flexível.

Atualmente, pensa-se que o luto sendo um processo de elaboração psíquico dinamiza-se e evolui oscilando entre fases, tarefas e etapas nos cuidados diante da vida, instrumentais ou operativos; e cuidados afetivos relacionados à dor e à saudade. Dinâmica positiva que tende a levar o enlutado a uma elaboração saudável.

Importante é destacar que, de modo geral, diferentes autores e linhas teóricas concordam com cinco aspectos sobre a definição do processo de luto:

- a) o luto é desencadeado pela perda de algo ou alguém significativamente importante para o indivíduo;
- b) envolve um conjunto de reações diante da perda que se organiza para constituir-se em um processo;
- c) é uma condição normativa do viver, ou seja, não é uma condição patológica, embora possa complicar-se;
- d) implicará, necessariamente, um trauma, porém seus efeitos duradouros não necessariamente serão negativos; e

⁶³ WORDEN, W.J. *Terapia do luto: um manual para o profissional*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 23-30.

e) é um processo de assimilação e elaboração psíquico cuja recuperação é oscilante, gradual e prolongada.

A partir disso, parte-se para a compreensão do luto fundamentada exclusivamente nos dois autores escolhidos para dialogar com a Teologia; John Bowlby e Colin Murray Parkes.

3.1 O LUTO EM JOHN BOWLBY

Bowlby⁶⁴ nasceu em Londres, em uma família de classe média alta. Estudou Psicologia, formou-se psicanalista e psiquiatra. Durante a Segunda Guerra foi Tenente-Coronel no corpo médico da Armada Real Inglesa. Foi chamado a atuar na consultoria de evacuação para o acolhimento das crianças que sobreviveram à guerra. Desde sempre interessou-se sobre a capacidade de vinculação humana, iniciando seus estudos com crianças institucionalizadas em hospitais e a seguir em outras instituições.

No que se refere ao atendimento a enlutados e por seus trabalhos sobre formação e rompimento de vínculos afetivos, sua obra é fundamental e abraça a compreensão e o suporte a todas as necessidades demandadas no enlutamento em direção à recuperação e ao resgate da humana habilidade de amar e reinvestir na vida depois de uma perda.

Bowlby define o que chamou de instinto de formar laços relacionais a fim de desenvolver, no indivíduo, estratégias de sobrevivência para lidar com circunstâncias de estresse, doença e no enfrentamento de adversidades, como, por exemplo, diante da perda de alguém amado.

Define a vinculação como fenômeno humano instintual, a partir das seguintes características:

- 1) a capacidade para formar laços tem sua primeira base de formação na infância. Vinculação essa que denominou de apego, visto como um sistema de regulação mútua entre pais e bebês. Sua função básica é a de prover segurança e proteção ao bebê vulnerável por meio da

⁶⁴ Edward John Mostyn Bowlby nascido em 26 de Fevereiro de 1907 em Londres e falecido aos 83 anos na ilha de Skye no Reino Unido em 02 de Setembro de 1990, é atualmente considerado o pai da teoria dos vínculos e teórico sistêmico.

- proximidade com o cuidador, desenvolvendo confiança básica e reciprocidade, que servirão como base para futuros relacionamentos;
- 2) oferecer ao indivíduo uma base segura, ou seja, tem função de porto seguro, um lugar de onde sair, a fim de explorar um mundo, para o qual poderá voltar com tranquilidade caso o indivíduo queira ou se torne necessário;
 - 3) proximidade: quando em situações de estresse, doença ou medo, a tendência instintiva está em ir em direção desta *rede* de proteção e apoio. Circunstâncias em que o dispositivo instintivo de apego e proximidade torna-se *ligado*, ou seja, mantém-se acionado no indivíduo que se torna instintivamente v^ígil na busca das suas figuras vinculares, registradas pela vivência como figuras de sua proteção e suporte. Assim, o comportamento de apego, ou vincular, significa qualquer comportamento que resulte no fato de uma pessoa alcançar e manter proximidade com outro indivíduo com quem se sente clara e fortemente identificado;⁶⁵
 - 4) protesto pela separação: a ameaça à inacessibilidade da figura vincular dá margem a protesto e a tentativas de superar a separação. Aqui se compreende o processo de luto como processo de assimilação e elaboração psíquico despertado diante de intensas e exigentes mudanças. Processo de funções adaptativas que é incitado a partir da perda de uma figura vincular, demandante de quatro estágios previstos e normativos: choque e torpor; anseio e protesto; desespero e desesperança; e, por último, recuperação e restituição;
 - 5) o apego é um sistema que envolve o comportamento de cuidado, que lhe é complementar; se alguém se “apega”, é porque recebeu cuidados de outra pessoa (da figura vincular ou vinculada), e o fato de alguém ter lhe oferecido cuidados registra no indivíduo a contínua possibilidade de oferecer também cuidados a outros;
 - 6) constrói, na experiência de convívio vincular primário, a imagem que a criança tem de outras pessoas, de si mesma e do mundo que o cerca, de acordo com a maneira como os cuidadores, ou suas figuras de

⁶⁵ BOWLBY, J. *Uma base segura: aplicações clínicas da Teoria do Apego*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p. 18.

apego, se relacionam com ela, constituindo as bases dos modelos de vinculação do sujeito, que poderão ser aprimorados ou fragilizados ao longo da vida. Portanto, a primeira base de um sistema de crenças que envolverá as noções consideradas mais verdadeiras para o indivíduo que, de modo instintivo, pode estimar e confiar em si mesmo, em outros e no mundo que o cerca;

- 7) o apego permite adquirir habilidades para o autocontrole, controle de seus impulsos, a partir da maneira como o cuidador – modelo vincular – administra e promove o manejo de impulsos e emoções intensas, tais como: raiva, angústia, culpa, desejo, tristeza e amor;
- 8) a vinculação proporciona criar uma estrutura de fundação da identidade com um senso de competência, autoavaliação e um equilíbrio entre dependência e autonomia;
- 9) o apego estabelece uma estrutura moral pró-social que envolve empatia, compaixão e consciência;
- 10) provê a mente com defesas (estratégias e habilidades introjetadas da relação vincular) contra estresse e trauma, incorporando recursos internos e resiliência;
- 11) o comportamento de vinculação é dotado de uma dinâmica própria, exclusiva, diferentemente dos comportamentos de alimentação e sexual;
- 12) cada comportamento de vinculação se caracteriza para o indivíduo como um modelo da vida e de relacionamento que pode se modificar ao longo do ciclo vital;
- 13) um comportamento de vinculação será sempre ativado em situações de ameaça;
- 14) é de difícil controle no plano consciente;
- 15) é persistente, ou seja, não diminui na falta de reforço, não necessita de reforço para continuar existindo. Persiste na ausência ou privação da figura vincular: uma vez vinculado, sempre vinculado, fator que permitirá a elaboração do luto; e
- 16) o distanciamento da figura de vinculação gera sofrimento e perda.

Conclui Bowlby:

Em suma, o comportamento de ligação é concebido como qualquer forma de comportamento que resulta em que uma pessoa alcance ou mantenha proximidade com outro indivíduo diferenciado ou preferido o qual é usualmente considerado forte ou mais sábio. Embora seja especialmente evidente durante os primeiros anos da infância, sustenta-se que o **comportamento de ligação caracteriza os seres humanos do berço à sepultura**. Inclui o choro e o chamamento, que suscitam cuidados e desvelos, o seguimento e o apego, e também os vigorosos protestos se uma criança ficar sozinha ou na companhia de estranhos. Com a idade, a frequência e intensidade com que esse comportamento se manifesta diminuem gradativamente. No entanto, todas essas formas de comportamento persistem como parte integrante do equipamento comportamental do homem. Nos adultos, elas são especialmente evidentes quando uma pessoa está consternada, doente ou assustada. Os padrões de comportamento de ligação manifestados por um indivíduo dependem, em parte, de sua idade atual, sexo e circunstâncias, e, em parte, das experiências que teve com figuras de ligação nos primeiros anos de sua vida. [...] Muitas das emoções mais intensas surgem durante a formação, manutenção, rompimento e renovação de relações de ligação. A formação de um vínculo é descrita como “apaixonar-se,” a manutenção de um vínculo como “amar alguém” e a perda de um parceiro como “sofrer por alguém”. Do mesmo modo, a ameaça de perda gera ansiedade e a perda real produz tristeza, enquanto que cada uma dessas situações é passível de suscitar raiva. A manutenção inalterada de um vínculo afetivo é sentida como fonte de segurança, e a renovação de um vínculo, como fonte de júbilo.⁶⁶ (Grifo do autor.)

No acompanhamento clínico longitudinal dos enlutados aqui analisados, será possível evidenciar as palavras do autor, bem como notar que padrões de apego podem transpor a sepultura, ainda mais quando sustentados por uma fé de caracterização segura, auxiliando, inclusive, na recuperação dos estados de enlutamento. Porém associações entre vinculação segura, luto e fé apresentam implicações onde se faz necessário conhecer os diferentes modelos operativos de apego.

Assim, do corpo teórico sobre a teoria de formação e rompimento de vínculos afetivos, são elencados essencialmente dois padrões de apego⁶⁷ relacionados ao intento desta pesquisa:

- 1) *Apego seguro*: o indivíduo está confiante de que seus pais ou cuidadores estarão disponíveis oferecendo respostas e auxílio caso ele se depare com alguma situação ameaçadora. Essa segurança torna-se um registro interno e faz com que ele se sinta corajoso para explorar o mundo.

⁶⁶ BOWLBY, J. *Formação e rompimento de vínculos afetivos*. 3. ed. São Paulo: M. Fontes, 2001. p. 171-172.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 121-122.

Esse modelo é promovido por, pelo menos, um dos pais ou cuidadores imediatamente disponível, sensível e atento aos sinais da criança, com repetidas respostas amáveis sempre que ela procura proteção, conforto e amparo. Crianças de vinculação segura são sociáveis, possuem bons níveis de exploração do ambiente, confiantes, têm baixo nível de ansiedade e escutam com facilidade os estímulos do meio, tornando-se mais criativas e autoconfiantes. E isso também se pode pensar para os adultos.

Esse estilo reflete estratégias, posturas e condutas que permitem ao indivíduo identificar uma fonte de *stress* e rapidamente buscar respostas; procurar apoio e conforto. Portanto, a instauração de uma vinculação segura exige uma pessoa sentida como próxima que compartilhe experiências com a criança e, mais tarde, também com o adulto. Quando uma pessoa está, ou foi seguramente vinculada, tem um sentimento especial de segurança e conforto que poderá utilizar como base de exploração para o resto do mundo e outras relações ao longo de sua história, fator que a tornará herdeira da possibilidade de enfrentar as adversidades na vida, resgatando e fortalecendo recursos psíquicos saudáveis.

A estrutura da psicoterapia bowlbyana para o luto tem como ponto central o estímulo, o desenvolvimento ou o aprimoramento desse modelo no cuidado clínico, partindo da experiência vincular entre terapeuta e paciente ao longo do tratamento.

É importante lembrar que modelos operativos podem ser modificados ao longo da vida, portanto, não são estanques. Diversas situações e relacionamentos podem aprimorá-los ou regredi-los, sendo o luto um dos fenômenos de maior influência nas possíveis mudanças das modalidades de vinculação ao longo da vida, incorrendo, inclusive, em risco de retrocesso na direção da instauração de registros para vinculações inseguras e suas implicações.

- 2) *Apego inseguro, ambivalente, resistente, temeroso ou ansioso*: o indivíduo aqui se mostra incerto quanto à disponibilidade e a possibilidade de receber resposta ou mesmo ajuda por parte de seus pais ou

cuidadores, caso necessite. Por conta dessa incerteza, ele tende constantemente à ansiedade de separação, torna-se ansioso em relação à exploração do mundo. Situações adversas e difíceis podem tornar o indivíduo ambivalente temporariamente assim como quando não recebe auxílio suficiente ou efetivo, os sintomas de ansiedade, medo e aflição tendem a permanecer bloqueando ou retardando suas habilidades de enfrentamento e adaptação.

Nesse modelo, os cuidadores são prestativos e disponíveis em alguns momentos e, em outros, não; logo os registros ficam em torno das ameaças de abandono ou indisponibilidade dos mesmos que, ao invés de desenvolverem defesas contra *stress*, trauma ou mudanças, impedem a liberdade e a segurança, uma vez que o indivíduo não tem certeza sobre se receberá suporte, ou não, quando necessário.

Viver na ameaça ou com medo gera desgastes e marcas. Essa é, portanto, uma dinâmica vincular marcada por uma hipersensibilidade de afetos negativos e por expressões de *stress* intensificadas.

Quando não recebe cuidados, o indivíduo ambivalente tende a pensar que foi porque não mereceu. Assim, está bastante presente, aqui, a ideia de castigo e de culpa ou de não merecimento do que seja bom, belo ou prazeroso, dinâmicas que a criança tenderá a carregar para seu mundo adulto.

Compõe, dessa forma, um quadro de vulnerabilidades para o viver, cujo adulto tem maior dificuldade para sentir paz e se relacionar com leveza e segurança com seus projetos, outras pessoas e a vida em geral.

A vinculação insegura esboça, no adulto, uma base tendencial para o isolamento afetivo, cuja abordagem ante a vida será tanto mais tarefa quanto maior foi a indisponibilidade das figuras cuidadoras suficientemente seguras. Daí a importância de conhecer essa teoria diante do luto.

O luto é, por si, um vulnerabilizador dos afetos e habilidades vinculares; o que nele se mobiliza pode levar o indivíduo a uma maior ou menor recuperação e adaptação. Portanto, isso será definido por seus registros de infância, porém essencialmente pelo que o ambiente diante da adversidade vier a lhe oferecer.

Adultos de vinculação insegura desenvolvem mecanismos de proteção a partir da retração emocional, tornando-se também mais vulneráveis diante das adversidades, pois têm difícil acesso para administrar sensações e sentimentos, uma vez que o elemento central da vida psíquica e neurológica: o afeto ou a inteligência emocional, encontra-se comprometido.

Essa limitação afeta, em alguma medida, também todas as dimensões do seu ser, incluindo sua dimensão espiritual, sendo que suas construções acerca de, por exemplo, a imagem de Deus, poderão ficar comprometidas pela experiência com seus cuidadores, ou com quem aprendeu, gerando dificuldades no acesso a uma fé autêntica, madura e saudável como recurso de enfrentamento do luto, agregando aos períodos de elaboração e questionamentos, mobilizações ainda maiores.

3.2 LUTO E PADRÕES DE APEGO EM COLIN M. PARKES

O psiquiatra inglês Colin Murray Parkes⁶⁸, sucessor nos estudos de Bowlby, em vasta pesquisa longitudinal relatada em seu livro *Amor e perda*,⁶⁹ analisa interessantes dados acerca dos modelos vinculares e suas decorrentes estratégias de enfrentamento do processo de luto em adultos. Alguns desses dados nos serão relevantes para a análise dos casos neste estudo.

Para Parkes é a transitoriedade da vida que engrandece o amor, os vínculos. Quanto maior for o risco, mais forte se torna o vínculo.⁷⁰ No grupo do que se pode entender como transitoriedades, estão as adversidades e o luto.

O autor considera que existem distinções relevantes entre as mais variadas circunstâncias de luto que podem ocorrer com a humanidade. Por exemplo: há uma diferença importante entre o luto que ocorre antes, conhecido como luto antecipatório, ou terminalidade, como denominado antigamente, e aquele que se dá depois da perda.

⁶⁸ O psiquiatra é nascido em 1928 trabalhou com John Bowlby no Tavistock Institute of Human Relations e com Cicely Saunders no St Christophers Hospice, se mantém atuante atualmente com 86 anos, tendo sido membro e consultor das equipes que trabalharam no tsunami das ilhas Tailandesas em 26 de Dezembro de 2004 e no atentado as Torres Gêmeas do Onze de Setembro nos Estados Unidos.

⁶⁹ PARKES, C. M. *Amor e perda: as raízes do luto e suas implicações*. São Paulo: Summus, 2009.

⁷⁰ *Ibidem*, p.11.

Enquanto o luto que sucede à perda tende a diminuir na medida em que o enlutado aprende a viver sem a presença da pessoa amada, o luto que a precede leva a uma intensificação do vínculo e a uma preocupação maior com a pessoa falecida.⁷¹ Logo, o amor e/ou a vinculação afetiva têm estreita relação com as diversas circunstâncias de morte, nas diferentes possibilidades de responder à elaboração do luto.

Inicialmente, pondera o autor o que é o amor, que, nessa perspectiva, tem muitos componentes, mas o componente considerado indispensável é o compromisso, compromisso que se dá como laço psicológico que vincula uma pessoa a outra por longo período. Uma vez estabelecido esse vínculo, dificilmente o laço poderá ser afrouxado, e a grande maioria dos estudiosos em luto concorda em concluir que é uma espécie de laço que nunca poderá ser totalmente rompido, por isso, daqui partem as noções de resignificação vincular ou transformação do vínculo.⁷²

Parkes considera que talvez para muitos não seja o amor que faça o mundo girar, mas alerta: o amor “é uma fonte de segurança, autoestima e confiança da maior importância. Sem esses suportes, nós nos sentimos, e de fato estamos, em perigo”.⁷³

A essa altura, torna-se evidente que separações e perdas de pessoas amadas têm efeitos significativos na saúde com aumento, inclusive, do risco de violência, transtornos também sociais e mortalidade, como visto nos capítulos anteriores. Essas ocorrências dolorosas têm peso na grande intensidade de emoções evocadas pelo amor e pela perda, mas a maioria dos perigos atuais está, para Parkes, no psicológico. Por isso, propõe o desenvolvimento de novas perspectivas sobre a natureza do amor,⁷⁴ cujas consequências possam ser também preventivas tanto para os vínculos e a saúde do ser humano quanto a elaboração e os cuidados em processos de luto. Ver-se-á no que tange às relações entre fé, amor e luto, que essa prevenção pode ser considerada também de modo prático.

⁷¹ Ibidem, p.12.

⁷² PARKES, C. M. *Amor e perda: as raízes do luto e suas implicações*. p.12, apud KLASS, D.; SILVERMANN, P. R.; NICKMANN, S. *Continuing bonds: new understandings of grief*. Londres: Taylor and Francis, 1996. p. 14-23.

⁷³ Ibidem, p. 13.

⁷⁴ Idem.

Em concordância com Bowlby, Parkes considera outro componente significativo do amor: a monotropia, ou seja, o *amor* é um vínculo com uma *pessoa* específica, e não há como existir um perfeito substituto para o indivíduo amado. Também por esse motivo, o relacionamento amoroso e o valor de cada pessoa que amamos são incalculáveis.⁷⁵

Não é possível avaliar o amor investido no amado como é feito com objetos utilitários, passíveis de reposição. E, ainda, pode-se criticar o amado por não ajudar ou não atingir determinado padrão de exigência ou de beleza, mas exatamente aquilo que é criticado compõe o que há de único nas pessoas, portanto amadas pelo que verdadeiramente são.⁷⁶

As qualidades vinculares, tais como a sua importância vital para o ser, a persistência e a singularidade têm grande peso nas peculiaridades das relações amorosas. Toda pessoa corre grande risco quando entra em um relacionamento amoroso e, igualmente, quando o renega ou o perde. No entanto, de uma maneira ou outra, é preciso encontrar meios de viver com o amor.⁷⁷

Parkes aponta que, tendo feito uma revisão bibliográfica sobre o *amor*, muitas são as conotações emocionais encontradas para esse termo, bem como as ambiguidades em torno da palavra, tanto que, atualmente, cientistas têm preferido utilizar outras palavras para estudar o amor, no intento de distinguir e discriminar suas muitas formas de sentido e expressão. Poucos ainda usam o termo freudiano *libido*, substituído recentemente por *relações objetais*, o que, para Parkes, soa impessoal posto que pessoas em nada se assemelham a objetos.

O termo mais empregado tem sido *apego*, no sentido utilizado por Bowlby desde 1969, indicando os primeiros registros de afeto iniciados na relação mãe-bebê. Mais tarde, aponta Parkes, Bowlby preferiu substituir o termo por *comportamento de apego*. Outros pesquisadores preferiram usar as palavras *cuidados* (para o amor materno) e *amor romântico* (para referir-se ao amor entre adultos).

A maior parte dos pesquisadores da atualidade, lembra Parkes, usa o termo *apego* para todos os tipos de vínculo amoroso. E essa será também a referência utilizada na análise dos casos clínicos aqui presentes a partir do termo *vínculo*.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ PARKES, C. M. *Amor e perda: as raízes do luto e suas implicações*, p.13.

⁷⁷ Ibidem, p. 15.

Quando Parkes se propõe a estudar *luto* e *vínculo*, justifica seu intento não no interesse tradicional da ciência que busca conhecer as minúcias do mundo microscópico ou do mundo externo, mas do mundo dentro do humano e na premência de compreender o mundo interno, espera que a beleza iluminada e a riqueza das descobertas sobre o amor justifiquem todos os esforços.⁷⁸

Ao relacionar o apego em seus diferentes modelos operativos: dinâmicas vinculares e/ou estratégias de vinculação, às perdas, aos traumas e ao luto, descobre-se em Parkes a relevante e marcante influência com que os padrões registrados na infância são revividos na idade adulta, pois exercem inferência sobre as reações de luto. Esse fator torna possível compreender como o papel dos apegos primários mais tarde na vida e nos amores, assim como nas perdas, reflete padrões que, em cada etapa da vida, conduz a outros, causando mudanças na habilidade de sentir o amor e de vivenciá-lo no ser humano. Portanto, interfere também na capacidade do ser humano de sentir-se seguro, pertencer e confiar, habilidades essas que também fazem parte da fé, recurso intensamente afetado pelo processo de enlutamento.

Em Parkes os vínculos e a humana habilidade vincular são as mais importantes fontes de segurança, serenidade e apoio em tempos difíceis.⁷⁹ E aqui é possível incluir a vinculação espiritual como um caminho diante da crise que o luto impõe sobre a fé. No entanto, para atender à essa lógica, seria necessário que fosse através de uma pessoa ou figura amorosa real, isto é, de alguém que sustentadoramente representasse uma base segura.

A partir das construções de Bowlby, Parkes desenvolve sua pesquisa com adultos encontrando, dentro dos padrões de apego, as categorias ou níveis de confiança, quando constata que adultos de padrões de apego seguro têm alta confiança em si e alta confiança nos outros, enquanto adultos de padrões de apego inseguro, ansioso ou ambivalente, têm baixa confiança em si e alta confiança nos outros. Já os padrões adultos de apego evitativo têm alta confiança em si e baixa confiança nos outros.⁸⁰

⁷⁸ Ibidem, p. 13.

⁷⁹ PARKES, C. M. *Amor e perda: as raízes do luto e suas implicações*, p. 16.

⁸⁰ Ibidem, p. 31.

Tais categorias e níveis de confiança interferem nas respostas em face da mobilização que a morte causa ao enlutado, pois, como dado de realidade, desestrutura sensações de confiança e segurança das quais se servia para viver.

Se, no entanto, havia referências anteriores à perda com baixos níveis de confiança, como pode responder o indivíduo em sua recuperação? É razoável considerar, portanto, que experiências traumáticas desestabilizam os padrões de apego, e que os padrões de apego podem direcionar a maneira como o indivíduo administrará a situação traumática.

3.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE PSICOLÓGICA DOS CASOS CLÍNICOS

A apresentação e análise seguirão o roteiro diagnóstico sugerido para estudo de casos nos cuidados clínicos, médico-psicológicos para circunstâncias de luto. Nele serão incluídos, também, aspectos desenvolvidos no primeiro e segundo capítulos acerca das percepções histórico-filosóficas sobre morte, especificamente relacionadas ao que trazem os pacientes aqui analisados, conteúdos identificados a partir de seus prontuários psicológicos no acompanhamento clínico longitudinal e que podem ser conferidos, na íntegra, nos ANEXOS A e B.

A fim de facilitar o processo de constatação da análise, optou-se por manter integralmente os relatos de cada caso e referentes a cada consulta, em anexo, organizados em ordem cronológica correspondente às consultas e exatamente como registrado em consultório, o que permitirá uma perspectiva evolutiva de cada caso.

Assim, serão trazidos aqui apenas trechos dos relatos que possam favorecer a análise dos aspectos relevantes, também identificados de acordo por seu número de consulta.

Para essa pesquisa, foram escolhidos dois casos inter-relacionados por um laço familiar, aspecto vincular que se mostrou importante para o estudo das mobilizações referentes à Teologia e ao luto.

A escolha deu-se também porque ambos os casos demonstram claramente vivências e verbalizações em meio ao processo de luto acerca de intensas comoções associadas à fé, o que, de certa forma, pode representar tantos outros históricos de luto em que a fé cristã se faz presente.

A escolha pelo estudo longitudinal tem o intento de facilitar a visualização dos desdobramentos nas mobilizações que acontecem com a fé dentro do processo

psíquico de elaboração do luto, na direção de uma perspectiva, quanto mais inteira e próxima possível da realidade, por isso conta com os prontuários psicológicos dos pacientes.

Importante é esclarecer que as consultas não foram gravadas, na medida em que as gravações poderiam impedir os pacientes de usufruírem com mais liberdade e tranquilidade de seus espaços terapêuticos; além disso, na clínica onde os atendimentos ocorreram, a gravação de sessões terapêuticas não é permitida, regra institucional a serviço das questões éticas envolvidas no cuidado psicológico. Sendo assim, os prontuários foram escritos, como de costume, após a saída dos pacientes de cada consulta.

Quando os pacientes foram convidados a participar do estudo, também lhes foram disponibilizados os prontuários para que lessem, caso desejassem, tal como dispostos nos anexos. Ambos os pacientes desejaram ler e não fizeram correções, considerando todos os relatórios idôneos, ou seja, de acordo com o que foi vivido por eles.

Cuidados psicológicos foram-lhes disponibilizados depois que decidiram ler seus relatórios, uma vez que isso poderia mobilizá-los; no entanto, observou-se que a leitura, de acordo com o que demonstraram, foi positiva, trazendo-lhes um reforço no sentido da apropriação de suas histórias de vida e caminhada de elaboração. De modo geral, pode-se dizer que foi enriquecedora para ambos os pacientes.

Assim, apresenta-se no *Caso A*, a paciente de pseudônimo Mônica, no ANEXO A, e como *Caso B*, o paciente com pseudônimo Bruno, no ANEXO B.

3.3.1 Apresentação do Caso A

Mônica, 62 anos, professora de Educação Física aposentada, casada com um securitário, 65 anos, tem quatro filhos: dois homens e duas mulheres, todos adultos, e três já são casados, com filhos. O mais jovem estava noivo.

Mônica é membro ativo em sua comunidade religiosa católica, tem formação em Teologia para Leigos, participa de estudos bíblicos, auxilia sua comunidade em diversas atividades.

Veio em busca de acompanhamento psicológico na instituição clínica por conhecer o trabalho desenvolvido pelo Centro de Estudos e Atendimento ao Luto em palestras e eventos desenvolvidos na cidade.

Mônica, na primeira consulta, está há dois dias após a perda da nora, a jovem Clara de 27 anos, noiva de seu filho mais novo. Clara sofreu um acidente de trânsito quando voltava de seu trabalho, no dia 23 de agosto de 2011.

Clara convivia diariamente com Mônica há 8 anos e com ela estabeleceu um vínculo muito próximo, cujo enlutamento assemelha-se a um luto materno. Bruno, *Caso B*, é seu filho mais novo, então noivo de Clara.

Os prontuários relatados de Mônica no ANEXO A somam 40 consultas e abraçam o intervalo de tempo de 25 de agosto de 2011 a 19 de dezembro de 2012, portanto, se referem a um ano e quatro meses de acompanhamento psicológico, basicamente o primeiro ano de enlutamento.

3.3.2 Análise do Caso A

Todos os aspectos aqui relacionados e analisados podem ser examinados nos prontuários das consultas do ANEXO A.

a) Informações demográficas, aspectos culturais e circunstanciais no momento da perda:

O esposo de Mônica traz influência alemã para a família cuja dinâmica vincular e estrutural se mostra saudável. Contam com amigos, portanto, seu grupo familiar tem bom suporte social, encontrando-se todos integrados ao meio em que vivem. A família localiza-se na faixa econômico-social das famílias de classe média ascendente.

A evolução no acompanhamento psicológico, através dos prontuários, demonstrará um sistema de crenças familiares cujos membros esforçam-se para extrair algum significado a partir do luto, fazendo uso de conhecimentos relacionados à fé católica, na direção de perspectivas o mais positivas possível diante da dor e da adversidade compartilhadas por todos.

Os padrões organizacionais familiares apresentam bom nível de flexibilidade e mobilidade para administrar as mudanças, há conexão entre os membros, inclusive, durante as etapas de dor aguda, o bom uso de recursos sociais e econômicos a serviço de todos. Dinâmica expressa, por exemplo, no relato acerca da notícia da morte de Clara e da construção e do enfrentamento do ritual fúnebre, presentes nas consultas iniciais, em que os membros da família unem-se e se auxiliam dividindo tarefas e cuidando uns dos outros.

O processo de comunicação familiar tende à clareza, à expressão emocional relativamente aberta e à resolução cooperativa das dificuldades com boas noções sobre respeito às diferenças e acolhida de todos os membros. Pode-se dizer que Mônica é parte de uma família com características resilientes.⁸¹

Quando a morte de Clara aconteceu, a família encontrava-se no estágio 5 do ciclo vital familiar, denominado lançando os filhos e seguindo em frente,⁸² cujo processo emocional de transição-chave está em aceitar várias saídas e entradas no sistema familiar, exigindo mudanças de segunda ordem no *status* familiar, necessárias para que todos possam prosseguir com seu desenvolvimento, tais como: renegociar o sistema conjugal agora como díade; desenvolver o relacionamento com os filhos (de adultos para adultos), realinhar relacionamentos para incluir parentes por afinidade e netos; lidar com limitações físicas, incapacidades, mudança de ritmo de vida e a morte dos avós. Portanto, a morte de Clara sobrecarrega ainda mais a família em suas demandas que, decorrentes do ciclo vital de desenvolvimento familiar, já recebia exigências.

Antes do falecimento de Clara, Mônica já se considerava na terceira idade e ponderava sobre a vivência dessa etapa planejando a possibilidade de morar na praia como era de seu desejo desde sempre.

A saída de Bruno para o casamento lhe trazia uma boa sensação de dever cumprido com a certeza e a alegria de que ele estaria feliz com Clara construindo sua própria família. A morte de Clara interrompeu essa homeostase e fluência natural da vida familiar, bem como a vida de Mônica, impondo, de modo repentino e violento, grande mobilização e inusitadas demandas.

b) Fatores relacionados à perda

Quando a morte de Clara ocorreu, Mônica e sua família encontravam-se estáveis, não havia doenças ou outras crises simultâneas preponderantes no momento da perda.

A morte violenta e repentina de jovens em acidente de trânsito, como no caso de Clara, enquadra-se no luto traumático.

⁸¹ WALSH, F. *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Rocca, 2005. p. 41-126.

⁸² CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo vital familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 17.

O fato de Clara e Bruno estarem em vésperas de casamento, ou seja, vivendo um momento de grande realização, vitalidade e alegria, torna-se outro complicador para a elaboração do luto, uma vez que a morte invade todos, impondo sentimentos radicalmente opostos aos que vinham experienciando, fator que tende a incrementar a intensidade dos sintomas familiares e pessoais, previstos para o enfrentamento do luto, além dos já citados na revisão bibliográfica anterior.

Em Mônica estão presentes os seguintes sintomas expressos claramente em seus prontuários:

- intenso impacto e perda da sensação de segurança para viver e planejar o futuro (estilhaçamento do mundo interno como presumido antes da perda, bem como das noções anteriores de asseguramento), manifestado como um imenso choque que galvaniza o físico e o psiquismo, que, na morte da jovem, traz intensa carga emocional também por se apresentar completa e absolutamente na contramão do esperado no ciclo vital;
- absoluta mobilização espiritual, cognitiva, comportamental, social, emocional, biológica, incluindo os sintomas de rigidez muscular e alterações na pressão arterial;
- na cognição; pensamentos invasivos e recorrentes sobre a perda, intenso gasto de energia psíquica na tentativa de assimilar a realidade da perda, expressa nos movimentos que incluem os verbos da elaboração do luto: recordar, sentir, repetir, reconhecer, expressar, integrar conteúdos novos, concluir, ressignificar, aplicar a realidade, testar organizações prévias e reorganizações, reconstruir, manter, ampliar e generalizar compreensões, novos significados para a vida e adaptação às mudanças impostas pela perda;
- gasto de energia com o impacto da notícia, com o trabalho de elaboração no cuidado com todos da família, uma vez que a paciente vê-se *como* e ocupa o papel *de* cuidadora; contato com desestabilizações e desorganizações da família como um todo, fator que também causa receios, desgaste e perda de energia global, que deve ser temporária de acordo com as necessidades especiais, atenção e cuidados psicológicos, suporte e estímulos em vista da faixa de idade de Mônica, no momento em que a morte aconteceu em seu ciclo vital, todos dados de atenção no acompanhamento psicológico;

- a dor da perda que, no caso de Mônica, assemelha-se, em muito, a um luto materno, experienciada em três vias: a sua dor como mãe e amiga de Clara, seu amor por ela, a dor do filho que experimenta a ruptura, na solidão abrupta, tão jovem e a dor da família que corresponde ao amor que todos tinham e têm por Clara.
- preocupação diante da necessária reorganização da convivência familiar de todos e o medo de novas perdas, incluindo tensão e hipervigilância;
- cuidados em razão de sequelas traumáticas;
- sensação de esvaziamento e falta de referências internas para a vida;
- suspensão, revisão e/ou readequação de todos os planos que já eram experimentados em conjunto, referentemente ao casamento dos jovens na família;
- sensação de injustiça e falta de preparação ou antecipação diante da morte, intensa ansiedade e medo, próprios da violência sentencial nesse tipo de circunstância de morte, mutilação emocional, destituição da vida para os jovens, tanto para Clara quanto para Bruno que tiveram seus planos de vida interrompidos, invasão, castração e desequilíbrio, fragmentação das noções de mundo, revolta, ambivalência, pensamentos persecutórios em relação à perda e confusionais, cansaço e tristeza profundos;
- dificuldades para voltar a confiar na vida, a ter esperanças e também sonhar.

Portanto, pode-se dizer que Mônica apresentou, nos primeiros meses de atendimento, traços de Estresse Pós-Traumático, de acordo com o previsto na vivência de um luto como tal.

No entanto, seus recursos a auxiliaram na elaboração e no enfrentamento das dificuldades; não apresentou risco de fragmentação psíquica, suicídio, depressão, ou luto crônico, e as somatizações puderam ser trabalhadas.

c) Exame das condições mentais e recursos do paciente

Mônica chega à clínica nos primeiros meses com aparência bastante abatida, porém não descuidada. À medida que se recupera, é visível fisicamente um certo grau de vitalização que lhe traz de volta pensamentos mais leves, cores mais

leves e cuidados com o corpo que incluem boas atividades de descanso e relaxamento.

Inicialmente, como esperado para pacientes com grande nível de *stress*, Mônica apresentou-se bastante agitada, com ansiedade acima do moderado e atormentada por sentimentos e pensamentos relacionados à dor e a todos os temores que a invasão vivida lhe impôs.

No entanto, se, por um lado, suas racionalizações a atormentavam também indicavam uma excelente capacidade para a lógica, o raciocínio e *insights*, um modelo instrumental; poder-se-ia até dizer que um leve traço obsessivo, conduzido pelo cuidado psicológico, mesclou-se com ferramentas para um desenvolvimento emocional saudável em meio à dor e ao caos, oscilando entre razão e emoção, na atenção da paciente, nos cuidados com o luto e com a vida ao mesmo tempo. Esse fator desenvolveu em Mônica algumas ampliações de consciência e talvez novas habilidades para tolerar e administrar intensas emoções, lidar com a vida quando ela fugiu da sua lógica primeira. Portanto, as habilidades cognitivas de Mônica foram muito úteis e preciosas.

No que se refere ao seu discurso e à linguagem, sua comunicação e o processo de pensamento, cujo conteúdo partiu sempre do princípio da realidade, têm expressões honestas, suas entregas no espaço terapêutico potencializaram os cuidados psicológicos emergenciais e posteriores, facilitando, em muito, o trabalho de fluência no processo de assimilação e elaboração das diferentes etapas do luto.

A paciente mostra-se hábil para rever decisões e compreensões, flexível para reconsiderar caminhos e apropriada de uma crença espiritual que, a despeito de todas as angústias e questionamentos vividos durante a crise, parece favorecê-la no enfrentamento das dificuldades e da vida.

A partir de todos esses aspectos até aqui ponderados, conclui-se psicologicamente que, embora Mônica elabore intensa e preocupante circunstância de luto traumático, apesar dos fatores complicadores inclusos, seus prontuários atestam uma evolução prognóstica saudável.

3.3.3 Apresentação do Caso B

Bruno de 28 anos, vem encaminhado em 8 de setembro de 2011, por sua família e pelo Frei da comunidade religiosa a que pertence, para atendimento

psicológico, em função da perda de sua noiva Clara, 27 anos, em acidente de carro quando voltava do trabalho.

Bruno e Clara se conheciam há oito anos e estavam com casamento marcado para dezembro daquele ano, na praia de Garopaba, em Santa Catarina. Os convites já haviam sido distribuídos, a festa estava organizada e a lua de mel, programada. Haviam comprado um apartamento há alguns meses, mobilharam-no juntos, estavam felizes, já experimentando a realização de seus sonhos.

Bruno é professor de Educação Física, trabalha em academias, e Clara era professora de *Ballet* para crianças, em escolas de dança da cidade.

O acidente ocorreu no dia 23 de agosto de 2011, pela manhã, quando Clara voltava de outra cidade. De acordo com a perícia policial, o carro que vinha na pista contrária fazia uma curva em alta velocidade, quando o motorista perdeu o controle do veículo, invadiu a pista de Clara, ocasião em que a jovem foi a óbito, ainda no local.

Os relatos nas consultas de Bruno estão descritos no ANEXO B, somando um total de 61 prontuários psicológicos, organizados cronologicamente para acompanhamento da evolução do caso. O início do tratamento ocorreu em setembro de 2011, e o último registro em março de 2013, somando um tempo total dos registros em Psicoterapia de um ano e seis meses utilizados nesta pesquisa. O paciente segue atualmente em acompanhamento psicológico quinzenal e está evoluindo para o mensal.

3.3.4 Análise do Caso B

Todos os aspectos aqui analisados podem ser verificados na evolução clínica contida nos prontuários das consultas no ANEXO B.

a) Informações demográficas, aspectos culturais e circunstanciais no momento da perda

No período do acidente, Bruno vivenciava a fé católica como membro ativo pertencente à sua comunidade religiosa. O jovem faz parte de uma família que, de modo geral, apresenta: medianos recursos econômicos, dinâmica saudável, flexíveis e equilibrados padrões de relacionamento e comunicação entre os membros, bom entrosamento e adaptação social.

Ampliando premissas deterministas da causalidade sobre a morte de Clara, então numa perspectiva evolucionista no estudo do caso, Bruno mostra que, além dos contextos familiar, religioso e social, o temporal em sua vida insere mais uma matriz, pela constituição e sentido, em seu comportamento na elaboração do luto, marcado pela aproximação do seu casamento com a perda repentina de sua noiva, com quem viveu sua adolescência.

Portanto, a caracterização, nessa circunstância e histórico de morte, como perda prematuro-repentina ocorrendo simultaneamente com um momento de transição do ciclo vital de B., cuja figura amada e perdida vivenciou com ele importante parte de sua constituição e amadurecimento para a entrada na vida adulta, será um dado fundamentalmente importante ante o modo como o jovem virá a experimentar, assimilar, compreender, significar, integrar e se recuperar da perda.

A morte de Clara impõe a Bruno, além da dor, da privação e da saudade (dispositivo natural de apego, temporário e intensamente acionado como visto em Bowlby), uma espécie de regressão em seu ciclo vital; Bruno vê-se sem a alegria do que estava prestes a experimentar por inteiro, jogado repentina e violentamente num momento extremamente oposto à consolidação do que foi construído durante oito anos, um vínculo verdadeiramente investido de amor e sentido, e agora novamente só, solteiro, viúvo, vivenciando um luto traumático.

As perdas prematuras se caracterizam por mortes que acontecem “fora de hora” em termos de expectativas cronológicas, cuja viuvez precoce de Bruno nestas se enquadram.

Essas perdas tendem a ser mais difíceis de administrar, por vezes incorrendo num processo prolongado de luto. Enlutados são orientados, naturalmente pelo que sentem, a encontrar justificativa para o que ocorreu também na tentativa de retomar o controle da vida e das mudanças, porém, não obstante, a culpa por sobreviver pode bloquear temporariamente a retomada de projetos de vida. A coincidência temporal com outras grandes mudanças no ciclo vital, como no *Caso B*, o matrimônio tende a sobrecarregar o enlutado criando tarefas e demandas incompatíveis que podem trazer intensos e confusos sentimentos e pensamentos, tanto para o reinvestimento na vida quanto para novos relacionamentos.⁸³

⁸³ WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. *Morte na família: sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 58.

Além disso, a viuvez na juventude é relativamente incomum, pois sua prematuridade torna o luto extraordinariamente difícil para o cônjuge sobrevivente, inclusive para encontrar suporte e compreensão social.

É uma experiência chocante e isoladora devido à sua repentinidade, à carência emocional intrínseca e à ausência de educação social adequada para o acompanhamento do enlutado jovem, por vezes tornando o luto não franqueado.⁸⁴ Dito de outro modo, por ocorrer na juventude, a perda gera tensões, pois o viúvo não apenas tem que lidar com a perda em si, mas também sofrer a natural dificuldade de voltar a reunir-se com seus pares, casais amigos, tendo ainda que se confrontar com a morte no auge da vida, com a própria mortalidade.⁸⁵

A tendência, com relação ao senso comum, é que o viúvo, por ser jovem, inicie o quanto antes um novo relacionamento negando o significado da experiência em função da dor que gera. As relações entre o cônjuge sobrevivente e a família do falecido, nesse período, tendem a ser tensas e ainda mais complicadas se não há o abrandamento que viria com os anos de convivência ou a presença dos netos.⁸⁶ Se o cônjuge sobrevivente cede à pressão social e à familiar, na demanda de mostrar-se rapidamente recuperado, não expressando seu sofrimento publicamente ou se antecipando a um novo relacionamento, seu luto então negligenciado será provavelmente abafado vindo à tona mais tarde, talvez de modo confuso, distorcido ou através de sintomas físicos ou inaptações.

Bruno, de algum modo, percebe esse risco e busca ser o mais honesto possível consigo mesmo. Esse foi um fator facilitador no seu acompanhamento clínico, haja vista que o paciente usufruiu do espaço terapêutico assumindo, com entrega plena, o que sentia, expressando honestamente o que experimentava a cada passo.

O paciente não fugiu de suas emoções e dúvidas: estava decidido a cuidar do seu processo de luto, não cedendo a demandas externas.

Nas mortes prematuras, a incapacitação até mesmo para preparar-se para a despedida, na impossibilidade temporal de construir qualquer tipo de resposta ou reação antecipatória ou plano de ação, intensifica sentimentos de impotência e

⁸⁴ Luto não franqueado, que se refere a uma perda em que a dor não é ou (por alguma razão) não pode ser abertamente reconhecida, publicamente lamentada ou socialmente suportada. (DOKA, K. J. *Disenfranchised grief: recognizing hidden sorrow*. New York: Lexington Books, 1989. p. 4).

⁸⁵ WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. *Morte na família: sobrevivendo às perdas*, p. 60.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 61.

amputação, trazendo perturbações emocionais, portanto, vulnerabilizando o fechamento e a consolidação das aquisições previstas nas diferentes etapas do ciclo vital.

Essa experiência vulnerabiliza duplamente os enlutados levando-os a reverem seu sistema de crenças e valores, alterando decisões e projetos, retirando deles o que até então os reassegurava para viver.

A morte prematura, compreendida como aquela que ocorre “antes do tempo”, é difícil de suportar, também porque carrega o estigma do infortúnio, cruel para o sobrevivente que se sente temporariamente preso a essa imagem criada pelo impacto da notícia em sua comunidade e sensações de injustiça dela decorrentes.

A viuvez, no início do casamento, é mais complicadora do que seria mais tarde na vida, devido aos sonhos e às esperanças não concretizados, ao descompasso com outros casais na mesma fase da vida e à falta de modelos para o ajustamento desse tipo de viuvez entre os pares.⁸⁷

Tentar administrar um luto no auge da beleza e energia da juventude, na alegria especial e renovadora do estabelecimento do casamento é um desafio esmagadoramente conflitante.

E, do ponto de vista social, é preciso lembrar que emoções tão contraditórias raramente são expressas tão diretamente em nossa cultura, pois compartilhar sentimentos pesados intensos tende a produzir desconforto e distanciamento em outros. Além disso, o inesperado da prematuridade da morte na juventude denuncia a perda de controle, e sentimentos experimentados como avassaladores assustam e bloqueiam a escuta e a comunicação no contato com os outros, uma troca que seria de fundamental importância para a recuperação nesse processo de elaboração.

Por isso, inicialmente, no luto, sentimentos tidos como insuportáveis podem aparecer fragmentados ou desconectados e não é incomum que causem, ainda que temporariamente, fragilidade na coesão familiar, perturbando bons padrões de interação, vulnerabilizando o suporte possível mesmo em sistemas familiares saudáveis.

b) Fatores relacionados à perda

⁸⁷ WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. *Morte na família: sobrevivendo às perdas*, p. 44.

Fatores relacionados à perda, como: a qualidade do vínculo com Clara, escolhas do paciente ao longo da caminhada de elaboração, as mobilizações em sua fé, suporte familiar, além de seus recursos psíquicos, mostram-se facilitadores na evolução do caso, como se pode constatar a partir dos registros no ANEXO B.

Nesses oito anos, Bruno viveu com Clara sua adolescência, cresceram juntos, enfrentando os desafios nas diferentes tarefas do período que precede à entrada na vida adulta.

O jovem mostra em suas consultas, pela maneira como sente e expressa sua revisão de tudo que viveu, que, no vínculo com Clara, pensavam o mundo juntos, referenciava-se no *nós* e agora, em meio à profunda tristeza, a um sentimento também marcado por uma sensação desnorteadora de amputação, e tantas mudanças, Bruno precisa reaprender a caminhar sozinho.

Sua desorganização, desolação e protesto não são expressões de um vínculo simbiotizado; ao contrário, seus sintomas representam nitidamente, isto é, do lado de fora, a real, natural e esperada comoção interna ante uma circunstância traumática que ocorreu na mais absurda contramão da vida de ambos; a morte de Clara aconteceu no momento da consagração do amor que viviam: o casamento. Aspecto esse que caracteriza um fator complicador para a elaboração do luto em Bruno, o roubo, a destrutividade, o estilhaçamento, a maior ameaça a um amor que o nutriu desde sua adolescência, portanto, quando também se constituía. Um amor que nutriu sua alma, que com ele adentrava na adultez, agora é sentido na ausência do que entendia como ser “crescer em conjunto”. Amor que endereçava suas referências como pessoa e como homem.

O luto em Bruno torna-se, então, um profundo convite a uma redefinição e ressignificação do seu ser, de sua vida, do realinhamento de suas relações com as pessoas e o mundo, revisão de papéis, da própria identidade, da confiança e da segurança que imaginava ter diante de sua própria história.

O amor por Clara agora obriga Bruno a repensar-se como um todo, a recuperar e redescobrir sua habilidade para amar, a voltar a confiar e a sonhar dentro de uma dura realidade que não mais poderá negar; o mundo é um lugar inóspito e perigoso, do qual não se pode ter total controle, cuja história não é possível modificar a não ser pelo que aprendemos com os fatos e o significado que atribuímos a eles no presente.

Bruno demonstra, a partir do que experimenta que alegrar-se, amar, viver, compreender o tempo, a previsibilidade, a continuidade e a fé, nesse contexto, foram suspensos e exige dele destino e sentido para além do que jamais imaginou viver. Logo, percebe que aquilo que lhe ocorreu é maior do que si mesmo. Esse é o primeiro e difícil impacto a ser assimilado.

A partir do abandono que a morte deixa como rastro, na elaboração do distanciamento de Clara, Bruno, aos poucos, passa pelo próprio abandono, uma espécie de esvaziamento e, em meio a essa experiência, descobre que sua força para se sentir seguro e ir adiante não é um jogo de sorte; caminha, então, em busca de solidez a partir do que acredita, conhece e sustenta. Primeiramente em relação a si mesmo e, a seguir, referentemente a tudo que compreende como verdadeiro, a tudo aquilo que reconhecerá como importante no tempo em que viver.

Lentamente, Bruno, guiado por sua própria profundidade e desejo de restabelecer-se, debruça-se sobre seus fragmentos, mergulha e se reconhece, integra-se utilizando como nutrição também o amor experimentado com Clara.

Esse destino que lhe oferece a sua própria experiência parece ser um sinal de sua base vincular segura. Bruno tem o amor como registro de algo que preenche, promove, impulsiona, liberta, autoriza e autoampara, ainda que na distância, na separação.

Esse movimento, estrada que Bruno decide trilhar, leva-o a reconciliar-se com seu passado, uma espécie de harmonia que, aos poucos, renasce da revisão de tudo em que acreditava e que, agora, diferentemente, percebe. Não como uma luta para recapturar-se, escapar de si ou esquecer o que sente; é muito mais um empenho para preservar de modo sustentável o que compreende, viabilizando a si o novo e a vida de modo confortável, tanto mais seguro quanto possível, pois quer a verdade e a paz.

Bruno percebe que a questão não está na ideia de que não fosse verdadeiro antes, mas que a verdade agora adquire maior amplitude de consciência, profundidade e identidade; descobre que a verdade está no ser. Bruno reconhece a força de ser pessoa e, nesse período, traz sua fé associada a Cristo.

Inicialmente, é no compromisso de amar Clara que Bruno busca reintegrar-se, pois esse amor continua sendo, apesar de todos os questionamentos e comoção, boa referência. Pode-se compreender esse como outro fator facilitador que lhe proporciona, embora arduamente, a recuperação de um senso de

previsibilidade, continuidade e reassseguramento, um futuro dentro do que agora entende por *realidade da vida*, a realidade de ser e existir no mundo tal como é, e não como gostaria que fosse.

Neste período, em suas consultas, sua revisão do passado ou do modo como *foi* não o impede mais de ir adiante e progredir. O vínculo com Clara, paulatinamente, é redimensionado, ressignificado, não se rompe, não o confunde, o auxilia.

Ao longo do seu processo de luto, o jovem restabelece um contrato de vida consigo numa perspectiva funcional, duradoura e fluente com tudo que o cerca; no passado, no presente e no futuro, a temporalidade se mostra em seus diálogos.

Como resultado de suas escolhas e maneira de sentir, a caminho da elaboração, sua consciência se alarga, adquire conhecimentos, flexibiliza antigas defesas, descobre novos instrumentos para compreender e enfrentar o viver, que agora está tão diferente, mudado, alcançando uma nova visão sobre si e a vida, redefinindo, portanto, também sua identidade.

A capacidade para administrar uma perda está no âmago de todas as habilidades humanas tanto dos sistemas sociais e religiosos, quanto familiares e psíquicos. E, por mais duro que possa parecer, é fato que a adaptação do indivíduo às perdas não tem uma escala ou sequência preestabelecida, uma vez que não é possível categorizar tais sistemas de modo fixo, absolutamente previsível.⁸⁸

A vida e a humanidade, bem como as perdas, orientam-se por subjetividades e singularidades. No entanto, se sabe que quanto mais um indivíduo torna-se capaz de escutar, compreender, cuidar e significar aquilo que vive e experiencia, tanto mais seu processo adaptativo se tornará eficaz.

Aprender a escutar-se, portanto, é parte fundamental do processo de luto e implicará permitir-se, não se julgar criticamente, medir as próprias exigências também pela inserção, no próprio contexto, de uma vida em transição.

Este foi o exercício que Bruno aprimorou. Dia a dia, passo a passo, o jovem toma-se pela mão, integrando suas vivências ao que se revela no caminho. Portanto, é possível que o luto em Bruno torne-se também um processo de transbordamento, alargamento, revelação, renovada conversão, apropriação e reconciliação, cujas mudanças sofridas por sua fé tornaram-se importante

⁸⁸ WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. *Morte na família: sobrevivendo às perdas*, p. 33.

componente de restabelecimento, recuperação e fortalecimento psíquicos, como se explorará nas análises presentes no próximo capítulo.

c) Exame das condições mentais e recursos do paciente

Bruno é um jovem cujas idades mental e emocional correspondem à idade cronológica. É inteligente, criativo, tem excelente capacidade para *insights*, seu pensamento, sua linguagem e a percepção correspondem às funções sensoriais de um ego saudável; além disso, pode-se pensar na evolução do caso, que Bruno é um indivíduo de escolhas resilientes.⁸⁹

Nos primeiros meses, era nítido o abatimento, a palidez, a comunicação relativamente embotada e lenta, as expressões de dor emocional intensa. Inicialmente, percebeu-se que Bruno empenhava-se em manter um ritmo de vida, porém, naturalmente, as atividades motoras, os pensamentos e o comportamento apresentavam-no amarrado, confuso, aéreo, com dificuldade de atenção e concentração, em vista daquilo que o assustava.

Bruno é bastante exigente consigo, apresenta uma tendência ao controle, por isso, inicialmente, sua luta racional para tentar administrar o que sentia objetivamente, mostrava-se pouco funcional, consumindo maior energia. Logo percebeu que teria que desenvolver uma mescla, uma estratégia por vezes menos cognitiva para enfrentar o que vivia.

A redução do seu senso crítico, das exigências e da sua escuta para o que sentia, naturalizando os sintomas normativos, auxiliou-o, não obstante, embora seja esse, para Bruno, um árduo processo de aprendizado que ocorre às avessas em sua vida.

Bruno estranha seu humor tão empobrecido de leveza e vitalidade, seu princípio de prazer encontra-se total e naturalmente desligado. Sente medo, insegurança e a ameaça em sucumbir à dor. A energia gasta nessa luta interna, aos poucos, é redirecionada para sentir e discriminar a realidade, o que viabiliza

⁸⁹ Resiliência é a capacidade que determinados indivíduos podem apresentar de renascer das adversidades, mais fortalecidos e com mais recursos. É um processo proativo de resistência, reestruturação e crescimento em resposta a uma crise e a um desafio. Engloba mais do que apenas sobreviver, atravessar ou fugir de uma provocação angustiante. (WALSH, F. *Fortalecendo a resiliência familiar*. p. 4).

compreender-se em meio às invasões no contato com o desconhecido, esse bombardeio que o assola, interna e externamente.

Redirecionar essa energia disponibiliza-lhe, então, ao fim do primeiro ano de enlutamento, diluir parte do desgaste, ventilando algum grau de energia psíquica maior.

No que se refere a outras características de personalidade, pode-se avaliar que o paciente apresentou:

- a) boa tolerância à frustração;
- b) bom autoconceito e autoestima com claro senso de si mesmo;
- c) controle do *locus* interno com tendência para um senso acirrado de responsabilidade;
- d) padrões de relacionamento de traços no modelo vincular seguro, onde se mostraram presentes noções de um mundo benevolente e bom, que sofreu mobilizações, ressignificações e complementaridades;
- e) transições psicossociais anteriores à perda foram manejadas de modo saudável e adaptativo ao longo do ciclo vital de Bruno;
- f) o paciente não apresentou outras vulnerabilidades específicas, reações depressivas mostraram-se normativas para o processo de luto que vivenciou, não caracterizando quadro depressivo nem risco de importante ideação suicida, Bruno não fez uso de nenhum tipo de suporte medicamentoso ao longo de todo o tratamento clínico.

De modo geral, considerando o suporte familiar recebido; a natureza constitutiva do vínculo com a pessoa perdida, cujo relacionamento se mostrava também de acordo com as referências encontradas em Bowlby, de traços tendencialmente para o modelo operativo seguro, de onde parece, inclusive, partir os anteriores registros vinculares e familiares de Bruno; a participação íntegra do ritual fúnebre, sustentado por uma crença religiosa até então organizada e anteriormente fortalecida por construções internas e familiares do paciente; a inexistência de perdas secundárias; as expressas reações de luto normativas para a específica circunstância vivida; as estratégias de enfrentamento presentes no paciente, se revelam coerentes com seu histórico e o da perda.

3.4 ANÁLISE DOS ASPECTOS HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS PRESENTES NO CASOS A E B

Utilizando como base o que foi pesquisado no primeiro e segundo capítulos presentes neste estudo, é possível fazer, a partir da observação dos registros de Mônica e de Bruno, algumas associações referentes às perspectivas históricas e filosóficas sobre a morte, as quais podem, de algum modo, implicar a análise teológica dos dados que se pretende compreender a seguir.

Quanto aos estudos relacionados ao homem e à morte através dos tempos, viu-se que a maneira como cada cultura elabora e ritualiza suas perdas está relacionado também à temporalidade, aos costumes, à ideologia, às regras sociais e à linguagem. Portanto, se pode pensar que as reações apresentadas por Mônica e Bruno caracterizam-se dentro do período histórico que se denominou, no primeiro capítulos, de fato, como *Atualidade*, fator que denota conflitos tanto de ordem psicológica como filosófica para os pacientes.

Tanto Mônica como Bruno demonstram que, atualmente, em contraste da cultura antiga ou da primeira metade da Idade Média, no Ocidente cristão, a expressão de sentimentos relacionados à morte é pouco tolerada socialmente. Ambos os pacientes, embora de diferentes formas e em distintos períodos do acompanhamento clínico, perceberam que as emoções decorrentes da perda tendem a ser suprimidas socialmente e sugerem uma conseqüente supressão do valor da vida.

Outro aspecto que se apresenta como tensional e que foi observado nos relatos de ambos os casos clínicos, é a perda da naturalidade para tratar do tema no meio social; parece aos pacientes que a expressão de sentimentos e pensamentos sobre a perda foi possível se entendida como morte acidental, notícia escandalizadora e, a seguir, compartilhada pela família e por outros apenas em tom de tragédia. O paciente Bruno, por exemplo, em dado momento, chega a sentir-se desconfortável com as *atenções* sociais recebidas em função de seu histórico em relação à perda.

Tal como sugere o estudo na atualidade, Mônica e Bruno sentem a ausência de amparo e cuidados nas comunicações sociais acerca da perda, muito mais valorada como evento do que como realidade para as pessoas, ou seja, evento que rapidamente deveria ser superado, passando do impacto social ao esquecimento.

Os pacientes sentem a pressão da morte escancarada, banal, aquela que logo deve ser deixada para trás, experienciada sem comunicação e elaboração efetiva no meio social. Associado a esse fator, trazem uma intensa sensação fragmentária também relacionada ao meio externo.

Na primeira metade da Idade Média, o ser humano via-se profundamente ligado à natureza e à sua ordem natural, e a morte e o luto eram experimentados como fatos integrados à vida. As expressões de pesar eram aceitas por mais tempo, e a família enlutada recebia maior autorização para suas lágrimas e outras comoções. Mônica e Bruno, em suas construções de sentido sobre a perda, tentam integrá-la à vida, mas sentem dificuldade, pois existe algo no social que não lhes oferece eco, escuta, e acabam buscando na dimensão religiosa. A morte, na atualidade, apresenta-se dissociada da vida, e isso lhes dificulta a caminhada de recuperação e elaboração do luto.

No capítulo “Pensar a inexistência: Filosofia e morte” viu-se que as primeiras respostas que poderiam nascer da razão acerca da morte para a humanidade vieram da Filosofia. Na semelhança entre os filósofos não niilistas, a base da Filosofia ocidental, para Sócrates e Platão, morrer não representava o fim. Mônica e Bruno trazem suas noções sobre a morte associadas a uma dimensão espiritual e a revisão de crenças e valores então filosóficos, relacionados à cotidianidade do viver, às escolhas e aos conceitos sobre o mal, o bem, o belo e Deus.

Em Levinas,⁹⁰ muito da compreensão dos pacientes aproxima-se, pois, como aponta o autor, Mônica e Bruno são jogados diante da realidade na alteridade do testemunho da perda de Clara, assim como repensam suas esperanças, Deus, a morte e o tempo. É o assombro e a comunicação sobre a verdade de acordo com que apontam Levinas e Bloch.

Assim, se pode pensar que do visível ao invisível, a filosofia contida na compreensão sobre a morte familiariza-se também em Santo Agostinho, no que se refere aos rituais e no cuidado aos amados e perdidos.

O rito fúnebre de Clara e, mais tarde, a missa que foi celebrada na data que seria a do casamento sustentam as noções de que ritos carregados de sentido tanto para a comunidade quanto para a família enlutada, de fato, amenizam o impacto e o terror que a morte impõe, oferecendo tempo, calma, amparo e possibilidades

⁹⁰ LEVINAS, E. *Dios, la muerte y el tiempo*, p 30.

confortáveis de elaboração, bem como cuidados, uma espécie de reassseguramento também para a pessoa amada e perdida.

Em Santo Agostinho, percebe-se o reconhecimento dos ritos como ferramentas de suporte e cuidado, inclusive religioso, o que indica, também, a forte formação religiosa dos pacientes neste estudo envolvidos.

Como em Platão, para Santo Agostinho e nos relatos que trazem a maneira como Bruno percebe a morte, o mal não é algo, mas está associado à ausência de algo. Ausência que Bruno filosoficamente contrapõe à existência de um Deus onipotente, e só mais tarde, a partir de seus angustiantes questionamentos, compreendeu, como em Santo Agostinho, que o mal está-no-mundo e não em Deus.

Bruno sente que sofre o mal que não cometeu, por isso a recuperação de uma imagem de Deus e a distinção de Deus, da morte e do mal é algo que fará parte de suas elaborações também filosóficas.

Reforçando o que pondera o filósofo Santo Agostinho, ou seja, de que as orações são maneiras de concretizar e testemunhar a ternura pelos falecidos, tanto para Mônica quanto para Bruno as orações para Clara têm imenso valor. Os enlutados demonstram sentirem-se menos impotentes e mais próximos ao realizar o culto afetivo, embora o façam também a seu modo.

No que se refere aos rituais, são as contribuições filosóficas afetivas desse pensador (que abraçam os cuidados com o corpo das pessoas amadas e perdidas), que melhor sustentam o que Bruno e Mônica expressam sobre o experimentado, e que consta em seus relatos acerca dos ritos vividos: fúnebre, a missa na data que seria a do casamento dos jovens e ainda outros desenvolvidos em casa com a família extensa em datas como o Natal, aniversário de vida, visitas ao túmulo.

É também na filosofia de Santo Agostinho que encontramos a primeira validação ocidental para as expressões vinculares de profunda tristeza e pesar no luto, sem associar isso à banalidade ou à fraqueza, como na atualidade, assim como encontra eco a esperança de reencontro com Clara, presente, por vezes de modo latente, no que sugerem os relatos dos enlutados aqui analisados. Desse modo, pode-se pensar que as bases filosóficas do *Caso A* e do *Caso B* se constroem, em sua grande maioria, na Filosofia ocidental.

Nos relatos de Mônica e Bruno, em seus modos de trazer, sentir Clara e sua ausência, encontramos uma forte ideia de que a sua vida e o modo de ser foram

marcantes, importantes para muitas pessoas; também estão convencidos de que o que a jovem foi em vida continuará sendo, de algum modo, na além-vida.

Esse fenômeno pode ser compreendido como um sintoma natural de idealização dos primeiros tempos de enlutamento. No entanto, se atentarmos para a duração e a profundidade do que dizem no acompanhamento clínico longitudinal, se notará também a presença de uma crença racional associada à identidade de Clara que parte de uma referência filosófica em sua vida.

Essa noção filosófica tem fundamento em São Tomás de Aquino, filósofo que reforçou a imortalidade da alma e, para quem, a alma transforma a matéria, o corpo, dando à vida, inclusive, uma caracterização específica que identifica o ser e sua história. Em São Tomás de Aquino, a alma não só não morre como levará consigo tudo que foi aprendido pela razão e pelos sentidos, ao longo da vida, para o depois da morte. Portanto, em São Tomás de Aquino, como para os casos em análise, a alma de Clara tem e mantém sua identidade.

Enquanto socialmente Mônica e Bruno vivem o tabu presente, em seu coração compreendem as coisas de outro modo. Alma, endereço e identidade permanecem organizando seus passos ao longo da caminhada, embora Deus (perfeito e onipotente) sofra mobilizações e questionamentos. Isso pode explicar a sensação de dissociação que os pacientes trazem em seus relatos quando falam sobre o modo como sentem as pessoas no mundo lá fora.

No entanto, apesar disso, percebe-se que, na sua intimidade afetiva e filosófica, relacionam-se melhor com sua experiência de luto e elaboração do que percebem acontecer no mundo externo.

Ainda que em muitos momentos tenham questionado também suas crenças filosóficas, percebem que só é possível seguir adiante, no mundo lá fora, se encontrarem dentro de si a solidez de um porto seguro, sustentado por aquilo que para eles verdadeiramente faça sentido.

Bruno e Mônica caminham na direção de uma revisão não apenas de sua fé, mas também de toda sua filosofia de vida, um novo modo de ser-no-mundo.

Em Stein, essencialmente, duas ideias convergem aos indícios apontados pelos pacientes: o eco da dor no sofrimento de Cristo e sua belíssima descrição sobre a *noite escura* da alma, como uma profunda experiência de busca de Deus, símbolo da expressão máxima da dor humana, as noites da existência. Assim,

percebe-se os pacientes também em suas expressões no enlutamento atravessando a *noite escura* de sua alma na esperança de chegar a um amanhecer.

4. A TEOLOGIA DA CRUZ: LUTO E FÉ: RESGATE E RECONSTRUÇÃO DA VIDA NO CORAÇÃO DE UM DEUS QUE SOFRE

De modo específico, em muitos e diferentes trechos dos relatos de Mônica e Bruno, encontram-se, como a partir de agora serão estudados, aspectos de profundidade e estruturação relacionados à fé cristã. Percebe-se que o luto mostra-se também nessa dimensão humana, da fé, ao menos inicialmente, como um fenômeno que revela uma espécie de desconstrução. Assim, reporta-se ao material teológico encontrado nos prontuários, a seguir recortado e colado em ordem cronológica, de acordo com a manifestação expressa pelos pacientes, para análise quadro a quadro.

Nos relatórios, identifica-se, também, um ponto comum a todas as mobilizações citadas e associadas à fé em ambos os pacientes, aspecto teológico que, na evolução clínica, se mostrará presente em diferentes momentos, que lenta e continuamente, é retomado pelos pacientes tornando-se fundamental para ambos: a dor vivida por Jesus Cristo.

Em função dessa conexão com Jesus e da maneira como essa conexão aparece na vivência dos pacientes, testemunhada no acompanhamento clínico, optou-se por fundamentar a pesquisa nas produções sobre a Teologia da Esperança e da Cruz, de Jürgen Moltmann, uma vez que parecem existir muitas aproximações com a experiência de enlutamento desses pacientes com o que desenvolve o autor.

4.1 JÜRGEN MOLTSMANN E O LUTO

Jürgen Moltmann⁹¹ é um moderno e interecumênico teólogo alemão, para quem fazer Teologia é uma viagem de descobrimento, pois possui um estilo de reflexão que considera experimental, sua comunicação tem a forma de proposições, e seu método teológico, portanto, se desenvolve a partir de propostas em comunhão.

Moltmann desenvolve um rico corpo teórico na escatologia com base cristológica em que a esperança é categoria abrangente, e seu propósito-base é a

⁹¹ MOLTSMANN, J. *A vinda de Deus: escatologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2002. p. 14. (Coleção Theologia Pública, 3).

escatologia integradora, diferentemente da escatologia individual, universal ou da escatologia da história e da natureza.⁹²

É um pensador para quem todo o fim é um começo, daí também sua importância na perspectiva desta pesquisa, como se perceberá mais adiante. No futuro criativo de Deus, Moltmann aponta para uma perspectiva otimista da vida humana, reconhecendo as dificuldades dentro da história e trazendo a esperança para o presente:

Quem urge o fim deixa a vida escapar. Se a escatologia nada fosse além da *solução final* religiosa de todas as questões almejando ter a última palavra, então ela seria de fato uma forma particularmente desagradável de obstinação teológica ou até mesmo um certo terrorismo psicológico. [...] Cristo somente pode ser chamado de *o fim da história* na medida em que ele é o inaugurador e guia da vida imorredoura. Onde quer que a vida seja percebida e vivida na comunhão com Cristo experimenta-se que em cada fim está oculto um novo começo.⁹³

Portanto, em Moltmann, a escatologia não é o que diz a fé sobre o fim do mundo, mas uma análise dinâmica da força e intensidade da vida na fé cristã, desde já presente no mundo como manifestação dentro da história, uma verdadeira experiência de Deus. Para o teólogo, a fé, assim apreende, nessa esperança, a realidade prometida já, aqui, agora, no hoje. E esse aspecto em sua obra se mostrará importante frente à experiência colhida dos pacientes aqui estudados.

Moltmann considera que a salvação dos seres humanos e de cada um, na salvação de sua alma, ocupou de tal forma o centro das atenções que a salvação do corpo, da comunhão e do cosmo foram compreendidas à margem. Alerta:

Se a esperança cristã for reduzida à salvação da alma num céu além da morte, ela perde sua força renovadora da vida e transformadora do mundo e

⁹² Ibidem, p. 15. Jürgen Moltmann nasceu em 8 de abril de 1926. Aos 16 anos era apaixonado por Einstein, estudou matemática e a física da relatividade. Aos 17 anos, foi convocado para a Segunda Guerra Mundial. Em 1944, tornou-se soldado no Exército; em 1945, rende-se no escuro para um soldado quando viveu a experiência de ser prisioneiro de guerra de 1945 a 1948, confinado na Bélgica. Mais tarde relata ter perdido toda a esperança na Alemanha em função do que fez seu país aos judeus, expressando remorso em ter que viver para encarar sua nação. Atormentado por pensamentos e memórias, recebeu, nesse período, de um grupo de cristãos, uma cópia do *Novo Testamento* quando se sentiu tocado pela fé cristã. Chegou a dizer que não encontrou Cristo, mas que Ele o havia encontrado. Em 1946, foi transferido para a Escócia onde reconstruíam áreas danificadas pelas bombas. Referiu que os escoceses eram hospitaleiros com os prisioneiros. Em sua bibliografia, encontram-se sinais de que a experiência na Escócia tinha lhe instigado grande entendimento sobre como o sofrimento e a esperança, ambas, integram-se funcionando como uma recarga para o enfrentamento das adversidades vividas. Essa descoberta deixou uma duradoura impressão em toda sua teologia.

⁹³ MOLTSMANN, J. *A vinda de Deus: escatologia cristã*, p. 12.

consome-se num anseio gnóstico de redenção do vale de lágrimas desse mundo.⁹⁴

Em linhas gerais, Moltmann constrói seu caminho teológico seguindo três direções: uma reflexão trinitária de Deus; uma reflexão ecológica sobre a comunhão da criação e uma reflexão escatológica sobre a habitação de Deus em seu povo, em seu Cristo diante de seu espírito vivificador no coração da humanidade.⁹⁵

Do mesmo modo, Moltmann compreende a esperança: “Ninguém recebe esperança unicamente para si mesmo [...], a esperança dos povos sempre é também esperança para esta terra e todos os demais habitantes.”⁹⁶

Essa perspectiva e riqueza teológicas tornam-se coerentes e continentais ao que se compreendeu até aqui sobre luto neste estudo, ou seja, a teologia de Moltmann não dilui, atenua, exclui ou nega a dor e as transformações reais que os pacientes aqui analisados vieram mostrando; ao contrário, suas construções validam, escutam e oferecem suporte ao sofrimento, uma teologia vincular, repleta de compaixão, solidariedade e luz. É de fato necessária uma Teologia desafiadora, intensa e bastante realista para acompanhar o que, na clínica, o enlutamento faz revelar.

Para Moltmann, assim como visto nos capítulos anteriores pelos psiquiatras Bowlby e Parkes, o luto é uma expressão do fenômeno vincular e transição. O teólogo considera que quanto mais forte é o amor tanto mais profundo será o luto.⁹⁷

De acordo com esse enfoque teológico tanto mais difícil será a perda quanto mais o enlutado tenha se entregue totalmente ao amor pela pessoa perdida.⁹⁸ Ou seja, Moltmann reconhece o luto também como um processo de transformação intensamente experienciado pelo enlutado no amor: “Morre pessoalmente nas dores do luto e nasce de novo para ser outra vez trazido à vida e reencontrar a vontade de viver.”⁹⁹ Assim, pode-se pensar que a mesma dor que fará o peito sangrar, quando da partida de alguém amado, será aquela que mais tarde fará erguer os corações, nutrindo de sentido a difícil retomada para seguir em frente.

⁹⁴ Ibidem, p. 15.

⁹⁵ MOLTSMANN, J. *A vinda de Deus: escatologia cristã*, p. 13.

⁹⁶ Idem.

⁹⁷ Ibidem, p.138.

⁹⁸ Idem.

⁹⁹ Idem.

Consoante esse teólogo, o luto é também um processo que deve receber autorização e validação e que demanda tempo e cuidados:

Deve-se tomar ou reservar tanto tempo para o luto como para o amor. Somente o luto aceito e suportado restaura o amor pela vida após a morte. Quem recusa ou interrompe o processo de luto descobrirá em si mesmo um abatimento insuportável e uma apatia crescente. [...] Quem entra em luto profundo amou intensamente.¹⁰⁰

Moltmann aponta à questão da necessidade de oferecer tempo para enlutar-se, pois, como visto acerca dos aspectos históricos do luto na atualidade, o autor também considera fatores sociais complicadores para a elaboração de um luto saudável:

Na nossa época e cultura, assumimos a postura de querer viver a felicidade sem dor e o amor sem o luto. Fugimos do luto e buscamos uma felicidade sem dor. As ofertas culturais e medicinais da sociedade moderna vêm ao encontro desse desejo pessoal. Mas se for verdade que o luto não é a despedida do amor, mas o reverso do amor, então podemos investigar sem medo o segredo do luto e confiar-nos ao luto sem precisar temer a perda de nós mesmos.¹⁰¹

Moltmann entende que vivemos uma cultura narcisista e repressora que resiste em admitir experiências de morte e luto, o que faz com que enlutados acabem por trilhar um caminho de recuperação bastante desamparador, autossuficiente ou, na melhor das hipóteses, de acordo com o que observa o autor, através de grupos de autoajuda, quando chama a atenção para a importância da Igreja como instrumento a disponibilizar essa escuta e serviço.¹⁰² É possível perceber que os pacientes aqui analisados parecem concordar também com essa perspectiva atual.

Moltmann, como teólogo sistemático e não convencional, desenvolve sua obra como metáfora da vida, já que o centro de seu pensamento é a paixão de Deus pelos seres humanos e pela vida no mundo, uma paixão que se encarnou em Jesus Cristo, que se torna esperança e reflexo de todos os crucificados deste mundo.¹⁰³

¹⁰⁰ MOLTMANN, J. *A vinda de Deus: escatologia cristã*, p. 138.

¹⁰¹ Idem.

¹⁰² Ibidem, p. 139.

¹⁰³ Ibidem, p. 8.

Na teologia de Moltmann, a dor dos que sofrem toca profundamente todos que leem suas obras, propondo uma fé vivida com consequências, cuja esperança torna-se ação verdadeiramente solidária. Sua teologia convoca emocionalmente à ação.

A Cruz é, para esse estudioso, conversão e apropriação. Ela tem na vida humana seu eco mais intenso e profundo, manifestação vincular, resgate do amor à existência no seu sentido mais amplo; vida que ganha sustentação quando é vivida intensamente, que perde sentido e apequena o ser humano quando não é capaz de ser leal a si mesmo e aos seus próprios princípios dentro da realidade do seu mundo e do mundo de todos. A Cruz de Cristo, em Moltmann, é, portanto, *registro* e *expressão* do solidário sofrimento de Deus com seu Filho e com todos os que sofrem.¹⁰⁴

A sensibilidade e a coerência do autor para trabalhar os temas *luto* e *fé* sugerem um olhar atento e aprofundado sobre as dores humanas, uma espécie de identificação com aqueles que sofrem. Esse fator convida a pensar na sua história pessoal.

Talvez, e, especialmente, através daqueles que sofreram uma experiência de dor, no coração da compaixão, da mais honesta e realista concepção de quem sabe por que sofreu, o que é viver aqui, neste caótico hoje. Pessoas que, portanto, conhecem o que é verdadeiramente importante para que a vida possa transformar-se, renovar-se e ao mundo, de tal forma que suas escolhas e alertas possam fazer do mundo um lugar para todos e não apenas para alguns.

A começar pela ideia de que a dor não é necessária, deve ser evitada, mas uma vez que existe, que possa trazer clareza e mudanças; que tudo que é doloroso e difícil não seja renegado, escondido ou abandonado, mas tenha também seu lugar como revelação transformadora. E que, se entristecer, possa ser tão importante quanto amar, quanto à alegria de viver.

4.2 ANÁLISE DO CONTEÚDO TEOLÓGICO DOS CASOS A E B

A análise do conteúdo referente às mobilizações que sofre a fé durante o processo de luto dos pacientes católicos Mônica e Bruno está aqui organizada a partir da *transcrição* dos dados encontrados nas diferentes consultas, relatados em

¹⁰⁴ MOLTSMANN, J. *A vinda de Deus: escatologia cristã*, p. 8-9.

seus prontuários psicológicos, ordenados como segue *cronologicamente*. Assim organizados, permitem dinamizar a análise dos dados e fazer uma *observação evolutiva* de suas concepções e mobilizações teológicas de momento a momento, ao longo do acompanhamento clínico no primeiro ano de luto.

O intuito é o de alcançar noções sobre o que se passa com a fé na dor da perda dentro do que é saudável e normativo, demonstrado pelos pacientes aqui estudados, nesse processo de assimilação de intensas mudanças, elaborações e retomada da vida.

4.2.1 Análises do conteúdo teológico do Caso A – primeiro recorte: contido na consulta de número 1

Na consulta de número 1, Mônica (dois dias após a *perda*) relata a dolorosa experiência de vivenciar o velório de Clara. Em dado momento, introduz as seguintes manifestações sobre Deus que lhe parecem novas, diferentes do que costumava sentir:

De repente, tu sai de uma experiência como essa, acreditando que isso é uma das coisas que valem a pena na vida, um mundo de laços, de relações, de vínculos, ali sim eu senti a presença de um amor muito grande, um Deus vivo, verdadeiro. Isso nos sustentou pra enfrentar tudo aquilo. Um Deus que não se mostra com palavras, que não é falado, é experimentado, é uma experiência no coração das pessoas, no nosso, foi muito intenso, não tem como explicar.

A paciente traz uma noção de Deus sustentador associada à definição da presença de um amor no coração das pessoas, Deus como expressão e manifestação vincular, a constituir uma espécie de rede de suporte, sugerindo acolhimento e, de algum modo, um cuidado protetivo.

Deus aqui aparece como que manifestado pelas pessoas, através das pessoas; é um relato que também sugere o quanto para a paciente o ritual fúnebre tornou-se importante como experiência, um espaço que lhe trouxe a sensação amparadora de comunhão.

E, ainda, na intensa e desconfortável experiência impactante do funeral, revela uma manifestação relacionada a dados positivos, ou seja, é possível pensar que Mônica, ao trazer, nesse momento, sua experiência sobre a noção de Deus, amplie o aspecto funcional psíquico previsto objetivamente para um ritual, como ponte para organizar ou demarcar as mudanças entre o convívio no passado da

família com Clara e no presente que agora se impõe com a privação da presença da jovem.

Interessante é notar que a paciente não fala da presença/ausência de Clara ou do amor de Clara através das pessoas, mas de Deus e de um amor cuja presença ou experiência não sabe explicar.

Em meio a um evento que demarca uma repentina e traumatizante ausência, a morte da jovem nora, Mônica sente nas pessoas uma forte presença que nomina de “Deus vivo”. Pode-se pensar, então, que, de certo modo, no ritual fúnebre, a vida adentra a morte a partir dessa presença viva de amor que a paciente experimentou, e, a qual chamou de Deus. Esse parece ser o conceito de Deus com que a paciente adentra o processo de luto, uma vez que se passaram apenas dois dias da notícia da morte de Clara; um Deus vivo e dentro da vida.

Deus para Mônica é, então, percebido dentro do rito de despedida de Clara, fator que parece alargar, de algum modo enriquecer, as funções de auxílio e enfrentamento da perda, técnica e inicialmente previstas para um rito fúnebre.

Esses aspectos apontam para duas concepções: quem é Deus? (como Mônica sente sua manifestação em meio à despedida da jovem) que a leva próxima da concepção teológica; uma sensação de amparo e comunhão.

Compreender Deus através dos tempos esteve sempre no centro do desenvolvimento teológico. Pode-se pensar que a mais alta especulação sobre Deus atinge o mesmo objeto que a fé simples de um fiel.¹⁰⁵ E o acesso à maneira como essa fé se dá, se esclarecido, pode enriquecer de compreensão teológica as diferentes proposições que se desenham, também no intuito de discriminar o que está em torno da verdade e o que não está.

No entanto, ao longo do tempo, essa busca implicou uma travessia de posições muitas vezes impróprias, uma crítica de elementos ingênuos, mágicos ou antropológicos. Sabe-se que a Teologia tem a tarefa de desprender o conceito de Deus das metáforas, de entrelaçamentos narrativos e contradições textuais.¹⁰⁶ Nesse viés, aqui se pretende uma busca similar, embora a partir da expressão e das vivências da fé dos pacientes a serviço de uma compreensão teológica sustentável e o mais idônea possível também no transcurso do luto.

¹⁰⁵ LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004. p. 533.

¹⁰⁶ Idem.

Teólogos como Boécio, Dionísio e Anselmo¹⁰⁷ lembram que distinguir imagens de Deus no que são somente rastros, vestígios mais ou menos apagados, discriminando nomes próprios e metafóricos, estranhos ou impróprios; discernindo as perfeições absolutas, melhores que suas negações, e que podem lhe ser atribuídas, das perfeições mistas que podem relacionar-se a certos seres, porém não a Deus, é fundamental.

Na experiência de Mônica, o conceito de Deus chama a atenção à associação com a palavra *amor*, compondo uma espécie de definição daquilo que a paciente sente por Deus no início do enlutamento. Não é uma comunicação de Deus com ela diretamente, mas *um através de*, através das pessoas, logo, pelo que experimenta.

Na Teologia bíblica, de acordo com estudos sobre o *Antigo Testamento*, é possível compreender que Deus manifestou-se de muitas maneiras, por isso existem muitas ambivalências, misto de obscuridade e clareza, as quais a análise dos narradores não deixa ocultar.¹⁰⁸ É possível pensar que tais ambivalências são também o efeito de que Deus acompanha as crises e mudanças da humanidade: “Deus assume estranhamente as trevas do homem, como se não pudesse curar senão acompanhando-o.”¹⁰⁹

Nesse sentido, existe uma semelhança com a definição de Mônica quando relata Deus como sustentador. Sentiu-o próximo de si, naquele momento, de algum modo dentro daquilo que experimenta, não um Deus acima ou fora do que vive. Isso, de certo modo, pareceu-lhe novo e a auxiliou a enfrentar o ritual fúnebre. Do ponto de vista terapêutico, torna-se um fator facilitador.

Em rigor, pode-se pensar uma correspondência na perspectiva de *Deus-amor* expresso por Mônica, como o único a tocar, a alcançar todos. Outro aspecto equivalente está em *Paternidade divina*, cujas definições envolvem: “Deus é vivente. Deus é santo. Deus ama.”¹¹⁰

E, por último, ainda no que corresponde ao *Antigo Testamento* sobre as definições de Deus, está o atributo *Deus do excesso*, aquele que oferece amparo, não um simples acompanhamento, denotando sua natureza a oferecer

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de Teologia*, p. 526.

¹⁰⁹ Idem.

¹¹⁰ Idem.

discernimento, fidelidade, compaixão, misericórdia e não cólera como o homem, menos ainda aos sofredores.¹¹¹ Atributos esses que se aproximam das palavras de Mônica.

No *Novo Testamento*, Deus é conhecido em vivência, também na manifestação daqueles que propagam a Boa-Nova (o Evangelho), quando Deus se dá todo ao seu Filho Jesus.¹¹² É Jesus na unidade e unicidade divinas que revela Deus e suas características: amor, fidelidade, perdão e entrega.

Pode-se pensar que para Mônica, nesse primeiro momento, inusitadamente, Deus surge dentro do rito fúnebre como uma experiência, não como um conceito teórico, pois se nota nela um esforço na tentativa de definir com a ajuda de palavras algo que sente e que também, de algum modo, transforma um momento doloroso, de pesar, obscuridade e densidade, em abertura, na percepção de que dentro do impacto, da morbidade e da violência da morte, uma luz adentra manifestada em vida e amor no coração e nas atitudes que observou nas pessoas que com ela ali se encontravam.

Parece que Mônica enfrenta as trevas experimentadas na despedida fúnebre de Clara atravessando-as, ou seja, mergulha, entrega-se, vive e sente a densidade dos momentos dolorosos e nisso sua perspectiva de enfrentamento se transforma, assim como o momento. O rito para Mônica torna-se uma espécie de travessia iluminada pela certeza de uma presença amorosa, a qual define, em vista das pessoas e dentro do momento vivido, de Deus.

Sabe-se, também, a partir de estudos preciosamente desenvolvidos pela Patrística, a exemplo de Irineu e Gregório de Nissa, que Deus (como Pai) não pode ser definido sem que sejam também definidos seu Filho e seu Espírito. O Filho não pode ser nomeado sem que o mundo e os homens estejam inclusos, porque Deus é amor (I Jo 4,8-16) e amar o homem constitui sua marca distintiva.¹¹³ Essa parece ser a sensação de comunhão que Mônica relata ter sentido. Portanto Deus, como a paciente esforça-se por definir em sua experiência, de fato mostra-se pessoal, próximo, e isso condiz com a ideia de *Emanuel*, Deus dentro da história, *Deus conosco*, Deus que irradia seu amor pelos homens e promove comunhão.¹¹⁴

¹¹¹ Ibidem, p. 527.

¹¹² LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de Teologia*, p. 527.

¹¹³ Ibidem, p. 529.

¹¹⁴ Idem.

Do ponto de vista psíquico, conhecer muda o que era antes conhecido, conhecer Deus desse modo, nesse contexto, muda para Mônica o esperado no ritual fúnebre e a faz refletir profundamente. Assim, também, se pensa que o conhecimento de Deus muda o ser humano como conhecido em seu meio, como se conhecia, e ao mundo.

Parte da maneira como Mônica define Deus na despedida de Clara refere-se a uma experiência de Deus dentro da crise, do rito, da dor que vivenciava; Deus está no seu discurso como alguém que emerge com eles. Pode-se pensar que é um conceito aqui menos antropocêntrico, moral ou afetivo do que prático. Talvez essa seja também sua surpresa. Nessa perspectiva e na da Teologia moderna, há uma importante aproximação com as contribuições de Moltmann.

Em Moltmann, na obra *O Deus crucificado*, o abandono das realidades do mundo sustentam grande parte do que inicialmente Mônica expressa, pois, ao compreender a despedida de Clara na presença de Deus, a paciente encontra sentido para o evento e o integra à vida. Moltmann escreveu:

Essa ferida continua aberta, mesmo na melhor das sociedades concebíveis. Ela só pode ser curada pela presença do sentido em todos os eventos e relacionamentos da vida. [...] A presença e morada de sentido é chamada de *a presença e morada de Deus* [...]. Se Deus é tudo em todos, o homem e a natureza têm parte na plenitude de sentido e na potencialidade de Deus. [...] Em uma situação de desamparo por Deus e de insensibilidade, o conhecimento da presença oculta de Deus no Cristo desamparado na cruz, já nos dá *coragem de ser*, apesar do vazio e de todas as experiências aniquiladoras. [...] Assim sendo *a coragem de ser* se torna *a chave* para ser. A fé se torna a esperança para uma plenitude significativa.¹¹⁵

Para o autor o medo, a frieza, a apatia e a fuga fazem parte do ser humano, e a esperança é resposta e presença divinas; não uma esperança exclusivamente futurística, mas uma expectativa resistente, que, diante da dor não a nega; padecente, porém perseverante numa situação em que nada mais se pode fazer para evitar a desgraça. Uma força, uma atitude combativa para o cinismo e a indiferença, uma expectativa prática diante de uma entrega que, no abatimento, torna-se esperança autêntica uma vez que promove viver de cabeça erguida e uma abertura a um novo começo.¹¹⁶

Embora a paciente não traga Cristo na escuta, quando relata o que sentiu utiliza palavras e expressões fortes, tais como: *Deus vivo e verdadeiro*;

¹¹⁵ MOLTMANN, J. *O Deus crucificado: a Cruz de Cristo como base e crítica da Teologia cristã*, p. 414-415.

¹¹⁶ MOLTMANN, J. *A vinda de Deus: escatologia cristã*, p. 251.

experimentado; *isto nos sustentou e foi muito intenso*, parece estar se referindo a uma força, agudeza e vigor que Moltmann também chama de fé e esperança.

Em Moltmann a comunhão corresponde também e do ponto de vista antropológico, a um conceito terapêutico, comunitário, visto que as pessoas colocam-se em respeito, compreensão e amor umas ao lado das outras, silenciam, choram e juntas experimentam amparo e conforto para viver o momento difícil.¹¹⁷ É também o que aponta o teórico sistêmico Bowlby, uma vez que a comunhão pode então ser compreendida como o sinal de uma saudável vinculação afetiva, promovendo segurança diante do enfrentamento de dificuldades. É o que sugere claramente o relato de Mônica.

No entanto ao trazer Deus, como percebido naquele momento, faz a paciente referir-se à comunhão cujo conceito amplia o sentido antropológico, um fator que promoveu a passagem pelo ritual fúnebre não apenas de modo mais confortável e seguro, mas alargando sua consciência na direção de pensar as relações, a vida, o mundo e o amor, um amor diferente, chamado Deus e que parece nutrir – carregar de significado – o que antes lhe parecia esvaziado e obscuro.

Por isso, talvez, traga a expressão: “não tem como explicar”, pois Mônica refere-se a uma profunda e transcendente vinculação que para ela parece ultrapassar o que conhecia, sente ser de outra ordem. É uma aproximação, uma presença, naquele grupo e em todos, que lhe pareceu existir como sendo de alguém mais, alguém maior.

4.2.2 Análises do conteúdo teológico do Caso A – segundo recorte contido na consulta de número 3

Na consulta de número, 3 já haviam passado 15 dias do sepultamento de Clara quando Mônica relata uma espécie de discrepância entre o mundo como o concebia e como o percebe agora em meio à experiência de luto. Expressou:

Através dessa nova e dolorosa lente, todas as coisas revelam-se diferentes. Há mudanças inclusive em minha fé, é como se tudo ficasse suspenso sob nossas cabeças, as coisas que nos organizavam, nossas referências, parece tudo fora de alcance.

¹¹⁷ MOLTMANN, J. *No fim, o início: breve tratado sobre a esperança*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 152.

Mônica parece referir-se ao luto como uma dolorosa lente que a convida a ver sua fé de modo diferente, como que suspendendo-a, juntamente a segurança, com a organização e as referências para viver e que possuía anteriormente, os quais também constituíam seu mundo de crenças. Percebe com temor e estranheza que experienciar o luto está fazendo com que questione sua fé, sugerindo aflição e mudanças.

Mônica está em dúvida. Em suas palavras, há sinais de profunda angústia. Sugere sentir-se menos protegida, há uma sensação de vulnerabilidade e insustentabilidade presente nesse período.

Em Moltmann, o clamor e a tristeza pela constatação do mundo com suas reais dificuldades não é sinônimo de falta de fé; ao contrário, a fé em meio ao sofrimento poderá transformar o clamor em verdadeiro recurso:

Por isso ela transforma o sofrimento por causa desse “mundo não redimido” em dor consciente. No sofrimento por toda morte de uma pessoa amada e de toda criança abandonada se expressa o clamor: Até quando? [...] Os que choram por este mundo não redimido e suas vítimas amam a vida e não se conformam com a situação ora reinante. Não são os descrentes que são tomados por essa “tristeza divina”, mas sim, os crentes.¹¹⁸

Moltmann acentua, sem perceber verdadeiramente a dor do negativo, que não será possível uma fé realista e uma esperança libertadora.¹¹⁹ O autor chama a atenção para uma escuta em relação à dor e à fé que poderá ser transformadora, ponderando que essa é também uma tarefa da verdadeira Igreja na atualidade, *in verbis*:

O êxodo de uma sociedade ofuscada que ignora a dor psicológica e social do sofrimento no mundo e põe de lado os que padecem para poder desenvolver-se sem perturbação, levou também a um êxodo de uma igreja que não rompe decididamente com os mecanismos de defesa interiores e exteriores de seu ambiente social, mas que se alegra com a tolerância religiosa desta sociedade apática e que por amor a sua própria existência celebrou com ela uma paz corrompida, fazendo-se estéril.¹²⁰

Sugere, portanto, escuta e tolerância práticas, a partir dos quais se considere um suporte efetivo com conhecimento e empatia.

¹¹⁸ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*. Santo André: Academia Cristã, 2009. p. 296.

¹¹⁹ MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado: a Cruz de Cristo como base e crítica da Teologia cristã*, p. 21.

¹²⁰ *Ibidem*, p. 25.

Pode-se pensar que o luto é naturalmente esse confronto que mobiliza as estruturas que pareciam dar conta da vida como um todo. Diante de tamanha angústia, defesas serão incitadas na tentativa de salvar ou proteger o que pode devolver sentido.

Moltmann considera três possibilidades diante das dúvidas, das mobilizações e do sofrimento: a tendência ao absolutismo que implicaria agarrar-se rigidamente sem questionar o sempre já pensado; uma tendência ao relativismo, que corresponderia relativizar tudo que antes era pensado, e uma relacionalidade:

Quem compreende a relatividade da relatividade irá parecer relativista, colocar-se na situação do outro, o que não significa abrir mão de si mesmo. A relacionalidade do próprio ponto de vista a respeito dos outros significa viver em situações concretas e pensar o próprio em relação ao alheio. A falta de relação seria a morte. Assim, essa relacionalidade pode superar o absolutismo [...] e o totalitarismo do relativismo. [...] Realizar algo e torná-lo experienciável só é possível e razoável em relações vivas com os outros.¹²¹

No trecho em análise, as mobilizações de Mônica parecem sugerir esse fenômeno. A paciente sente-se impelida a questionar sobre o que lhe parecia ser absoluto. Ao mesmo tempo, aquilo que agora relativiza e que lhe oferecia segurança e sustentação, parece deixá-la à beira de um abismo que aqui já vislumbra. Sua angústia referente à morte e às mudanças despertadas pela ausência de Clara, é, portanto, em função de um alheio, um *outro*, que, como sugere Moltmann, a põe em relação, em contato relacional com o sentido de sua vida e com sua fé. Uma alteridade, que diante da morte, como visto no capítulo da análise filosófica em Levinas, também a coloca em uma espécie de recapitulação de todas as coisas.

No falecimento de Clara, Mônica, em vista da dor e de todas as dúvidas decorrentes, percebe a difícil possibilidade de uma relacionalidade com a morte que inicialmente parece fragmentar direções ideológicas absolutas ou relativismos sobre a vida. Uma porta que se abre através dessa relacionalidade e que poderá ressignificar apesar das e *pelas* dúvidas, uma aliança mais intensa e profunda com o sentido da vida e de sua fé. Por isso, Moltmann considera que a negação da busca no absolutismo ou os excessos no relativismo seria, de fato, o fim e a paralisação, ao passo que essa relacionalidade é sinônimo de possibilidade vital sustentadora do humano.

¹²¹ MOLTMANN, J. *O Deus crucificado: a Cruz de Cristo como base e crítica da Teologia cristã*, p. 28.

4.2.3 Análises do conteúdo teológico do Caso A – terceiro recorte contido na consulta de número 8

Na consulta de número 8, passados 48 dias da morte de Clara, as mobilizações em Mônica intensificam-se. No excerto a seguir, a paciente relata abertamente o seu desconforto e revolta na intensidade das dúvidas que emergem em relação à maneira como é possível compreender a fé e Deus a partir da experiência de luto:

Fui treinada para pensar com lógica e raciocínio, quando a coisa escapa da lógica eu fico sem chão. O interessante é que o que me desencaminhou foi a confiança na verdade, porque eu tinha mais confiança em mim, no mundo e em Deus, agora me sinto remando, não tem como isso não ter afetado a minha fé. Afetou a fé que eu tinha. O luto está sendo a minha oportunidade de repensar no que eu acreditava, e em como acreditava. E honestamente acho que pensar já é uma perspectiva bem positiva, que nem sei se vou conseguir manter... A fé que ensinaram a gente ter bota a perder a transformação verdadeira que eu acho que vivemos aqui. A fé que nos ensinam não dá conta disso. É como se a fé precisasse entrar pra dentro da vida, entende? E da vida real, a fé aqui não pode ser uma fantasia da vida. Sinceramente, foi por isso que não abandonei Deus, não porque eu me importasse com Ele, contudo que aconteceu; Deus é o que menos importa, o fato é que havia Cristo nessa história, que também sofreu, Jesus é pra mim um elástico, mantém a ligação, torna possível uma fé mais realista. Mas penso Cristo ressuscitado, aquele que está fora da dor, aquele que conseguiu, que consegue... É nessa ressurreição que aposto. É como a reconciliação com a vida e com o mundo que temos que encontrar pra sair desse luto um dia e poder voltar a sonhar...

De modo geral, pode-se pensar que a paciente ultrapassou o período mais agudo de choque e torpor, ou seja, está percebendo mais efetivamente a realidade. Sua consciência acerca do que está acontecendo se amplia. O que Mônica parece dizer é que foi “enganada” por sua própria lógica e confiança anterior, um jeito de pensar e sentir sua fé que agora já se mostra antigo. Uma fé que era para ela sumariamente confiança, confiança que tinha em si mesma, confiança que tinha no mundo e confiança que tinha em Deus.

O luto, no entanto, parece empurrá-la violentamente para uma revisão de si mesma, do mundo e de Deus. Mônica percebe o luto como uma grande mobilização, uma oportunidade imposta, de rever tudo que tinha como seu. Algo que transcende o *eu* e o *meu* como antes era tomado, experimentado.

Mônica está encurralada entre o antigo e o mistério referente ao que lhe parece novo, intenso e profundo. A fé como simples confiança, portanto, parece não dar mais conta de oferecer suporte ao que vive.

A paciente sente que não consegue confiar plenamente nem em seu pensar. Seu pensar parece-lhe limitado, pequeno diante do que experimenta. É como se Mônica sentisse que suas antigas ferramentas (tão lógicas para a vida) se mostrassem agora insuficientes. Sente-se pequena e vulnerável, está diante de algo tremendamente desafiante e desconhecido para o que não parece ter defesas prévias. Mônica percebe sua habilidade de enfrentamento como sendo insuficiente. Ao mesmo tempo que sente essas angústias, de algum modo, parece buscar alargar suas primeiras noções sobre Deus e fé. De fato, não é Mônica quem é pequena, mas a circunstância que a desafia é que é grande.

A paciente percebe que a fé aprendida não lhe dá sustentação efetiva para o que vive, precisa encontrar caminhos. Mônica não quer mais enganar-se, deseja uma fé não fantasiosa, na qual possa referendar o que de fato vive. Sua busca aqui já é tão forte quanto a mobilização que enfrenta.

No final da fala, é possível observar que a fé entra no diálogo interno da paciente de modo novo, para dentro de sua experiência de vida e não em torno da palavra *Deus*, mas da palavra *Cristo*. Uma suposta cisão de que se tratará mais tarde. Cristo, aqui, surge, para Mônica, como alguém que introduz essa “nova” fé para dentro da vida. Nesse momento para a paciente, Cristo parece ser mais importante que Deus, ele é o “elástico”, isto é, uma força de ligação que, apesar de todas as sacudidas do luto, mantém Mônica conectada a uma fé, que já não é mais aquela que possuía antes da morte de Clara.

Cristo torna-se o “elástico” porque sofreu, aponta a paciente, mas também porque transcendeu a dor. Mônica refere-se a alguém que sofre, pois sente ecoarem suas dores no enlutamento; no entanto, atenta ao fato de que este mesmo Jesus é o Cristo, aquele que ressuscitou, ou seja, aquele que venceu a dor. É nele que Mônica busca apostar sua esperança.

Logo, essa forma de sentir constrói na paciente uma força sustentável, dentro de uma perspectiva que ela entende como sendo uma fé mais sólida, realista. Dito de outro modo, Mônica encontra um caminho para uma fé que não nega a dor; pelo contrário, a dor parece, nessa perspectiva, integrar-se ao processo de ampliação da consciência e, de algum modo, revela-se como um eixo de recuperação na sua busca pela verdade, estruturação, amparo e suporte.

“Elástico” aqui é uma palavra interessante, pode ser compreendida como sinônimo de vinculação, eco que viabiliza na paciente uma identificação, uma

conexão a partir do humano em Jesus na direção do Cristo. Jesus Cristo parece tornar-se uma figura vincular para Mônica, bastante próxima do que ela vive, e que, portanto, de algum modo, a expulsa de uma fé antes, talvez, quase automática.

É nessa dinâmica que a paciente associa fé, ressurreição e esperança no final de sua reflexão, de tal modo que as palavras parecem convergir umas para as outras e se complementarem, alcançando, inclusive, o termo *reconciliação*.

Merecem destaque os aspectos *fé* e *Deus*, trabalhados neste relato, para a paciente, que já não são mais palavras em torno de um simples conceito de confiança. Os sofrimentos de Jesus no eco de suas dores humanas vinculam Mônica à Esperança que, no Cristo ressurreto, tornam-se também caminhos de reconciliação consigo, com Deus e com o mundo, forças que se complementam e que parecem trazer de volta um sentido mais pleno que permite à paciente mover-se, seguir adiante, oferecendo ao processo de elaboração do luto uma espécie de fluência. E como isso acontece é o que a pesquisa busca compreender.

O luto e a própria expectativa de Mônica tornam-se uma experiência da realidade como parte de sua história e dentro dela. Para Mônica a ressurreição torna-se agora promessa, necessidade e chamado. A ressurreição faz sentido de modo concreto em sua vida. É possível pensar, então, que o conceito de *realidade* (como história) é um conceito apropriado para Mônica em relação à ressurreição e à lógica da fé no seu processo de elaboração do luto.

A promessa da ressurreição passa a acompanhar a paciente em sua caminhada, peregrinação, não a desampara na dor e na ausência de sentido provocada pela morte, ao mesmo tempo que a move e a auxilia a discernir passado de presente, motivando-a em relação ao futuro já dentro deste atual e doloroso presente.

Discernir aqui implica abandonar uma antiga realidade, é também sinônimo de processo de elaboração do luto, é a revisão do mundo antigo na direção do novo. Há, talvez, toda uma vitalidade que renasce quando, pela esperança, relacionada à ressurreição, viabiliza-se no enlutado antever o que está adiante de si e que pode representar a ele luz e libertação.

Nessa dolorosa caminhada, ver o que está à frente tem especial valor recuperativo, promove fôlego e ventilação. É vitalizador, uma perspectiva essencialmente facilitadora no enfrentamento da dor, quando alcançada naturalmente por uma construção de sentido sustentadoramente positiva, ou seja,

uma perspectiva que permita compreender que há algo de que não se abandona e que também não morre.

Quando Mônica protesta sobre o que lhe escapa da lógica, está de acordo com o previsto para as etapas de enlutamento; também contestando a adversidade sofrida; no entanto, aqui, aparece a revisão de sua antiga forma de crer, organizar-se e sentir a vida, que, por si só, já percebeu, não a supre de compreensão, coerência, vitalidade e sentido. Mônica parece afligir-se com uma nova necessidade: buscar outra forma de acesso para compreensão do que se passa.

As dúvidas de Mônica realmente parecem encaminhá-la a rever seu modo de crer, sugerem uma espécie de aprofundamento em relação à sua fé, conseqüentemente, na maneira como concebia Deus, a si mesma e o mundo.

Nessa direção se pode pensar que *sair da lógica* é uma expressão que, em Mônica, sugere um novo caminho, talvez a mais íntima e efetiva conversão. O luto a convida para a busca de verdades que sustentem, independentemente do absolutismo da lógica, a realidade de sua vida.

Crer, no senso comum, pode dizer algo tanto a respeito de uma opinião incerta como de uma adesão firme, mas Mônica relaciona-se com uma fé específica associada ao universo católico.

Partindo desse princípio, na definição teológica bíblica da palavra *fé*, se encontra o que se refere a uma postura e atitude internas daquele que crê. Nessa concepção, é traduzida por fidelidade, um sentido de base, porto seguro, ou seja, vínculo e firmeza.¹²²

É, portanto, possível pensar que Moltmann, Bowlby e Parkes convergem não apenas na ideia de que luto é expressão vincular, mas que amor, perda e fé estão (para esses autores) profundamente inter-relacionados, e como fenômenos da natureza e vida humanas, podem trazer nova maturidade, alargando a consciência sobre a vida e o mundo, como uma nova instrumentalização diante do viver e do ser.

Assim, se pode compreender a densidade da demanda de Mônica ao trazer a fé para dentro da vida, um pedido íntimo, uma entrega, um desejo honesto e profundo de voltar a crer com segurança. Isto é, crer em algo que lhe dê uma fiel, genuína e efetiva sustentação para ser e amar, ainda que de outro modo e dentro do processo de luto, no qual vem descobrindo, ou seja, que amar, ser e viver,

¹²² LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de Teologia*, p. 718.

independentemente do tempo e do espaço, na perspectiva de compreender e sentir o que é a vida real. Logo, amor e perda, luto e fé estão aqui na direção de uma concepção da verdadeira vida em toda sua inteireza.

Uma demanda, portanto, de vitalização que começa a ser expressa e trabalhada quando Mônica traz a fé para dentro do espaço terapêutico, um primeiro ensaio, quem sabe, já na direção de aproximá-la da retomada ou reconstrução de um caminho, tal como sente que precisa e que lhe traria verdadeiro sentido. Desse modo, é possível constatar a importância de disponibilizar uma escuta atenta e afetiva em espaço livre, acolhedor e sem imposições às reflexões da paciente enlutada.

Quando a paciente diz que no luto Deus é o que menos importa, talvez estivesse se referindo a movimentos relacionados aos dois primeiros atos sequenciais que cita Santo Agostinho; crer Deus e crer a Deus¹²³. A paciente parece estar revendo suas concepções sobre quem é Deus, talvez para chegar ao terceiro ato sobre crer em Deus. Se Deus, como apreendido por Mônica, carregou uma imagem de exclusivamente onipotente, acima de tudo e de todas as coisas, como pôde, com todo seu poder, não impedir Clara de morrer tão jovem?

Esse Deus distante e superior parece não fazer sentido à paciente neste momento, fato que a impele na direção de reconhecer Deus, movimentando-se na direção dele de outro modo. No trecho aqui analisado, mais intimamente associado à ideia de Jesus Cristo como aquele que sofreu e ressuscitou. Pode-se dizer que Mônica busca Aquele que venceu a dor. Nesse movimento, a paciente parece deixar sua antiga noção de Deus de lado para, em Cristo, atentar-se, como que caminhando para dentro de algo que precisa redescobrir; logo, como expressa Santo Agostinho, no terceiro ato sequencial, Mônica parece movimentar-se para o *em Deus*.

A dor da perda em Mônica a leva a rever Deus, olhando primeiramente Cristo, portanto, pode se pensar que o impacto da perda, sua tristeza e dúvidas revelam também uma função teológica para a paciente: buscar com profundidade uma nova solidez, a fé como dado revelado em Cristo.

Moltmann defende que a dor e o sofrimento têm uma caracterização bastante semelhante na direção de uma fé verdadeira, como segue:

¹²³ LACOSTE P 723.

O cristianismo ocidental já não pode mais ver a dor dos que sofrem neste mundo sem sentir-se profundamente afetado. A dor do meu irmão é também a minha dor; a sua libertação é, conseqüentemente, também a minha [...], pois na dor do Crucificado ambos veem sua vocação mais verdadeira: viver uma fé com conseqüências. Vivenciar uma esperança que seja solidária.¹²⁴

A dor da perda, Cristo e esperança tornam-se desse modo presentes e desde já como expressões inter-relacionadas nas ponderações da paciente enlutada. De igual modo, Mônica, quando traz Cristo, o faz nos moldes de Moltmann, para quem Deus é Deus da Esperança, que se revelou como o Deus crucificado, para, com isso, identificar-se com todos os crucificados deste mundo.¹²⁵

Assim parece que a cisão entre Deus e Cristo a serviço de uma redefinição de sua fé, em Mônica poderá se mostrar temporária, pois a paciente não anula Deus em detrimento de Cristo; parece muito mais colocá-lo de lado enquanto redescobre também o Cristo, exercício quase que pedagógico de alguém que se depara com uma nova, profunda e desafiadora realidade, que, no eco de sua alma, só pode ser assimilada aos poucos.

Mônica está como que ressignificando sua fé em blocos, ou seja, aos poucos, recomeçando com o que parece estar mais próximo de sua experiência, pela dor, um elo elástico de identificação com Cristo, a seguir em sua busca pelo Ressurreto.

Assim, o luto em Mônica é renúncia a uma antiga identidade, caminhada na direção do desconhecido, dolorosa desacomodação, mas por sua corajosa perspectiva também é entrega, desafio e convite; outrossim, nesse sentido, é salvação. O resgate de uma fé que ocorre em meio a uma luta, lado a lado, passo a passo, com o antes e o agora, o mundo como presumido e a realidade presente em todo seu sofrer. Moltmann, no que se refere à identidade e à relevância da fé cristã, propõe:

Trata-se antes da pergunta pela própria identidade e integridade pessoal, pois cada ato de abnegação na ação histórica apresenta uma aventura e é um caminho à não identidade. Renunciando ao que era e ao que sabia ser, após abnegar-se, a pessoa encontra novo eu. "Aquele que quiser salvar sua vida, a perderá, mas quem perder sua vida, a encontrará", são palavras

¹²⁴ MOLTMANN, J. *O Deus crucificado: a Cruz de Cristo como base e crítica da Teologia cristã*, p. 8.

¹²⁵ Idem.

escatológicas de Jesus. [...] Apenas mediante a entrega ao estranho, desconhecido e outros, o homem chega a si mesmo. Quando os cristãos se entregam deste modo a uma situação de conflito, [...] na verdade, eles estão renunciando àquelas tradições, instituições, perspectivas e sensações de fé, nas quais, eles até agora, encontravam sua identidade. Mas isso não exclui [...] “o apelo incessante pelo espírito de proteção”, na confiança de que a identidade está guardada e protegida com Cristo em Deus, aquela entrega de si é possível, o caminho à não identidade e desconhecimento não se prende a velhas formas de identidade nem teme tocar as formas de identidade daqueles com os quais se luta lado a lado. Isto então significa [...] “tomar sua cruz sobre si” para seguir aquele que abriu mão de sua identidade divina para encontrar sua verdadeira identidade na cruz.¹²⁶

Moltmann, na Escatologia, é autor da contemporaneidade para quem fé e esperança convergem reveladas no Cristo, um futuro que, na fé, como dado da revelação, mergulha no presente como arma, defesa para esse mundo de dores e escuridão na direção do verdadeiro amanhecer:

Jesus aparecerá como sabedoria no centro da nova criação de todas as coisas. O “dia do Senhor” se tornará o “primeiro dia” da nova criação. Por isso ele está cheio de luz e pode ser imaginado como o “nascer do sol” sobre um mundo em “trevas e sombras da morte”. [...] Se, porém esse dia já está tão próximo como o reino de Deus que Jesus proclamou, então, seus efeitos já devem ser perceptíveis, como os primeiros raios de sol nascente: “As armas” da luz do novo mundo já estão à mão, já se experimenta “o poder da ressurreição”.¹²⁷

Aqui se pode pensar uma aproximação de sentido com o relato da paciente. Se luto é escuridão, nas buscas aflitivas de Mônica no âmago do enlutamento, quando a paciente volta sua atenção ao Cristo ressurreto, aquele que, como expressa, “está fora da dor aquele que conseguiu, que consegue” é como se a paciente buscasse um amanhecer, perceptível e possível através da esperança que na fé é como luz a lhe indicar um caminho. Mônica, como ela mesma diz, “aposta nessa ressurreição”, esperança que desse modo vive desde já, no início de suas angústias.

No final da passagem da consulta 8, a paciente associa a palavra *ressurreição* à *reconciliação*, utilizando a última quase como uma definição da primeira:

Mas penso Cristo ressuscitado, aquele que está fora da dor, aquele que conseguiu, que consegue, é nessa ressurreição que aposto. É como a

¹²⁶ MOLTMANN, J. *O Deus crucificado: a Cruz de Cristo como base e crítica da Teologia cristã*, p. 33-34.

¹²⁷ MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 478-479.

*reconciliação com a vida e com o mundo que temos que encontrar pra sair desse luto um dia e poder voltar a sonhar...*¹²⁸

Uma escuta clínica atenta, à primeira vista, possibilita detectar, pela carga emocional contida nas palavras de Mônica, que não está se referindo aos termos *ressurreição* e *reconciliação* a partir de uma definição superficial ou comum. A carga emocional presente não está estritamente relacionada aos sentimentos e às sensações do enlutamento, embora esses também estejam latentes e inter-relacionados. Existe algo mais em suas palavras. É como se as palavras contivessem para a paciente um tom de mistério, certa força, como se fossem para Mônica palavras que guardam um sentido sagrado e uma espécie de esperança.

O respeito e o conhecimento sobre o sentido de suas palavras parecem desenhar o início do suporte oferecido à paciente. Respeitar aqui, portanto, é buscar primeiramente compreender, cujo efeito tende a ser o pertencimento e a entrega, talvez primeiramente ao espaço de recuperação e, mais tarde, à devolução do indivíduo ao cuidado de si mesmo, a partir do que nesse espaço pôde pensar, redescobrir, construir ou reconstruir.

As buscas partem então das referências de Mônica na sua fé. Desde o *Antigo Testamento* os termos *mysterion*, *sacramentum*, *Escatologia* e *reconciliação* estão associados.¹²⁹ *Mysterion* como expressão para o que em Deus seria revelado em meio aos homens, no *Novo Testamento* definido pela graça, no vínculo essencial para com a pessoa de Jesus Cristo, onde *sacramentum* aparecerá como a manifestação entre os homens desse mistério: os sacramentos, cuja compreensão integral e primeira revela o Batismo e a Eucaristia que, de modo especial, consolidam a comunhão,¹³⁰ caminho e futuro, a Escatologia que para o ser humano torna-se a possibilidade de pertencer a Deus, tendo a ressurreição de Cristo como seu principal sinal.

É possível que Mônica refira-se ao desejo de reencontrar, sentir novamente, redescobrir, ou resgatar de algum modo a sensação da paz de Deus em sua vida, ou talvez esteja não apenas desejante, mas começando a tornar-se consciente de

¹²⁸ Trecho final do relato da paciente Mônica contido no recorte retirado da consulta de número 8, já transcrito anteriormente e também presente na íntegra do seu acompanhamento clínico no ANEXO A.

¹²⁹ LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de Teologia*, p. 1574.

¹³⁰ Idem.

que é um caminho de descobertas propriamente novas, uma vez que nunca viveu antes o que está vivendo agora.

É provável que, pela intensidade das dúvidas e aflições que invadem a mente e o coração de Mônica, apresente certa angústia e preocupação que se sobrepõem às dores do luto, por se sentir distante de Deus e tão frágil neste momento de sua vida. Uma espécie de culpa que pode sobrecarregá-la e, ainda mais, soterrá-la diante de tudo que está sendo obrigada a administrar no momento.

Na dimensão de sua fé, se pode pensar que Mônica parece lutar entre as noções de pecado como afastamento de Deus e arrependimento por sentir o que sente, justamente porque não lhe é possível negar as dúvidas que a assolam.

No que se refere à ressurreição, a premência de Mônica parece revelar-lhe a esperança de uma possível nova compreensão, quem sabe, uma espécie de renovação referente à sua antiga forma de sentir sua fé em Deus. Uma esperança na direção de uma conversão íntegra e verdadeira tendo como sinal principal uma busca centrada profundamente nos dados da Revelação.

Quando a paciente enlutada traz a ressurreição, pode estar dirigindo-se a uma abertura, a um portal entre este mundo e o outro, na esperança da manutenção do vínculo com Clara, quem sabe, uma nova noção de pertencimento e comunhão, uma vez que entende Cristo como ligação, “elástico”. Talvez Mônica busque, através de Cristo ressurreto, a possibilidade de sentir-se ligada no além-terra, a um amor sempre vivo, que, de modo especial, está representado por Jesus que também sofreu.

A associação *ressurreição e reconciliação*, no discurso de Mônica, mergulha o termo *reconciliação* no valor do sacramento, pois parece sinalizar na paciente um desejo verdadeiramente pacificador e profundo de reencontro com Deus, com a fé, consigo e com o mundo, paralelamente ao que espera encontrar: acolhida, clareza e suporte diante do que vive, fator que pode vir a confirmar um caminho para uma profunda reconstrução de sua fé, a conversão.

Aqui também se pode pensar num novo indício de salvação que a paciente parece buscar; deseja alívio para sua angústia e aflição, porém não apenas relacionada ao luto. Mônica parece buscar uma chave, talvez um retorno, quem sabe um novo e mais seguro caminho para a *Casa do Pai*.

Na associação das palavras *ressurreição e reconciliação*, considerando o Sacramento da Reconciliação, a paciente pode estar sinalizando um endereço para

Clara, ou seja, a existência do céu, bem como seu desejo de ter acesso a esse lugar quando partir deste mundo, um endereço, portanto, também para si.

Tendo a reconciliação como sacramento, se pode pensar que a paciente estaria buscando o fim ou o alívio de seu sofrimento, o desejo de reencontrar a leveza para viver que foi perdida em meio ao enlutamento. Mônica deseja seu restabelecimento, a saída do obscuro, quer retomar sua vitalidade, recuperar-se. A paciente também parece denotar, no latente de suas palavras, uma espécie de anseio profundo em relação à sua fé, talvez na direção de que Deus a compreenda e perdoe. Do mesmo modo, Mônica parece exigir-se em seu amor por Deus, e, em sua antiga confiança, por si, não é capaz de normatizar ou naturalizar sua revolta e suas tristezas, que, neste momento de sua vida, se mostram maiores do que ela. A paciente gostaria imensamente de estar melhor com sua fé. Talvez se sinta no papel de Judas. Reforçar seus sentimentos de culpa, dor, desamparo e traição em relação a Deus com avaliações, juízos críticos ou julgamentos, pontuando a fragilidade de sua fé, seria-lhe desastroso e disfuncional nesse período.

Em vista disso, pode-se pensar precisamente que mistério e sacramento são conceitos que acolhem a primeira impressão relacionada à carga emocional contida nas expressões da paciente em dimensão teológica. De fato, as palavras *ressurreição* e *reconciliação*, citadas pela paciente, a seu modo, estão em torno de algo que para ela mostra-se agora fundamental: a vida de Jesus Cristo.

Na Patrística em Santo Agostinho, mistério e sacramento representavam quaisquer palavras das santas letras, tornando-se nesse período do desenvolvimento teológico, figura de realização hermenêutica principal, também na ideia do por vir em Cristo.¹³¹

No entanto, a força semântica a que Mônica parece se referir encontra-se muito mais voltada à reconciliação associada à experiência da ressurreição, como algo que ela pudesse vir a alcançar desde já no presente doloroso que vive. A paciente não está em atitude de quem aguarda; pelo contrário, sua forma de sentir está em suas ponderações como pró-atividade, como busca e aposta.

Nesse sentido, Mônica relaciona-se aos termos *ressurreição* e *reconciliação* de maneira bastante próxima das concepções de Moltmann. Para esse teólogo,

¹³¹ LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de Teologia*, p. 1575.

Jesus Cristo é o meio reconciliador fundamental, através do qual serão renovadas não apenas a fé pessoal, mas todas as coisas do mundo, o cosmos:

Justamente por conclamar a fé pessoal em Cristo o cristianismo não é antropocêntrico, mas em verdade cristocêntrico. Justamente por existir como comunidade, o cristianismo não é eclesiocêntrico, mas teocêntrico. Cristocentrismo e teocentrismo incluem o cosmo e não o excluem. Pois na fé pessoal se experimenta um renascimento que abrangerá céu e terra, e na Igreja tem-se o protótipo do templo do Espírito Santo no qual, um dia, todo o cosmo será transformado. [...] A respeito de Cristo pode-se pensar somente de modo inclusivo. Quem pensa de modo exclusivo sobre Cristo, não em favor do outro [...], este ainda não entendeu o Reconciliador do mundo.¹³²

Encontra-se aqui, desde já, as noções de um renascimento cujo sentido transcende o antropológico na direção de tudo aquilo que abraça céu e terra, bem como a fé pessoal, o sentido latente nas associações da paciente. As palavras de Mônica surgem nessa perspectiva, carregadas de sentido teológico esboçando esperanças em sua experiência de desconstrução e reconstrução da fé em meio ao luto.

Nessa perspectiva, a associação entre *reconciliação* e *ressurreição* na paciente, de acordo com a aproximação das concepções de Moltmann, converge também para um caminho que do pessoal, em Mônica, poderá vir a expandir-se para uma nova compreensão de mundo, de destino e demanda que são, inclusive, citados pela paciente no final deste mesmo recorte.

A história pessoal da paciente pode tornar-se espaço para a graça e a reconciliação, que Moltmann compreende como redenção, cujo caos da vida no mundo não é negado, não se limita a um aprisionado olhar singular e específico; no entanto, também não menospreza ou subestima o pessoal, assim como redenção e reconciliação se destinam integralmente à possibilidade de um mundo renovado para todos:

Por isso vivemos num momento decisivo (Kairos), no qual se encontram Cristo e caos, e nós precisamos opor à “ameaça à natureza” uma “cristologia da natureza”, de acordo com a qual o poder redentor não atinge somente a mente e a moralidade de homens, mas toda a natureza. Do mesmo modo como a História, também a natureza é “palco da graça e espaço da redenção.”¹³³

¹³² MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 409.

¹³³ *Ibidem*, p. 411.

Nesta análise, a partir das palavras de Mônica, é possível pensar que o luto, como caos faz parte da história da paciente, mas também da história do mundo, pois muitas são as perdas que acontecem na contramão de tudo que seria esperado e normal viver. Essa é também uma das dores de Mônica diante da morte de Clara ainda na juventude. Por isso, não obstante, se pode considerar que, na experiência de Mônica, Cristo e caos se encontram transformando o luto em um espaço para a graça e a redenção, levando a paciente a ponderar não apenas sua fé, mas as relações com o mundo que sustentam sua vida. Porém importante é ressaltar que, nessa perspectiva, o luto não é evento, ou dor necessária para que a transformação venha a ocorrer, esta seria uma abordagem pobre e limitadora, mas muito pelo contrário, o luto traumático é o efeito do caos a ser combatido. A busca pela transformação é um olhar para o alto, saída resiliente diante de um mundo que impõe injustamente dores que deveriam ser evitadas.

Assim, é possível considerar, ainda, quando a paciente destina seu olhar, diante do caos, para Cristo ressurreto e a reconciliação, está alimentada de uma pulsão vital que procura, ao invés de acomodar-se na dor ou superá-la, no sentido de resignar-se ou passar por cima da dor e da adversidade, movimentar-se para um emergir, verter *de* e *por* dentro do processo de luto. Com isso quer ampliar, alargar suas compreensões, e antigas fronteiras, a partir de um olhar verdadeiramente profundo e honesto sobre a vida real, dentro do mundo real, em que a paciente agora percebe que todo ser humano encontra-se nele imerso.

Mônica, ao citar a ressurreição, parece nutrir-se já na busca de uma luz, de uma fonte vital que para a paciente é anterior à vida no mundo, um movimento gradativo e circular que, em seu processo de elaboração, se mostrará do submergir ao emergir em um contínuo crescente, como se pode acompanhar ao longo de todo ANEXO A.

Para Moltmann, toda a Cristologia deve trazer a escuta do caos no mundo como reconciliação, a possibilidade do resgate da harmonia nutrida de Cristo:

A harmonia do mundo, pois tem por ponto de partida a reconciliação de todas as coisas por meio de Cristo e a reconciliação pressupõe um estado de harmonia do mundo perturbada, de poderes mundiais inimigos entre si e do caos ameaçador. Cristologia cósmica fala do cosmo reconciliado, "permeado de Cristo".¹³⁴

¹³⁴ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 413.

Aqui é possível notar que o endereço, o destino e a força que a paciente busca para emergir de seu estado de perturbação são os mesmos que aponta o autor como fonte de reconciliação e harmonia.

Em Moltmann, a reconciliação tem Cristo, como Senhor, e desse modo a define:

O “Senhor” é designação para um sujeito. Seu “senhorio” consiste na superação de inimizade e violência e na divulgação de reconciliação e de vida sonora. Reconciliação une o que está separado e estabelece a paz. Ela dá vida ao que está estarecido e morto. A área de domínio de Cristo é toda a criação, o visível e o invisível, todas as esferas, portanto, que envolvem a humanidade e das quais homens participam, e também aquelas esferas que estão fora do alcance dos homens, porque lhes permanecem inacessíveis, como, por exemplo, os céus.¹³⁵

Exatamente essa força encontra-se nas palavras de Mônica, inclusive se pode considerar que está em todos os sentidos da expressão de Moltmann, assim, por exemplo; a esperança da paciente no resgate de uma vida sonora, isto é, vitalizada, com escuta e carregada de significado, vida em paz e união com Deus, dentro do mundo, entre as pessoas, vida para Clara que já não está mais no seu convívio. Também vida para si, ou seja, a saída do seu estarecimento, ligação, comunhão entre o visível e o invisível, com acesso e pertencimento ao que por si, exclusivamente, seria-lhe impossível acessar e a mesma noção fundamental: Cristo como um *através de*, que representa também o alcance de todas as suas esperanças.

E o reforço da análise que parte das palavras de Mônica se dá, ainda, no sentido do Ressurreto, pois para Moltmann o fundamento cognitivo para Cristo, por meio do qual são todas as coisas, é a experiência pascal do Ressurreto.¹³⁶

Diante disso e, de certo modo, é viável considerar que a paciente parece compreender que não pode alterar-se mais do que já sofre, porque está diante de um limite: deseja um amor que possa vir em sabedoria encontrá-la; quem sabe, trazê-la de volta. Talvez esteja aí também o sentido de Cristo citado como “elástico”, no mesmo recorte e na mesma consulta.

Mônica sente que precisa de uma sabedoria não apenas racional, mas amorosa, companheira, uma nova solidez e coerência, algo que possua algum tipo

¹³⁵ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 415.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 416.

de confirmação, um vínculo renovado, ampliado, melhor compreendido e por isso sustentador. Um vínculo em que todos os outros venham incluir-se. Ao mesmo tempo, essa é uma busca que parece conduzi-la para a redescoberta da alteridade. A paciente anseia sentir-se novamente sendo, existindo; porém, sua tentativa revela a direção de ser com e, de algum modo, naquele que é, Jesus Cristo. Nesse sentido, encontra-se em Moltmann, o seguinte argumento:

O criador” confirma o universo por meio da presença imanente de sua sabedoria em todas as coisas. O Cristo que destrói a morte em sua ressurreição dentre os mortos revela-se nas dimensões dessa Sabedoria da criação e foi entendido assim desde muito cedo. [...] Essa confirmação de céu e terra pode ser entendida como a aliança de Deus com sua criação. A Sabedoria dá a todas as coisas sua coerência e a harmonia na qual adquirem consistência. [...] Nesse mundo de conceitos, a “Sabedoria” é o secreto laço da criação. Ela sofre a inimizade das criaturas, sua desordem e mortalidade. Em sua paciência ela garante a coesão de tudo e o vivifica “a cada manhã”. [...] A razão de ser para a cristologia [...] é a morte de Cristo. Segundo a Epístola aos Efésios, Cristo “matou a inimizade” por meio de sua morte e “reconciliou” judeus e gentios com Deus (2,16). De acordo com a Epístola aos Colossenses, “todas as coisas” no céu e na terra estão reconciliadas com Deus por meio dele [...]. Cristo não morreu apenas para a reconciliação dos homens, mas para a reconciliação do cosmo (2Cor 5,19). Reconciliação não é uma ideia poética, mas um conceito jurídico e significa o restabelecimento da comunhão legal prejudicada. Nesse sentido não é muito grande a diferença entre as epístolas paulinas originais e as Epístolas aos Efésios e Colossenses. Provavelmente se trata de duas linhas de pensamento que levam à percepção da reconciliação do mundo a partir do conhecimento da reconciliação pessoal com Deus na fé. [...] É a corporal “plenitude da divindade” em Cristo (Cl 2,9) que rompe todas as barreiras e que “precisa” abranger e redimir todas as coisas.¹³⁷

De fato, diante das desordens do mundo, Cristo ressurreto é para a paciente o secreto laço e a sabedoria, a esperança no amanhecer depois da noite escura da alma que o luto representa na imposta, intensa, fragmentária e confusional dor da perda, em duas linhas de pensamentos subjacentes; uma relacionada à reconciliação pessoal, sua fé, e outra no expresso desejo de encontrar a reconciliação com o mundo e, portanto, potencialmente também do mundo, a preservar o verdadeiro valor da vida, como a paciente finaliza este recorte analisado.

Para Moltmann a reconciliação é também a do mundo em relação a Cristo, ou seja, deve ser compreendida no pano de fundo das buscas do ser humano pela integração a esse horizonte escatológico e de paz.¹³⁸ O teólogo sugere que a

¹³⁷ MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 418- 419.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 420- 421.

reconciliação é processo de conscientização e amadurecimento que destina o ser humano ao novo, como revela:

Reconciliação é o início da nova criação, não seu alvo. “Estando, pois, reconciliados com Deus por meio da morte de seu Filho, quanto mais agora, uma vez reconciliados, seremos bem-aventurados por sua vida” (Rm 5,10). Essa lógica do “quanto mais” deve ser aplicada também a ideia da reconciliação do mundo. A reconciliação de “todas as coisas” [...] na cruz não é alvo, mas começo da reunião de “todas as coisas” sob a “cabeça” de Cristo e com isso o começo da nova criação de todas as coisas por meio da destruição da própria morte. [...] O resumo de todas as coisas por meio da Sabedoria da qual foram criadas originalmente.¹³⁹

Mônica, ao desvendar suas expressões de luto associadas ao tema da reconciliação e ressurreição, parece estar sinalizando o início de uma compreensão mais profunda sobre sua fé, bem como denuncia que, diante desse fim, na morte de Clara, deseja e/ou vislumbra um novo começo. Assim, objetivamente, se refere Moltmann à força da esperança cristã:

Pois a esperança cristã é a força da ressurreição das falhas e derrotas da vida. Ela é a força do renascimento da vida a partir da sombra da morte. Ela é a força para o novo começo [...]. Pois ela é Espírito do Espírito da ressurreição do Cristo traído, maltratado e abandonado. Por sua divina ressurreição dos mortos, aquele final sem saída de Cristo na cruz do Gólgota transformou-se em seu verdadeiro início. Se estivermos conscientes disso, [...]esperaremos que em cada fim se oculte um novo início. Contudo, somente seremos capazes de novos inícios se estivermos dispostos a abandonar o que nos atormenta e o que nos falta. Se procurarmos o novo início, ele nos encontrará.¹⁴⁰

Há uma importante convergência aqui entre a Teologia e a Psicologia em face dos cuidados no enlutamento. Quando Moltmann aponta às noções sobre abandonar, no sentido de tornar possível o novo, vê-se uma aproximação com a elaboração psíquica.

No capítulo acerca dos cuidados diante do luto, a pesquisadora canadense Rando pontua fases e estágios do luto que iniciam com o reconhecimento e a compreensão sobre a perda, sendo que abandonar surge não como simples tarefa, ao contrário, é um dos últimos processos *R* de elaboração, apontados no quadro 1.

¹³⁹ MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 422.

¹⁴⁰ MOLTMANN, J. *No fim, o início: breve tratado sobre a esperança*, p. 9.

Abrir mão do antigo para dar espaço ao novo no enlutamento, isto é, fazer mais do que sobreviver à perda, reinvestindo na vida, é, portanto, sinônimo de finalização do processo de adaptação e elaboração; pressupõe uma tortuosa caminhada anterior, levando a pensar o luto como passagem, transição, como aponta primordialmente o psiquiatra inglês Parkes.

Esse processo, de acordo com os autores Stroebe e Stroebe, oscila entre fases e etapas, ora se dirigindo ao enfrentamento das repercussões emocionais, ora de cuidados mais instrumentais diante da vida, entre progressões, regressões e novas progressões até que o enlutado possa dirigir-se ao presente e ao futuro, tendo preservado em bom lugar seu passado, sentindo-se recuperado e, por que não dizer, tendo transformado o sentido de sua vida e existência. Exatamente isto é o que oferece ao ser humano no enlutamento, o sentido fortalecedor, o êxodo que desenha Mônica no meandro de sua reconstrução, de modo fundamental em sua fé, a caminho de um novo início, como assinala Moltmann.

As duras demandas desse processo, seu ritmo e todos os desafios que impõem ao ser humano são, desse modo, entendidos como naturais. Pensa-se, portanto, que naquilo que se refere à fé, sua elaboração, desconstruções e reconstruções, não há motivos para que sejam diferentes. Enlutados precisam sentir que podem questionar suas crenças oferecendo-se tempo para o riquíssimo processo de transformação que experimentam. Isto é o que, de fato, nos mostra Mônica, sem negar a verdade do que vive.

Os relatos de Mônica e a pesquisa convergente propõem pensar que no luto, como na fé, não é possível antecipar etapas na caminhada de elaboração; a garantia do cuidado não se mostra no impulso ou na exigência, muito sim no suporte, na acolhida, na tolerância. Orientadores e cuidadores são aqui muito mais guardiões de travessias, que mantêm portas abertas e acompanham, do que professores ou conselheiros exigentes. Incompreensões na escuta, informações ou construções prontas, impostas por frases firmes, podem assassinar ou distorcer a esperança verdadeira que aqui se encaminha na direção de deixar partir o insustentável para que se instaure aquilo que verdadeiramente se tornará sustentável.

Com Mônica se pode pensar que o caminho de reconciliação, talvez de conversão verdadeira, inicia pela escuta, cuja necessidade a própria paciente

reconhece e oferece a si mesma nesta primeira etapa do processo de elaboração do luto, quando desnuda esse conteúdo em seu espaço psicoterápico.

Para Moltmann é a verdadeira Igreja de Cristo o início sanador da criação sã num mundo enfermo.¹⁴¹ Onde Cristo como experiência e vida, na ressurreição, abolirá o último inimigo, a morte, tendo em vista o reino da paz restabelecido.¹⁴² Futuro e esperança de lágrimas enxugadas, quando se fará justiça às vítimas de uma evolução que, em sua ambigüidade, não tem efeito e sentido salvífico, pois não oferecem espaço e nem valor às riquezas de Cristo, como redentor, associada a ela.¹⁴³ Logo, a escuta na associação de Mônica entre luto, reconciliação e ressurreição, poderá apontar caminhos e cuidados a serviço de mais do que uma perspectiva evolutiva diante de adversidades: uma nova construção.

Moltmann explica que, o novo em termos de redenção e reconciliação é algo que flui do futuro para o passado. Nesse sentido, estão bastante próximas das expressões que também revelam os anseios de Mônica, para quem a reconciliação, na ressurreição, é presença que vem do futuro para seus dias, ao hoje.

Há que ser chamado de escatológico aquele movimento da redenção que se opõe à evolução: é um movimento para expressá-lo em categorias temporais, que ocorre do futuro para o passado, e não do passado para o futuro. É como que o “temporal de Deus” da nova criação que sopra sobre os cemitérios da História a partir do futuro e que ressuscita e reúne inclusive as últimas criaturas. A ressurreição dos mortos, o recolhimento das vítimas e a busca dos perdidos trazem uma redenção do mundo que nenhuma evolução é capaz de atingir. Nele está encerrada, por isso, inclusive, a redenção da própria evolução sempre ambígua. Nele a evolução se converte em re-volução no sentido original da palavra. O tempo linear da evolução é colocado dentro de um ciclo escatológico único e então definitivo: no retorno de todo o passado no éon eterno da nova criação de todas as coisas. O futuro escatológico deve ser entendido em termos diacrônicos: ele é simultâneo a todas as coisas e nisto representa eternidade para todas as coisas. O *Christus evolutor* é o Cristo no devir, o *Christus redentor*, porém, é o Cristo vindouro.¹⁴⁴ (Grifos do autor.)

A partir das palavras de Moltmann e considerando as expressões da paciente, se poderia pensar que, quando Mônica carrega sua dor, libertando as noções de reconciliação e ressurreição associadas, está buscando forças no futuro, de onde se compreende e confirma o termo esperança, intrinsecamente envolvido no sentir da paciente. Mônica parece estar movendo-se a partir de um intenso

¹⁴¹ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 423.

¹⁴² Idem.

¹⁴³ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 439.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 448.

desejo de revolução e mudança, o desejo de trazer a eternidade para o presente, de oferecer a eternidade à Clara, de dar-se a eternidade e, simultaneamente, de dar à vida e ao mundo essa mesma fé.

Em Moltmann, a verdadeira reconciliação refere-se fundamentalmente à paz de Cristo no coração da fé, que, no coração do ser humano, é a comunhão:

A paz de Cristo é percebida pessoalmente no fundo do próprio coração por meio da fé. [...] ... Então ela remete toda a alma envolvida para além de si própria para a comunhão de todas as criaturas [...], pois Cristo “matou” a “inimizade” por meio da morte na cruz [...]. Reconciliação com Deus é experimentada pelos homens pessoalmente por meio da fé em comunhão com Cristo. Quando o próprio Deus está presente em Cristo, então sossegam [...] os desejos dos homens que são expressão de seu anseio insaciável por Deus. Eles podem simplesmente estar aí e não tem mais necessidade de possuir tantas coisas. Sossegando esses desejos, então há suficiente para todos (At 4,34) [...]. Aquilo que os homens experimentam em si e entre si da parte de Deus como reconciliação, os leva para além de si mesmos e de seu mundo humano [...]: “Por meio dele estão reconciliadas todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus” (Cl 1,20). Se não for reconciliada toda a criação, Cristo não pode ser Cristo de Deus nem o fundamento de todas as coisas. Se, no entanto, for este o caso, então cristãos não podem ter outra relação com as demais criaturas do que com os demais homens: cada criatura é um ser pelo qual Cristo morreu na cruz, para encerrá-lo na reconciliação do mundo. [...] Uma ética da reconciliação está a serviço da vida comum de todas as criaturas. Em face da ética agressiva da era moderna ela terá que assumir necessariamente um caráter defensivo, preservador da vida.¹⁴⁵

O que a paciente experimenta através do processo de luto é suficientemente agressivo e pode, naturalmente, fazê-la pensar sobre o mundo. No entanto, quando Mônica em sua *catarse* relaciona reconciliação com o mundo e a vida, de acordo com o que aparece no final do recorte aqui analisado, tendo Cristo ressurreto como sustentação, sugere também o endereço da saciedade de sua premência, na direção de um mundo melhor. A paciente não trata de Clara ou de si tão somente; vai além, a tristeza contida em suas palavras passa a ter um tom de preservação que, no coração de suas mudanças, então relacionadas à sua fé e ao modo como percebe o mundo agora, busca uma paz específica, uma paz para todos. Mônica, no seio das transformações sofridas por sua fé, parece encaminhar-se para uma noção vívida de comunhão.

A comunhão, no entender de Moltmann, portanto, possui uma definição de base vincular, é cooperação na convivência e reconhecimento da dignidade

¹⁴⁵ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 452- 453.

particular e comum a todas as criaturas no amor de Deus que, por meio de Cristo, torna-se de direito.¹⁴⁶

Na ética de um amor que, no coração da fé, em Mônica, revive e se ressignifica. A reconciliação como intrínseca à ressurreição, nos termos e definições a que se referem a paciente, como visto, oferecem-lhe uma esperança específica que, desde então, é mergulhada no presente de uma comunhão de direito, para uma vida tão específica quanto, que, nesse amor, ainda maior que o amor por Clara, em Mônica se renova e a convida a crer que também ela poderá renovar-se, desde já, e ainda no processo de enlutamento.

A concepção de voltar a sonhar, ou seja, uma possível ânsia em esperar, é proposição pensada a partir da frase com que Mônica termina o recorte de número 3:

*É como a reconciliação com a vida e com o mundo que temos que encontrar pra sair desse luto um dia e poder voltar a sonhar...*¹⁴⁷

Aqui e de acordo com o analisado anteriormente, as associações da paciente envolvendo ressurreição e reconciliação, ampliam-se e parecem sugerir outra aproximação com o tema *esperança* na expressão “voltar a sonhar”.

Mônica demonstra que, agora, pelo modo como tem sentido e pensado a vida, não lhe é possível sonhar, ou seja, vislumbrar algo positivo senão pela reconciliação, que é também definida e sustentada pela paciente na ressurreição de Cristo, apontada nas linhas anteriores do mesmo recorte.

Sonhar seria um termo genérico se aqui não estivesse associado à ressurreição e reconciliação com a força semântica que encontramos nas quatro antelinhas inter-relacionadas e anteriormente analisadas:

*Mas penso Cristo ressuscitado, aquele que está fora da dor, àquele que conseguiu, que consegue, é nessa ressurreição que aposto. É como a reconciliação com a vida e com o mundo que temos que encontrar pra sair desse luto um dia e poder voltar a sonhar...*¹⁴⁸

A esperança a que a paciente se refere está, pois, relacionada à possibilidade de sair da dor, tendo como eixo a ressurreição de Cristo. Mônica

¹⁴⁶ Ibidem, p. 454.

¹⁴⁷ Última frase do recorte número 3, anteriormente descrito, e a íntegra consta também no ANEXO A.

¹⁴⁸ Idem.

inspira-se buscando em Cristo essa abertura; só assim lhe parece possível ter esperança no auge do sofrimento.

Esperança e sofrimento, de modo geral, são termos contraditórios para unirem-se num mesmo contexto; no entanto, na perspectiva de Mônica, essa conjugação não apenas parece possível como vitaliza a paciente, que de algum modo, se movimenta mais firmemente para o enfrentamento do luto, uma força que emerge das mobilizações na fé em Mônica.

Moltmann sustenta que a esperança é a expressão de sentido da Escatologia cristã que abraça em Deus a nova criação do mundo, passando pela história dos seres humanos na Terra, mas que, fundamentalmente, tem sua fonte em Deus na ressurreição de Cristo. Torna-se vida eterna para todas as pessoas, cujo primeiro efeito é a fé pessoal, dela segue para o alcance da nova vida neste mundo, de onde também nasce a possibilidade de redenção e a expectativa de transformação de todo este mundo no reino de Deus. A esperança é, de acordo com Moltmann, o “anjo do futuro” sustentado pelo espírito dessa promessa de Deus:

Esse anjo do futuro olha com grandes olhos para o filho messiânico do Deus vindouro e, com ramos verdes no cabelo e na mão, anuncia a Maria o seu nascimento. O vento impetuoso do espírito divino move suas vestes e asas como se tivesse soprado este anjo para dentro da história. Ele representa o nascimento do futuro a partir do espírito da promessa.¹⁴⁹

Aqui, mais uma vez, é possível perceber quão próximas estão às concepções e sensações da paciente enlutada com o que escreveu o autor. Ao longo do acompanhamento clínico, como se pode observar no ANEXO A, Mônica também se aproxima de ponderações referentes às mudanças desejadas na direção de um mundo melhor. E, nesse sentido, é interessante notar que na Teologia da Esperança, Cristo não é pessoa privativa, mas coletiva: seu futuro é do mesmo modo daqueles que já aqui estão com ele:

Os que estão em Cristo participam aqui de sua ignomia em seus sofrimentos e fraquezas, e esperam ser glorificados com Ele lá e reinar com Ele. Isso pode ser concebido como a “primeira ressurreição” (1Cor 15,23: “...depois os que pertencem a Cristo, por ocasião de sua vinda”), mas pode também ser compreendido como a “revelação” da vida eterna dos crentes agora oculta com Cristo em Deus (Cl 3,4).¹⁵⁰

¹⁴⁹ MOLTMANN, J. *A vinda de Deus: Escatologia cristã*, p. 17.

¹⁵⁰ MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 475.

De fato, a paciente demonstra referir-se a Cristo como que identificada com o eco de suas dores e, ao longo de suas elaborações, chega também a considerar as dores do mundo.

Diante da morte de Clara, Mônica rememora a morte e ressurreição de Cristo. Sua esperança surge nessa perspectiva carregada não apenas do sentido da vida eterna, mas de uma vida desde já ressurgente. Sua expectativa é esperança e fortalecimento com destino para a ação, luz que compreende como possibilidade deixar as trevas. É recordação que convida para uma forma vívida de comunhão com Cristo, que ocorre em meio à violência das dores no enlutamento, que do obscuro, a este, a partir de então, iluminado caminho, parece revelar a paciente também a saudade de um mundo novo, desejado, porém ainda não experienciado. Escreveu Moltmann:

Eles são “filhos da luz” (Ef 5,8s), abandonar “as obras das trevas” e “tomar as armas da luz” (Rm 13, 12). Com esse simbolismo da luz é descrito o reino de Cristo e a nova criação. Embora ainda seja escuro neste tempo de violência e de injustiça, os crentes podem antecipar a luz da nova criação e viver já aqui o futuro de Cristo.¹⁵¹

A vida na esperança do Cristo ressurreto, na visão de Moltmann, transcende o simples esperar, é suporte, ação e escolha já, na atualidade, onde a paciente parece buscar forças e firmeza:

Vida na expectativa [...] transcende em muito o simples aguardar, precaver-se e permanecer firme na fé, levando à iniciativa ativa. É uma vida na antecipação do vindouro, em “expectativa criadora”. Homens não vivem apenas de tradições, mas também de antecipações. Em temores e esperanças antecipam seu futuro ainda desconhecido e orientam suas vidas de acordo com ele e adaptam a ele sua vida. A expectativa do futuro de Cristo coloca o presente na luz do Vindouro e torna a vida corporal experimental no poder da ressurreição. Assim a vida se torna uma vida “de cabeça erguida” (Lc 21,28) e de “porte ereto” (Bloch). Torna-se uma vida que, no empenho por justiça e paz neste mundo, está dedicada à colaboração no reino de Deus.¹⁵²

Desse modo, é possível perceber que a fé em Mônica sofre sintomas de elaboração similares aos da perda de Clara: protesto, tristeza, saudades daquilo em que antes acreditava no conforto e na estabilidade de uma vida que parecia previsível, embora não de maneira tão profunda e, ainda, sintomas de convergência,

¹⁵¹ MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 498.

¹⁵² *Ibidem*, p. 500.

na premência pela reconciliação, onde a ressurreição é esperança e saudades do ainda não vivido, mas prometido para este mundo.

A sede por mudanças e pelo restabelecimento em Cristo ressurreto, aquele que, como expressa Mônica, *está fora da dor, que conseguiu*, no desejo de reconciliação com o mundo, parece oferecer à paciente mais do que um simples suporte na angústia e aflição, sua esperança é específica, revela um caminho que poderá confirmar uma fé ressignificada, que, aos poucos, parece transformar-se a fim de lhe dar raízes e asas.

4.2.4 Análises do conteúdo teológico do Caso A – quarto recorte contido na consulta de número 9

Na consulta de número 9, Mônica está no 55º dia pós-sepultamento da jovem Clara quando sua consciência sobre a perda se amplia provocando aprofundadas reflexões sobre sua fé e Deus:

Tenho saudade de sentir a fé que eu tinha, eu sentia uma presença aqui do meu lado, isso hoje é uma solidão, um silêncio. É uma rasteira e tanto que levamos, de esborrachar o peito. Na minha ingenuidade a vida era melhor do que isso. Tento racionalizar, nem isso consigo, se a fé é um meio de conhecer realidades que não se veem, como diz em Hebreus, essa é a hora... Às vezes penso, é difícil silenciar para ouvir o mundo espiritual diante de tanta dor, nesse mundo hipócrita, nessa sociedade insolente. Hoje, acho que só consigo me sentir aberta, com o peito rasgado, quero confiar que vou me sentir mais próxima de Deus de novo, em algum momento, não sei como, porque tá tudo diferente agora... Minha relação com Jesus começou na Teologia e desde então estávamos sempre juntos, agora o que sobra...? Sobra o amor que sentimos e aqui [...]. Se, por um lado, minha visão de mundo se ampliou, por outro, o que eu faço com essa confusão toda, me sinto pequena, queria resgatar pelo menos “o apostar” no sonho, sabe? Não só os sonhos, é anterior a isso, porque até a capacidade de apostar eu perdi. O que não me impede de abandonar Jesus é que nessa experiência, eu, dessa vez entendo Ele, esse sentimento de inocência violentada e é triste o afastamento, porque na solidão não encontro eco, nem força. Sabe o que me conforta? Poder ajudar... Sinto que nessa experiência eu e Jesus estamos sozinhos, nós dois, sozinhos nessa vivência, nesse silêncio. É um desamparo compartilhado, de repente tô entendendo que ficamos do mesmo lado, é de onde me vem uma luz, na força dessa experiência vivencial, então às vezes, confusa e triste, olho pra Ele e penso: é isto né? “Vai adiante que dá.”

É possível perceber no depoimento que a positividade trazida por Mônica quando do ritual fúnebre parece ter se diluído, esse pode ser outro indicador de que a paciente não se encontra mais no furor das ondas de choque e torpor.

É um período que parece marcado por oscilações entre sentimentos de confusão, protesto, revolta, tentativas de encontrar sentido e recuperação. Uma oscilação que aos poucos se concentra e se define em torno do passado e do presente.

Atordoada, a paciente sugere lutar internamente para não abandonar sua fé, bem como o vínculo que compreendia ter com Jesus, antes do enlutamento, e que, de forma similar, resiste em deixar Clara e as lembranças da vida com a jovem.

Mônica procura manter seus vínculos, o amor que sente dolorosamente agora, tanto na fé quanto no psiquismo. Sua frustração é uma espécie de desolação que assume e se derrama também na direção do mundo.

Reações que se entendidas no processo de assimilação do luto, são consideradas normativas, no entanto, como são compreendidas na fé, representam grande parte das dúvidas e angústias da paciente, fator que desde já parece apontar à necessidade de uma intervenção na escuta de suas elaborações relacionadas às mobilizações que, na fé, possam naturalizar também a intensidade dos questionamentos, viabilizando o enfrentamento das dificuldades.

Mônica busca através de sua fé compreender a realidade do que vive, sinaliza a intensidade desta sua aflição ao citar, a seu modo, Hebreus. Porém, paralelamente, sente a precariedade de seu antigo vínculo com Jesus que se mostra agora diferente e que lhe sugere fragilidade, talvez insuficiência diante da dor vivida. Em verdade, Mônica sente estranheza, seu vínculo com Jesus não é mais o mesmo.

A qualidade, a profundidade e a abrangência do efeito dessas transformações na vida da paciente indicam também a necessidade de atenção, abertura e seriedade no acompanhamento ao longo do cuidado no enlutamento. Tudo pode ser conferido no relato integral de seu processo no ANEXO A.

É possível que, em relação à fé, portanto, a paciente esteja tentando expressar o quanto precisa dirigir-se a algo diferente, talvez a algo novo que dentro do antigo se revela, pois antes, deste modo, não lhe era possível sentir, menos ainda compreender pelo que desde já sinaliza no recorte acima.

Nessa perspectiva, as expressões, neste trecho analisadas como principais, estão relacionadas à revisão vincular com Jesus e Deus: *peito rasgado*, *inocência violentada*, *desamparo compartilhado*, *silêncio de Deus* e o *conforto* encontrado no ato de *ajudar*. Todas parecem propor reforços nos caminhos para compreensão de

uma redescoberta de Deus e reconstrução da fé, assim como da alteridade, que tanto quanto no luto também oscilam em duas esferas: a do antigo e a do novo.

Na “Teologia da Esperança”, para Moltmann, o novo e o antigo são conceitos fundamentais, exatamente o novo, por exemplo, anuncia-se no juízo sobre o antigo, não apenas reconfigura as coisas antigas, mas traz um novo criar, são termos que aparecem nas imagens relacionadas a êxodo e mudança, tais como: novo êxodo, nova tomada de terra, nova aliança, nova Jerusalém, e o que é novo surge apresentado como retorno do que fora perdido e como renovação do que passou. Porém, pontua o autor, essas imagens sempre contêm mais do que estivera presente no antigo, pois o antigo passou e tem, agora, para a memória, o significado de um prenúncio.¹⁵³

Nesse sentido, as primeiras noções sobre abandonar o antigo, ponderadas na análise de recortes anteriores, recebem aqui, no aumento da consciência e das expressões angustiadas da paciente, a partir também das ampliações de Moltmann, uma elaboração, em perspectiva aprofundada, que pode tornar-se bastante positiva, como um desprender-se, talvez, um fenômeno de libertação que pode levá-la a uma nova e transformadora realidade. Moltmann cita o Ressurreto:

O despertamento de Cristo dentre os mortos faz brilhar o futuro da nova criação para dentro do presente do mundo antigo e acende, em meio aos “sofrimentos deste tempo”, a esperança de uma vida nova. Uma vez mais, encontramos as duas qualidades que fazem da categoria *novum* uma categoria escatológica: [...] assim como o Cristo ressuscitado não se desenvolve a partir do Cristo crucificado e morto, tampouco o *novum ultimum* procede da história do antigo. Entre o antigo e o novo situa-se, no Novo Testamento, a morte de Cristo e o morrer para o mundo com Cristo, simbolizado pelo batismo cristão. O novo é o imprevisível e surpreendente. Ele provoca admiração sem fim e transforma os atingidos. [...] O novo escatológico cria para si mesmo a sua continuidade, não destruindo, mas acolhendo e recriando o antigo. [...] O Cristo ressuscitado é o crucificado e não um outro Cristo, mas ele é o crucificado em forma transfigurada (Fp 3,21). O *Deus vindouro* não é um *Deus novus*, [...] mas o *Deus fidel* à sua criação. [...] “Eis que faço tudo novo.” Aqueles que esperam neste Deus “ganham nova força, de tal modo que sobem com asas como águias.” (Is 40, 31).¹⁵⁴

A perspectiva integradora do antigo e do novo que, desse modo não destrói, mas acolhe e recria o passado, é não apenas para a fé uma possibilidade potencializadora, mas também para o psiquismo da paciente. Do antigo ao novo,

¹⁵³ MOLTMANN, J. *A vinda de Deus: Escatologia cristã*, p. 45.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 45- 46.

Mônica pode estar vivendo também a passagem do abandonar ao transformar, em que a dor não tem sentido sacrificialista ou melancólico, mas, como senso de realidade, conduz a uma transposição, abertura e vitalização. Não é a dor pela dor, mas a dor que transforma e revela a vida.

É possível pressupor que se a paciente viesse a alcançar tal compreensão, encontraria também meios de compreender o luto não como o abandono de Clara no passado, porém encontraria um lugar confortável e valoroso para todas as memórias que, no amor pelo vivido e perdido, nutrem sua alma.

Nesse cenário, o resgate e quem sabe a integração que no latente busca a paciente, enquanto processo de elaboração, também da fé e do que conhecia sobre Deus, podem, em muito, ajudá-la na recuperação de sua habilidade para amar, intensamente mobilizada pelas dores do enlutamento, um forte estímulo na direção de uma nova compreensão de mundo, onde o que é precioso do passado não é necessariamente tomado como perdido, mas provoca admiração, transforma e se torna também prenúncio e esperança para o futuro.

Com efeito, de fato viveria Mônica o luto como passagem transformadora, não apenas do ponto de vista antropológico, como elaboração psíquica, mas integralmente, também do ponto de vista teológico.

A esperança de Mônica então empática ao Cristo crucificado, mas fundamentalmente nutrida pelo Ressurreto, torna-se, desse modo, no futuro que se derrama dentro do presente também do seu mundo antigo e em meio aos seus sofrimentos, um reflexo do que concebe Moltmann. É esperança de uma vida outra que diferente desta até aqui experimentada a convida a emergir.

Do ponto de vista psíquico, é coerente pensar que o ser que emerge de um processo de luto saudável é, sem dúvida, um ser diferente, ou seja, se encontrará distinto de quando iniciou sua caminhada de elaboração, sem, no entanto, ser totalmente outro, embora a palavra *novo* também lhe sirva. E no que se refere ao conceito de Deus, ao menos dentro do que nos aponta a paciente enlutada, parece confirmar-se a existência de profundas mudanças.

Assim, na fé e no psiquismo da paciente, mobilizações e mudanças ocorrem alternando-se, interagem e se inter-relacionam. Em determinados momentos, parecem convergir, inclusive, parecem retroalimentar a paciente, interconectando-se entre o luto, a vida, a fé, Deus e o amor.

Mudanças que oscilam de regressões para progressões, nem sempre conscientes à paciente, porém originam-se essencialmente através de um vínculo de identificação compassivo com a pessoa de Jesus Cristo, aqui neste recorte intensamente sinalizado pelas expressões: *peito rasgado, desamparo compartilhado, silêncio de Deus e inocência violentada*.

O sentimento de *inocência violentada* parece descrever em Mônica tanto a sensação invasiva de quebra de um mundo como antes presumido, imposto pela morte repentina, violenta e traumática da jovem Clara, quanto o sentimento de injustiça causado no eco dessa perda, amputação de vida, alegria e amor que, na experiência de Cristo, também se revelam.

A vivência do enlutamento que, portanto, ecoa na paciente, quando dirige seu olhar para Jesus é o que a impede de abandoná-lo, pois sente nele a mesma solidão, diante de um mundo que não responde à benevolência e nem mesmo à compreensão para o que vive. Isso lhe dá um lugar, a coloca ao lado de Jesus, como refere no recorte analisado.

Uma maneira de sentir que se aproxima das contribuições de Moltmann, em que a experiência de abandono, dor e sofrimento do Crucificado, assim como da ressurreição, são eventos salvíficos, na medida em que, quando assimilados na fé, por meio deles, completa o processo de cura deste mundo doente de morte, é o acesso à esperança redentora para toda criatura sofredora.¹⁵⁵

Nesse sentido e para o autor, é fé que se acende nessa memória vívida, estrutura-se na certeza de uma promessa, futuro que se faz desde já, no aqui e agora, concretamente, num encontro face a face com Cristo, amor que assume os sofrimentos do tempo presente, clama pela justiça de Deus, esperança verdadeira e apaixonada por seu cumprimento, que deseja tornar-se resgate, paz e alegria também para o mundo.¹⁵⁶ É o que possibilita pressupor que, desse momento em diante, dentro de sua vivência de enlutamento, a paciente experimente então, um encontro diferenciado com Cristo.

A morte na juventude é violenta e castradora; nesse sentido, em diferentes momentos no ANEXO A, Mônica demonstra a dor sentida nesse arrancamento também por Clara. Nos aspectos relacionados a mortes violentas, Moltmann considera:

¹⁵⁵ MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 470.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 471- 472.

É a consciência da morte que produz o medo da vida, o medo de ficar para trás, não receber o suficiente da vida, ser arrancado da vida. Quem sente a morte em meio à vida gostaria de viver, se não de modo imortal, então ao menos invulnerável.¹⁵⁷

No entanto, também aponta o autor, que essa mesma consciência que no amor e pelo amor naturalmente faz sofrer, é esperança que leva ao direito de não se conformar com nenhum morrer e nenhuma morte, quando permanecer desconsolado pode representar, além de tudo, contribuir com os cuidados diante do mundo até que toda a redenção venha. Uma solidariedade que na fé e no amor é resposta e enfrentamento por parte dos homens diante das dores humanas.¹⁵⁸

Nesse sentido e considerando a aproximação filosófica e histórica, como visto também nos capítulos anteriores, Moltmann pondera o reconhecimento do amor e da fé na dor da perda como uma das mais importantes chaves de acesso à possibilidade de um cuidado profundo e honesto diante do enlutamento, um resgate necessário que, na atualidade, pode levar à saída do individualismo. Uma escuta premente que valida e autoriza a realidade a serviço de acolhê-la para transformá-la.

Experimentamos o que a morte realmente é no amor pela vida, mais precisamente no amor pela vida dos outros, das pessoas amadas. É certo que o individualismo moderno privatizou a morte: “Cada um morre a sua própria morte” (R. M. Rilke), e a moderna filosofia da existência colocou no centro da reflexão o “ser para a morte” correspondente a cada um. Porém, a morte dos outros, das pessoas amadas, é na verdade, a experiência propriamente dita de morte que fazemos. No meu próprio fim experimento o morrer, mas não experimento a minha própria morte, porque não sobrevivo terrenamente à minha própria morte. Em contrapartida, no caso daqueles que amo, experimento apenas indireta e participativamente o seu morrer, acompanhando-os e estando com eles. O processo do morrer atinge a eles mesmos de maneira imediata e pessoal. Eu, porém, experimento a sua morte de maneira imediata e pessoal, pois eu tenho de sobreviver à sua morte, lamentar a sua perda e continuar vivendo. O amor que era feliz com sua presença tem de sofrer a sua perda.¹⁵⁹

Desse modo, o luto é, nesse contexto, sem negar a dor implícita, fonte de transformações, cujo sofrimento adquire sentido a serviço de recriar, reconstruir e preservar a vida na direção da alegria e plenitude, a começar pela vívida consciência da necessidade de um mundo melhor.

Outras duas expressões teológicas inter-relacionadas aos sintomas decorrentes da perda que chamam a atenção no relato da paciente referem-se ao

¹⁵⁷ MOLTSMANN, J. *A vinda de Deus: Escatologia cristã*, p.111.

¹⁵⁸ MOLTSMANN, J. *A vinda de Deus: Escatologia cristã*, p. 111.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 114.

silêncio de Deus e à sensação de desamparo compartilhado. O coração do que Moltmann escreve em toda sua teologia está no silêncio de Deus, no clamor no sofrimento de Cristo no Gólgota como ressonância das experiências humanas, fonte de comunhão, também compreendida como eficaz manutenção dos vínculos com todas as pessoas, cuja ressurreição é metáfora, inspiração e representação da concreta, humana e divina sempre renovada possibilidade de renascer diante das adversidades:

Deus ama com os que amam. Deus chora com os que choram. Deus fica enlutado com os enlutados. Por isso, permanece em Deus quem, em meio ao luto, permanece no amor e não se torna amargurado. [...] Quando a experiência da perda das pessoas queridas e de estar perdido juntar-se à sensação do abandono por Deus e as duas coisas tão profundamente que só podemos mais suspirar: “Deus meu, por que me abandonaste?”, então é consolador dar-se perceber o Cristo crucificado que morreu na cruz com este grito: ele traz Deus para dentro do nosso mais profundo abandono e leva o nosso abandono para Deus. Este é o consolo do Cristo crucificado: trazer o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo para os abismos do nosso sofrimento [...], para que não afundemos na dor, mas nos levantemos e ressuscitemos com ele, acreditemos na vitória da vida sobre a morte: “Eu vivo e vós também vivereis.” (Jo 14,19).¹⁶⁰

A confluência entre o que a paciente sente e as palavras de Moltmann revelam aqui um importante caminho. Vê-se claramente todo o esforço de Mônica para não se deixar amargurar, trilhando um percurso honesto, cuja profundidade e mergulho desenham transformações em sua existência.

Mônica toma consciência de Cristo de modo diferente do que antes experimentara inicialmente pelo que cita sobre seu curso de Teologia. Agora sente que verdadeiramente ambos estão *do mesmo lado*. A força dessa expressão sugere um processo de elaboração que, de modo ascendente, torna-se também protetivo e vitalizador, quando simultaneamente parece conduzi-la a uma nova e verdadeira caminhada em conversão e comunhão.

Outro dado que pode confirmar o princípio dessa caminhada transformadora acontece como conversão, relacionado à noção de que Mônica encontra conforto em meio à dor, auxiliando outras pessoas, chamando a atenção para o fato de que, quando ao longo do processo de luto, já não mais se encontra na dor aguda, a paciente mantém-se atenta aos cuidados com os outros. Essa perspectiva se

¹⁶⁰ MOLTSMANN, J. *A vinda de Deus: Escatologia cristã*, p. 145.

consolidará com leveza e abertura em temáticas trazidas ao longo da psicoterapia que podem ser observadas na íntegra no ANEXO A.

O termo *conversão*, aqui, está carregado de significado e pode vir a explicar muito do que ocorre com ambos os pacientes desta pesquisa, analisados em seu enlutamento, também, quem sabe, no sentido pleno de sua recuperação.

Interessante é considerar que *conversão*, a partir do léxico bíblico, é palavra que remete essencialmente a imagens de retorno, mudança de rumo e comportamento, arrependimento no sentido de corrigir uma direção, encontrar ou reencontrar o caminho, tal como voltar ao ponto de partida, ao eixo, à fonte ou à essência. Na Bíblia concerne, sobretudo, à procura por Deus.¹⁶¹

A expressão *peito rasgado*, citada no mesmo grupo de reflexões e associações da paciente, pode representar, ainda, outro sinal, tanto no sentido de compaixão e alteridade quanto no sentido de uma conexão entre este mundo visível e o invisível, que pela comunhão e identificação em Cristo, então anteriormente citado pela paciente como *elástico*, oferece, como abertura, um endereço para Clara no mundo invisível, mantendo um suporte vincular, sem impedir a ressignificação do mesmo vínculo aqui no mundo visível, ressignificação como tarefa necessária e esperada para um desempenho saudável no processo de elaboração do enlutamento, que, portanto, viabiliza também um lugar psíquico, confortável para Clara no coração de Mônica.

No luto e para o mundo psíquico é fundamental que os amados e perdidos sejam levados ao longo da vida em bom endereço, que tomem lugar e importância no coração e na alma dos enlutados, porém para que isso seja possível, é imprescindível a qualidade desse endereço dentro e fora do ser, onde o amor caminhe com leveza e integração, alinhando vida e espaço para o novo ao longo da existência. E a partir do que mostra Mônica, em perspectiva de comunhão, portanto, é vida e espaço também para além da existência terrena. Em Moltmann é o sentido de continuar semeando hoje, ainda que se soubesse que o mundo desapareceria amanhã:

A memória *ressurrections Christi* permite que “olhem através do horizonte” [...] – através do horizonte da própria morte para dentro do espaço amplo da vida eterna e através do horizonte do fim do mundo para dentro do novo mundo de Deus. Viver a partir dessa esperança significa um

¹⁶¹ LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de Teologia*, p. 457.

sim incondicional à vida em vista da morte irremediável de tudo que tem vida.¹⁶²

Ao trazer a forte expressão *peito rasgado*, a paciente pode estar sinalizando uma sensação de dilaceramento; Mônica está aberta, sente-se transpassada, sua dor é um transbordamento. Parece reconhecer que há uma ponte de ligação entre o temporal e a eternidade, manifestada no amor que do desamparo compartilhado com Cristo caminha para um amparo em comunhão, porém diferente do antes conhecido.

Assim, se a fundamentação e a compreensão do caso estiverem em direção coerente, é provável que a cisão primeira entre Deus e Cristo, experimentada pela paciente e analisada nos recortes anteriores, assumo outro percurso.

4.2.5 Análises do conteúdo teológico do Caso A – quinto recorte contido na consulta de número 11

Nessa consulta Mônica está a pouco mais de dois meses da perda quando verbaliza dúvidas sobre Deus como antes conhecido:

Sabe o que sinto nessa dor... É que passamos por dentro, não por cima, nem pelo lado, mas por dentro do silêncio de Deus, por isso concordo quando diz que luto não é superação, esse nosso abandono diz muito sobre a verdade das coisas, a verdade de que Deus, como conhecido, não é Deus. Só quem passa por isso entenderia o que estou dizendo agora e o quanto entender isso dói, também tem um Deus que morre, entende? Eu digo isso também como mãe. Com licença, se Deus tem uma experiência de Pai, eu tenho de mãe, essa história de salvar e proteger precisa ser melhor entendida...

Nesse momento, a paciente parece deparar-se com o ponto central de suas dúvidas; no coração de suas angústias, pergunta-se: mas quem é Deus afinal? Essa parece ser uma das chaves mais importantes para a compreensão dos conceitos religiosos, porém também poderá mostra-se um surpreendente recurso de recuperação.

Da experiência compartilhada na morte violenta de Cristo, e nessa, como analisado anteriormente no silêncio de Deus, Mônica parece ter acesso a uma nova percepção sobre Deus, cuja solidariedade se mostra não mais como conceito, e sim, como experiência real. Portanto, aqui, os aspectos até então, quem sabe

¹⁶² MOLTSMANN, J. *A vinda de Deus: Escatologia cristã*, p. 255.

pedagógicos da fé, que inicialmente, no processo de elaboração aproximaram-se da realidade, agora parecem confrontados no mergulho para dentro da realidade da paciente, levando-a a rever sua imagem de Deus.

Se nisso Mônica viesse a resgatar algum senso de coerência, tendencialmente caminharia para uma integração, solidez e real vitalização em meio ao luto, pois a congruência entre o princípio da realidade e a fé implicaria a constituição de forças intensamente resilientes para sua recuperação.

O encontro face a face com Cristo, no eco da dolorosa experiência da perda, desafia e impõe à paciente com intensidade e profundidade a *re-conhecer* Deus. Nesse contexto, Mônica denuncia que há um antigo Deus que morre, aquele que nessa sua caminhada já não faz mais sentido, um Pai aprendido como todopoderoso e onipotente que deveria ter oferecido proteção e que não correspondeu à expectativa. Sua angústia paira sobre a pergunta: que tipo de pai seria esse que, mesmo tendo poder, silencia, abandona e permite que a morte violenta aconteça?

Nesses questionamentos, o contato com a sensação de ter sido abandonada por Deus é também a expressão da experiência de impotência compartilhada como mãe que, apesar de todo seu amor não pôde salvar Clara. E, nesse aspecto, também é o contato com o sentimento de abandono que ela associa a Cristo crucificado.

Em Moltmann, se pode pensar que as dores e dúvidas no sofrimento, assim como a redescoberta de Deus, convergem de tal modo, a partir da compreensão de Cristo, que, na prática, são fenômenos que parecem acontecer não apenas um em decorrência do outro, mas realmente um dentro do outro, como se constata:

A dor no luto reside na sensação de perda e de que também se está perdido. Por esta razão, o consolo no luto reside na experiência da comunhão indestrutível, em saber que o morto está abrigado em Deus. Isso, porém, só é possível se a divindade não for um poder celeste sem sentimentos e indiferente, chamada “destino,” e sim o amor eterno, clemente e compassivo. Torna-se possível, então, a experiência de que a própria amargura seja também a amargura de Deus e que, na dor do próprio amor, haja também uma dor divina.¹⁶³

O questionamento sobre quem é Deus que, na sensação de injustiça diante da morte da jovem Clara gera estranheza e desproteção em Mônica, parece acontecer, portanto, em meio à experiência primeira de fragmentação entre Cristo e

¹⁶³ MOLTSMANN, J. *A vinda de Deus: Escatologia cristã*, p.145.

Deus e, a seguir, sugere uma integração que, pela identificação com Cristo, poderá se tornar a nova e fortalecedora definição de Deus para a paciente.

Dito de outro modo, parece que, num primeiro momento, o que Mônica denuncia é que aquilo que aprendera sobre a bondade e onipotência de Deus em sua ação sobre o mundo não condiz mais com a perda de Clara.

Decorrem disso suas primeiras mobilizações, seus sentimentos de impotência, traição e desconfiança associados ao trauma, porém, acima de tudo, um questionamento sobre o silêncio de Deus que, ao menos inicialmente, clama por justiça e só a seguir é que a paciente parece compreender o quão próxima está da experiência de Cristo, movimento que parece reconduzi-la, então, ao *reconhecimento*, à *re-compreensão*, à sua redescoberta de Deus.

Nisso nasce uma nova possibilidade, também um novo lugar para Deus. A vivência provoca Mônica que volta seu olhar para o juiz autoritário e onipotente e descobre um Deus que sofre, silencia e neste o verdadeiro juiz. Aponta Moltmann:

Só quem compreende o que Cristo sofreu ao morrer abandonado por Deus é capaz de entender o que se torna manifesto, em virtude de sua ressurreição, no seu atual domínio e no seu futuro, “para julgar os vivos e os mortos”. No crucificado, reconhecemos o juiz no juízo derradeiro, que se tornou, ele próprio, réu em lugar e em favor dos acusados.¹⁶⁴

Moltmann cita Hans Urs von Balthasar no que denominou como “experiência do sábado da paixão,” a solidariedade do Cristo morto é o reencontro com Deus na sua solidão, mas Deus, na impotência absoluta do amor, que de forma imprevista, solidariza-se, ou seja, Cristo sendo abandonado pelo silêncio do Pai, experimenta o inferno, porque em pura obediência, procura pelo Pai onde esse não pode ser encontrado e, mediante a sua ida ao inferno, traz o inferno e todos os que nele se encontram para dentro de sua comunhão trinitária com o pai.¹⁶⁵

A dor torna-se, nesse contexto, semente que conduz e germina como resgate, recuperação, pertencimento e sustentação que, no reflexo de verdades que transitam e integram o humano e o divino, também o Pai e o Filho constroem um sentido que transcende o óbvio e o banal convidando a paciente enlutada a perceber a preciosidade da verdadeira vida, de tudo aquilo que a morte jamais roubará, pois o fim foi vencido.

¹⁶⁴ MOLTMANN, J. *A vinda de Deus: Escatologia cristã*, p. 271.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 275.

Para Moltmann, por intermédio dos sofrimentos e da ressurreição de Cristo, é possível conhecer o Deus verdadeiro, as portas do inferno foram abertas, e todo fatalismo tem limite:

Aquilo que o senhor Jesus suportou ali (no Gólgota) se tornará manifesto uma vez mais, justamente para que também o salvador receba o que é seu de direito nessa escuridão, para que justamente ali na cruz se abra a perspectiva de que um dia de fato chegue a acontecer que todos os joelhos terão de dobrar-se, tanto no céu como também na terra e de baixo da terra, e todas as línguas confessem que Jesus Cristo é o Senhor para [...] Deus Pai. A sexta-feira santa proclama um perdão geral sobre o mundo inteiro, e este perdão geral ainda se tornará manifesto pois Jesus não foi pendurado na cruz em vão. [...] Ele é Graça do começo ao fim [...], nasceu do sofrimento profundo de Deus e é a coisa mais cara que Deus pode dar: a si mesmo no seu filho, que se tornou nosso irmão e nos arrasta consigo através de nossos infernos. Este é amor, é a graça mais cara que existe.¹⁶⁶

Por isso, aponta Moltmann, essa é a sólida confissão da esperança, onde está fora de cogitação, tanto hoje como por toda a eternidade, que Deus desiste de alguma coisa ou de alguém em todo o mundo.¹⁶⁷ Nessa concepção, o luto torna-se passagem, redescoberta, transição e revivificação para o autêntico.

Durante os próximos oito meses de acompanhamento e de modo especial nas consultas de números 14, 20 e 22, a evolução clínica e teológica do Caso A segue a mesma direção, aprofundando questionamentos em torno das descobertas sobre Deus e a fé, condução psicoterápica que pode ser constatada integralmente nos prontuários no ANEXO A.

4.2.6 Análises do conteúdo teológico do Caso A – sexto-recorte contido na consulta de número 34

Quase nove meses se passaram da perda a paciente reconsidera o que tem sentido e pensado sobre Deus no torvelinho do enlutamento:

Logo que a Clara morreu, os amigos de Bruno vinham um de cada vez aqui em casa e ocupavam o lugar dela na mesa, pra não ficar tão forte aquele vazio. Vinham e comiam o que tinha. Uma graça aqueles guris, concretamente. Hoje eles me ligam pra saber quando podem retornar pra comer o meu feijão. Ora, eles têm poder aquisitivo pra comer salmão grelhado todo dia, não é o feijão que querem, mas essa mesa de partilha. Então volto a pensar num Deus mais prático. Não é a comida, é o afeto, o reconhecimento, o calor da amizade, da acolhida, da compreensão. [...] Eu

¹⁶⁶ MOLTMANN, J. *A vinda de Deus: Escatologia cristã*, p. 276.

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 277.

ando descobrindo coisas que já sabia antes, só que de um novo jeito... primeiro que o mundo é bem mais maluco do que eu rs, rs, rs. Agora quero muito ser mais coerente comigo mesma, essa é minha verdadeira rebeldia hoje. Entendi também que escolher é diferente de cobrar-se e exigir-se tanto, não é mesmo o caminho, tenho exigido menos de Deus também. Outra coisa é que hoje tenho certeza que o mal anda solto por aí e nós precisamos investir muito mais e de verdade no bem. E, com relação à Igreja, me pergunto: por que quando falam da morte, os padres não falam mais da vida? Quanto a minha família, sinto que eles estão voltando a ser, se é que me entende, ser, embora de uma nova maneira, isso me deixa mais tranquila, estamos voltando a ser nós. Não é o mesmo nós, mas é o nós da gente, aquela sensação boa de calor e união, aparece de novo, às vezes, muitas coisas não morreram, Ana, e Deus também não.

Nessa consulta, Mônica sinaliza claramente, em relação ao seu processo de luto, sintomas de recuperação e restituição, leveza e talvez reconciliação, em que a compreensão de Deus, em seu campo mental e emocional surge associada a conceitos relacionados à nutrição, ao afeto, à simplicidade, ao companheirismo, à tolerância, à idoneidade e à coerência. Sensações e sentimentos que a paciente tem a impressão de conhecer, mas que agora diferentemente são percebidos.

Chama especial atenção o fato de a paciente começar um trecho em que relata estar voltando a pensar em Deus com o tema *amizade*. Para Moltmann, a amizade é sinal da experiência social de Deus, pois envolve o todo do ser humano, fenômeno espontâneo que necessita apenas ser descoberto. Escreve o autor:

Está aí no sorriso de alguém que passa, no balanço do vento ou no murmúrio de um regato. É a suave força de atração da participação que mantém unidos todos os seres vivos e todas as coisas: a simpatia do mundo. [...] As amizades [...] surgem dos encontros livres. Amizade é uma relação pessoal entre pessoas humanas que se gostam. A amizade une afeto ao respeito. [...] Diante do amigo não temos necessidade de inclinar-nos. Não se olha para ele de baixo para cima nem de cima para baixo. Um amigo [...] nós podemos encarar olhos nos olhos, pois sentimos que somos vistos com agrado. [...] Amizade liberta as pessoas das imagens que elas fazem de si próprias [...]. Os amigos percebem o unísono da grande harmonia de onde a vida se torna vida.¹⁶⁸

A partir disto, nota-se que a paciente, nesse período, ocupa-se com sentimentos mais positivos em relação a Deus; fala, inclusive, sobre a redução de cobranças. Mônica pode estar retomando um senso de respeito e afeto, uma vez que, na experiência de Cristo, viu-se lado a lado. Isso viabilizaria considerar que através de Cristo, talvez Deus tenha sua antiga imagem, na percepção da paciente, desfeita; já não é mais autoritário, exclusivamente onipotente, alguém que a olha de

¹⁶⁸ MOLTSMANN, J. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p. 238-239.

cima para baixo. É provável que a paciente esteja sinalizando o alcance de uma compreensão integrada de Deus e Jesus Cristo.

Moltmann compreende que a amizade não é um sentimento passageiro de afeto, mas afeto que se une à fidelidade, por isso pondera:

Como amigo ou como amiga, nós nos tornamos confiáveis uns aos outros. Simplesmente estamos aí, como estrela no céu. Amigos permanecem mesmo na desgraça. Entre amigos não existem modelos que prendam, como também não existem modelos ideais que pretendam modificar. [...] A verdadeira amizade não é uma ligação para utilidade comum como entre “amigos de esporte” ou “amigos de negócios”, mas uma ligação entre pessoas por causa delas mesmas. [...] A amizade surge da liberdade, consiste em liberdade e preserva a liberdade mútua. [...] Não somos livres por natureza, mas só nos tornamos livres quando alguém gosta de nós e nos apoia com seu carinho [...]. Os amigos abrem um ao outro, espaços livres da vida e acompanham-se um ao outro com grande participação e interesse. Da participação faz parte também o poder deixar o outro em paz, assim como o “regato que silenciosamente deixa que te sentes à sua margem quando não queres falar”.¹⁶⁹

Nessa perspectiva, e na direção da compreensão de Deus, é provável que a paciente esteja referindo-se aos amigos de Bruno exatamente por estar ressignificando sua anterior sensação de desamparo, considerando a liberdade que experimentou para viver seus questionamentos e a seu tempo. Além disso, Mônica pode estar referindo-se à liberdade que, na experiência do Crucificado, foi uma escuta para si mesma, em seu processo, liberdade em Cristo oferecida por amor ao ser humano. Fator que novamente indicaria um caminho de escuta limpa e aberta no cuidado aos enlutados.

Em relação à amizade, a paciente ainda associa sentidos como *graça concreta* e *mesa de partilha*, expressões que se aproximam, em muito, da essência da comunhão. Moltmann defende que o futuro do mundo terminará pertencendo à amizade aberta, onde o homem novo, o homem verdadeiro, o homem livre é o homem que gosta de estar com outros.¹⁷⁰ O autor compreende que, no *Novo Testamento*, Cristo é a revelação da graça de Deus oferecida aos que sofrem. Assim se refere a Jesus:

Abria-se para eles em convidativa alegria, considerando-os e respeitando-os como os primeiros filhos da graça divina que tudo renova. Reconhecia sua dignidade [...] superava seu autoisolamento [...]. O divino amigo [...] difundia por seus discursos e gestos a atmosfera renovadora da *amizade*

¹⁶⁹ MOLTSMANN, J. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p. 239.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 240.

aberta entre os homens. [...] A experiência do afeto e do respeito por Deus na amizade de Jesus marca o conceito cristão da amizade aberta. É o que mostra também Jo 15, 13-15: A entrega de Jesus à morte é apresentada como amor aos amigos. [...] Assim como Deus, pela entrega de Jesus, se torna “amigo dos homens”, assim os fiéis se tornam através dele “amigos de Deus”. Com isto é dado aos fiéis o nome mais elevado que a tradição israelita tem à disposição. Como “amigos de Deus” são considerados os [...] que “viram” a Deus. [...] Através da experiência cristã de Deus e de si próprio na amizade de Jesus, caem as barreiras do princípio da igualdade: A amabilidade e amizade de Deus todo-outro não apenas torna possível a amizade com outros, mas a torna também interessante, num sentido profundamente humano. Os outros são não apenas suportados, mas são vistos também com simpatia.¹⁷¹

A dor durante o processo de luto oferece aos enlutados uma espécie de lupa, uma extrema sensibilidade que lhes permite identificar quais reações de auxílio são honestas e quais não. Ajuda eficiente, portanto, deve ser sincera, íntegra, na perspectiva de Moltmann, empática, simpática. Nesse sentido, ao trazer aspectos mais positivos associados à amizade, parece que Mônica distingue e reconhece o que em Cristo foi empático e agora não mais apenas pela dor. Desse modo, a paciente faz pensar a importância de um mundo onde a tristeza seja considerada tão natural e importante quanto a alegria de viver.

De certa forma, quando Mônica refere estar descobrindo coisas que já sabia antes, porém de nova maneira, assim como refere perceber a família voltando a ser, mas não do mesmo jeito, parece confirmar as transformações que ocorrem para diferenciar a ideia de abandonar o antigo ante a resguardá-lo diante do novo.

Se para Moltmann é o novo, no sentido da experiência do Ressurreto, a preservar o antigo e transformá-lo, pode-se ter aqui um significativo recurso facilitador para a fluência na elaboração do luto.

Compreender o processo de assimilação das mudanças, na perspectiva de abandonar o passado tão amado e ausente, poderá tornar naturalmente mais pesado o seguir adiante que envolve a recuperação.

No entanto, talvez compreender que está exatamente no novo a possibilidade de oferecer um bom lugar para que o antigo seja verdadeiramente preservado, traga forças e autorização para olhar o horizonte. Uma vez que, então, não sendo possível voltar no tempo, está efetivamente no novo a chance de o antigo verdadeiramente receber espaço seguro e preservado, onde o impacto do inicial e

¹⁷¹ Ibidem, p. 241-242.

doloroso *nunca mais* imposto pela morte possa ser transformado no *para sempre* de cada história, vida e amor.

Outro aspecto que chama a atenção nesse recorte de Mônica é a sugestão que faz aos padres e à Igreja. Parece que nesse momento a paciente já se encontra fora dos núcleos da dor aguda, consegue reconhecer que é possível tratar do tema da morte evitando o incremento do pesar, a morbidez e/ou a melancolia, quem sabe até o sacrificalismo.

Considerando as análises anteriores, pode-se afirmar que a paciente vive um luto saudável, não passou por sobre a dor, ou por sobre a aflição angustiante de privação e mudanças, nem mesmo escondeu sua revolta. De fato, Mônica caminha por dentro do processo, procurando enxergar a morte não como separada, ou oposta à vida. Em dado momento, chega a dizer que não gosta do termo *superação*, pois sugere passar por cima do que vive e sente. O enlutamento em Mônica é mergulho em direção integradora. Por isso, é possível que sua sugestão tenha um bom fundamento.

Uma maneira de superficializar, fragmentar, reprimir ou dar respostas rápidas aos enlutados é também valorar excessiva ou radicalmente a dor. Um exemplo disso pode-se pensar os jargões: *Deus quis assim. Deus colhe para seu jardim as melhores flores...*

Nesse sentido, a sugestão de Mônica poderá indicar que abordagens fragmentárias são complicadores para a recuperação no enlutamento. Assim, é possível, por exemplo, que o fato de a paciente atentar-se à perspectiva da ressurreição (um dos primeiros aspectos teológicos apontados em seus relatos iniciais) a tenha auxiliado a ponderar luto, fé e recuperação em sentido complementar e vitalizador. Moltmann explica que é na ressurreição que corpo e alma, vida e morte são harmonizados:

A figura da ressurreição [...] abrange toda a [...] existência corporal. Nem na criação nem na redenção dos homens existe o primado da alma e uma inferioridade do corpo. Isso, porém, significa que, no espírito da ressurreição, alma e corpo reencontram sua integridade já antes da morte e que cisões bióforas e seus conflitos sequiosos da morte podem ser anulados e curados. Sendo abolidas as repressões do corpo, corpo e alma passarão a penetrar-se novamente uma a outra e constituem a forma viva de uma pessoa. [...] Na figura da esperança da "ressurreição da carne" vida e morte podem ser harmonizadas, porque a morte não precisa ser aceita nem reprimida. A figura do homem todo, em corpo e alma, adquire, a partir daquela esperança, uma nova orientação de vida que resolve suas dissensões internas: "A totalidade do espírito como ser orientado do

homem.” Se isso já se aplica à existência humana constatável, então se aplica muito mais à orientação do homem para o futuro de Deus na ressurreição. Na esperança da vitória definitiva da vida sobre a morte pode a vida mortal ser amada inteiramente aqui nesta terra [...]. O sentido terapêutico do espírito da ressurreição reside na recuperação da integridade do homem dividido pela morte.¹⁷²

A título de exemplo no que aqui se analisa, é possível considerar também o que surge na consulta de número 36, 11 meses após a perda, em que a paciente reforça o caminho relacionado a compreensões teológicas integradas e as amplia, demonstrando dificuldades também referentes ao sincretismo religioso em função de psicografias, que supostamente teriam sido enviadas por Clara e que foram entregues à família por terceiros:

Eu compreendo que as pessoas têm a melhor das intenções, penso que realmente querem ajudar, mas me parece que esse tipo de notícia, ou tentativa de notícia, puxa um pouco a gente pra trás e então temos que repensar questões relacionadas ao que acreditamos novamente. Não que seja ruim, pode até ser um reforço, ou trazer boas mudanças, mas é que tu tem aquela sensação de “lá vamos nós de novo,” entende? É um grande gasto de energia. O que considero difícil de ouvir é essa ideia sempre presente dos reencarnacionistas, que é tu que escolhe esse destino, é difícil imaginar que Clara escolheria isso, pra mim é difícil! No contraponto a Igreja Católica precisa trabalhar mais a mensagem e a vida de Jesus, trazê-la pra nossa vida, quem sabe enxergá-la em nós. Nessa caminhada, é com Ele que nos reconhecemos, é aqui que as coisas ganham sentido, mas veja bem, não pela dor, mas pelas verdades, por sua humanidade, porque Nele, o encontro entre nós é possível e a construção de um mundo melhor também. Porque nisso tu entende que sofremos pelo mal que não cometemos, mas que, ao dobrar a esquina, o desastre pode ser nosso. Você tem que olhar pra fora, pras pessoas ao seu redor, pois tudo pode te afetar, tudo que acontece lá fora. A Igreja tem que parar com assistencialismos e com aquele discurso de “temos que aceitar o sofrimento.” As pessoas precisam se sentir ouvidas, orientadas, esclarecidas, auxiliadas na busca de sentido, um sentido coerente com a dor experimentada, com a própria transcendência, com as verdades do mundo. A Igreja precisa se humanizar com Cristo, isso foi o que vivi nessa caminhada. A experiência de Cristo está dentro da vida humana, de nossos projetos e percalços, nossas quedas, nossos medos. Tu te alia a essa identidade, mas mantém tua liberdade porque Ele é um Deus trino, uma unidade inteira num verdadeiro Espírito de Amor. Nessa morte tu te encaixa, não porque quer ou tem que aprender algo com a dor, mas porque é, porque tu É nisso. Assim, espero que nessa humanidade de filho e Divindade de Pai, eu me sinta ressuscitada. Deus não salvou Jesus da morte, mas salvou na morte. Entendo então que o mal só tem poder até a morte, depois disso, como é para nós com Clara, só existe o amor. De certa forma há uma reconciliação na experiência de luto, como experiência de vida, que não deixa de ser uma ressurreição também. Espero estar caminhando nessa direção.

¹⁷² MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 396-397.

As sugestões e reflexões apontadas pela experiência de Mônica convergem com a avaliação atual de Moltmann sobre o modo como se tem trabalhado o que chama de “crise de identidade e relevância da fé cristã”, propondo, inclusive, uma análise no sentido de um sincretismo que pode acontecer dentro do próprio Cristianismo:

No cristianismo a cruz prova tudo que merece ser denominado cristão. Ainda podemos acrescentar: Somente a cruz e nada além dela prova isso, pois a cruz desmente todas as coisas e elimina os elementos sincretistas do cristianismo. Essa tese é dura. Para muitos, ela é antipática e antiquada, para outros é fiel e ortodoxa. Eu vou me esforçar para desapontar ambos os lados. [...] A existência cristã de teologias, igrejas e pessoas enfrenta hoje, mais do que nunca, uma crise dupla: a crise da relevância e a crise da identidade. Ambas as crises estão relacionadas. Quanto mais a teologia e igreja tentam ser relevantes nos problemas atuais, mais se aprofundam em uma crise de sua própria identidade cristã. Quanto mais tentam afirmar sua identidade em dogmas tradicionais, ritos e princípios morais, mais irrelevantes e desacreditadas se tornam. [...] Muitos abandonam o estudo de teologia, suas funções pastorais, sacerdócio ou ordens, estudam sociologia, psicologia ou a revolução e trabalham nos bairros miseráveis desta sociedade, pois assim têm a impressão de estarem contribuindo mais para a solução dos conflitos desta sociedade dilacerada. A velha teologia que aprenderam lhes parece um fóssil de uma época antiga. O fundamentalismo petrifica a Bíblia [...]. O dogmatismo congela a viva tradição cristã. O habitual conservadorismo da religião faz com que a liturgia seja imóvel e a moral cristã, muitas contrariando o saber e a consciência, um legalismo mortificante. [...] Todos os esforços de reforma da igreja, tornando-a uma forma de vida mais fidedigna, encontram seu limite no momento em que se reconheceu o intenso entrelaçamento entre esta igreja e esta sociedade e percebeu-se que a reforma da igreja sem reforma da sociedade não a leva a lugar nenhum. [...] Os problemas cruciais da humanidade no fim deste século serão abordados e resolvidos, em continuidade com as tradições críticas e libertadoras do evangelho, ou será que esta e as próximas gerações, por causa da culpa das igrejas e teologias sectárias e ensimesmadas, encontrarão suas esperanças na vida e na justiça em outras fontes que lhes pareçam menos corrompidas e mais acessíveis?¹⁷³

Nesse cenário, as sugestões de Mônica tornam-se preciosas, nascem de uma vivência cuja profundidade, veracidade e abertura causam-lhe uma amplitude de consciência que se dirige não apenas aos que sofrem, propondo o ajustamento de dualidades relacionadas a corpo e alma, vida e morte, amor e fé, mas também ciência e teologia a serviço da sustentação humana.

É nessa direção que a paciente segue avançando em seu processo de recuperação e reconstrução de si mesma, dentro do mundo real e em comunhão com o verdadeiro sentido da existência, direção essa que pode ser acompanhada na íntegra no ANEXO A (de seus prontuários psicológicos) onde, não obstante, revela a

¹⁷³ MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado: a Cruz de Cristo como base e crítica da Teologia cristã*, p. 23-26.

cada passo que a convergência amor, luto e fé estrutura-se e se sustenta agora em bases sólidas. O luto em sua história tornou-se apropriação e integração no horizonte da plenitude.

4.3 ANÁLISES DO CONTEÚDO TEOLÓGICO DO CASO B

4.3.1 Primeiro recorte: contido na consulta de número 2

Na segunda consulta, Bruno está no 23º dia pós-sepultamento de Clara:

Diferentemente do primeiro contato, Bruno chega trazendo revolta, sensações de injustiça, indignação, dúvidas em relação às suas capacidades, intenso cansaço e pesados sentimentos de desilusão para com Deus, para com a vida... Relata que em uma missa o padre citou, em diferentes momentos, que “é preciso aceitar a vontade de Deus” e questiona “que tipo de pedagogia é essa?” [...] Diz [...] que no momento, de zero a dez, seu cansaço é 8 e sua vontade de viver é 3. Conta, com a voz embargada, em uma mescla de raiva e tristeza profundas, que não tem conseguido rezar, que perdeu “sua crença no senso de reconhecimento de Deus”, não quer ouvir falar sobre Deus e fé. Traz que no dia a dia, sente-se muito mal em todos os momentos em que experimenta algum tipo de alívio, ou alguma atividade “boa,” como estar com os amigos, por exemplo.

Bruno inicia seu processo de elaboração expressando, através da fé, sinais de desconstrução e esvaziamento. O protesto e a revolta se derramam sobre sua vida e crenças. O paciente assume abertamente sua crítica e rebeldia referentes a Deus e à fé.

Sofrendo intensamente, suas palavras carregadas de aflição e ressentimento apontam também para uma sensação de culpa por sobreviver. Está completamente tomado por seu amor por Clara, e seu ego (aprisionado pelo trabalho de luto) o absorve quase que desligando seu princípio do prazer.

Paralelamente, suas expressões são tentativas de encontrar forças para não sucumbir à dor que violentamente ameaça invadi-lo. Bruno sente-se em perigo, as ondas de pesar coagem-no a caminhar para um desmoronamento.

Para Moltmann a morte não é apenas um fato médico relacionado ao fim da vida, mas também a morte de toda pessoa e, por isso, um evento que atinge o todo da vida humana.¹⁷⁴

Desse modo, faz pensar o autor sobre a proporção da força e impacto que tal acontecimento impõe à configuração pessoal, tornando-se um intenso desafio

¹⁷⁴ MOLTSMANN, J. *No fim, o início: breve tratado sobre a esperança*, p. 147.

que não se restringe simplesmente à vida e à morte, mas ao amor e à morte, uma vez que vida e morte não são dados simplesmente biológicos, mas experiências fundamentais profundamente entrelaçadas.¹⁷⁵

No ser humano, portanto, o amor torna-se uma de suas maiores riquezas, porém também seu tormento, como alega o autor em estudo:

Pelo amor nós nos tornamos vivos e tornamos outras pessoas vivas, mas por meio dele também nos tornamos vulneráveis diante das decepções e das feridas e, por fim, diante da morte. O amor proporciona-nos a alegria de viver, mas isso não ocorre sem a dor da morte.¹⁷⁶

Logo, conclui Moltmann, que o ser humano por temer, deseja evitar a dor, porém, desse modo, estaria também reduzindo sua capacidade de ser feliz, atentando para o fato de que em meio à dor do luto, naturalmente, as pessoas, muitas vezes, terão seus interesses e investimentos pela vida potencialmente reduzidos.¹⁷⁷

Nesse contexto, compreender e validar a dor, bem como amparar o enlutado, passam a ser uma urgência inclusa na ética do cuidado. No entanto, Moltmann converge para a direção do que se encontrou sobre as resistências aos temas morte e luto na atualidade, como visto acerca da história, o autor considera que poucos são os espaços continentais em que verdadeiramente os enlutados podem sentir-se autorizados a expressar o que sentem:

A correspondência entre disposição para ser feliz e capacidade de sofrer não apenas formata nossa vida pessoal, mas também nossa vida cultural pública. A vida social é principalmente organizada mediante rituais. Onde encontramos na vida pública de nossa sociedade os rituais para morrer, para a morte e para o luto? A resposta é evidente: nós praticamente nem mais nos damos conta dessas realidades. [...] A sociedade moderna não dispõe de tempo nem de espaço para o luto, assim também não tem mais respeito pelos enlutados e nem os protege. A morte e o luto foram drasticamente privatizados e excluídos da vida pública.¹⁷⁸

É possível que, em seu estado de fragilidade, Bruno tenha buscado no ritual, na missa (nesse recorte citada), encontrar espaço e consolo, porém se defronta com repetidas e exigentes expressões na direção da resignificação diante da vontade de

¹⁷⁵ Ibidem, p. 148.

¹⁷⁶ Idem.

¹⁷⁷ MOLTSMANN, J. *No fim, o início*: breve tratado sobre a esperança, p. 148.

¹⁷⁸ Idem.

Deus. Não obstante, no mesmo relato, pontua sua descrença num senso de reconhecimento de Deus. Associações que sugerem que Bruno, além de não ter encontrado o suporte necessário, de algum modo, teve intensificados seus questionamentos sobre Deus.

Vê-se no ANEXO B (consultas de números 4 e 6), que o paciente retoma sutis aproximações sobre o tema de Deus associando-as ao amor e à saudade de Clara.

4.3.2 Análises do conteúdo teológico do Caso B – segundo recorte contido na consulta de número 7

Na consulta de número 7, o paciente está há dois meses da perda da noiva quando aprofunda o contato com as contradições impostas pelo luto e revela outros sinais de desconstrução que elabora na fé, referindo-se a Deus como antes conhecido:

Ainda não estou muito tranquilo em relação a Ele, mas tenho pensado Nele e voltado a pensar em conversar com Ele, é só que é muito difícil entender esse mundo que Ele criou. Começo a pensar que Clara está sim num mundo espiritual melhor do que aqui, mas era aqui que a gente vivia juntos, e era bom, estava tudo bem, sabe? De repente você se vê tendo que entender tamanha mudança, também é um imenso grau de exigência, não é? Se deparar com tudo isso... e ainda dizer: tá eu entendo, e continuar acreditando e tudo bem, não dá! Não é que me sinta especial ou diferente, sei que existem muitas pessoas que sofrem, mas não penso só em mim, nem só em Clara, penso nas crianças que morrem, outros jovens, no quão incerta é essa nossa vida. Sei que é a humanidade que faz o mundo girar, que Deus não deseja o mal de ninguém, mas não era Ele todo-poderoso, onisciente, onipotente, etc.? Às vezes eu penso Nele e digo: pega leve comigo tá, porque não tá fácil entender tudo isso, me dá um desconto. Acho que minha visão de Deus mudou muito, às vezes nem sei onde colocar Ele, nem o que fazer com Ele.

Nesse relato, apesar do quão difícil lhe é, Bruno tem se esforçado para manter contato com Deus. A dor e o amor por Clara parecem unir-se no paciente a partir de uma ideia de comunhão, ou seja, de que a amada está com Deus e isso, de algum modo, gera sua busca de proximidade com o que pensa ser divino.

No entanto, paralelamente, suas palavras indicam uma premência por compreender a injustiça que vive, sintoma natural no enlutamento, e que, agora, na fragmentaridade de uma concepção anterior de mundo, é olhar que se abre a outros.

Associado a isso, a imagem de Deus todo poderoso, onisciente e onipotente, tal como descreve, parece carregar uma revolta que desde já sinaliza mudanças.

Nesse período, Bruno sente-se confuso, não sabe mais quem é Deus exatamente, onde colocá-lo e para que Ele existe.

Moltmann alega que o homem desenvolve a sua humanidade na relação da divindade de seu Deus. Pondera que é assim que o ser humano experimenta sua existência na relação com aquele que o ilumina como ser supremo, aspecto ao qual a antropologia e a Teologia convergem em um relacionamento recíproco:

Ele orienta a sua vida no valor máximo. Suas decisões fundamentais são feitas de acordo com aquilo que incondicionalmente diz respeito a Ele. Assim sendo, o divino é a situação na qual o homem experimenta, se desenvolve e se molda.¹⁷⁹

A partir disso, se pode pensar o quanto a confusão e as mudanças experimentadas pelo paciente se estendem a essa referência divina que, ao que parece, vem sendo perdida conjuntamente na elaboração e assimilação da despedida de Clara.

Se Teologia e Antropologia, mais especificamente aqui a Psicologia do enlutamento, teriam que, como aponta Moltmann sobre a definição de Deus, encontrar caminhos recíprocos e integrados a subsidiar a reconstrução para a vida humana, que imagem de Deus poderia tornar-se referência para Bruno nesse contexto?

Nesta temática, Moltmann considera a antiga adoção de um conceito filosófico de Deus, aquele tido como incapaz de sofrer, da Igreja primitiva. Um conceito que para o autor gerou dificuldades na Cristologia, as quais só a Teologia mais recente procurou combater. E lembra que antes de um Deus que sofre se tornar tema da Teologia cristã no presente, a Teologia judaica já estava discutindo esse assunto. Considera que a Teologia cristã nada pode fazer além de aprender com essa nova exegese judaica da história de Deus no *Antigo Testamento* e no sofrimento presente do povo judeu.¹⁸⁰

Assim, é provável que Bruno esteja revendo sua concepção de Deus para encontrar sentido e aproximação à sua experiência, ao mesmo tempo que, talvez, tente entender o contexto espiritual do qual Clara faz parte agora.

¹⁷⁹ MOLTMANN, J. *O Deus crucificado: a Cruz de Cristo como base e crítica da Teologia cristã*, p. 338-339.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 339.

Como mobilização interna que abraça tanto o antropológico quanto o teológico, Bruno parece estar tentando encontrar um lugar para o amor, para Clara, no mundo de Deus, para si no mundo que vive, mas, acima de tudo, para Deus. Porém, para que a busca se efetive de modo funcional, é inegável que os endereços precisam convergir.

Portanto, é também provável que exista um Deus do qual Bruno se despede, a cada dia vivido, na saudade de Clara.

Essa é também a temática de Moltmann sobre *pathos* e *apatheia* em Deus. A cada dia no enlutamento, a partir de Deus e no exercício de despedir-se de Clara, buscando preservar seu amor por ela, Bruno, o novo mundo e o verdadeiro Deus parecem emergir em novo e preservado lugar, endereço de comunhão. Esse processo pode ser acompanhado em seus detalhes ao longo de todo ANEXO B.

A atualização sobre quem Deus é e quem ele não é, o quanto sofre, ou não sofre, é aspecto fundamental nas obras de Moltmann. O autor explora o legado de uma imagem filosófica de Deus, como visto também sobre Filosofia nesta pesquisa.

Imagem idealizada que construiu no passado a ideia moral do homem sábio,¹⁸¹ como aquele que deveria tornar-se semelhante à divindade, cuja participação na esfera divina implicaria, necessariamente, a superação de suas necessidades e de seus desejos, levando uma vida livre de problemas, medo ou revolta, vida em *apatheia* que encontraria descanso no pensar de Deus e na presença eterna em sua vontade:

Como ser perfeito, ele não possui emoções. Raiva, ódio e inveja são estranhos para ele. Igualmente estranhos são amor e compaixão e a misericórdia. “O ser bendito e incorruptível não passa por tribulação, nem a coloca como fardo sobre os outros. Portanto, não conhece nem a ira, nem o favor. Esse tipo de coisa só se encontra em um ser fraco.” Deus pensa em si mesmo eternamente e, nisso, ele é o pensamento do pensamento. Deus é eternamente disposto. Portanto, o desejo e o pensamento são partes do seu apático. [...] Seu conhecimento não é perturbado por nenhuma emoção da alma ou por qualquer interesse do corpo. Ele vive na alta esfera do Logos. Ele nem sente aquilo que o outro considera como bom ou mau. Ele usa todas as coisas como se tivessem valor, embora não atribua nenhum valor a elas. A não perturbação, a não paixão, a mansidão, seguem [...] cétricas como uma sombra.¹⁸²

¹⁸¹ MOLTMANN, J. *O Deus crucificado: a Cruz de Cristo como base e crítica da Teologia cristã*, p. 341.

¹⁸² Idem.

Diante disso e como visto anteriormente, é válido considerar que, a seu modo, Bruno vê-se às voltas com um conceito e uma imagem de Deus conflitantes fator que não favorece sua recuperação.

No entanto, lhe é impossível negar a revolta, a dor e, essencialmente, o amor que emergem no enlutamento por Clara. Parece estar exatamente no fato de que Bruno não pode negar seu amor por Clara que é levado a redefinir suas noções sobre Deus.

4.3.3 Análises do conteúdo teológico do Caso B – terceiro recorte contido na consulta de número 14

Nessa consulta, Bruno está há quase quatro meses da perda e relata o que sentiu a partir do ritual realizado em Garopaba: a missa que a família decidiu celebrar em lugar e na data que corresponderia ao dia do casamento de ambos:

Não consigo definir essa “ligação” claramente, é um “entre”, um “dentro”, uma forma diferente de sentir o amor por ela, com ela, mas um amor em nada menos importante que o daqui, de quando estávamos juntos, só diferente, talvez mais aberto, um amor onde toda a vida cabe e ainda a transcende.

A experiência intensa de contato com a data, a dor e a saudade, aqui do não vivido, ao menos inicialmente, hipotetiza o quão duro ou inapropriado poderia ter sido o intento familiar em manter a viagem, a estadia na cidade, a data e a missa onde aconteceria o casamento.

No entanto, surpreendentemente, a ritualística vivenciada pelo paciente, através de sua participação no evento, foi intensa emocionalmente, mas positiva; se pode afirmar, terapêutica, pois Bruno voltou trazendo noções sobre o amor de um modo diferente e adaptativo, bastante menos agudo em relação às aflições em face da morte e a privação de contato com Clara. Expressões do seu sentir que associa às palavras: amor, abertura e transcender.

Dias antes, Bruno pareceu deixar o espaço terapêutico preparado para enfrentar o evento e centrado em seu amor por Clara, porém, ao voltar, traz uma conotação diferente de amor, como se estivesse tratando de duas diferentes formas de amar em que uma comporta a outra.

Moltmann refere que o amor é a experiência mais forte e íntima que pode ocorrer entre as pessoas, é o que torna a vida digna de ser vivida. Assim, escreve:

Dele [do amor] nasce vida nova, ele é forte como a morte. Judaísmo e cristianismo colocaram em seu centro o *duplo mandamento* do amor. A experiência cristã de Deus chega mesmo a dizer: “Deus é amor”. (1 Jo 4,16). Que relação existe entre esta experiência de Deus e a experiência humana do amor? O que é que acontece naquele processo hermenêutico que transfere para a experiência de Deus as expressões da experiência humana do amor e que esta experiência de Deus assim explicada retorna à experiência humana do amor? Não devemos, na experiência do amor, pensar na experiência de Deus, e na experiência de Deus pensar na experiência do amor? Neste caso seria errado empregarmos a mesma palavra para as duas experiências. As claras e cuidadosas distinções teológicas entre *eros* e *ágape*, entre *amor* e *caritas*, entre amor sensível e amor espiritual, tentaram restringir a transferência dos significados. Elas separam novamente uma da outra a experiência de Deus e a experiência do amor, e com isto o duplo mandamento do amor ficou dividido. Mas é um único amor que abrange Deus e o próximo, como na primeira Epístola de João é um único amor que se experimenta por Deus e pelo próximo.¹⁸³

O autor acrescenta, ainda, tomando como exemplo, a divisão do *único* amor em duas formas na interpretação figurada e literal erótica do *Cântico dos Cânticos*:

Será que este maravilhoso hino de amor merece figurar num livro religioso? Os que se escandalizam com isto interpretaram-no alegoricamente como o amor de Deus na alma. Com isto eles retiram o amor de Deus do amor sensível, empurrando a este a categoria dos “baixos instintos”, a fim de que o amor transcendental de Deus permaneça puro, espiritual e interior. Mas se a Bíblia é com razão chamada de o “livro da vida,” então as experiências vivificantes do amor merecem figurar neste livro, e então não nos é permitido subtrair a profundidade e a transcendência a esta experiência imanente do amor, suprimindo dela um amor mais elevado. Deus – o Espírito que vivifica – pode ser experimentado na experiência humana do amor. Embora seu nome não ocorra expressamente no “Cântico dos Cânticos”, seu esplendor encontra-se em cada expressão com que a experiência do amor é descrita, pois ele é “labaredas divinas”. (8,6).¹⁸⁴

A partir disso, se pode dizer que em Moltmann Bruno seria compreendido no que o paciente nomina como *ligação, entre e dentro*, na tentativa de colocar em palavras e definir o amor que vem sentindo de um modo diferente no seu processo de elaboração.

Antropologicamente, do ponto de vista psíquico, é o que encontramos em Worden acerca da fundamentação em luto no capítulo anterior, a resignificação vincular ou reposicionamento emocional com a pessoa falecida, apontado como tarefa a ser alcançada na caminhada de enlutamento. Porém, vê-se que, diante da experiência de Bruno, o amor é mais do que tarefa, objetivo ou redefinição, é amplitude de concepções.

¹⁸³ MOLTMANN, J. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p. 242-243.

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 243.

Teologicamente, Moltmann enriquece com profundidade aquilo que o paciente tenta dizer, mas que, em diferentes momentos, nem mesmo suas palavras suportam conter a riqueza de significados. Noções que auxiliam a compreender também a amplitude do processo de transformação no luto. Esse pode ser um dos caminhos de uma ética da esperança no cuidado com o luto. Integração apontada por Bruno que se dá a partir da complementaridade entre fé e razão a serviço da reestruturação da vida humana no enlutamento.

Se assim for, não é incoerente conjecturar que, em seu luto, Bruno encaminha-se para redescobrir Deus e sua fé, ao menos inicialmente, através do amor, do vínculo com Clara.

Moltmann considera que encontrar experiências de Deus nas experiências de amor não quer dizer divinizar o amor nem transformá-lo num culto, o que sobrecarregaria os amantes levando-os ao risco de decepções destrutivas.¹⁸⁵ No entanto, chama a atenção para o fato congruente de que compreender que as duas esferas unem-se mutuamente, aprofundam-se e protegem uma a outra, corresponde a compreender que quem permanece no amor permanece em Deus e assim Deus nele.¹⁸⁶

O amor, reforça o teólogo da Esperança, é um só e suas diferenças resultam das pessoas, de suas singularidades e relações de umas para com as outras. Isso, considera, é também o que estrutura a comunhão, já sutilmente sinalizada por Bruno anteriormente. Desse modo, Moltmann define a comunhão de Deus com todo ser humano, no excerto:

A comunhão do amor é *comunhão erótica*: a comunhão de amor de Deus com a criação que ele ama é erótica: a força que distingue e une todas as suas criaturas é erótica; o encantamento dos amantes um com o outro é erótico. “O eros nós o chamamos divino e angélico, espiritual, psíquico e natural – reconhecemo-lo como uma força que une e mistura.” [...] O amor é vida que traz vida. *Vita vivificans* é um antigo nome para o Espírito de Deus, que leva tudo a florir e a fecundar-se.¹⁸⁷

Nesse viés, é possível compreender que as reações de Bruno nesse recorte revelam que o paciente volta da missa, na data que seria a da celebração do sacramento do seu matrimônio, tendo experimentado os primeiros sinais do que

¹⁸⁵ MOLTSMANN, J. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p. 243.

¹⁸⁶ Idem.

¹⁸⁷ Ibidem, p. 243-244.

Moltmann aponta como verdadeira comunhão. Mergulhando através do amor por Clara, Bruno se dirige a uma profunda compreensão acerca do amor em Deus.

4.3.4 Análises do conteúdo teológico do Caso B – quarto recorte contido na consulta de número 19

Nessa consulta, passaram-se seis meses da perda de Clara, e Bruno reflete sobre inferências kardecistas a partir do recebimento de uma psicografia, fator que lhe causou mobilizações, sinalizando certo desconforto diante de uma sincrética possibilidade religiosa, porém mantém-se questionando incoerências em seu pertencimento religioso de origem:

Eu conheço o íntimo de Clara, não preciso de notícias de um centro espírita pra ter respostas dela, não preciso dela me dizendo coisas de tempos em tempos, isso não me alimenta, eu não faria isso com ela, não seria possível viver imaginando ela de plantão vendo tudo aqui, preocupada com tudo aqui, também essa não é uma pedagogia espiritual coerente pra mim. Eu sinto e sei pelo que sinto, pelo amor que nós construímos aqui em vida, a partir da realidade que vivemos. Sabe o que é difícil pras pessoas? É viver com sede, quando a gente anda no deserto com muita sede, a gente enxerga coisas porque precisa delas. Quantas vezes eu me perguntei se estava vendo, entendendo as coisas com clareza, ou estava inventando pra me aquietar... O meio do caminho traz muita dor, tenho sempre presente o Bruno que eu fui, o Bruno que ela me tornou também, esse é o Bruno que não quero perder de vista. No fundo as armas que todos usamos são as mesmas, mas tenho a certeza de que só o amor sustenta, existem verdades no amor, aquilo que eu adquiri com ela não vai sair de mim, é minha ferramenta. O que acontece é que o silêncio de Deus machuca, silêncio machuca mais do que qualquer atitude, não sei se eu entendo esse silêncio ainda hoje. E, sabe como é, no lugar do silêncio cabe de tudo. Hoje sei que Deus sabe de tudo que eu vivo e, apesar de ter me sentido abandonado por Ele, na crueldade do silêncio, descobri que sofri também pelo tamanho da fé que eu tinha, assim como sofri pelo tamanho do amor que tenho pela Clara. Do amor que sempre vou ter por ela, ainda que de outro jeito, e da mesma maneira que tudo muda, eu sinto que minha fé mudou. Na verdade sofremos pelo tamanho da fé e do amor que temos, não pela ausência deles.

Mais do que inferências kardecistas, o paciente mostra, nesse relato, que sua intensa inquietude encontra-se numa sensação de abandono religioso que emerge da experiência de não se sentir escutado por Deus.

O silêncio de Deus é tema desenvolvido com profundidade, atenção e cuidado por teólogos alemães da Segunda Guerra, não apenas por Moltmann, mas por estudiosos profundamente angustiados, vítimas primárias e/ou ocultas das dores de um mundo num tempo de atrocidades.

O silêncio de Deus está no coração de toda a obra de Moltmann, e suas compreensões sobre essa experiência perpassam todo o Mistério Pascal estruturando seu corpo teórico.

Moltmann lembra que o silêncio de Deus mostrado no Cristo crucificado, revela a profundidade das relações entre Jesus e Deus, norteadas por compreensões sobre ambos, na direção do que existe de mais honesto nas realidades humanas.

Assim, o autor compreende a leitura que se pode fazer da morte de Jesus, a partir das Escrituras:

Sua morte não foi nenhuma “bela morte.” Os Evangelhos sinóticos concordam na narração do seu “tremor e hesitação” (Mc 14,34) e de uma inquietação de sua alma até a morte. Ele morreu com “clamor e lágrimas,” diz a carta aos hebreus (5,7). De acordo com Mc 15,37, ele morreu dando um grande grito. [...] Jesus morreu com todos os traços de uma morte assustadora. [...] Mostra que na morte de Jesus jaz algo especial. Ela só pode ser entendida se olharmos sua morte não apenas na relação de Jesus com judeus e romanos, com a lei e poder político, mas na sua relação com seu Deus e Pai, cuja proximidade e graça, ele mesmo anunciava. Nós nos chocamos, então com a dimensão teológica de sua vida e morte. Marcos transmite o grito do Jesus moribundo com as palavras do Salmo 22.2: “Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?” Isso é com certeza uma interpretação da igreja pós-pascal, uma vez que o Salmo 22 em si contribuía para a estrutura das narrativas da Paixão. Mas ela parece muito próxima da realidade histórica da morte de Jesus. O grupo textual ocidental de Marcos 15,34 suavizou as palavras e diz “Meu Deus, por que me censuras?” Lucas deixou essas palavras de fora e as substituiu com a palavra de confiança das orações noturnas judaicas do Salmo 31,6: “Pai, em tua mão entrego meu espírito” (Lc 23.46) é por isso que discípulos não fogem da cruz em Lucas, pois para ele, Jesus não morreu “abandonado por Deus”, mas como mártir exemplar. Em João, por sua vez, se diz por outras razões teológicas: “está consumado” (19,30), pois para João o combate de Jesus termina com a vitória e sua glorificação na cruz. Diante dessa história da transmissão é possível supor que o texto mais difícil de Marcos é o que mais se aproxima da realidade histórica. E para tornar o paradoxo perfeito, em Marcos, dando resposta ao grito com o qual Jesus entrega seu espírito, o centurião dá uma confissão da filiação divina de Jesus: “Verdadeiramente, este homem era filho de Deus” (Mc 15,39). Pressupomos, por isso, o seguinte: que Jesus morreu com sinais e expressões de profundo abandono da parte de Deus.¹⁸⁸

As palavras de Bruno sobre sua sensação de abandono e silêncio se aproximam muito do que Moltmann compreende sobre a morte de Jesus. O sofrimento de Bruno aqui denuncia seu amor, aquele que sentia por Deus, o quanto imaginava conhecê-lo e simultaneamente seu amor por Clara.

¹⁸⁸ MOLTMANN, J. *O Deus crucificado: a Cruz de Cristo como base e crítica da Teologia cristã*, p. 189-190.

A morte do Cristo abandonado, de acordo com Moltmann, permite conceber que o sofrimento não é objeção contra Deus, mas como em Bruno decorre de um vínculo, na Cruz entre Pai e Filho:

Nesse abandono o Filho sofre a dor da morte. O Pai sofre a morte do Filho. Por isso, à morte do Filho corresponde o sofrimento do Pai... aqui está em jogo o mais íntimo da vida da Trindade... na cruz, o Pai e o Filho estão de tal forma separados que as suas relações foram interrompidas. Jesus morreu sem Deus.¹⁸⁹

Moltmann pontua assim a dura realidade da morte em Jesus: “Jesus não morreu apenas aparentemente, mas de fato, não apenas física, mas totalmente, não apenas para os homens, mas também para Deus.”¹⁹⁰

Compreende que o abandono do Pai para com o Filho se dá revelando quem verdadeiramente é Deus:

Pai abandona o Filho “por nós”, isto é ele o entrega para tornar-se Deus e Pai dos abandonados. O Pai entrega o Filho para tornar-se Pai dos entregues por meio dele (Rm 1,18). Isso transforma também o Pai todopoderoso, pois Cristo foi crucificado na fraqueza de Deus (2 Cor 13,4). O Filho é entregue à morte para tornar-se o irmão e salvador dos condenados e amaldiçoados.¹⁹¹

Para Moltmann essa é a essência do conteúdo do Getsêmani, quando Cristo buscando o Pai em momento de angústia, sofre por não ter sua oração respondida, revela então a profunda comunhão que nasce tão paradoxalmente no momento mais intenso, de maior separação do Filho e do Pai:

Na cruz Pai e Filho estão separados a ponto de interromperem suas relações. Jesus morreu sem Deus. Ao mesmo tempo, Pai e Filho estão tão unidos na cruz que chegam a representar um só movimento de entrega. Ao Gólgota se aplica de modo especial o dito: “Quem vê o Filho, vê o Pai.” (Jo 14,9).¹⁹²

Moltmann lembra que a entrega do Pai e do Filho acontece pelo “Espírito” que é o agente unidor na separação:

Os sofrimentos de Cristo são igualmente os sofrimentos de Espírito, pois na entrega de Cristo revela-se também a renúncia do Espírito. Assim como o

¹⁸⁹ Idem.

¹⁹⁰ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 336.

¹⁹¹ Ibidem, p. 267.

¹⁹² Ibidem, p. 269.

Espírito é sujeito divino da história de Jesus, assim ele é também o sujeito divino de sua história da paixão. Por isso é preciso, inclusive, que se acrescente que se Jesus sofreu a morte no “poder da vida indissolúvel” (Hb 9,14) e por meio desse poder do “Espírito eterno” (Hb 9,14) destruiu a morte em sua morte.¹⁹³

Moltmann cita Paulo que bem interpretou o evento do abandono na entrega de amor:

Abandono de Deus na cruz como entrega do Filho, e a entrega do Filho como amor de Deus. O que é o amor de Deus, “do qual nada nos pode separar” (Rm 8,39), isso aconteceu na cruz de Jesus Cristo e é experimentado sob a cruz. O Pai, que envia seu filho a todos os abismos e infernos do abandono de Deus, da solidão e da destruição, está presente no Filho em todas as partes junto aos seus e, portanto, se tornou onipresente.¹⁹⁴

Essas relações iluminadas por Moltmann estão presentes ao longo de todo o acompanhamento psicológico do paciente B. Direta ou indiretamente, surgem associadas às suas tentativas de compreender Deus, Jesus, a morte e o mundo real. E surgem na inter-relação das palavras: amor, entrega, *kenose* como despojamento, sofrimento e sofrimento de Cristo.

É através da elaboração do amor por Clara, diante da perda, que o paciente é desafiado a rever suas compreensões religiosas, ampliando percepções também na direção do mundo. Isso causa em Bruno transformações profundas.

No que se refere à entrega diante da compreensão da morte de Cristo na Cruz, Moltmann pondera o quão transformador poderá ser ao ser humano alcançar com clareza e vivacidade a riqueza de sentidos nela subjacentes, tanto na direção da própria vida como na direção da ação transformadora que passará a ter no mundo. Assim aponta o autor sobre quem é Deus, quem é o Filho e as consequências disso para a pessoa humana:

Com a entrega do Filho ele nos dá “tudo,” e nada nos pode separar dele. Com isso começa a linguagem do reino de Deus no qual Deus será “tudo em tudo”. Quem reconheceu a presença de Deus e seu amor no abandono do irmão crucificado, por parte de Deus esse passa a ver Deus em todas as coisas (Sl 139,8), assim como, depois de sua experiência de morte, uma

¹⁹³ Idem.

¹⁹⁴ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 269.

peessoa enxerga a vivacidade de todas as coisas de forma jamais imaginada.¹⁹⁵

Surpreendentemente, nos relatos que seguem, será possível observar que o paciente, mergulhado no luto, sinalizará uma grande identificação com que Moltmann indica. Uma vivência crescente e contínua, embora oscilante, ao longo de toda sua caminhada de enlutamento, que sugere fortemente uma profunda conversão, inclusive apontando, mais tarde, a compreensões relacionadas à sensação de Deus em todas as coisas, a partir de Clara, como parte dessa imanência e autotranscendência. Direção de abertura e renovado senso de alteridade. Caminho que, na íntegra, pode ser acompanhado no ANEXO B.

Para Moltmann é na Cruz que está a definição de Cristo e de Deus. E cita o Evangelho de João demonstrando que tal definição é, na verdade, uma forma de ser de Deus e de ser em Deus:

O Evangelho segundo João resume a entrega na máxima: “Assim Deus amou o mundo que entregou seu Filho unigênito, para que todos os que nele crêem não pereçam, mas tenham vida eterna” (Jo 3,16). O “assim” significa: “de tal maneira,” da maneira do abandono sofrido na morte na cruz conosco e “por nós”. E a Primeira Epístola de João (4,16) define Deus nisto: “Deus é amor.” [...] Ele é amor. Sua existência é amor. No próprio Cristo ele se constitui como amor. Isso aconteceu na cruz. Esta definição: “Deus é amor” adquire seu peso pleno somente quando se tem constantemente presente o caminho que conduz a ele: o abandono de Deus na cruz, a entrega do Filho e o amor do Pai [...]. Deus é amor, isto é, Deus é entrega.¹⁹⁶

Nesse norte e ao longo do acompanhamento, também Bruno dirá outras vezes e de diferentes formas que nessa caminhada Cristo e ele parecem estar do mesmo lado.

Então, neste período, o paciente reconhece sofrer por se sentir vinculado a algo que não responde, sente-se traído. Há em Bruno o temor por suas alianças rompidas com Deus, talvez com Clara, pelo afastamento, pela privação e saudade.

Um fenômeno que se assemelha à *kenose*. Moltmann compreende por *kenose* o caminho místico da angústia na alma, diante da solidão, silêncio, isolamento e, acima de tudo, um despojamento, desnudamento e abandono de todas as coisas terrenas. Cita o exemplo do aprisionado:

¹⁹⁵ Ibidem, p. 270.

¹⁹⁶ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 270.

Na prisão o perseguido por causa da justiça é despojado de todas as coisas que ele ama. Ele é isolado de todas as suas relações humanas. É-lhe imposto um celibato forçado. Sob a tortura ele é desnudado em sua corporalidade e submetido aos tormentos. Perde seu nome e passa a ser um número. [...] No silêncio da prisão solitária ele cai na “noite escura da alma”. [...] O caminho da experiência mística é na realidade o seguimento de Cristo na resistência contra os poderes que se opõem a Deus, os poderes desumanos da morte. [...] A “testemunha da verdade” é desprezada, [...]. Experimenta em seu destino o destino de Cristo. Por isso ele experimenta também a presença do Cristo ressuscitado na comunhão dos sofrimentos de Cristo e torna-se tanto mais perto deles quanto mais longe vai a comunhão dos sofrimentos.¹⁹⁷

Se luto é expressão e decorrência do amor, pode-se pensar que Bruno sente-se aprisionado, profundidade que alcança todo seu universo antropológico e o transcende. Nesse passo, uma amostra da intensidade do que sente está no ANEXO B, na consulta de número 50, em apontamentos que o paciente traz por escrito para a psicoterapia. Algo que, ao mesmo tempo, indica uma profunda comunhão, amor que, no mais íntimo e difícil da vida, é experiência e eco. Se em alguém o abandono pode ser, então em Bruno, em si, também pode. O abandono em Jesus parece representar para Bruno a existência que suporta sua existência.

Moltmann pondera também a *kenose* de Cristo associada à sua morada no mundo e ao seu abandono na Cruz, surgindo a concepção definitiva sobre quem é Deus e qual é a condição da vida humana no vínculo com o divino:

Seguindo Fl 2, a teologia cristã fala sobre a auto-humilhação final e completa de Deus no homem e na pessoa de Jesus. Aqui, Deus, na pessoa do Filho, penetra na situação limitada e também aceita e abraça toda a existência humana com seu ser. [...] Ele se humilha e aceita toda a humanidade, sem limites e condições, para que cada homem possa participar nele, com sua vida, como um todo. Quando Deus se torna homem em Jesus de Nazaré, ele não somente entra na finitude do homem, mas, em sua morte na cruz, também entra na situação do abandono do homem. Em Jesus, ele não morre a morte natural de um ser finito, mas a morte violenta de um criminoso na cruz, a morte em um completo abandono por Deus. O sofrimento na Paixão de Jesus é o abandono e rejeição por Deus, seu Pai. [...] Deus não se torna uma lei, para que o homem participe nele pela obediência da Lei. Deus não se torna um ideal, para que o homem alcance comunhão com ele pelo esforço. Ele se humilha e toma sobre si a morte eterna [...] do desamparado. [...] Deus encarnado está presente e pode ser experimentado na humanidade de todo homem e na plena corporalidade humana. [...] o Deus crucificado está próximo a ele no desamparo de cada homem. Não há solidão ou rejeição que Ele não tenha tomado sobre si e tenha assumido na cruz de Jesus. [...] Não há necessidade de tentativa de justificação ou de autoacusação autodestrutivas para se aproximar dele. O homem desamparado e rejeitado pode se aceitar exatamente onde ele vem a conhecer o Deus crucificado, que está com ele e já o aceitou. Se Deus tomou sobre si a morte na cruz, ele também tomou sobre si toda a vida e a

¹⁹⁷ MOLTSMANN, J. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p. 198.

vida real. Ao fazê-lo, ele torna possível aceitar a vida e a morte inteira e completamente. O homem é levado, sem limitações e condições, à vida prática e ao sofrimento, à morte e à ressurreição de Deus e, na fé, participa fisicamente da plenitude de Deus. Não há nada que possa excluí-lo da situação de Deus entre a dor do Pai, o amor do Filho e o mover do Espírito.¹⁹⁸

As mudanças na fé em Bruno apontam caminhos para uma transformação no horizonte desse reconhecimento. É possível acompanhar no ANEXO B, no prontuário de número 22, por exemplo, a força e a carga emocionais que os relatos de Bruno assumem dentro desse caráter teológico, mantendo-se na mesma direção durante todo o tempo da consulta. Enquanto protesta contra Deus como antes conhecido, sente-se ajudado e percebe mudanças que tranquilizam sua alma.

4.3.5 Análises do conteúdo teológico do Caso B – quinto recorte contido na consulta de número 26

O paciente aqui está a nove meses da perda quando expressa uma revisão sobre a fé e Deus:

Estive pensando que tenho encontrado outro jeito de acreditar no que acreditava. Nessa história toda, você fica, parece, que tentando encaixar as peças de um quebra-cabeça, às vezes acontece porque você pensa nas coisas, mas às vezes não. É uma sensação de ser ajudado e só isso, não dá muito pra explicar. Uma coisa eu sei, eu tenho pensado mais em Cristo do que em Deus, porque em Deus as coisas que a gente vive, por mais que a gente esteja falando de amor, ficam confusas, e o silêncio Dele machuca, mas Cristo sofreu, ele sentiu a vida da gente. Tenho pensado mais Nele, que acaba sendo um caminho do meio bom. A Igreja deveria investir mais na experiência de Cristo, não digo naquilo de dor, sofrimento e sacrifício, não isso, que é mórbido, culposo, mas da vida dele, das coisas que viveu como a gente vive. Um Cristo gente. Mas também entendo que o costume dos Anjos, Santos e Deus pra algumas pessoas pode ser melhor. É só que quando você passa por algo dessa magnitude, você precisa de uma lógica suficiente, então as injustiças vividas por Cristo parecem fazer mais sentido do que o famoso “Deus quis assim”, ou “Você não deve questionar os desígnios de Deus”. Se isso é só uma busca racional pra não perder a fé, bom eu penso que também não seria um erro encontrar meios de ficar com o que sempre fez parte de você, tu mesmo diz isso, o que não dá é ficar com algo que não faz mais sentido. E essa ideia de que Cristo pode ser uma ponte entre o nosso mundo e o mundo de lá, é confortável, porque, até certo ponto, todo mundo que ama e perde também fica mais perto e mais aberto ao mundo de lá, eu penso.

¹⁹⁸ MOLTMANN, J. *O Deus crucificado: a Cruz de Cristo como base e crítica da Teologia cristã*, p. 351-352.

Nesse recorte, o paciente confirma sua identificação com Cristo, uma perspectiva tanto na direção da memória de seus sofrimentos e abandono, quando se aproxima e associa à concepção de Deus, silêncio e amor, quanto como referência empática, na busca de sentido, a partir daquilo que Cristo teria vivido.

Refere-se a Cristo como um *caminho do meio*, sugerindo importância central, equilíbrio, senso de aproximação com sua realidade, um norte ou norteador. Parece que o paciente estabelece aqui o início de uma compreensão de que Cristo mostra ser modelo de referência, talvez similar ao que foi explorado no capítulo anterior a partir das construções de Bowlby, uma base segura.

Considerando o que define Bowlby na formação de vínculos afetivos, a modelagem segura, ou seja, a figura vincular cuidadora oferece ao indivíduo segurança para o enfrentamento do *stress*, dos traumas, das doenças ou do medo.

E para que um vínculo seja considerado seguro, é necessário que o dispositivo por busca e proximidade da figura vincular seja acionado, dispositivo que, em adversidades, se mostra no comportamento de vigília e premência para manter-se na rede de proteção e apoio confiável e cuidadora do sujeito em risco ou temor.

A mesma compreensão teórico-antropológica considera ainda que é a maneira como a figura vincular responde ao *stress* que orientará o modo como o indivíduo construirá suas estratégias de enfrentamento para administrar a adversidade, desenhando um caminho de modelagem de respostas e impulsos para o vinculado e identificado.

Outro aspecto interessante é que só se pode considerar vinculado um indivíduo que se sentiu de algum modo concretamente cuidado pela figura vincular, ou seja, que tenha recebido respostas, atenção e acompanhamento.

Para Bowlby o luto é risco de ambiguidades, ambivalências e evitações afetivas duradouras, enquanto uma boa fonte vincular é sinônima de segurança, renovação e júbilo.

Nesse compasso, torna-se possível sustentar que as inferências de Bruno em relação a Cristo, então como sentido, citado e compreendido pelo jovem na direção de uma figura vincular vêm auxiliá-lo no enlutamento, inclusive como perspectiva de um eco de suas experiências de vida. Jesus Cristo tornou-se para Bruno uma pessoa, figura de apego e suporte, vínculo protetivo.

Talvez Bruno tenha encontrado em Jesus Cristo um modelo funcional e significativo acerca de um modo humano de amar, sofrer, perder e reconstruir-se.

Essa pode ser uma das chaves de auxílio para uma ética do cuidado no enlutamento, essencialmente, ainda, naquilo que escreve Moltmann em toda sua obra.

Diante da perspectiva de Jesus, como alguém que também viveu lutos, e quando Bruno descreve que compreende que Cristo sofreu, referindo-se à Cruz e ao silêncio de Deus, faz pensar na oração do monte das Oliveiras que descrita de acordo com *A carta aos hebreus*, sinaliza o enlutamento no coração de Cristo, ou seja, o momento em que Jesus, angustiado, tem seu dispositivo vincular acionado e busca a proximidade dos apóstolos e do Pai.

No que se refere à Igreja e aos sofrimentos de Cristo, Moltmann defende, citando Arnulfo Romero, que transformou a Catedral de El Salvador em um hospital para feridos e de despedida para tantos mortos; que, nos crucificados na história, mostra-se o rosto desfigurado de Deus. E considera, numa rápida análise, a participação de três dimensões do sofrimento de Cristo: a primeira do sofrimento pela fé; a segunda do sofrimento na resistência do poder injusto e anárquico, e a terceira da opressão do povo.¹⁹⁹

A experiência de todo o Mistério Pascal, para Moltmann, portanto, acolhe e acompanha o ser humano em suas adversidades no sofrimento de Cristo, em suas alegrias e transformações, na ressurreição, oferecendo suporte à vida real na experiência de um mundo que foge do controle; no entanto, precisa de ambos, Cristo e homem, a trazer o futuro e a esperança para dentro do presente.

Bruno tenta compreender as modificações que vive: ora as percebe com surpresa, ora de modo mais natural e, no intento de melhor compreendê-las, busca organizar-se.

A palavra *tras-passado*, aqui relacionada ao luto, torna-se também, dos pontos de vista psíquico e antropológico, um novo e seguro lugar para o tão amado passado em Bruno. Seu amor por Clara, nessa comunhão, há de nutri-lo sempre.

Desse modo, é possível afirmar que a ponte (Cristo), como abertura e acesso, no eco da experiência de dor e sofrimento, inicia do luto; em Bruno tornar-se-á nessa comunhão, possibilidade não de ruptura do vínculo, mas de sua resignificação e preservação, um importante fator facilitador da recuperação no seu processo de elaboração do enlutamento por Clara.

¹⁹⁹ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 308-309.

Portanto, nesse período de acompanhamento, as associações latentes das palavras: *amor, abertura, ligação e comunhão* em Bruno não oferecem primazia à Cristo em detrimento de Deus, apesar de sua revolta inicial. Isso se confirma quando Bruno faz entender que “em Deus as coisas que a gente vive são amor”.

O silêncio e o abandono entre progressões e regressões, aos poucos, se dissolvem. Bruno parece estar amanhecendo, saindo da noite escura de sua alma, como encontrado nos escritos da filósofa Edith Stein. Noite que, no luto em Bruno, foi de fato metáfora de dor intensa e escuridão, porém no amor tornou-se uma profunda experiência de premência e encontro com Deus.

Ao mergulhar na compreensão intrínseca da experiência de enlutamento de Bruno, vê-se que a Cruz não está a serviço da dor, mas da vida. Aspectos que Moltmann contempla em sua obra sobre a teologia da esperança enriquece e complementa na teologia da Cruz. Para o autor a identificação com a Cruz não existe para que a Cruz seja amada, mas para transformar o mundo, libertá-lo, abrindo-o a um futuro sem trevas.²⁰⁰

E como se aproxima Bruno, Moltmann vê no Crucificado e Ressurreto a possibilidade de comunhão em uma Igreja que não se fossiliza, mas se modifica na direção das novas circunstâncias e necessidades da humanidade.²⁰¹ Quando a existência cristã encontra, como também aponta o recorte do paciente, um duplo processo de identificação com Cristo; na esperança ponderada e pró-ativa, ela padece os sofrimentos deste mundo, mas torna o clamor de cada criatura atormentada seu próprio clamor por Deus, justiça e liberdade.²⁰²

No que se segue, é interessante notar que a condução clínica, nas elaborações do paciente, adota o percurso previsto nas análises até aqui expostas e pensadas. Como exemplos, estão transcritos conteúdos da consulta de número 33:

Ou a gente pensa num Deus que sofre, que sofreu ou num Deus que não existe. [...] É preciso que seja um Deus que se importe, que de algum modo nos responda. Tenho rezado, mas como te disse, antes eu rezava para ter boas sensações, me sentir em paz, acreditava num mundo bom, fazia todo o bem possível porque eu pensava nisso... Era agradecer e pedir, acho que aquela maneira que a maioria faz. Eu mais agradecia do que pedia. Hoje rezo para conversar e faço o que me parece mais coerente, não rezo para ser bonzinho, para criar boas vibrações, rezo porque isso faz parte de mim, foi uma compreensão minha, um desejo meu. Ajudo as pessoas no que

²⁰⁰ MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado: a Cruz de Cristo como base e crítica da Teologia cristã*, p. 17.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 29.

²⁰² *Ibidem*, p. 44.

posso, penso mais nelas, porque sei que nosso mundo é difícil. Não é que não pensasse antes, só que é diferente. Hoje quando vejo uma notícia de jornal, penso na dor que todos vivemos. No começo voltei a conversar com Deus e pensei que fosse pela minha sensação de vulnerabilidade, medo de morrer, de adoecer, depois pensei, sim, mas disso Ele não me protege, pois não nos protegeu, então acho que hoje tenho sido bem mais honesto e realista com a minha fé. [...] E honestamente já tô meio que fazendo as pazes com Deus, não é animador, é mais ou menos, tenho pensado a diferença entre silêncio e indiferença. Acho que Deus não é indiferente à nossa dor, mas é bem duro o seu silêncio, ainda mais porque o que dizem dele, de Deus, deixa qualquer enlutado desnordeado também.

Ainda no ANEXO B, na consulta de número 40, o percurso das mudanças relacionadas à fé e a Deus confirmam-se na direção de que Bruno agora amplia e aprofunda suas compreensões sobre o silêncio de Deus.

4.3.6 Análise do conteúdo teológico do Caso B – sexto recorte contido na consulta de número 43

Nessa consulta, o paciente está acerca de um ano e um mês após a perda, quando pondera questões relacionadas a cuidados que no luto partem da fé:

E depois você descobre que há uma linha, uma espécie de fio que vai te ajudando, reconduzindo, tu diz pra mim: algo de ordem espiritual? É, pode chamar de ordem, existe essa ordem, não sei explicar, mas ela existe, é amorosa. Hoje a Clara não só faz parte dessa ordem, dessa linha que de tudo cuida, coordena sem aprisionar, e, ela é, a Clara é. Não só faz parte disso, mas também é isso... Essa ordem está acima, em torno e dentro da vida da gente, é maior do que a morte, do que essa nossa vida aqui, e é amorosa porque te oferece sinais cuidadosos, não sei explicar, só sinto... Acho que as palavras não conseguem explicar.

Da experiência do cossofrimento divino, no amor, entrega e compaixão, como nomina Moltmann,²⁰³ o paciente agora se dirige para se aprofundar naquilo que sente em relação a aonde está Clara. Bruno avança para o coração da comunhão. Sobre isso, escreveu Moltmann:

Na entrega de Deus reside um sofrimento ativo (At 2,23: "... pelo desígnio de Deus). No entanto, Deus não provoca os sofrimentos de Cristo, e Cristo não é uma vítima passiva de sofrimentos. Por meio de sua entrega, Deus vai em busca de suas criaturas perdidas e ocupa-se com seu abandono, e lhes traz sua comunhão imperdível. A vicariedade da entrega e da ressurreição "por nós" e "por muitos" não deve ser entendida como medida de emergência em face da aflição humana [...]. Toda a Trindade está a caminho da entrega, que na Paixão de Cristo atinge os homens [...] e Ihes é revelada. É pura insensatez pensar que "uma pessoa da Trindade teria

²⁰³ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 274.

sofrido e que outra o teria provocado”. Se fosse assim, não se poderia falar da “dor de Deus” que está na origem dos “sofrimentos de Cristo.”²⁰⁴

Para Moltmann, portanto, a resposta da teologia da entrega ao grito por Deus do Cristo abandonado é consolo que emana de Jesus para o mais profundo da alma humana. É descoberta da dor de Deus no próprio sofrimento que significa encontrar comunhão vívida. Cristo que é um *por e para* nós.²⁰⁵

Assim, se Deus acolhe Clara tanto quanto Bruno agora se sente cuidado, é provável que o paciente esteja (nesse recorte) referindo-se a sentimentos de renovação que parecem incluir uma noção de Deus em todas as coisas, como expressão de um caminho de renascimento. É o que compreende Moltmann:

Solidariedade, vicariedade e renascimento são as dimensões divinas nos “sofrimentos de Cristo”: Cristo está conosco, Cristo é por nós e em Cristo somos nova criatura. Em que sentido Deus é amor... Deus é a força solidária, vicária, regeneradora...²⁰⁶

Uma força que para Bruno parece presente em todas as coisas, como o Espírito em Moltmann revela-se em uma autotranscendência, conceito que pondera a partir de Rahner:

Com o conceito da “autotranscendência” Rahner descobriu um conceito analogicamente capaz, que pode ser aplicado a todas as camadas do ser para compreender as transições para fases superiores e mais ricamente organizadas [...]. Autotranscendência é o efeito do Espírito já inerente à matéria, que, por visar o “imenso mistério,” chamado Deus, deve ser entendido como Espírito divino. Se, portanto, é o Espírito de Deus, então sempre já reside também nesta autotranscendência, também visto a partir de Deus, uma autocomunicação de Deus: “Deus não apenas cria o diferente dele, mas dá a si mesmo, a esse diferente. O mundo recebe a Deus, o Infinito e o mistério indizível, de tal maneira que ele próprio se torna sua vida íntima.” Se este Espírito já é atuante na autotranscendência da matéria, então a relação entre matéria e espírito também deve ser compreendida como história, e isso significa, também como um tornar-se e como evolução para formas sempre mais elevadas. [...] No homem e em sua autotranscendência livre e consciente o espírito como que torna a si mesmo. Autotranscendência é “auto-superação”, acolhimento ativo de sua plenitude pelo vazio [...]. Pode ser entendida somente como estar movido e como ativo mover-se do ser finito em direção ao ser infinito.²⁰⁷

²⁰⁴ Ibidem, p. 275.

²⁰⁵ Ibidem, p. 277-278.

²⁰⁶ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 278-279.

²⁰⁷ Idem.

Nessa perspectiva, pode-se entender que mais do que despedida, toda a caminhada de Bruno, em seu processo de luto por Clara, foi um *tornar-se* no amor, processo que o paciente reconhece também como uma espécie de pertencimento à Clara.

Bruno mostra que amar é o que somos e é também o que nos torna *ser*, a máxima superioridade para o homem que, vivendo nossas dores, nos permite pertencer ao seu coração.

Moltmann ensina:

Na medida em que o autotranscendente permanece no retrospectivo alvo de sua autotranscendência, porque a ordem superior sempre abrange a inferior e a guarda, pode-se dizer, inversamente, que o inferior “preludia” em si a respectiva ordem superior. Com vistas à natureza e humanidade isso significa que o “homem é autotranscendência da matéria” e que natureza e história do conhecimento formam uma unidade interior. Na livre história do pensamento a história natural atinge seu alvo. Esse alvo, no entanto, deve ser visto naquela direção para a qual, por seu lado, aponta a autotranscendência humana: a infinita plenitude de Deus, subtraída ao próprio homem e oculta a ele. Assim como a criativa autocomunicação de Deus já se manifestou na autotranscendência material, assim congruem, na ponta do desenvolvimento humano, autotranscendência humana e autocomunicação divina no salvador. Nele a natureza humana transcende-se para o mistério divino. No Logos que se fez mundo e matéria, Deus se comunica a si próprio por inteiro. Autotranscendência humana e autocomunicação divina congruem, teologicamente falando, na união hipostática do Deus-homem encarnado e formam a “encumação”, cume do desenvolvimento do mundo. [...] na hierarquia das realidades do mundo. Todas as fases anteriores estão contidas nela por forças de autotranscendência. O futuro absoluto do mistério divino está presente nela graciosamente por força de autocomunicação.²⁰⁸

Ao considerar esses conceitos na aproximação da experiência de Bruno em relação a Cristo, pode-se pensar que o paciente nos mostra, nesse recorte, que compreende *onde* e *como* Clara está preservada, na infinita plenitude de Deus, assim como sinaliza não se sentir num mundo completamente avesso ao que a percebe. Parece que Bruno reconhece sua distância de Clara, porém se sente pertencendo *com* ela.

Nisso e do ponto de vista psicológico, é bastante bem-vinda a ideia de que toda riqueza vivida na história passada está, portanto, desse modo, guardada num espaço abrigado pela superioridade do amor, prelúdio e esperança sempre.

²⁰⁸ MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 441.

Ponderando sobre cuidados no enlutamento e diante de sua nova compreensão sobre luto é fé, ao ouvir expressões tidas como consoladoras, na consulta de número 45, o paciente reflete alertando sobre a busca de melhores caminhos. Esse é um sintoma que faz pensar no efeito que determinadas palavras escutadas podem causar, potencializando ambiguidades, inseguranças, conflitos e regressões no processo de luto.

Essa história de planos de Deus é, como a do Karma, o destino no Espiritismo, fica difícil construir alguma coisa com isso! Então, Deus tinha planos pra Clara morrer? De crianças morrerem? Que tipo de planos são esses? Se Deus é amor, alguma coisa tá muito errada?! O que se entende quando se ouve uma coisa assim é que, no meio de tudo isso, estamos muito sozinhos, quem sofre não encontra nenhum caminho por aí não! [...] “Eu tenho certeza de uma coisa, porque senti, porque sinto: o amor que tenho por ela e dela por mim, por todos nós, tenho certeza que continua existindo. Quanto às respostas, talvez um dia eu as encontre, mas é verdade que quem tenta dar respostas não se sai tão bem. Bem que podiam ao menos escutar mais e escutar com sensibilidade! [...] Quando você ouve alguma coisa tipo essa, você se sente uma formiga, é como se Deus fosse um cara poderoso brincando com uma caixa de formigas; ninguém faz Deus ser Deus porque põe palavras na sua boca. Hoje não existe mais isso. Você precisa pensar em coisas que deem conta da realidade que a gente vive, com um mínimo de coerência, e não é dar sentido para algumas vidas só, mas pra vida de todos. Quem nunca viveu uma perda pode até engolir essa, mas e os outros? Então, o resto das formigas ficam se batendo dentro da caixa pra encontrar sentido?

4.3.7 Análise do conteúdo teológico do Caso B – sétimo recorte contido na consulta de número 46

O paciente, nessa consulta, está há, aproximadamente, um ano e três meses após a perda, quando tenta colocar em palavras uma revisão quase completa de tudo que viveu, incluindo seus sentimentos de esvaziamento e o que parecem ser seus caminhos espirituais de recuperação:

Sabe, nesse período todo, desde o começo, o horror, o medo, o choque, o mundo gira, todo o cenário muda, aí tu te assusta, pensa: Nossa! O que é tudo isso tão de repente, tão destrutivo, passam uns segundos e, do nada, tu vê a mãe, por exemplo, calma e tranquila, lavando a louça como sempre lavava, aí tu sente, sente porque nem consegue pensar... Ufa, que bom! Tem alguma coisa lá no fundo que ainda dá pra sentir de bom! Alguma coisa que não mudou... É algo assim, parecido com isso, multiplicado por uma intensidade maior. E quanto mais tu presta atenção nisso, que sente de bom, parece que as nuvens escuras vão se diluindo e daí tu começa a enxergar um pouco melhor de novo, então essa força, esse sentimento, começa a deixar de ficar só no cenário, ele vai entrando em ti e primeiro tu pensa que ele vem de fora, depois tu descobre que ele vem de dentro e tu parece que acessa mais o amor que sentia, busca motivos pra fazer valer a pena agora. Depois de tudo, tu presta mais atenção em como ajudar as pessoas, mas não de qualquer jeito, sabe, nem por obrigação, tu procura

respeitar elas... Não é que não pensasse isso antes, mas é diferente. Pequenas ondas de motivação vão te alimentando. Às vezes parece um sopro mesmo, te erguendo a cabeça, te fazendo olhar pro sol, te estimulando a andar só mais um pouquinho... É assim, não dá pra explicar. Daí me lembro de tudo que falamos aqui, do quanto a Clara combinava com isso, sol, força, vida, a discriminação entre o que ela é e a morte... Clara não era dor, sofrimento, nuvens escuras. Então essa sensação boa, essa energia, ganha ainda mais força, porque me dou conta que acho que tem a mesma fonte, combinam o amor e isso, então esse sentimento, esse pano de fundo vai te ajudando e, sem tu saber, tu só percebe depois. O amor da gente faz parte disso tenho certeza; o amor da gente, de todos nós

Nesse recorte, o paciente reconhece as exigências nessa forçosa caminhada, compreendendo que o luto é exatamente esse processo de assimilação e elaboração de todas as mudanças e discrepâncias vividas, que lhe permitiu muitas discriminações, entre elas, a principal: separar a morte da pessoa amada.

Chama especial atenção a força descrita ao longo de toda sua narrativa que aponta na direção de confirmar a conversão que Bruno viveu, inclusive, quando se refere à redescoberta de uma alteridade na direção de um compromisso com as pessoas no mundo.

Força que propiciou ao paciente vitalizar-se, a cada passo, como descreve, pulsão para se erguer, seguir em frente e se renovar. Nesse aspecto, Moltmann converge para o sentido da ressurreição:

Crer em ressurreição não se resume em consentir com um dogma [...], mas participar desse ato criativo de Deus. Essa fé é o começo da liberdade. [...] Deus é então o poder vivificador [...], a própria fé na ressurreição é um poder vivo que ergue pessoas [...]. O anúncio da “ressurreição de Cristo” é um enunciado que faz sentido no horizonte da história da libertação dos homens e da criatura sofredora dos poderes da destruição e da morte [...]. Como acontecimento descobridor do futuro e inaugurador de História, a ressurreição de Cristo é razão e promessa da vida em meio à história da morte. [...] “Se habita em nós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus [...], este mesmo que ressuscitou a Cristo [...] vivificará também vossos corpos mortais por meio de seu Espírito que habita em vós” (Rm 8,11). [...] Com o passado perfeito da ressurreição de Cristo não se designa, portanto, um acontecimento passado, mas um acontecimento do passado que, no Espírito, tem efeito determinante do presente porque abre o futuro da vida.²⁰⁹

Para Moltmann, a ressurreição não se refere a outra vida, mas a mudanças desde já, nesta vida mortal. Como poder de renascimento desta vida, é esperança

²⁰⁹ MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 361-362.

que não se destina a outro mundo, mas à redenção deste.²¹⁰ No Espírito, acrescenta Moltmann, não apenas se espera, mas já a experimenta:

No amor experimentamos muitas mortes e muitas ressurreições. Experimentamos ressurreição por meio do renascimento para a viva esperança pelo amor no qual se acorda da morte para a vida já aqui, e pela libertação: “Onde está o Espírito, ali há liberdade.”²¹¹

Entre progressões e regressões, porém sempre em oscilações crescentes, as palavras de Bruno são indicadores de verdadeiras mudanças. No ANEXO B, na consulta de número 48, por exemplo, o paciente traz suas mudanças no modo como concebia rezar e como percebe hoje. Pontua isso no que agora compreende sobre Deus e na sua nova maneira de se relacionar com ele.

4.3.8 Análise do conteúdo teológico do Caso B – oitavo recorte contido na consulta de número 49

Nessa consulta, o paciente está a um ano e três meses do falecimento de Clara, passando pela data do falecimento e se aproximando da data que lhe lembra o casamento:

Sinto saudade de como eu era, saudade de mim. Hoje vivo com medo e é um medo diferente, tem uma intensidade grande, às vezes parece uma ansiedade, sei que nasceu do trauma... Penso a vida como num jogo de cartas, na aposta que todo mundo faz, foi errado apostar? Se no que dependeu de mim sempre tentei fazer a coisa certa, então por quê? Eu considero o que pensava no passado, a lógica do mundo antigo como você diz. Sei que tudo isso tá mudando, mas me pergunto se o meu medo tem a ver também com essa falta de fé, essa falha na fé... só que hoje não dá mais pra viver construindo fantasias pra ficar bem. Se temos que inventar Deus pra sermos pessoas melhores, ou pra nos sentirmos bem, ou seguros, então pra mim ele de verdade não existe. Eu não aceito ideias construídas no faz-de-conta, porque elas não dão sustentação suficiente, eu preciso do real, de algo que minha cabeça não alcance manipular, que venha pelo sentir, pelo inquestionável, porque pensar tá muito confuso. Ao mesmo tempo me pergunto, será que sou eu que tô sendo muito exigente? Será que não sou eu que não tô mais confiando em mim? E é só isso, a vida é isso... Sei lá. E às vezes eu tenho a nítida sensação de que não é minha fé que tá frágil, ou pequena, ou duvidosa... Às vezes eu tenho a nítida sensação que tem algo sabe... Algo que vem até mim, porque é algo que eu não pensei, não é inventado, eu sinto, só sinto, assim do nada, é uma espécie de fluência, simplesmente flui, faz as coisas fluírem, coisas boas, que amenizam um pouco de tudo, se tu ceder a isso. Mas me dou conta, que bom que é algo que eu não controlo, que não nasce do meu pensar, porque hoje eu ainda não me sinto inteiro pra confiar no que penso. [...] A

²¹⁰ Ibidem, p. 363.

²¹¹ Idem.

impressão que eu tenho hoje é que na minha vida eu entreguei tudo, eu me entreguei, eu vivia entregue, entende? Eu entreguei tudo e fiquei no vazio. Acho que talvez seja a morte que faça a gente sentir como falta de fé essas dúvidas, uma falta de fé, de esperanças... O que aconteceu com a gente gerou uma inteira desproteção, acho que é essa desproteção...

Nesse trecho, Bruno regride temporariamente, sente dor pelo mundo perdido, saudades de se sentir mais leve e despreocupado. Está descontente com a maneira com que o mundo funciona, chega a comparar a vida a um jogo de cartas.

Em uma produção mais antiga, Moltmann desenvolveu um estudo sobre as perspectivas simbólicas construídas como sinônimas do mundo, onde explorou concepções, como: Gaia, Mãe-Terra, Mundo como Dança, Grande Teatro Mundial e o Jogo como Símbolo do Mundo, entre outras simbologias.²¹²

O jogo, como símbolo do mundo, foi compreendido por Moltmann na perspectiva de redenção, no sentido de acompanhamento da Graça, em que o destino não é algo com o qual o ser humano teria que se preocupar, muito menos com a consciência das experiências passadas, a fim de captar possibilidades futuras.²¹³

À luz de Moltmann, então, Bruno poderia estar buscando reassegurar-se diante da nova concepção de mundo, atento, consciente, e desapontado com a realidade com a qual se depara, e movimentar-se para se reconhecer como alguém que pode interferir de modo pró-ativo. Assim escreveu Moltmann:

Tornamo-nos ativos até o ponto que esperamos. Esperamos até o ponto que olhamos para o horizonte das possibilidades futuras. Empreendemos aquilo que consideramos possível. Se esperamos, por exemplo, a continuidade do mundo como ele é, mantemos as coisas assim como elas são. Se esperamos um futuro alternativo, modificamos as coisas, na medida do possível, já agora, de maneira correspondente. [...] O agir sustentado pela esperança é um agir livre, não forçado. [...] A esperança é sempre expectativa alerta. Ela desperta a atenção de todos os sentidos [...] se diferencia [...] de uma simples [...] espera paciente. Onde todos os sentidos ficam atentos, a razão humana se torna portadora de um saber transformador.²¹⁴

Por isso, para Moltmann, se pode afirmar que a renovação do mundo está desde já também nas mãos daqueles que sofreram.

²¹² MOLTSMANN, J. *Doutrina ecológica da criação*: Deus na criação. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 422- 446.

²¹³ Ibidem, p. 440.

²¹⁴ MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 15.

Na desconstrução e reconstrução de sua fé, aqui, não é que Bruno veja sua fé frágil ou não compreenda Deus; na verdade, o paciente em sua *catarse* confirma o esvaziamento, o despojamento vivido. Tema, que, no luto, Moltmann associa à *kenose*: “Quem se entregou totalmente no amor a outra pessoa também morre pessoalmente nas dores do luto e renasce .”²¹⁵ Eco da experiência cristã.

É nesse período que, como se pode acompanhar no ANEXO B, na consulta de número 50, o paciente demonstra, através de um texto escrito e entregue em psicoterapia, sua consciência plena sobre a dor e o despojamento experienciados.

Para Moltmann as ondas de pesar, como sugerem também Parkes e Bowlby, precisam ver vividas; ele indica que é preciso que se dedique tanto tempo ao luto quanto se dedicaria àquele amor. Moltmann refere:

Não há nada que possa substituir para nós a ausência de uma pessoa querida e nem se deve tentar isso: simplesmente é preciso suportar e aguentar; isso à primeira vista soa bastante duro, mas é ao mesmo tempo um grande consolo, pois permanecendo realmente aberta a lacuna, por meio dela permaneceremos unidos.²¹⁶

De fato, de acordo com os principais autores que embasaram esta pesquisa, somente o luto reconhecido, expresso e vivenciado restabelece o amor à vida, após uma perda.²¹⁷ Porém, integrado às construções teológicas aqui exploradas no acompanhamento clínico, tem-se para o processo de recuperação e reconstrução da vida, forças e riquezas que, de modo algum, seriam alcançadas dentre os limites da Antropologia.

4.3.9 Análise do conteúdo teológico do Caso B – nono recorte contido na consulta de número 51

O paciente nesta consulta está a um ano e oito meses da perda e traz uma compreensão sobre como se sente em relação ao vínculo com Clara e ao mundo onde ela está agora;

Somos daqui mais do que de lá, quando não perdemos alguém que amamos. Quando perdemos somos mais de lá do que daqui. Vivemos com a cabeça lá. O que pode fazer perder o aqui. Então parece que o único jeito de a gente ficar próximos de lá é trazendo o de lá pra cá. Alguns trazem os espíritos, eu penso mais nas ações, penso em fazer coisas que combinem

²¹⁵ MOLTMANN, J. *No fim, o início*: breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Loyola, 2007. p. 151.

²¹⁶ MOLTMANN, J. *No fim, o início*: breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Loyola, 2007. p. 153.

²¹⁷ *Ibidem*, p. 151.

com isso entende... Me sinto mais próximo quanto mais parecido puder ser. É muito difícil ser daqui hoje. Eu acho que sou de lá, mas fiquei por aqui, é meio assim que a gente se sente.

Através das lentes da fé, agora no mundo invisível a que Clara pertence, o paciente relaciona-se na força do vínculo que não foi rompido pela morte, de tal modo que isso se torna uma dinâmica, o faz pensar numa aproximação proativa que, portanto, infere em suas condutas, escolhas e comportamentos no aqui e agora, já no presente.

Bruno, diante da ideia de pertencimento vincular, pondera ações e uma forma de ser no intuito de se manter pertencente ao mundo de Clara e, paralelamente, já, aqui, enquanto neste mundo. Desse modo, o paciente parece sinalizar que sente e deseja pertencer aos dois mundos.

Nessa perspectiva, entende-se que crer é, para Bruno, ser parte de algo que no seu inteiro pertence a um mundo onde o amor o compreende, não abandona e lhe permite um recomeçar reavivado, revitalizado, preservando-se e se mantendo conectado ao que ama.

Aqui é possível considerar, a partir da riqueza de sentido latente nas palavras de Bruno, então, o valor que, inclusive do ponto de vista psicológico para a elaboração do luto, possa ter o Batismo, como representante externo concreto e simbólico, garantia desse pertencimento ao enlutado. Sacramento que representa a consolidação e a entrada no mundo que será o endereço de todos.

Nesse aspecto, a Comunhão dos Santos, no Catecismo da Igreja Católica (957-962), é a máxima expressão de conexão entre o Céu e a Terra:

“A comunhão com os falecidos”. Reconhecendo cabalmente esta comunhão de todo corpo místico de Jesus Cristo, a Igreja terrestre, desde os tempos primeiros da religião cristã, venerou com grande piedade a memória dos falecidos [...] e já que é um pensamento santo e salutar rezar pelos falecidos [...] nossa oração por eles pode não somente ajudá-los, mas também tornar eficaz a sua intercessão por nós. [...] A Igreja é “comunhão dos santos”: esta expressão designa primeiro as “coisas santas” e antes de tudo a Eucaristia, pela qual “é representada e realizada a unidade dos fiéis que, em Cristo, formam um só corpo”. Esse termo designa também a comunhão das “pessoas santas em Cristo, que morreu por todos”, de sorte que aquilo que cada um faz ou sofre em Cristo e por ele produz fruto para todos. “Cremos na comunhão de todos os fiéis de Cristo, dos que são peregrinos na terra, dos falecidos que estão terminando a sua purificação, dos bem-aventurados do céu, formando, todos juntos, uma só Igreja, e

cremos que nesta comunhão o amor misericordioso de Deus e de seus santos está sempre à escuta de nossas orações.²¹⁸

No luto em Bruno, percebeu-se a premência de manter essa ligação, comunicação, pertencimento e endereço, de modo saudável, fluente para a pulsão vital, o que faz pensar no Batismo e na Comunhão dos Santos como recursos facilitadores para o processo de elaboração do luto que advêm do seu universo teológico.

Disso decorre um caminho no cuidado no enlutamento: psicoterapeutas e orientadores em geral devem considerar e conhecer os recursos que podem ser utilizados, ou que venham a emergir ao longo do processo de luto, *nas e das* mobilizações no universo teológico dos enlutados.

Para Moltmann a comunhão é o resultado de uma fé viva que nasce de uma esperança relacionada à eternidade e que se torna ação transformadora dentro do mundo atual a serviço do ser humano no amor e em Deus. Cita: “Eu próprio sou eternidade quando deixo o tempo, e quando reúno a mim em Deus e Deus em mim.” (Angelus Silesius).²¹⁹

Assim, segue o paciente seu percurso na caminhada em elaboração. Com o tempo, as reações mostram-se cada vez mais mescladas a sentimentos positivos na direção de sua recuperação e restituição integradas. O recorte de número 59 exemplifica bem a direção:

Hoje depois de tudo, Deus é mais Cristo, como te dizia há um tempo atrás, mais vivo, mais pessoa, converso com ele, as orações já não são mais pedir e agradecer, é um relacionamento, não é mais um papinho doce, ingênuo como antes, acho que é mais realista. Clara queria nossa felicidade, a dela era a minha também, então a minha é a dela. Penso que eu, Deus, Clara, estamos de algum modo conectados, todos nós, a Luiza também. As vezes quando penso se estou sendo bom o suficiente, é também porque tenho medo de não conseguir ficar tão próximo dessa frequência. É aí que entra meu amor por Luiza, quero ser bom com ela também, quero que ela tenha o que é justo de mim. Quando a Clara estava aqui vivíamos com segurança, alegria e amor. Pensávamos a vida, ela sabia de mim, eu dela, por isso tenho a certeza de que ela está bem, me autorizando a ir adiante. Eu faria isso por ela. O amor de verdade é isso. Acho que quando penso em não me distanciar dela é porque uma parte de mim ainda quer a gente juntos, enquanto a outra já a ama de uma outra maneira. Eu a amo, eu fui amado, então eu a autorizaria a ser feliz do jeito que ela pudesse mesmo sem mim. É um ir adiante que parece te levar pra longe, mas também é um longe que te traz pra perto, se você puder entender como é... É um Deus mais

²¹⁸ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em Latim. São Paulo: Loyola; Vozes; Paulinas; Ave-Maria; Paulus, 2011. p. 270-271.

²¹⁹ MOLTSMANN, J. *O Caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 468.

humano, um amor que não morre e que sustenta a vida, é um jeito de cuidar das coisas que sempre vão ser importante pra mim, porque foram importante pra gente. Minha antiga organização ruiu, mas não é por isso que estou fazendo essas escolhas, estou fazendo por quem eu sou hoje, que não é a mesma coisa de dizer, o que me restou, eu não vou viver um resto de vida e não vou oferecer restos a ninguém. Eu quero uma reconstrução e espero sair disso tudo, bem mais forte, senão puder ser melhor do que era. Tô tentando não pelas convenções ou pelo que aprendi, mas pela verdade daquilo que sinto.

4.4 CONCLUSÕES DA ANÁLISE DO CONTEÚDO TEOLÓGICO DO CASO A E DO CASO B

A partir da análise longitudinal teológica do material clínico, constatou-se que o luto despertou um processo de transformação alcançado pela recorrência dos temas e a intensidade das mobilizações, trazidas pelos pacientes, em três categorias abaixo descritas:

Categoria 1: Fé.

A análise demonstrou que em meio ao processo de elaboração da perda de uma pessoa amada emerge paralelamente outro processo de elaboração relacionado a uma intensa e mobilizadora desconstrução e reconstrução da fé.

As análises permitiram observar que ambos os processos, cuja força e importância, não é possível exatamente delimitar, tem a mesma relevância, pois atingem não apenas o psiquismo dos indivíduos, mas o todo de suas vidas alcançando complementos como noções de passado, futuro, mudanças filosóficas e comportamentais.

Na perspectiva longitudinal observou-se que a fé é a primeira categoria afetada pelo trauma. Nos primeiros meses as manifestações aparecem inferidas por ondas de revolta e protesto, exigindo uma escuta atenta e continente, uma vez que também estão associadas a intensos sintomas de desorientação e desamparo.

Nesse sentido foi interessante notar que quanto mais espaço e liberdade os pacientes tiveram para reconhecer o que sentiam sem pressões, respostas, ou receitas prontas e impostas, tanto mais se encaminhavam para uma reorganização e reassseguramento.

Importante ressaltar que nos primeiros meses os questionamentos em relação à fé apresentaram-se também permeados de culpa, mesclados a sensações de pesar acerca da própria fé anterior, assim como sentimentos de traição.

Isto apontou para o fato de que frases ou exigências de conteúdo religioso, principalmente se apresentadas em contexto rígido, fechado, ou sentencial, sob

forma de juízos, ainda que ditos no intuito pedagógico, não se mostraram suficientes e incitaram risco de incrementar cobranças e exigências internas nos pacientes, incorrendo para o aumento de confusões e protestos, gerando mais gasto de energia para os enlutados, fator complicador para a extensão do tempo em aflição, angústia e revolta.

Quase que do mesmo modo pacientes se mostraram invadidos quando do recebimento de psicografias, sentindo-se temporariamente regredidos a questionamentos que pareciam ter se resolvido. Isto sugere pensar que diante das mobilizações intensas o sincretismo religioso gera dispêndio de energia psíquica e risco para o incremento de ambiguidades.

Ambos os pacientes demonstraram sintomatologia ao final do primeiro ano de enlutamento indicando um honesto processo de reconstrução da fé que os levou a transpor antigos conceitos racionais e antropocêntricos para a redescoberta da fé como dado da Revelação. Enquanto conversão os sinais surgiram também na direção de uma redescoberta da alteridade, novas maneiras de compreender suas orações e de se relacionar com o mundo e Deus, incluindo uma nova perspectiva sobre o futuro e a comunhão.

Categoria 2: Deus

Conjuntamente ao processo de luto, pacientes demonstraram rever sua antiga concepção sobre Deus, onde as mobilizações foram de tamanha intensidade que se chega a pensar que de fato um Deus morre e outro nasce.

Chamou especial atenção a força de identificação com Cristo que se tornou ao longo de todo o tempo no acompanhamento uma figura vincular próxima e suportiva. Representando não apenas as dores sofridas pelos pacientes, mas fundamentalmente o sentido da vida e a possibilidade de resgate e reconstrução. Assim mobilizando os pacientes para uma nova experiência em relação a Deus, que inicialmente se dá através do amor por Clara, passa a ser a realidade do amor de Cristo e a seguir o reasseramento do amor enquanto comunhão.

Nisto ambos os pacientes finalizam seu primeiro ano de enlutamento reconhecendo a presença do Espírito imamente de Deus em suas vidas e em todas as coisas. Do mesmo modo que demostram e reconhecem sentir-se ajudados ao longo dos meses, de modo especial a partir da segunda metade do ano de enlutamento.

Categoria 3: Comunhão

A experiência de luto é uma experiência essencialmente vincular que só terá um destino positivo quando e se o vínculo com a pessoa amada e perdida, uma vez repositado e resignificado, puder ser compreendido como preservado, nutridor de boas lembranças, aprendizados, afetos criativos e elaborados, bem como vitalizações.

É bastante difícil perder alguém amado e não encontrar um bom endereço para salvaguardar esse amor. Encontrar um endereço para as pessoas amadas é também encontrar o próprio endereço, por isso fonte de libertação no processo de enlutamento.

Pode-se dizer que quando isto acontece o ego que sombriamente estava tomado por dúvidas, ressentimentos e tristezas liberta-se retomando o investimento para a vida e a reconstrução.

Nos pacientes analisados a comunhão representou este endereço, instaurando-se inicialmente através da força de identificação com Cristo e a seguir com o amor que em Deus ofereceu espaço e endereço tidos como seguros a tudo mais.

Foi possível observar que as noções sobre a comunhão culminaram com a sintomatologia de recuperação e restituição consideradas previstas como a última etapa de elaboração do luto. E não obstante culminam também com a elaboração e consolidação das duas primeiras categorias.

A comunhão como fonte terapêutica de resignificação e preservação vincular permitiu ainda aos pacientes uma maneira saudável de contato e comunicação com o mundo em que Clara é tida, isto é ofereceu uma conexão não sujeita a sentimentos persecutórios ou fantasiosos ambíguos, e sugeriu mudanças para um olhar mais realista, porém aberto frente ao outros e ao mundo.

Finalmente pode se considerar que ao longo de seus relatos os pacientes do ponto de vista teológico sinalizam a importância de receber uma escuta funcional que lhes permitissem viver e expressar com liberdade o que sentiam e pensavam a cada passo.

CONCLUSÕES

A pesquisa que se destinou a compreender a fé católica e suas mobilizações dentro do processo de luto, o que psicólogos e aconselhadores em geral deveriam conhecer, considerar ou atentar-se para o cuidado efetivo no enlutamento, a relevância da escuta dos dados relacionados à fé e que tipo de postura ou condução terapêutica seria importante no acompanhamento e cuidado aos enlutados, a partir de dados reais do material clínico colhido em psicoterapia num perspectiva longitudinal, onde as dinâmicas psíquicas dos pacientes então analisados viessem a ser percebidas, conhecidas e quem sabe relacionadas a movimentações da fé, resultou nas seguintes compreensões conclusivas que discorre-se a partir de agora.

Importante ressaltar que os pacientes enlutados escolhidos para a pesquisa, assim foram por apresentar em seu acompanhamento muitas elaborações e associações de conteúdos relacionados à fé católica, de tal modo que se tornou necessário considerar seriamente esses dados para que fosse possível o cuidado no acompanhamento psicoterápico facilitando a fluência evolutiva na elaboração psíquica do luto, sua recuperação e retomada da vida.

Na tentativa de responder às questões que inspiraram este intento, fundamentalmente da convergência encontrada na bibliografia e do que nos mostraram os pacientes, a partir das análises posteriores, com o auxílio das contribuições de Bowlby, Parkes e Moltmann, foi possível considerar os aspectos abaixo.

Luto é forçosa transição e mudança, um êxodo que se dá em deixar para trás antigas e talvez limitadas concepções na direção de novas, cuja abrangência, profundidade e amplitude move o ser por seu amor, sua sempre possível e renovadora habilidade de amar.

A morte de Clara leva dos pacientes suas antigas referências, a primeira compreensão sobre fé se esvai, mostra-se finita. Há uma antiga construção sobre a fé que desmorona e há um processo de elaboração psíquica de um luto sobre a própria fé. Nos passos da profissão de fé cristã, há um processo indicado como de transformação relacionado à conversão que aponta para quatro etapas similares às que os pacientes viveram: separação, reconhecimento e aceitação, purificação e

mudança. O que vivem os pacientes enlutados em muito se assemelha a esse processo de elaboração, aqui referido à fé e à conversão.

Isso ocorre também em relação às concepções e imagens sobre Deus. Os fenômenos observados no acompanhamento clínico longitudinal revelam que uma espécie de máscara cultural de Deus cai, uma separação das antigas concepções acontece. É quando os pacientes se deparam com o rosto de Cristo e, em seu olhar refletidos, veem seus próprios sofrimentos. Assim, depois da morte de uma antiga concepção de Deus, inicialmente reconhecem um Deus que consideram verdadeiro, através de Cristo, por quem se sentem auxiliados, alguém cuja experiência e vida sopra-lhes sentido e força. Também o direito de se olharem, de se escutarem em suas dores e abatimentos e, mais tarde, autorização para escutarem ao seu redor, o seu mundo, com o mesmo afeto, compaixão, profundidade e honestidade. Do visível ao invisível, reconhecem seu êxodo citando a ressurreição como caminho e esperança de renovação e recuperação.

O que os pacientes vivem é maior do que eles e do que podem controlar, não é algo simples com o intuito de manter uma ligação com a pessoa amada e perdida, ou algo aprendido, é experiencial, como algo que os envolve, que os toma, envolve seus sentidos, sua vida, seus pensamentos. Adquirem nesta passagem a certeza de que a vida não tem fim, e isso é o começo do que aos poucos os integra.

No final do primeiro ano de enlutamento, os pacientes não veem Cristo através de uma lente dolorosa ou sacrificialista; ao contrário, Cristo torna-se para eles um *sim*, um *eu entendo*, quando vivem uma espécie de reconhecimento e aceitação. E isso não é algo que vem do céu. Ao contrário, para os pacientes é um processo natural e contínuo de explicitar o implícito, é a vida de Cristo dentro da história de vida de cada um, um permanente *dar-se conta*. Um olhar e uma escuta vivos para uma espécie de amor que está aí para cuidar de todos, onde todos ocupam lugar de valor e onde tudo que é doloroso e difícil tem lugar, também revela e transforma. É uma espécie de resgate de sua humanidade, a fé passa a ser instrumento, a fim de humanizar, e pressupõe um cuidado que amplia possibilidades para o autocuidado, inclusive. Sugere, também, o resgate de um lugar, um endereço para si, porém em meio ao mundo, endereço que transcende o individual.

Desse modo, os pacientes demonstram que seu processo de luto transcende o *eu* e o *meu*. A dor nesses pacientes integra-os a um processo de ampliação que revela eixos de recuperação e reconstrução da vida, os estrutura e

ampara. Antigas visões são revistas, uma espécie de purificação e renovação se impõe. Sabe-se teologicamente que é possível encontrar Deus na solidão e na segurança. A experiência de enlutamento desses pacientes contemplou, na dor, no desamparo e a seguir no reassuramento, a ambos.

O amor por Clara foi, de fato, o início de uma caminhada de transformações e mudanças. O amor pelos falecidos poderia trazer os enlutados de volta para Deus, um Deus que tivesse apenas o propósito de manter uma ligação entre o amado e o perdido, no entanto, o que nos mostram os pacientes na íntegra de seus anexos não é uma experiência de consolo, marcada apenas por aspectos então exclusivamente antropocêntricos. Do mesmo modo, percebe-se que a leitura de seus processos, somente a partir do que é esperado na elaboração psíquica do luto, tornar-se-ia empobrecedor.

A experiência de ambos os pacientes revelou-se uma profunda e verdadeira experiência de sofrimento em Deus como forma de reconstrução da vida. Uma retomada da fé que levou à conversão propondo uma integração e apropriação do ser e da vida onde um Deus cultural fica para trás enquanto um Deus verdadeiro e pessoal surge. Então, descobrem, de modo vivencial, que a fé é feita de amor, mas não apenas do amor pelo amado e perdido, mas um amor cuja fé constrói a ação de ser-no-mundo, um ser de ação não arbitrária. Assim, se pode considerar que no luto há uma espécie de oportunidade de devolução do ser humano, um resgate da vida na integração, inteireza e apropriação plena do ser.

O Deus verdadeiro e este Espírito de amor tornam-se, aqui, para esses pacientes, mais que uma simples esperança, é o que Moltmann nos ajuda a entender, a eternidade que se articula já no presente de suas vidas e as transforma. Não por que os pacientes queiram ou precisem, mas pelo que verdadeiramente sentem. Eternidade que se articula criativa e apaixonadamente dentro de suas experiências, vitalizando-os e, conseqüentemente, direcionando-os para se comprometerem com a vida e não com a morte e a dor, não apenas agora e nem mesmo apenas para si, mas para com todos. Uma espécie diferente de *para sempre*. Um modo diferente de ser e ver a vida.

A fé surge não mais como tábua de salvação, mas como uma força plena dentro do ser humano que transforma o conhecimento em caminho, em verdade, que energiza, que ventila e entrega o ser à luz que, nele e a partir dele, também se expande. Quando, então, os pacientes demonstram compreender que a fé é

constituída de amor, mas não apenas do amor pelo amado, porém um amor que abraça todos, germina e vitaliza.

A pesquisa confirmou que luto é fenômeno vincular, marcado filosoficamente e psicologicamente, em todas as culturas e tempos, como intensamente doloroso, porém é um recurso riquíssimo do psiquismo cujo objetivo principal é impulsionar o ser humano para recuperar sua capacidade de amar, viver e ser feliz, ainda que de outro modo, tornando-se, portanto, um processo de crescimento e amadurecimento da existência. Além disso, é parte da vida e, como tal, precisa ser concebido, conhecido, naturalizado e vivenciado em todas as suas formas de expressão, que revelam, portanto, também as mais diversas maneiras de amar.

Desse modo, como representação vincular e da fé, o enlutamento, nos pacientes aqui analisados, permitiu constatar uma aflitiva e exigente desconstrução, que resultou em uma espécie de alargamento da consciência como um todo, a ponto de se poder dizer que não foi a dor da perda que diminuiu com o tempo, mas o ser humano que se instrumentalizou, compreendeu e se ampliou para administrá-la. Ou seja, os pacientes parecem tomar para si o que lhes é mais próprio, a verdade de que, no mundo real, só o amor seguramente sustenta, e a morte nada pode contra o vínculo. Ainda: foi-lhes possível discernir que a morte não é a pessoa amada, que não é a última linha do último capítulo que mais importa, senão as riquezas contidas no livro inteiro de uma vida.

Alcance e compreensão que no processo passou por um autêntico despojamento e nesse, uma profunda experiência de busca e compreensão de Deus e da vida como um todo. O luto surgiu aqui como *kenose*, experiência que acolhe todas as dimensões do ser, atinge o coração do homem, sua noite escura, o coração da fé. O núcleo ou essência do ser, aquilo que se encontra debaixo de todos os entulhos ou escombros da vida, que depois de todo despojamento, no mais completo esvaziamento, fica somente a cargo de Deus e da fé. Ali se encontra o enlutado, agora exposto a esta absoluta vulnerabilidade; só o que pode conhecer de si, de sua essência, é o que no mais íntimo alcança e se relaciona a Deus. Esse parece ser o ponto inicial em que as identificações com Cristo começam.

O primeiro contato com Cristo, portanto, se dá associado ao seu sofrimento desde o Getsêmani quando Jesus vive sua entrega e, pela primeira vez, não deseja ficar só, solicita proximidade com os apóstolos, vive sua angústia e aflição e, a

seguir, a traição quando os guardas vêm buscá-lo, e ele responde identificando-se, mais tarde, a dor do abandono de que Moltmann ajuda a compreender.

As entregas divinas e humanas de Cristo no coração de seus lutos que ecoaram no coração dos enlutados aqui analisados, trazem-nos com profundidade e discernimento para o que acontece no ser que sofre, seu despojamento e sua busca profunda de algo que possibilite encontrar o verdadeiro sentido e a sustentação. A fé surge como dado da Revelação, como fenômeno que, associado ao luto, faz alargar, transpor, transcender o ser humano retirando-o do desamparo, oferecendo-lhe uma primeira experiência que, pela identificação, leva os pacientes a um pertencimento, quando a antiga lógica mostra-se limitada, ilógica, e uma nova compreensão surge, abraçando toda experiência vivida.

Portanto, no reflexo da experiência de dor e sofrimento de Cristo, no coração da compaixão, da mais honesta constatação de quem sabe por que vive o que é sofrer, surge um conhecimento que, para além do sofrimento, transforma, transpõe, transfigura o modo como os enlutados passam a olhar todas as coisas. No eco da inocência maculada, como apontam os pacientes, esses acessam em Cristo um retorno ao Pai, Deus que, no Espírito de amor, envolve e abraça para além de Clara, sustentando a vida na sua realidade. Assim, cada um a seu modo, os pacientes redescobrem Deus e a Trindade, nesta ordem e dinâmica como nos mostram seus anexos, no acompanhamento psicoterápico longitudinal.

De fato, o processo de análise do material clínico, no acompanhamento terapêutico longitudinal, mostrou que há uma elaboração no luto e, paralelamente, na fé com resultantes sintomas que indicam conversão e, portanto, profundas mudanças nos enlutados.

No que foi visto em Bowlby e Parkes, é possível considerar que a vinculação com Cristo no enlutamento causou mudanças, inclusive, nas respostas e estratégias de enfrentamento dos pacientes, reduzindo as evitações iniciais, o isolamento afetivo, as ambivalências e ambiguidades na direção de um reassentamento interno, em meio ao luto, portanto, inferências não apenas de ordem espiritual. Vê-se nos pacientes que sintomas de insegurança vão se reduzindo, à medida que sua fé se transforma a partir dos dados da Revelação no conhecimento de Cristo e a seguir de Deus como agora reconhecido. Parece que Cristo (como figura vincular) introduz um novo sistema de crenças em Mônica e Bruno, renovando e

reconstruindo esperanças na possibilidade de reconhecer o mundo, nova e positivamente, apesar da realidade da perda.

Importante é ressaltar que em Mônica e Bruno o estudo centrou-se em pessoas de psiquismo saudável, que viviam, numa experiência familiar de base segura e na fé, um pertencimento religioso católico sem nuances de outras inferências religiosas. Assim, é possível pensar que as transformações em Mônica e Bruno ocorreram também porque não se contentaram ou não se acomodaram com simples e frágeis explicações, mas que, de fato, mergulharam na busca de verdades que pudessem lhes dar sustentação, demonstrando flexibilidade para pensar e repensar o que sentiam indo, inclusive, na direção de ajuda, receptivos ao que encontraram pelo caminho.

Logo, a projeção dos resultados deste estudo pode limitar-se a uma população similar. Porém, nisso, o estudo também aponta para uma intersecção: famílias de vinculação com tendência para modelagem segura têm, nessa dinâmica, um fator facilitador para o enfrentamento do luto, e, nessa pesquisa, viu-se que uma organização religiosa também se mostra facilitadora. Portanto, assim, é viável aqui cruzar uma possibilidade de trabalho preventivo sobre estimulação, instauração e fortalecimento de vínculos seguros nas famílias que, se associados à fé, podem servir como prevenção no enlutamento.

Interessante ainda é notar que os fenômenos aqui acompanhados ocorreram com ambos os pacientes independentemente de sua idade, do momento do ciclo vital, ou das características de personalidade, na medida em que Mônica e Bruno têm suas diferenças. Ou seja, no enlutamento e no amor, a redescoberta de Cristo e através dele de Deus, não parece corresponder a idade ou a tipologia das diferentes personalidades.

Quanto a Deus, viu-se que o Pai que morre é uma imagem que desmorona e, em seu lugar, põe-se Cristo. Jesus Cristo, seus sofrimentos e sua ressurreição tornam-se, como visto em Moltmann, a esperança ativa que, dentro da vida, nos relatos surge, também definida como sopro, graça e força, alimentada pelo Espírito, cabeça erguida e integração entre passado, presente e futuro, parece resultar numa conversão emergencial que, portanto, verte de dentro e atinge o todo da vida.

Usar a experiência de dentro para olhar para fora e considerar impactos e possibilidades honestas que emergem e, por isso, se estruturam com a mesma

profundidade, é o que viabiliza o encontro com recursos facilitadores, sustentabilidade e durabilidade na recuperação no enlutamento.

A pesquisa possibilitou confirmar que o luto é também uma profunda experiência de Deus, então lugar teológico. Ou seja, elaborações que na perda se iniciam originam outro profundo processo de assimilações e elaborações com intensas e mobilizadoras exigências na fé, consolidando a ideia de que os dois processos interagem. O segundo processo, o luto na reconstrução teológica, é fonte de revitalização, recuperação e resiliência para o primeiro, o luto enquanto processo de elaboração psíquica da perda da figura amada.

Fato constatado na verdade da experiência dos enlutados aqui analisados. Esse reconhecimento do luto, como fenômeno do amor e da fé, leva a um alerta para o efetivo e funcional cuidado, de que tantos os psiquiatras, psicólogos quanto os religiosos, aconselhadore de modo geral, precisam ao menos considerar e conhecer os fenômenos que no campo da fé se apresentam, bem como conhecer os fenômenos psíquicos de elaboração. O que implica não apenas compreender o luto como experiência de Deus, mas compreendê-lo como experiência do ser humano em Deus.

Assim, resumidamente, a redescoberta de Deus nos sofrimentos de Cristo indicou sua força como figura vincular segura dentro da realidade do enlutamento, e, portanto, da vida desses pacientes. Força que não se limitou à dor, mas como dado da Revelação, que no mais íntimo da alma, em seu despojamento, caracterizando sua noite escura, a profunda busca que se dá naquilo que de mais íntimo fica a cargo do amor e da fé, traspasse, que no transborde, transcende o humano, convida o ser humano a compreender a vida não mais exclusivamente pelas lentes da razão, ou pelo observável. Um convite que, portanto, mostrou-se integrador na direção da verdadeira apropriação do ser.

Detectar é desvendar a força dos significados que podem sutilmente estar ali a serviço de promover a vitalidade e proteger a vida. O que possibilitou compreender com mais profundidade o fenômeno de identificação dos enlutados com Cristo, fenômeno que se mostrou importante, fazendo emergir, no aparelho psíquico, correspondentes e surpreendentes forças de continência e recuperação.

Os pacientes claramente demonstraram que, na forma de enlutar-se e sofrer em Cristo, há uma correspondente forma de amar que antropológicamente aproxima-se do que Bowlby identificou como “modelagem vincular segura”. Para os

pacientes, na forma de Cristo amar e sofrer, há uma correspondente forma de enlutar-se, ambas plenas de amor e vitalidade. Amor e perda em Cristo, como apontado pelos pacientes e por Moltmann, portanto, é estrutura de suporte para o mundo real e caminho de recuperação no enlutamento.

Nisso, tomando como perspectiva as construções bowlbyanas, para quem a maneira como se dá a elaboração de um luto corresponde à maneira de amar, chega-se ao final deste projeto, pensando em quão válida seria uma ampliação destes estudos na direção de um comparativo entre a forma humana de amar e perder e o que se passou em Jesus Cristo no Mistério Pascal, o que seus sofrimentos, sua forma de amar, perder e recomeçar poderia nos dizer com ainda maior profundidade.

No que se refere à seriedade e à importância da escuta, os pacientes deixam indícios do que se poderia considerar, acoplado ao que Moltmann tão ricamente complementa, uma verdadeira ética da esperança no cuidado ao enlutamento, aspecto esse apontado também no documento número 171, da exortação apostólica do Sumo Pontífice Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*:

Precisamos nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. Só a partir desta escuta respeitosa e compassiva é que se pode encontrar os caminhos para um crescimento genuíno, despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus e o anelo de desenvolver o melhor de quanto Deus semeou na nossa própria vida. Mas sempre com a paciência de quem está ciente daquilo que ensinava São Tomás de Aquino: alguém pode ter graça e a caridade, mas não praticar bem nenhuma das virtudes “por causa de algumas inclinações contrárias” que persistem. Por outras palavras, as virtudes organizam-se sempre e necessariamente “*in habitu*”, embora os condicionamentos possam dificultar as operações desses hábitos virtuosos. Por isso, faz falta “uma pedagogia que introduza a pessoa passo a passo até chegar à plena apropriação do mistério.”²²⁰

Desse modo, é possível pensar que uma ética do enlutamento pressupõe uma leitura diferenciada dos fenômenos que no luto se apresentam, exige uma escuta próxima e não temerosa das expressões de dor aguda e revolta, bem como não temerosa dos conteúdos da fé. Essa seria uma conduta respeitosa e integradora. Psicólogos, por exemplo, podem aproximar-se dos dados relacionados à fé de seus pacientes auxiliando-os mais efetivamente, assim como religiosos e cuidadores, em geral, devem instruir-se sobre o que é normativo e esperado viver

²²⁰ PAPA FRANCISCO. Documentos do Magistério. *Evangelii Gaudium*. A Alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Exortação apostólica. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013. Número 171. p. 101-102.

em processos de enlutamento. A pesquisa aqui realizada deixa, desse modo, caminhos abertos para que possam ser desenvolvidas e pensadas outras construções nesse sentido.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. *História da morte no ocidente*. São Paulo: Ediouro, 2003
- BAYARD, J. P. *O sentido oculto dos ritos mortuários*. São Paulo: Paulus, 1996.
- BOWLBY, J. *Formação e rompimento de vínculos afetivos*. Porto Alegre: M. Fontes, 2001.
- BOWLBY, J. *Apego: a natureza do vínculo*. Volume 1 da trilogia: Apego e perda. 2 reimpressão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOWLBY, J. *Separação: angústia e raiva*. Volume 2 da trilogia: Apego e perda. 3 reimpressão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BOWLBY, J. *Perda: tristeza e depressão*. Volume 3 da trilogia: Apego e perda. 1 reimpressão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BOWLBY, J. *Uma base segura: aplicações clínicas da Teoria do Apego*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- BOWLBY, J. e KING, P. *Fifty year of Attachment Theory: recollections of Donald Winnicott and John Bowlby*. 1973: Karnac Books, 1985.
- BLOCH, E. *O princípio esperança*. Volume I. Rio de Janeiro: Eduerj, Contraponto, 2005.
- BLOCH, E. *O princípio esperança*. Volume II. Rio de Janeiro: Eduerj, Contraponto, 2006.
- BLOCH, E. *O princípio esperança*. Volume III. Rio de Janeiro: Eduerj, Contraponto, 2006.
- BROMBERG, M. H. P. F. KOVÁCS, M. J. CARVALHO, M. M. M. J. CARVALHO, V. A. *Vida e morte: laços da existência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- BRUSTOLIN, L. A. *A morte: uma abordagem para a vida*. Porto Alegre: EST Edições, 2007.
- BUCKINGHAM, W. BURNHAM, D. HILL, C. KING, P. MARENBO, J. WEEKS, M. *O livro da filosofia*. 11 reimpressão. São Paulo: Globo Editora, 2011.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo vital familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CASSORLA, R. *Da morte: estudos brasileiros*. 9 reimpressão. São Paulo: Papirus, 1991.

CATECISMO da Igreja Católica. Ed. rev. oficial. São Paulo: Paulus, 2011.

ELIAS, N. *A solidão dos moribundos*. RJ: Editora Jorge Zahar, 2001.

FRANCO, M. H. P. *A psicoterapia em situações de luto e perdas*. Segunda tiragem, São Paulo:Editorial Psi II, 1998.

FRANCO, M. H. P. *Nada sobre mim sem mim*. São Paulo: Livro Pleno, 2005.

FREUD, S. (1917). Luto e melancolia. In: STRACHEY, J. (ed) e RIBEIRO, V. (trad). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Ed. Standart Brasileira, (v. 14). Rio de Janeiro: Imago, 3 reimpressão, p. 275-292 (versão brasileira de 1990).

GAARDER, J. *O mundo de Sofia*. 56 reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

GAIO, M. D. *O trágico em Heidegger*. Dissertação (Mestrado) - UFPR, Curitiba, 2007.

HEIDEGGER, M. *Seminários de zollikon*. São Paulo: EDUC – Editora da PUC, 2001.

KIERKEGAARD, S. *O conceito de angústia*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

KUBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. 6 reimpressão. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.

LEVINAS, E. *Dios, la muerte y el tiempo*. 3. ed. Madrid: Cátedra, 2005.

MOLTMANN, J. *A vinda de Deus: Escatologia cristã*. Coleção Theologia Pública, 3. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

MOLTMANN, J. *Doutrina ecológica da criação: Deus na criação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MOLTMANN, J. *Ética da esperança*. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOLTMANN, J. *No fim, o início: breve tratado sobre a esperança*. São Paulo: Loyola, 2007.

MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*. Santo André: Academia Cristã, 2009.

MOLTMANN, J. *O Deus crucificado: a Cruz de Cristo como base e crítica da Teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011.

MOLTMANN, J. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

MOLTMANN, J. *The Trinity and the kingdom: the doctrine of God*. New York: Harper and Row, 1981.

MORIN, E. *O homem e a morte*. Lisboa: Europa-América, 1970

OLIVEIRA-CRUZ, M. C. B. F. *Morro, logo existo: a morte como acontecimento jornalístico*. Artigo – revista: Estudos em jornalismo e mídia. São Paulo: Ano V – n.1, pp 149 – 159 jan./ jun. 2008.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Lumen Fidei*. São Paulo: Paulus, 2013.

PARKES, C. M. *Amor e perda: as raízes do luto e suas implicações*. São Paulo: Summus, 2009.

PARKES, C. M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus, 1998.

RATZINGER, J. (Bento XVI). *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005

RATZINGER, J. (Bento XVI). *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. São Paulo; Planeta, 2011.

ROLLAND, J. (org.). *Les cahiers de La nuit surveillé*. Paris: Les editions du cerf, 1993.

ROMAN, E. *A reconciliação para o povo*. São Paulo: Paulus, 2002.

SANTO AGOSTINHO. *A verdadeira religião: o cuidado devido aos mortos*. São Paulo: Paulus, 2002. v. 19. (Coleção Patrística).

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Primeira reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2011.

SARTRE, J-P. *O existencialismo é humanismo*. Petrópolis, RJ: Vozes de Bolso, 2010.

STEIN, E. *Ser finito y ser eterno*. México: Fondo de Cultura Económica, 1950.

STROEBE, M.; STROEBE, W. *Handbook of bereavement*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

SUSIN, L. C. *O homem messiânico*. São Leopoldo, RS: EST Edições, 1984.

TIMM, R. S. *Sujeito, ética e história: Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental*. Coleção filosofia 92. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

TINOCCO, V.; MAZZORA, L. *Luto na infância: intervenções em diferentes contextos*. São Paulo: Livro Pleno, 2006.

WALSH, F. *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Rocca, 2005.

WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. *Morte na família: sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WORDEN, W. J. *Terapia do luto: um manual para o profissional*. Segunda reimpressão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ANEXOS

ANEXO A – *Caso A*

“Como um bote que por acaso transportasse meu corpo em mar aberto.

Aceito o risco das ondas, desde que eu possa continuar olhando para o céu.”

(G. Marcílio)

(Uma das frases preferidas de Mônica.)

PRONTUÁRIOS PSICOLÓGICOS

Primeira consulta; 25/08/2011

Paciente apresenta intensa agitação verbal e comportamental, está nitidamente sob o impacto dos acontecimentos recentes. Queixa-se de um sintoma de rigidez maxilar e associa ao “susto e angústia” experimentados nos últimos dias, certifico-me de que tem sido acompanhada com cuidados médicos, acerca de possíveis dificuldades físicas, tais como alteração de pressão arterial e etc.

Mônica está muito assustada e repetidamente questiona-se, com intensa carga emocional;

“O que será de nós... Que será do meu filho...Como vamos viver sem essa menina! Essa menina é como se fosse minha, Clara era nossa! Como vamos viver sem ela, meu Deus é um rombo muito grande...Tu não tem noção do que é isso na nossa vida, tu precisa nos ajudar! É um absurdo!”

Enquanto a acolho, sinalizando que estou atenta e que vou ajudá-los, Mônica conta-me como soube da notícia e o que viveu nesses dois dias:

“Nas terças Bruno começa mais tarde na academia, ele deixava um lanche pra Clara na casa deles em cima da mesa, porque ela vinha direto de Bento (uma cidade vizinha) e a tarde já ia

dar aula numa escola próxima da casa deles. Ele almoça na vó nas terças, minha mãe, faz os serviços de banco pra ela. Nas quartas, sextas e sábados eles almoçavam comigo. Nas segundas a Clara almoçava com a mãe dela. Eles estavam sempre com a gente. Naquele dia eu estranhei porque logo depois do meio dia Bruno veio pra casa e foi para o quarto, ficava no celular direto, mas eu sei que eles vivem se mandando mensagem, o Bruno sempre cuidando dela e ela cuidando dele. Bruno passou uma mensagem dizendo pra ela cuidar na estrada, que era um dia com serração, enfim, depois saiu, imaginei que havia ido pra academia trabalhar, mas senti que alguma coisa não estava bem. As 15h eu estava me vestindo pra ir a feira, quando Bruno me ligou me dizendo; “-Mãe a Clara morreu.” Eu perguntei onde tu está meu filho? E ele me disse que estava na casa dos pais de Clara. Liguei para meu esposo no trabalho e fomos pra lá. Chegamos lá e em questão de minutos havia muita gente, meus filhos, amigos, professores das escolas, da academia...e chuviscava, ninguém queria entrar, todos ficamos lá fora... Um amigo de Bruno investigou um acidente com uma jovem que havia ocorrido naquela manhã, na estrada para Bento, com a polícia rodoviária, ele foi sozinho até lá e depois ligou dizendo que era mesmo a Clara, que alguém precisava ir no IML, foram o Bruno e a mãe da Clara. Ficamos ali esperando...esperando. A sensação que eu tinha olhando ao meu redor... as pessoas paralisadas, nós, nos perguntávamos, quem? Quem? Quem morreu? Não, não pode ser a Clara? Me sentia como um zumbi, um robô, chuviscava, era frio, mas nós não sentíamos nada, ficamos lá fora até as oito da noite, entende? Sensação de violência, de absurdo, de impotência, uma perplexidade agressiva, desnorteadora. A Clara era vida, pura vida, era uma absurda contradição, um paradoxo muito grande, um abismo. Bruno voltou as seis e meia mais ou menos, estávamos ali esperando, como que “abraçados” na rua, ele chegou com uma sacolinha na mão e a aliança dela no bolso, jamais vou esquecer a expressão no rosto do meu filho... Disse a ele que fossemos pra casa tomar um banho, comer algo, um café quente ao menos, pra depois ir a capela até que Clara chegasse lá, ele concordou. Naquele momento tu nem consegue pensar tu só vai fazendo... Fomos para casa e senti que estávamos nos preparando pra enfrentar o que vinha pela frente, a gente nem sabe o que é. Só sente que é confuso, absurdo e intensamente contraditório. Estávamos todos esperando pra vê-la, porque tamanho é o absurdo que a gente precisa ver pra se localizar, pra acreditar...é muito difícil. Fico pensando hoje nas pessoas que não podem ver o corpo, como se organizam pra viver e assimilar isso? Como? Quando chegamos na capela, Clara ainda não estava lá, mas foi assustador a quantidade de pessoas que estavam lá. Certamente mais de 1000 pessoas, não sei como ficaram sabendo tão rápido, mas vieram pessoas de fora da cidade, as bailarinas das escolas, os amigos fortões da academia do Bruno, ver aqueles homens enormes chorando, toda aquela juventude, gerentes de banco, pessoal da imobiliária, mães das alunas, avós das alunas da Clara... Ali eu tive uma pequena noção da proporção, da dimensão, de toda a população envolvida, o mundo que essa perda atingiu, haviam juizes, colegas de trabalho dos dois...foi a maior prova do quão relacional essa menina era. Ela era alguém que conversava com todo mundo, os motoristas, os floristas, todos, por onde essa menina passou ela deixou carinho. E ali a gente sentiu esse efeito, foi tão intenso, devastador e ao mesmo tempo tão importante, acalentador, as pessoas nos abraçavam com amor. Quando o velório começou e sem nenhuma combinação prévia, eu via os amigos deles, do Bruno e da

Clara, se revezando pra cuidar dele, um rodízio de amparo, quando um saia, outro se aproximava, parece que liam nossas necessidades, nossos pensamentos, um cuidado amoroso, nada invasivo. A Clara estava vestida de bailarina uma roupa discreta, doce, suave como ela é. Dali a pouco a gente começa a ver entrando no côlo das mães, das avós, as meninas vestidas de bailarina com seus coquezinhas no cabelo e uma florzinha na mão pra colocar junto da profe, foi uma cena inesquecível...o carinho dessas mães, avós, dessas meninas... Eu tenho certeza que tudo isso foi muito significativo para Clara e para o Bruno também. De repente, tu saí de uma experiência como essa, acreditando que isso é uma das coisas que valem a pena na vida, um mundo de laços, de relações, de vínculos, ali sim eu senti a presença de um amor muito grande, um Deus vivo, verdadeiro. Isso nos sustentou pra enfrentar tudo aquilo. Um Deus que não se mostra com palavras, que não é falado, é experimentado, é uma experiência no coração das pessoas, no nosso, foi muito intenso, não tem como explicar.

Mais tarde quando no enterro, colocaram uma música que era muito a Clara, uma melodia doce e leve com uma letra que dizia algo como “eu pertença ao sol, eu vou para o sol...” Depois Clara foi sepultada no Cemitério Parque, aquilo quebrou completamente a ideia sombria de cemitério, tinha sol, o verde, as flores, o céu azul, nada de cinza, concreto, cimento. O padre foi muito assertivo porque usou a letra da música para falar de Clara e dessa despedida. Aquilo nos fez tão bem porque nós somos assim. Num determinado momento a brisa que era suave se tornou uma rajada de vento e a sensação que tive foi de que Clara havia mesmo ido embora. Mais tarde todos vieram lá pra casa e a minha filha, foi buscar um pijama no apartamento para o Bruno. Ela chegou lá e encontrou a mesa posta com o lanche que ele tinha preparado pra Clara, o pão cortado, a salada lavada, o suco pronto, limpou tudo, pegou o pijama e foi parar no plantão.... sentindo-se mal, com alterações de pressão e etc. Então tu tem uma ideia do que tudo isso está sendo pra minha família, eu preciso ajudá-los e ajudar o meu filho, encontrar meios de saber administrar tudo isso agora.”

Mônica reforça sua preocupação com todos na família, solicitando que a oriente desde já sobre como administrar as mudanças, dizendo-me de seus medos sobre o impacto que tudo isso terá na vida de cada um:

“Eu sei, eu sinto, nunca mais seremos os mesmos, nunca mais, estou muito assustada, como essa minha gente vai ficar, eu conheço a minha gente, eles estão sofrendo muito, estamos todos perdidos, atordoados, o que vai ser de nós...”

Conta-me como via a nora na família:

“A Clara era um elo, envolvia todos em tudo, era alegria, uma facilitadora, era otimismo, mobilidade, determinação, envolvimento, dinamismo. Tu tinha que ver, qualquer coisa era um bilhetezinho, um presentinho com um cartão enorme super enfeitado...essa menina era amor, doçura, vida, luz...Ela era feliz e fazia todos sentirem o que ela era. Não estou exagerando,

não é idealização porque amamos ela, ela realmente era muito especial, diferente, tu podes perguntar pra quem quiser.”

Reconhecendo seus sentimentos e palavras, iniciamos a construção de saídas e possibilidades de enfrentamento para esses primeiros dias. Com calma e continência, passo-a-passo.

Consulta número 2; 29/08/2011

Mônica pondera os preparativos do casamento que ocorreria em 10 de Dezembro deste ano. Traz os cuidados, todo investimento de Clara e Bruno, de todos para a festa e agora diante de todas as mudanças, questiona-se sobre o que vão fazer como família, também para auxiliar Bruno diante de tudo que vive. Relata seus medos em relação a dor e a sensação de esvaziamento familiar, considerando se poderiam manter a missa naquela data, como um ritual de passagem, talvez “uma ponte entre o antes e o agora, afinal tudo estava pronto para o casamento em Garopaba.”

Exploramos suas ideias, sensações e sentimentos. Há uma preocupação em como o meio social entenderia se decidissem manter o evento e que sentido teria essa data agora.

Pensar a possibilidade deste ritual para família e amigos, está ajudando a construir significado para o impacto do que foi vivido, auxiliando-os a sair da perplexidade, naturalizando a experiência para que possa ser assimilada por todos, poderá auxiliar no avanço das próximas etapas do processo de elaboração, quem sabe reter, ao menos em parte, o corte na teia da vida familiar e social dessas pessoas, deixado pela morte de Clara.

Ciente disto e da função terapêutica dos rituais, apoio suas ideias de ir adiante com o evento.

Consulta número 3; 06/09/2011

Mônica traz a discrepância mundo interno e mundo externo, questiona-se sobre o mundo como o sentia, como o conhecia, e agora nessa experiência, o mundo, como o está conhecendo.

A paciente percebe que “através dessa nova e dolorosa lente, todas as coisas revelam-se diferentes”, sente que “há mudanças inclusive em sua fé, é como se tudo ficasse suspenso sob nossas cabeças, as coisas que nos organizavam, nossas referências, parece tudo fora de alcance.”

Acolhida, continência e organização, seguimos na parte inicial do cuidado em processos de luto, auxiliar o paciente a entrar em contato com suas sensações de confusão e/ou torpor, encontrando meios de suportá-las, a seguir buscando reorganizar com calma e tempo seus pensamentos.

Mônica compreende que é importante que torne-se capaz de oferecer-se tempo, para que as ideias e sentimentos “desembaralhem-se” e aos poucos possa entrar em contato com a nova realidade, de modo mais claro, tolerável e funcional.

Consulta número 4; 12/09/2011

Mônica está bastante assustada pois testemunha a tristeza de todos, a intensa mudança em sua família, teme que “não consigam dar a volta em tudo isso”. Naturalmente seu temor a impede de enxergar saídas. Está tomada pela dor. Em função disso, iniciamos este encontro falando sobre a dor, compreendendo os sintomas normativos para esse período, algumas possibilidades de cuidado e uma certa previsibilidade para as próximas etapas, dentro do que é esperado viver. Estamos de certo modo, descongestionando seu aparelho psíquico.

Quando as pessoas sabem o que está acontecendo e conseguem se aproximar de um sentimento de continuidade ou previsibilidade no luto, ainda que tênue, têm aumentada suas sensações de reassuramento. Fator que estimula a fluência do processo de assimilação, elaboração e recuperação, mesmo que seja na direção ainda frágil da retomada de uma sensação de controle mínimo sobre a vida naquele momento.

Consulta número 5; 19/09/2011

Mônica auxilia o filho, considera com ele a proposta do ritual, da missa em lugar do casamento, “mantêm portas abertas para as ideias do filho,” propostas de pensamento onde valorizam o amor e a vida, ela procura olhar para o que vivem através dessa lente e não da morbidade. Nota, apesar de tudo que a essa altura e dentro do que vem entendendo, a família responde bem ao processo de luto.

Mônica sente, traz o que sente, em expressões muito claras sobre “a dor e o pesar que as transformações derramam sobre a vida de todos.” Essa habilidade e flexibilidade na comunicação a tem auxiliado muito. Orienta-se e a todos para a expressão do que sentem e de modo coerente, ou seja, sem negar a realidade, busca “neste enorme desafio,” reconhecer o que estão aprendendo, o que estão descobrindo, todos juntos em meio a dore as oscilações.

Há momentos em que pensa a família, em outros apenas se escuta, muito atenta a tudo que tem vivido. Valida-se e a todos, no que vivem no dia-a-dia, preserva em silêncios e ações, a vitalidade, na casa, nas rotinas, na alimentação, na proximidade com todos. Mônica é naturalmente sábia, há nela uma inteligência emocional, senso-perceptiva. Com espontaneidade traz metáforas para descrever o que vivem, nominando seus sentimentos e os de todos. Reconhece o ser em cada um e já percebeu que cada membro da família viverá esse processo a seu modo. Imagina que dentro da linguagem de cada um, ela terá que, respeitando essas singularidades, promover, estimular o uso destes diferentes recursos, viabilizando “uma espécie de partilha das potencialidades” no grupo familiar.

Mônica funciona buscando uma resiliência grupal.

Consulta número 5; 26/09/2011

Paciente demonstra preocupação com uma das filhas que tem tido crises de angústia muito intensas, pensa em formas de acolhê-la, paralelamente confessa seu cansaço e questiona sua competência afetiva; “o que mais poderia fazer para ajudar”...

Mônica observa seus filhos e suas reações, tem aprendido as primeiras lições nessa tortuosa caminhada, viver a dor, expressar pensamentos e sentimentos para não congestionar o andamento do processo e exerce-as com seus filhos, tenta de todas as formas não invadi-los, mas confessa-me que sente que é preciso viabilizar a entrada da vida, da revitalização em e para todos; “é como se lutasse para deixar passagens de ar e luz abertas na casa interna de todos.”

Mônica é bastante intuitiva e observando a todos, promove pela aproximação afetiva, sem nem mesmo os filhos perceberem, a manutenção do circuito de apoio e alento. Usa recursos criativos, muitas vezes concretos, como uma conversa leve durante um passeio, ou uma caminhada, onde o tema possa surgir de modo acolhedor e amoroso, num almoço ou jantar em família, onde a presença de Clara se faz através de flores ou enfeites, ou ainda, em momentos em que consegue ler o que um filho precisa, oferecer a outro essa mesma compreensão para que os irmão se ajudem... Enfim percebo que **o espaço terapêutico deve adaptar-se** a forma valorosa como a paciente evolui, oferecendo a ela subsídios e instrumentalização dentro de sua maneira de pensar e ser, para que siga cuidando de si e de quem ama. Assim parece-me ser o verdadeiro cuidado, aquele que nasce dos recursos de cada um e não é e nem deve tronar-se de modo algum impositivo ou exigente.

Consulta número 6; 03/10/2011

O filho “melhora um pouco” e a dor alcança ainda mais Mônica. Quanto mais a consciência sobre a perda e suas implicações se ampliam, mais a ausência de Clara grita. Exploramos em intensidade e significado a dor sentida. Mônica sente imensa falta de Clara, quando então o luto materno de revela;

“Sei que não posso chamá-la de minha filha, mas é como se fosse, pode ser por adoção, não importa, não posso sair por aí dizendo isso, mas a dor que eu sinto é de mãe. Ela chegava lá no sábado com as mãos pro alto porque tinha recém feito as unhas, sorrindo, dizendo;”- Môni! Oi Môni!” Ainda escuto a voz dela e vejo aquele sorriso lindo de menina. A Clara era parte indispensável da nossa família a gente não sabe como funcionar sem ela. Ela inventava programas, viagens, festas, amava a praia, meu marido tá arrasado, fala dela lá na praia, o tempo todo, ela com seu chapéu, feliz com seu chapéu, passeando nas lojinhas com as meninas. Nas festas, sorrindo, brincando com todo mundo, ela era líder nisso, sempre ligeirinha, ligadinha na tomada, com ela não tinha impedimentos, mau humor, tempo quente, ela dava jeito em tudo, sempre disposta e disponível, entende...

Me agarro na ideia de que toda nossa turma vai conseguir porque essa guria foi muito amada e ela nos amava tanto, ela amava ficar com a gente, nestes últimos tempos ela estava ainda mais radiante, muito feliz, mas muito feliz, com os convites do casamento, ela preparou até uma caixinha para os padrinhos com conchinhas, chinelinho de praia, bom só tu vendo pra entender. Eu só penso assim, que bom que deu tempo dessa menina viver naquele apartamento, tu entra lá, tudo é ela, ela em cada mínimo detalhe, as florzinhas, as cores, eles estavam tão felizes morando lá, tão felizes. ”

Ofereço-lhe acolhida e continência. Na construção de sentido, sustento com ela as noções de que manter a vitalidade é de fato manterem-se “próximos” das referências de Clara, que aqui são bastante positivas, talvez a maneira mais adaptativa de viverem a dor, com o coração mergulhado na vida que a menina foi e pela vida que deixa como registro em cada um e em cada lágrima. A história de Clara é fonte de identificações positivas para todos.

Consulta número 7; 07/10/2011

A paciente atualmente mais consciente do processo, pondera as exigências do enlutamento;

“ As pessoas se perdem, se atrapalham, a pressão é muito grande, hoje eu me pergunto, é como se a gente caísse um enorme tombo e de repente muito atordoados e devagar vamos levantando, então olho pra uma cicatriz e me pergunto, será que sempre tive essa cicatriz? Ou foi desse tombo? Lá fora as pessoas são tão diferentes, eu não sei, acho que eu

nunca fui muito normal...rs,rs,rs Parecem cultivar o mórbido. A gente não é assim, a gente valoriza a vida que teve com ela, sabe, o que essa menina foi e é pra nós, eu não vou lá olhar para o carro batido, eu vou incentivar a minha família a lembrar da alegria dela, da luz que ela era... Assim também fico pensando a fé, tenho que olhar pelo amor, não pela dor, senão as coisas não farão sentido.”

Mônica pondera seguidamente o que realmente ajuda nessa caminhada e o que atrapalha. Nota objetivamente que “o respeito e o compartilhar são agora garantias de sobrevivência para todos.”

Relata que “o filho mais velho tem um modelo mais racional, instrumental para lidar com o que se abateu sobre todos, como seu esposo.” Traz que a cunhada nessa etapa, no intuito de ajudar a todos, sem se dar conta, realiza um pouco do que Clara fazia na família. Mônica preocupa-se com sua outra filha que demonstra revolta e tristeza profundas e finaliza dizendo de suas certezas:

“Vamos viver o luto pelo amor que ele representa, não pela dor, a dor existe, mas encontraremos sentido para ela nesse amor, no amor que Clara nos investiu, no amor que sentiu vir de todos nós.”

As mudanças ou flexibilização de papéis na família enlutada, a reorganização temporária para lidar com o lugar que ficou vago no sistema familiar, são normativos e saudáveis, a paciente percebe as turbulências e a tentativa de todos em ajustarem-se. Nesse momento ocupa-se de ancorá-los e paralelamente construir sentido. De algum modo Mônica já compreende que a construção de sentido para o que aconteceu, devolve a todos um senso de reassentimento também, uma noção de retomada de controle que potencializa uma espécie de naturalização sobre o impacto do evento, tanto quanto possível, estimulando a assimilação e elaboração do luto no mundo interno de todos.

Consulta número 8; 10/10/2011

Paciente traz dúvidas sobre a maneira como compreender a vida a partir de agora e nisso sua fé:

“Fui treinada para pensar com lógica e raciocínio, quando a coisa escapa da lógica eu fico sem chão. O interessante é que o que me desencaminhou foi a confiança na verdade, porque eu tinha mais confiança em mim, no mundo e em Deus, agora me sinto remando, não tem como isso não ter afetado a minha fé. Afetou a fé que eu tinha. O luto está sendo a minha oportunidade de repensar no que eu acreditava, e em como acreditava. E honestamente acho que pensar já é uma perspectiva bem positiva, que nem sei se vou conseguir manter... A fé que ensinaram a gente ter, bota a perder a transformação verdadeira que eu acho que vivemos aqui. A fé que nos ensinam não dá conta disso. É como se a fé precisasse entrar pra dentro da vida entende? E da vida real, a fé aqui não pode ser uma fantasia da vida. Sinceramente, foi por isso que não abandonei Deus, não porque eu me importasse com Ele, contudo que aconteceu, Deus é o que menos importa, o fato é que havia Cristo nessa história, que também sofreu, Jesus é pra mim um elástico, mantém a ligação, torna possível uma fé mais realista. Mas penso Cristo ressuscitado, aquele que está fora da dor, aquele que conseguiu, que consegue, é nessa ressurreição que aposto. É como a reconciliação com a vida e com mundo que temos que encontrar pra sair desse luto um dia e poder voltar a sonhar...”

Mônica sente a grande mobilização que o luto é, demonstra suas angustias e teme que não possa reencontrar maneiras de resgatar as sensações de segurança e sentido para a vida.

Percebe que tudo muda dentro de si, de todos e esforça-se para “re-conhecer o mundo agora, que já não é mais o seu, como o sentia antes.”

Cuida dos movimentos familiares, atenta para as orientações como de costume, porém sinto que ela muda seu olhar, suas ponderações aprofundam-se, traz reflexões agora não mais sobre os filhos e a família, mas sobre a vida como um todo. Associado a isso, tem um contínuo desconforto, como ela mesma aponta, não gosta de sentir-se tão insegura sobre suas crenças e referências de vida. Divide comigo muitos de seus pensamentos e aos poucos construímos pequenas ilhas, onde diante da grande confusão, consegue apoiar-se ao menos temporariamente. Paralelamente me ocorre o quanto essas ilhas precisam ser construídas com certa flexibilidade, fator preventivo, pois não sabemos como as coisas precisarão ser, ou ficarão logo a seguir. Essa é a sensação de vulnerabilidade e instabilidade, inconstância que Mônica denuncia através de sua dor e desconforto, uma espécie de inocência maculada, a saudade da vida como experimentada antes, a saudade do mundo antigo. De seus antigos preceitos. Com Clara muito do que era conhecido se diluiu, muito ficou suspenso, não sabemos o que poderá ser salvo, o que vai perdurar, mas há um desejo de que tudo volte para seu lugar, ao mesmo tempo em que já lhe aponta a consciência de que talvez algumas coisas não voltem e outras tenham que mudar de lugar, esse é também o temor de Mônica agora.

Consulta número 9; 17/10/2011

Atenta aos movimentos do filho, valida escolhas, oferece suporte, percebe nele que o processo está fluindo. Em outros momentos nota “a força que ele faz pra seguir em frente,” pondera o quanto “esse seguir em frente age contra nós e é pesado,” sofre com a dor de seu filho, “queria poder entrar em seu coração e livrá-lo,” mas sabe que nada mais pode fazer que já não esteja fazendo. Sabe que seu respeito, acolhida e postura não-invasiva, assim como o de todos na família, tem auxiliado muito Bruno.

Reconhece as oscilações emocionais do filho, pondera sobre a mudança de identidade que está acontecendo com todos, sua “família muda e espera que em algum momento possam reconhecer-se novamente.”

Diante da própria dor, nesse momento “busca um caminho do meio, entre sua fé como a sentia, e algumas esperanças,” possibilidades, em elaboração:

“Tenho saudade de sentir a fé que eu tinha, eu sentia uma presença aqui do meu lado, isso hoje é uma solidão...um silêncio. É uma rasteira e tanto que levamos, de esborrachar o peito. Na minha ingenuidade a vida era melhor do que isso, tento racionalizar, nem isso consigo, se a fé é um meio de conhecer realidades que não se veem, como diz em Hebreus, essa é a hora... As vezes penso, é difícil silenciar para ouvir o mundo espiritual diante de tanta dor, nesse mundo hipócrita, nessa sociedade insolente. Hoje, acho que só consigo me sentir aberta, com o peito rasgado, quero confiar que vou me sentir mais próxima de Deus de novo, em algum momento, não sei como, porque tá tudo diferente agora... Minha relação com Jesus começou na teologia e desde então estávamos sempre juntos, agora o que sobra... sobra o amor que sentimos e aqui...rs,rs,rs. Se por um lado minha visão de mundo se ampliou, por outro o que eu faço com essa confusão toda, me sinto pequena, queria resgatar pelo menos “o apostar” no sonho, sabe? Não só os sonhos, é anterior a isso, porque até a capacidade de apostar eu perdi. O que não me impede de abandonar Jesus é que nessa experiência, eu, dessa vez entendo Ele, esse sentimento de inocência violentada e é triste o afastamento, porque na

solidão não encontro eco, nem força, sabe o que me conforta? Poder ajudar...Sinto que nessa experiência eu e Jesus estamos sozinhos, nós dois, sozinhos nessa vivência, nesse silêncio. É um desamparo compartilhado, de repente tô entendendo que ficamos do mesmo lado, é de onde me vem uma luz, na força dessa experiência vivencial, então as vezes, confusa e triste, olho pra Ele e penso é isso né, “vai adiante que dá.”

Enquanto a paciente fala, marejam seus olhos, há um profundo sentimento de frustração, um desapontamento, como que uma espécie de desprendimento.

Mônica está sendo impelida a abrir mão do antigo e amado, esse “seguir em frente, ou ir adiante,” forçado pela dor e pelas mudanças.

Traz nas mãos um coração magoado que deixa cair no chão o que amava, enquanto tenta entender o que ficou. Há um sentimento de amor e saudade pelo mundo como experimentado antigamente, mas principalmente agora, por quem ela foi, por sua fé, como era naquele tempo, saudade de sua vida como a entendia antes de tudo, e saudade de si mesma. Porém, todas saudades profundamente amorosas. Percebe-se que Mônica está mergulhada em compaixão, uma espécie diferente de compaixão, que sem fugir da realidade, de algum modo lhe auxilia. Ofereço-lhe suporte e reforços para todos os ecos, que de dentro de sua alma lhe escutam e compreendem.

Consulta número 10; 24/10/2011

Mônica inicia a consulta mais leve, conta-me que tem sentido que a família começa a utilizar os “recursos desenvolvidos frente as turbulências.”Claramente nota que estão ajudando-se.

Sente-se um pouco mais segura.

Pondera o luto com processo de transformação e reforça sua solicitação inicial, pois deseja que essa caminhada traga luz para todos. Desse modo, reforça comigo, “nossa parceria para sustentação e transformação, o mais positiva possível de todo esse caminho”.

Mônica se preocupa, quer manter-se sendo ajudada, ainda que se sinta um pouco melhor, talvez veja-se nesse momento como uma pequena lanterna em sua família, que deseja manter acesa, no entanto tem sido de fato um farol.

Hoje compreendo porque a luz de Clara foi muito familiar a Bruno e tão amada...

Mônica e Clara possuíam semelhante luz.

Consulta número 11; 31/10/2011

A paciente chega trazendo constatações sobre crescimentos pessoais.

Em relação ao filho percebe que ele está fazendo uma espécie de “seletividade social, ele busca nutrição nos amigos,” tanto quanto experimenta em família, fica “aliviada em ver que Bruno está preparando-se para viver sua vida novamente e tem escolhidos pessoas e eventos para retoma-lá.”

Mônica verbaliza sentimentos em relação a sua fé, tentando encontrar caminhos tanto para compreender sua experiência de luto, como as exigências que a mesma experiência impõe à sua antiga maneira de crer:

“...Sabe o que sinto nessa dor... É que passamos por dentro, não por cima, nem pelo lado, mas por dentro do silêncio de Deus, por isso concordo quando diz que luto não é superação,

esse nosso abandono diz muito sobre a verdade das coisas, a verdade de que Deus, como conhecido, não é Deus. Só quem passa por isso entenderia o que estou dizendo agora e o quanto entender isso dói, também tem um Deus que morre entende? Eu digo isso também como mãe. Com licença, se Deus tem uma experiência de Pai, eu tenho de mãe, essa história de salvar e proteger precisa ser melhor entendida...”

A paciente traz sua revolta e protesto previstos no enlutamento.

Suas expressões revelam seus caminhos de recuperação, onde assume entender que não é de “superação”(no sentido de passar por cima) que a evolução do processo de luto implica realmente nesse por “dentro da dor” das descobertas e da vida, em outros momentos Mônica já sinalizava isso.

Em suas ponderações sobre seu vínculo com Deus, e Deus como o conhecia, expressa uma experiência de impotência, questiona-se sobre quais “poderes” realmente tem os seres humanos nesse mundo, inclusive como pais e se Deus é realmente tão poderoso, como lhe foi ensinado... Paralelamente experimenta um eco na “impotência” de um Deus que só está conhecendo agora.

Consulta número12; 07/11/2011

Mônica conta como tem observado suas mudanças e o comportamento dos filhos.

A partir do que traz, sinaliza reações traumáticas que de tempos em tempos percebe em todos, trabalhamos naturalizando sintomas de medo, hipervigilância, dificuldades para dormir ou se alimentar, hipersensibilidade a barulhos, esquecimentos e intolerância.

Sintomas recorrentes e oscilatórios normativos em circunstâncias de morte violenta e repentina como a de Clara.

Consulta número13; 19/11/2011

Pondera as contradições tão intensamente presentes nessa caminhada de luto como; reconhecer que a dor existe em função do amor, assim como a dicotomia de que “só mesmo por amor aceitamos tolerar a dor” e a consciência de que este amor que faz o peito sangrar inicialmente, é o amor que erguerá a todos. Considera também a ansiedade em todos pela proximidade do dia da missa, o Natal que virá em breve, os cuidados que gostaria de oferecer a todos passando por essas datas e acrescento os cuidados consigo mesma.

Mônica começa a compreender com a passagem do tempo que no luto não é a dor que passa, é o ser humano que se alarga para dar conta do que aconteceu, ou seja, aprende , desenvolve novas respostas e riquezas apesar de tudo.

Consulta número14; 29/11/2011

Paciente conta sobre as homenagens das escolas de Ballet para Clara, a dor e a saudade acionadas nisso. Pondera que ao mesmo tempo em que as homenagens doem, ajudam, pois são uma espécie de eco social, frente a solidão que a experiência singular de viver a dor da perda é para cada membro da família.

A seguir Mônica traz apontamentos, anotados em papel, sobre ponderações acerca da sua dimensão espiritual, mostra-me que essas questões lhe angustiam muito e interferem violentamente em sua recuperação:

“No luto é preciso salvar os sonhos e a fé, precisamos encontrar caminhos pra isso... A Igreja prega que a verdadeira fé é a experimentação de Cristo. Um Cristo vivo, ao lado, companheiro, onde você percebe sinais, Cristo amigo. Eu vivi essa experiência no passado. Chegava a dizer que me sentia com luz própria, não precisava de luz que viesse de

fora, me sentia parte integrante de um universo absoluto. Criador e criatura integrados, uma visão relacional do homem, céu, mar, sol... sentia a força da Graça, a alegria da Graça. Então penso nos conceitos de Deus da Igreja, o Deus dos impossíveis. Tudo podes Nele. E agora, diante da dor? Reforça-se a dor?

Podia mesmo ou não? Desamparo, indiferença, esse silêncio de Deus é o que mais dói. Me lembro daquela frase de Sto Agostinho; “ame e faça o que quiseres...” Penso que se eu não tivesse tido a primeira experiência com Deus doeria menos. Por exemplo o Bruno, ver esse menino com o apto, feliz com Clara, tudo certíssimo, como não confiar na certeza da Graça? Depois o silêncio de Deus. Um Frei me disse que se não encontramos Deus no amor, certamente vamos encontrá-lo na dor e eu me pergunto será? A experiência de Cristo na Graça é absoluta, total.(...) Será que no reconhecer-se absolutamente incapaz em gerir sua própria vida e reconhecer que ela pertence totalmente a Deus, resignando-se, é um ato de amor profundo? Esse encolher-se diante da verdade, tão irrevogável é a Graça do verdadeiro encontro? Um total despojamento de tudo, até da própria identidade... me lembro daquela frase; 'quem somos nós sem o socorro daquilo que não existe?' Me pergunto se Ele me, ou nos, permitiu fazer uma experiência vivencial de Cristo na Graça, será que faltava fazer a experiência de Cristo na dor? O que Ele quer de nós? Onde eu tenho que chegar? Porque tem pessoas que sofrem menos? Viajam em mares mais calmos?”

Compreendo que Mônica está tentando encontrar coerência e caminhos para as mobilizações que sofre sua fé diante da experiência de luto. Nesse momento apenas a escuto, valido suas angústias e ofereço suporte na vivência de suas buscas.

Consulta número 15; 05/12/2011

Preparação para a cerimônia de homenagem a Clara em Garopaba, receios, sentido e sustentação “para a vida e no amor”. Relata sentir...“Sinais em todos de que a vida está fluindo, assim como sinais do sagrado, um sagrado sentido de um modo diferente.”

Reforços e fortalecimento.

Consulta número 16; 12/12/2011

Exaurida e admirada, a paciente chega contando “da intensidade, da beleza, da mística e do significado do ritual.” Segundo Mônica essa vivência deu origem a uma sensação de leveza, uma espécie de libertação e andamento, movimento para todos na família. Uma autorização para seguir.

Exploramos a importância dos rituais na vida de modo geral e suas funções. Então Mônica retoma lembranças sobre o ritual de despedida de Clara, hoje com algumas conclusões;

“Naquela tarde ficamos aguardando, todos juntos, uma constatação, é preciso uma constatação, do contrário se fica ali congelados, como que fora do tempo, fora do mundo, o ritual deu andamento, movimento, tanto lá como aqui. E quando se está num velório, acho que você só suporta aquilo tudo, exatamente por que não sabe o que vai passar, ali tu jamais tem a total dimensão, a real dimensão de tudo que está perdendo e toda dor que aquilo vai te trazer. Pode ter certeza de que ali não se tem noção de tudo que tu ainda vai passar e que é bem pior do que o próprio velório. Ali é muito espanto pra entender qualquer coisa. Também é por isso que as presenças são muito importantes, te aquecem, te trazem de volta pro mundo, mesmo que tu leve meses pra lembrar de tudo... A perda de Clara foi como uma bomba atômica, sabe

aquele cogumelo de fumaça e radiação que vai crescendo e se espalhando... a cada constatação de mudança, a cada dia, a cada data... continua se espalhando, não parou ainda...”

Compreensão, validação e acolhida. Pontua as exigências emocionais do que viveu, o cansaço diante da experiência da missa e todo esse ano de modo geral. Sugiro-lhe atenção para promover, buscar conforto e momentos de relaxamento para si e para todos na família. Combinações sobre o recesso da clínica em função do final de ano.

Consulta número 17; 09/01/2012

Rememorações, desilusão, desolação, saudade do mundo antigo. Uma tristeza profunda e silenciosa. Diante da sua consciência sobre a quebra do mundo presumido, Mônica busca motivos e esforça-se para resignificar a vida agora.

A paciente apresenta sinais de desesperança, baixa vitalidade, seu princípio de prazer está desligado.

Procuro oferecer-lhe acolhimento, relaxamento e algum encorajamento, na medida em que percebo que pode suportar, com doçura e sem demandas.

Consulta número 18; 16/01/2012

A paciente expressa o que sente em relação ao início deste ano:

“Depois de tudo, esse difícil retorno a uma organização que parece ser sempre prévia. O cotidiano que alivia porque dá ares do que é conhecido, mas ao mesmo tempo dói, pois há um imenso vazio. Há uma tristeza em cada um de nós nessa história de voltar a viver. Bruno voltou a morar no apto e eu me preocupo com ele a noite lá, imagino suas sensações e quanto pode estar sendo difícil pra ele.”

Mônica confia que Bruno dará conta desse recomeço, mas se pudesse poupá-lo de toda essa dor e a todos com certeza faria, é isto que tenta me dizer; da sua dor, da “saudade que sente de Clara, essa filha que agora mora tão longe..” Ao mesmo tempo reconhece que já não está mais lutando para que a adaptação se faça logo, pelo contrário, faz o possível dentro do que pode, para que possa ficar bem e assim tem feito em relação a todos. “Fim da velocidade, agora as coisas são o que puderem ser,” para Mônica essa mudança de postura e ritmo é descoberta que lhe causa muito estranhamento.

Acolhida, abertura e ventilação.

Consulta número 19; 20/02/2012

Mônica expressa sua dor, saudade, revolta, já não fala tanto sobre a família, reconhece suas dúvidas sobre o quanto mergulhar nas lembranças ajuda ou intensifica a dor, questiona sobre se haveria possibilidades de controlar ideias e pensamentos no processo de luto. Está cuidando mais de si mesma.

Acerca da espiritualidade, reflete sobre as noções que as pessoas de modo geral tem, sobre a morte e as perdas como castigo.

Todas as suas buscas se voltam para aliviar a dor; “queria encontrar meios de perder menos, fazer um caminho de perdas reduzidas, sofrer o mínimo necessário.” Ao mesmo tempo Mônica reconhece que “nesse labirinto terá que passar pelo que tiver que passar.”

Certifico-a de que estaremos sempre trabalhando para encontrar saídas e se tivermos possibilidades de bons atalhos, usaremos.

Mônica está muito cansada.

Tolerar essa longa, extenuante e obrigatória caminhada, enquanto estamos atentos a possíveis saídas, é tarefa da aliança terapêutica.

De certa forma a paciente mostra-me o quanto se sente exigida e busca ter a certeza de que estamos fazendo todo o possível.

A sensação de “sem saída” é parte importante dos cuidados no enlutamento, é de fato o momento em que o terapeuta é chamado a pensar ou criar novas alternativas, tantas quantas forem necessárias. Sua escuta, envolvimento e comprometimento honesto é a primeira delas, “esteja de verdade comigo nisso, esteja de verdade comigo.” Uma demanda coerente e que precisa ser seriamente considerada, não é vitimismo, nem manipulação, nem qualquer outra defesa, é a vida real, a dor real, se não for escutada com seriedade e profundidade, não haverá trabalho de suporte, no máximo um pacto protocolado, onde alguém faz-de-conta que ajuda, enquanto alguém faz-de-conta que é ajudado, mas na verdade, ambos não vêem a hora do tempo de contato acabar. Consciente disto dou mostras a Mônica de que estou realmente com ela nessa estrada. Estar com, não é estar como, jamais outro indivíduo poderá alcançar a experiência de amor que é exclusivamente do enlutado, mas pode colocar-se ao lado, inclusive para aprender com ele.

Consulta número20; 27/02/2012

A paciente explora a nova visão de mundo, que lhe surge diante de tudo que vive:

“Tenho medo dessa lucidez de agora, sinto revolta pelos absurdos desse mundo, não que eu não reconhecesse antes, reconhecia e também me compadecia, mas é diferente. No que se refere a fé me pego pensando...quando tu vive uma tragédia e se agarra em Deus pra sobreviver, porque precisa de um suporte em alguma coisa, isso é fé? É fé de verdade? E quando tudo vai bem, que você simplesmente reza pra agradecer...é fé? Honestamente se tens que te apegar a algo porque não restou nada mais, isso pra mim não é fé, é um tipo de consolo, uma tábua de salvação...”

Mônica está tentando reencontrar sua fonte de suporte e sustentação espiritual, ao mesmo tempo tenta reorganizar seu mundo interno para adaptar-se as novas constatações de vida que a experiência de luto vem lhe trazendo. Conta-me que tem tentado “capitalizar-se de energia” para sustentar o que precisa na vida pessoal e familiar. Por vezes pensa em mudar seu papel na família, desprender-se um pouco mais dos filhos, lembra que tinha um projeto de aposentar-se e morar na praia e agora tem pensado como seria isso.

Recebe autorizações para pensar com tempo, liberdade e leveza o que sente e as possíveis mudanças.

Pensar sobre boas mudanças reduz a sensação de aprisionamento, devolvendo-lhe alguma energia.

Entendo que a paciente está tentando não sentir-se exclusivamente presa a uma realidade tão dura e a noção de que apesar de tudo, ainda tem liberdade, nem que seja apenas a de pensar, o que já é em si capitalizadora de vitalidade e potência.

Depois de ponderar alguns minutos Mônica complementa:

“ Uma sacudida como essa que desorganiza tudo,deixa um enorme vazio...traz grandes mudanças, grandes espaços abertos, se por um lado é doloroso, invasivo e violento, por outro, não dá pra negar que depois que a poeira começa a baixar, se pensa, mudança por mudança... em espaços vagos, são espaços abertos, cabem o que quisermos colocar... É triste, mas é assim, não é? Você planeja, trabalha, constrói e de repente, em segundos, tudo aquilo simplesmente desaparece. O que dá pra tirar de tudo isso, senão essa noção de que nesse mundo, estamos jogados, a mercê do acaso. Não quero me deixar levar por essa visão tão dura mas é o que sinto agora. O que será que como seres humanos temos que enxergar? Talvez se importar mais com todos...Prestar mais atenção pra não invadir a pista contrária...entender que quem está na pista contrária também é uma parte de você?”

A paciente pondera o que poderia ser construído a partir das mudanças vividas e amplia seu olhar.

Consulta número 21; 05/03/2012

Mônica chega trazendo em mãos algumas reflexões que anotou sobre as quais gostaria de conversar:

“Resolvi escrever um pouco até para organizar minha cabeça. Também porque quando eu te encontro, só eu falo e eu preciso te escutar pra poder assimilar.

Ana, quando eu falo que a vida podia dar uma trégua, eu sei que a vida é movimento e que a rotina sufoca. Mas também um pouco de rotina é estruturante. Sentir-se, ou observar que se anda morno, uma folha solta ao vento, também não é bom. Talvez daí maior é a insegurança. Ou talvez é meu temperamento querer as coisas mais organizadas (e o do Bruno também) ou seriam controláveis? Não sei. Veja bem... Quando tive meus filhos, os quatro, minha mãe dizia: “-Tu estás te arranjando problemas para a vida inteira.” Bom, eu nunca fui pessimista e, na verdade, eu pensava mais nas alegrias que eles sempre me deram e não no trabalho e preocupações que representavam. Hoje, mais velha e com cicatrizes, eu reconheço que minha mãe tinha uma certa razão. Embora eu não considere os meus filhos e netos “problemas” e acho que eles estão tão sujeitos as movimentações da vida como qualquer outra pessoa, e também que a vida é deles e não minha. Filho é flecha que parte, sabe aquela frase... Mas, é só que, eu não consigo me manter alheia aos fatos e não viver os processos deles. Se estou certa ou errada, eu não sei, mas eu sou assim. Se eu consigo chorar e sofrer por problemas de desconhecidos, que dirá por aqueles que me são próximos. Se dá pra ser diferente ou tenho que ser diferente tu me ensina. O que me pesa é que são muitos os desafios e sucessivos, juntos. Veja hoje:

Primeiro, o processo de luto em andamento, situações que se sucedem e que aumentam a saudade, rememoração constante e fragilidade. Saber administrar isso e saber diferenciar que luto não é depressão, gente,quanto pior ficam os enlutados se forem tratados como depressivos! Daí sim que o beco fica sem saída, fica impossível a saída, a tristeza vira crônica mesmo, tu já não sabe direito o que acontece contigo, ainda carimbam a tua testa? E carimbam errado, o que é pior, e aí vem os remédios etc, as pessoas ficam tontas, mais perdidas ainda.

Segundo; o Bruno, agora a namorada dele, que eles recém entram em contato e ela está se mudando para Porto Alegre, exige toda uma reorganização da vida dos dois. O processo judicial do acidente de Clara correndo, a chamada dele para o magistério, será que vai acontecer, que ele vai aceitar? E será que a estabilização de um cargo público é o que o Bruno quer (e o sonho dele de Garopaba?)... Ou será que ele vai se acomodar ao que a vida oportuniza? Qual é o melhor caminho pra ser feliz? Não é decisão minha, apenas penso.

Terceiro; tem a minha outra nora e meu outro filho. Ela em Porto, depois em Brasília, depois grávida. Em mudança de apartamento, meu filho sozinho para resolver inúmeras coisas, em relação ao apto, à mudança do seu trabalho, o cachorro, etc. Embora apaixonados, curtem a gravidez no meio de tudo isso. Vamos combinar, é muita coisa junto...

Este final de semana, no Sábado à tarde, estava indo a missa e encontro a minha filha no elevador do prédio dela, ela e a minha mãe são vizinhas, eu tinha ido tomar café com a mãe, correndo porque tinha que ir ao hospital, o meu filho me ligou pedindo ajuda, dizendo que a minha nora estava com sangramento. Depois fui para a missa, só me restava rezar, ainda bem que não era de muita gravidade. Mas foi um susto e um aviso para diminuir o ritmo. E o coração velho e taquicárdico, o meu...

Quarto; o meu neto, a gravidez e o nascimento da minha bisneta, vai ser maravilhoso, mas numa situação não muito normativa que precisa ser tomada a peito e organizada, para o bem dos dois adolescentes e da menina. Como diria Jesus Cristo, se não fosse os corações de pedra dos adultos tudo seria mais fácil, desde o início. Se prevalecesse a lei do amor, a vida correria com mais facilidade, sem tanto estresse desnecessário. Me pergunto, qual é a melhor forma de atender o meu neto pra que isso se transforme em alegria e não em trauma ou em simples compromisso... Como posso atender a mãe, a menina, com a mesma finalidade e dando chances para que a menina viva sua vida, sua faculdade, seus sonhos, seus projetos, sabendo que, ao menos nos primeiros anos, a mãe sempre é mais envolvida com o bebê. Será que ela terá apoio suficiente? E a criança, como atendê-la nas suas necessidades físicas e emocionais à distância e no meu caso como bisavó...

E o que é pior, não sinto que minha filha esteja preparada e forte o suficiente para organizar tudo isso sozinha. Ela também está sofrendo muito a perda da Clara, não está equilibrada ainda. As duas eram muito unidas, é como se ela fosse a tutora de Bruno e de Clara. Ela sempre diz que o Bruno é o filho mais velho dela, porque ajudou a criar ele, conseqüentemente ela tinha adotado a Clara, era outra mãe de Clara, de certo modo. Agora como posso ajudá-la a adotar a criança? E a namorada nova de meu neto, quando souber desse bebê, como vai reagir sabendo do compromisso dele para a vida toda com essa criança? Sempre dividido em dois, porque acabam sendo duas famílias...como ela vai aceitar isso tudo? Terão maturidade pra isso, ou ele vai perder a namorada que ele tanto gosta? Muitos adultos podem não aceitar essa situação.

Bom, junte a isso o dia-a-dia e seus desafios, tal como as férias da empregada da minha mãe nos próximos vinte dias e eu com duas casas pra cuidar, pra administrar e assim vai...

Até imagino que tu deva pensar Ana, porque estou te trazendo tudo isso, mas é que sou esse pacote completo, esse turbilhão e por isso precisava conversar. Imagina que eu pensava iludida, primeiro as coisas iam se organizar nas nossas vidas, nas nossas cabeças, nos nossos corações e depois o novo ia se instalar, mas a vida não pára. Onde está a segurança? E porque acontece tudo junto, muita coisa em transformação e eu sei que nenhum de nós está perfeitamente pronto, equilibrado para tantas respostas ao mesmo tempo. O luto de Clara provocou alterações e mudanças em todos nós e não estou conseguindo ver nada mais estruturado como antes. Tudo se movimenta e hoje o meu receio é de nos perdermos nessa roda da vida. De nos perdermos de nós mesmos, tipo, o que realmente somos? O que valorizamos? Espero estar enganada e que tudo isso venha a trazer um crescimento para cada de nós e muita alegria, elemento do qual todos estamos sentindo falta. Acho que todos nós estamos nos sentindo um pouco folha ao vento. Não sei se gostamos disso.

Para concluir quero fazer uma ponderação para a qual ainda não tenho conclusão definitiva. Conversando com a minha nora sobre o processo jurídico de Clara, ela me disse que se o Bruno não tivesse investido nesse processo, ela mesma entraria porque a morte de Clara lhe desestruturou completamente e está sofrendo muito, veja bem, ela como nora dizendo isso.

Outro dia, voltando do teu consultório, encontrei minha vizinha de apto que perguntou de onde eu vinha, eu respondi que vinha da minha psicóloga. E de novo veio a colocação; _ “Mas tu ainda está de luto? Vocês ainda não esqueceram? Não superaram?” Daí tu diz o quê? Tentei explicar um pouco que o luto é um processo que não se encerra em algumas semanas ou em meia dúzia de lágrimas, que é muito mais complexo quando as relações não são superficiais. Olha a conclusão da minha vizinha; - “Vocês são muito unidos. Vivem muito juntos, eu vejo o pessoal todo dia, toda semana entrando e saindo da tua casa. Por isso vocês sofreram mais. Na minha casa os relacionamentos não são assim, a gente quase nem se fala.” Bom, Ana, claro que a situação da minha vizinha não é exemplar, mas é a realidade dela, o fato é que já ouvi muito isso, essa ideia de que nós sofremos por sermos do jeito que somos, inúmeras vezes ouvi. Será mesmo que o fato de nos relacionarmos assim nos trouxe mais sofrimento?

Com relação ao meu neto, conheço minha família, assim que a situação se definir todos irão se envolver com o bebê. As coisas que acontecem não são movimentos separados, assim também todos se envolvem com a gravidez da minha nora, a montagem do apto, as férias da empregada, sabe que eles tem um horário pra ir almoçar com a avó, pra ela nunca almoçar sozinha? Essa é a minha gente... E a trégua? Tô esperando ainda.”

Depois que Mônica traz suas ponderações aos poucos trabalhamos possibilidades.

De fato, cuidar do luto é na verdade integrá-lo a vida, promovendo a vida e potencializando habilidades para o enfrentamento, para amar, adquirir novos recursos, compreensões e reorganizações.

Consulta número 22; 15/03/2012

A paciente explora sua revisão de conceitos para viver, as distorções que o impacto da perda causa e o tempo para reorganizar as ideias em todos. Considera a importância de reconstruir noções de reassuramento e compreende o processo de luto como uma reconciliação com o mundo, a vida e até mesmo em relação a fé.

“Acho que a parte mais dolorida deste processo, inclusive para o Bruno, foi a decepção com o que acreditávamos. Eu, como Bruno e a Clara, éramos os que mais frequentavam a Igreja. O Bruno e a Clara nunca perdiam a Romaria de Caravaggio e jamais se negavam a uma atitude solidária, religiosa. Se em algum momento tínhamos a visão de um Deus “super,” que tudo podia e nós acreditamos, quem nos passou isso? De onde tiramos esse conceito? Talvez por isso temos essa sensação contínua de insegurança. Como era bom acreditar que reconhecendo tua fragilidade humana, nesse universo, tinha alguém, um amigo que estaria ao teu lado para te proteger. Alguém forte, que tudo podia e que se tu estivesse ao lado Dele, Ele estaria ao teu lado também. Eu sei que talvez tu me diga, mas isso era ilusão... Mas que era mais fácil viver com essa ilusão era. Só que agora não dá mais. Hoje, eu e o Bruno, observo, parecemos desconectados. Uma sensação de que aquelas duas mãos do quadro de Michelângelo não se encontram mais. Nós continuamos procurando, mais eu do que ele. Sempre ouço dizer que Deus faz tudo pelo melhor e que um dia a gente entende os caminhos que Ele determinou. Palavras amargas agora. Eu espero que um dia tenha realmente sabedoria pra alcançar isso então. A dor aqui é uma dor de traição, a traição de um grande amor, de um grande amigo... Para os mais antigos é presente a crença de que a partida era necessariamente para a glória. Era então um grande processo de fé e de confiança. Até acho que isso não mudou muito. Ninguém acredita que sai dessa para pior. Só que eu acho que o que é mais dolorido é que ninguém quer sair dessa vida que conhece e muito menos perder alguém que

ama. O que dá conta dessa mágoa com Deus e o que temos que entender aqui? Não sei se sou capaz de alcançar verdadeiramente... Talvez por esse esvaziamento que sentimos no luto, mas não acho justo que tenha que ser pela dor, e será que tem? Meu outro filho, quando falo sobre isso, ele me diz; “_Joga fácil, mãe!” Esse simplificar ideias, projetos, planejamentos, expectativas é que talvez eu precise mesmo aprender pra viver mais fácil. Só que a vida não é fácil, ela te cobra movimentos, objetivos, etc. E se não me organizo que respostas terei pra dar? Outra coisa é que ouvi um Padre falando sobre a indiferença ou a passividade das pessoas em relação a fé, as expectativas, gostei da expressão; “católicos murchos”. Acho que agora me definiria assim, como uma pessoa murcha. E me pego pensando quantos murchos enlutados estão por aí como eu...”

Acolhida e escuta atenta, para os caminhos que Mônica está buscando encontrar. As questões relacionadas a fé são parte importante do cuidado no enlutamento, de modo especial para Mônica, por toda sua caminhada nessa dimensão, anterior ao processo de luto. Claramente, se não houvesse espaço para esse tema, com escuta aberta e profunda, para essa paciente seria muito difícil tanto avançar no processo de elaboração, quanto permanecer em acompanhamento psicológico.

Consulta número 23; 29/03/2012

A paciente traz sua dor, tristeza e saudade. Teme sucumbir a dor, assusta-lhe a intensidade da dor. Conta-me que deseja “descobrir formas de viver a saudade sem vitimizar-se, pois detesta tanto a ideia de viver sofrendo, quanto pessoas que utilizam circunstâncias da vida, para justificar seus fracassos sem assumir o que podem fazer para melhorar.” Em conjunto naturalizamos o que é possível e pensamos estratégias para cuidar da vida e do luto ao mesmo tempo, ampliando recursos.

Consulta número 24; 05/04/2012

Mônica procura encontrar coerência no que vive e sente, pondera sua ansiedade como protesto diante de todas as mudanças, procuro ancorar sua busca de sentido e a construção de significado para cada uma de suas constatações. Pensamos cuidados e estímulos para que siga no caminho da auto compreensão e revitalização.

A paciente pondera diferenças relacionadas ao luto na terceira idade, aspectos positivos e negativos de sua vivência nessa etapa do seu ciclo vital, onde também percebe que avança na elaboração, para fazer mais do que administrar consequências, já busca reinvestir na vida como um todo.

Consulta número 25; 12/04/2012

“Deixar a vida lidar. Acho que nesse período a gente ainda não confia, mas caminha sem confiar, sinto que já oscilo com pensamentos mais livres, ando pensando... desse nada que somos no fim das contas, quantos milagres também podemos fazer acontecer”

A paciente traz relatos onde suas percepções se mostram de fato mais abertas, repensa suas antigas cobranças.

Consulta número 26; 19/04/2012

Mônica avança no trabalho interno para “voltar a sonhar,” conta-me de seus planos, hoje considerando a nova realidade.

Ofereço-lhe reforços, inclusive para a mãe apoiadora, respeitosa e dedicada que tem sido, fator que a nutre também para reinvestir em si mesma.

Consulta número 27; 26/04/2012

Mônica percebe que o filho organiza-se e caminha para a vida, isto a alegra imensamente, ao mesmo tempo em que parece retirá-la de “um plantão, aquele do susto e das preocupações iniciais,” isso lhe causa acesso a um cansaço ainda maior pela saída da tensão. Parece-lhe que “a guerra está terminando.” Na acolhida e compreensão, proponho que pensemos meios para ajudá-la a relaxar, encontrar momentos de paz e descanso.

Consulta número 28; 10/05/2012

A paciente mostra-me que por hora tudo corre bem consigo, apesar da imensa saudade, parece ter encontrado uma maneira de viver com a saudade sem deixar de viver as alegrias e contratempos da vida.

Reconhece as riquezas de sua família e todo seu amor por eles, também pela mãe que é. Esporadicamente, percebe nas pessoas de modo geral, crenças, modos de pensar que considera restritivos ou disfuncionais, procura ajudar quando se sente autorizada, mas compreende que “cada qual vive o que alcança” e já não sofre tanto com isso.

Mônica está bem mais flexível, inclusive em relação a si mesma.

Consulta número 29; 17/05/2012

Lembranças de Clara, memórias da menina amada, de seu relacionamento com ela e dela com todos, “lembranças ainda não pensadas antes,” acompanhadas também de uma espécie de saudade do não vivido.

Escuta e continência, cada lembrança é como se fosse uma realocação de Clara no coração de Mônica, uma espécie de “adeus por enquanto.”

Clara vai deixando de ocupar tantos espaços em seu coração, não deixa de estar lá, mas está de um outro modo, de tal forma, que torna possível a Mônica espaços para sentir a vida como um todo, assim como a amplitude de seu campo de visão aumenta.

De despedida em despedida, o conteúdo emocional vai sendo reorganizado, uma espécie de seleção sobre com o que ficar acontece aos poucos.

Há nas lembranças de Mônica, nutrição, sustentação afetiva, sobre relações, vínculos que tenta trazer para atualidade juntamente com tudo que vem compreendendo e experimentando no enlutamento.

Mônica pondera as relações familiares e a condição dos vínculos diante das transformações do processo de luto:

“Antes o convívio era real. Os elos também verdadeiros. Embora cada um tivesse sua personalidade bem marcada, com seus defeitos e bondades, parecia haver um pacto silencioso de que cada um daria o melhor de si para que aquele “estado de Graça” se mantivesse. Nos fazia felizes e a alegria da Graça era constante. Não era alienação. Também tínhamos problemas, mas parecíamos fortes para encará-los. O Bruno muito perspicaz me disse um dia: “_Foi nos tirado o único elemento que não podia ter sido mexido.” Talvez fosse

ela o grande elo de ligação? Hoje penso, no início, na tormenta, aquela unidade nos manteve fortes, unidos, até junto à energia da própria Clara, por isso enfrentamos tudo com muito mais força e coragem do que se podia imaginar. Depois, fragilizamos com a dor e na procura, do próprio instinto de sobrevivência, cada um, dentro de suas características, necessidades, espiritualidade, etc, começou a tentar “salvar-se” daquela dor e aprender individualmente a conviver com ela. Nesse momento a preocupação maior deixou de ser a dor do outro, solidária, pelo contrário a dor do outro passou a incomodar a minha/nossa luta para tirar a cabeça para fora de uma situação que estava me/nos sufocando. Hoje observo as pessoas menos inteiras nos relacionamentos, mais protetivas consigo mesmas, a alegria parece “aérea,” as pessoas estão muito mais individualizadas em suas posturas. Se isso é processo de melhoria e amadurecimento, não sei, talvez seja parte da caminhada. O que sei é que as cores do mundo estão esvanecidas. Hoje assumimos muito mais nossas fragilidades e parecemos extremamente iguais a toda humanidade. Talvez sempre tenhamos sido, é que por um período procuramos viver de forma mais centrada em valores que não eram de um “lugar comum.” Podemos até não questionar hoje, esses valores, mas não lutamos mais tanto por mantê-los acesos. Acho que o assombro diante do mistério da vida e da morte, o medo de perder-nos de nós mesmos, fez com que procurássemos encontrar nossos traços de personalidade, sejam quais forem e trazê-los a tona com toda força e intensidade possível, até para podermos saber quem realmente somos. Observo que para todos essa predisposição foi muito forte e ainda está agindo.”

Por mais trabalhosa e difícil que possa parecer a tomada de consciência sobre todas essas observações e pensamentos, está nesse exercício de ponderação e acareação com a nova realidade, a possibilidade de recuperação de Mônica, e ela mesma já compreende bem isso. No entanto é a riqueza, honestidade e coragem com que ela reflete sobre o que acontece consigo e com todos, que tem garantido-lhe fluência na elaboração.

Consulta número 30; 16/06/2012

Mônica atenta para sua própria caminhada na fé e no enlutamento:

“É no luto que precisamos de amparo, éco, e é exatamente aí que não o encontramos, todos tem alguma crença pra sugerir e nada parece se encaixar. (...) Engraçado ou preocupante, ainda não sei. As vezes acho que minha mãe tem razão, quando dizia, desde que eu era criança, que eu enxergava o mundo as avessas. Hoje o Padre falou no deserto e na conversão a partir do deserto. Ele disse que quando as pessoas vivem em um oásis elas perdem a noção do essencial e conseqüentemente de Deus. Elas não se despojam. Eu senti a experiência ao contrário. Enquanto eu vivia no “oásis,” aquela experiência de amor, de bem, de confiança, (talvez irreal, ilusória, hoje me pergunto) eu me sentia de mãos dadas com Deus. Eu procurava transmitir a minha fé, a Graça da fé para todos que eu pudesse e sempre agradecia. Ora, será que só se encontra Deus no deserto? No sofrimento? Na desilusão? Mas Ele é amor, é Graça, é bem maior. Não é aí que Ele se encontra? Será que é no desamor que o ser humano se despoja? Eu observo as pessoas a minha volta e acho que na dor as pessoas ficam com medo, cheias de proteção, individualistas e desconfiadas. Será que é só agora que estamos no caminho certo? Uma vez tive uma aula de psicologia sobre a aprendizagem do medo. O professor dizia que a criança nasce sem medo e é a vida que ensina a criança a ter medo, por isso ela precisa ser cuidada. Ele deu o seguinte exemplo; a criança brinca se jogando para trás e o pai a segura nos braços e ela sem medo se atira, até que um dia, o pai distraído, não a segura quando ela se joga para trás e ela cai no chão, se machuca e chora. Aí ela aprende a ter medo, a ter receio até de brincar. Acho que estou mais ou menos como essa

criança. Aliás, não só eu, mas na experiência do “tombo” vejo muitas pessoas abaladas e não sei como isso poderia aumentar a nossa fé? Vai ver eu não construí sobre a rocha e sim sobre a areia. Eu sei que a dimensão da fragilidade humana só se sustenta no Divino e sei que essa busca Dele pelo ser humano e do humano por Ele é constante, eu só me pergunto se é necessário mesmo passar pelo deserto? Será que isso não pode gerar efeito contrário?”

Mônica briga com o Deus que conhecia, briga com o que dizem, com o que lhe ensinaram, está magoada, ao mesmo tempo em que busca resignificar sua fé, em suas palavras, está tentando, em meio ao tombo, não perder o que entendia como “Tudo.”

Consulta número 31; 21/06/2012

Mônica traz constatações de seu luto materno, a dor de mãe ao perder a Clara e recebe reconhecimento. Descobre que em seu amor por Clara existe uma espécie de amparo. Questiona-se; “será que Clara sente saudade de todos, ou será que quando morremos Deus desliga tudo em nós?” Descobre também o quanto realmente compartilhar a dor com pessoas que saibam escutar, ou já tenham passado por algo semelhante ajuda. Relata algumas experiências nesse sentido. Pensa sobre o eco da experiência, como força de amparo e auxílio. Suporte para as constatações que encontra que lhe abrem caminhos.

Consulta número 32; 13/09/2012

A paciente relata o suporte oferecido ao filho em seu novo relacionamento, busca orientações sobre como lidar com a família frente a namorada do filho, uma vez que sabe que a presença da nova namorada é imensamente bem-vinda, porém causa dor em todos, logo deseja facilitar as adaptações tanto para o filho, como para a moça, quanto para a convivência deles em família.

Consulta número 33; 28/09/2012

Mônica está mais leve, conta que a família está reunindo-se e conseguindo ficar bem. Há em suas expressões uma conotação de gratidão, está feliz por perceber que estão todos bem e realmente conseguindo. Retoma pensamentos sobre sua aposentadoria, pondera novamente seus antigos sonhos e tem a sensação de que “retomou o fio” da vida. Recebe reforços para suas conquistas. Mônica sente-se melhor também por perceber finalmente em relação a si mesma, que pôde caminhar “dando conta das coisas.” Está grata a si reconhecendo-se mais positivamente.

Consulta número 34; 04/10/2012

A paciente traz novas ponderações sobre espiritualidade e as renovações familiares:

“Logo que a Clara morreu, os amigos de Bruno vinham um de cada vez aqui em casa e ocupavam o lugar dela na mesa, pra não ficar tão forte aquele vazio. Vinham e comiam o que tinha. Uma Graça aqueles guris, concretamente. Hoje eles me ligam pra saber quando podem retornar pra comer o meu feijão. Ora, eles tem poder aquisitivo pra comer salmão grelhado todo dia, não é o feijão que querem, mas essa mesa de partilha. Então volto a pensar num Deus mais prático. Não é a comida, é o afeto, o reconhecimento, o calor da amizade, da

acolhida, da compreensão. (...) Eu ando descobrindo coisas que já sabia antes, só que de um novo jeito... primeiro que o mundo é bem mais maluco do que eu rs, rs, rs. Agora quero muito ser mais coerente comigo mesma, essa é minha verdadeira rebeldia hoje. Entendi também que escolher é diferente de cobrar-se, e exigir-se tanto não é mesmo o caminho, tenho exigido menos de Deus também. Outra coisa é que hoje tenho certeza que o mal anda solto por aí e nós precisamos investir muito mais e de verdade no bem. E com relação a Igreja, me pergunto; porque quando falam da morte, os padres não falam mais da vida? Quanto a minha família, sinto que eles estão voltando a ser, se é que me entende, ser, embora de uma nova maneira, isso me deixa mais tranquila, estamos voltando a ser nós. Não é o mesmo nós, mas é o nós da gente, aquela sensação boa de calor e união, aparece de novo as vezes, muitas coisas não morreram, Ana, e Deus também não.”

Trabalho sobre a consolidação do que foi construído.

Consulta número 35; 11/10/2012

Acompanhamento para os movimentos de reinvestir na vida, Mônica e sua família exploram a autoconfiança que aos poucos renova-se e mostra-se em todos.
Reforços.

Consulta número 36; 08/11/2012

A paciente comenta o efeito de uma psicografia que o filho recebeu, de acordo com suas observações e propõe associações com sua fé na caminhada de enlutamento e recuperação:

“ Eu compreendo que as pessoas tem a melhor das intenções, penso que realmente querem ajudar, mas me parece que esse tipo de notícia, ou tentativa de notícia, puxa um pouco a gente pra trás e então temos que repensar questões relacionadas ao que acreditamos novamente. Não que seja ruim, pode até ser um reforço, ou trazer boas mudanças, mas é que tu tem aquela sensação de “lá vamos nós de novo,” entende? É um grande gasto de energia. O que considero difícil de ouvir é essa ideia sempre presente dos reencarnacionistas, que é tu que escolhe esse destino, é difícil imaginar que Clara escolheria isso, pra mim é difícil. No contraponto a Igreja Católica precisa trabalhar mais a mensagem e a vida de Jesus, trazê-la pra nossa vida, quem sabe enxergá-la em nós. Nessa caminhada, é com Ele que nos reconhecemos, é aqui que as coisas ganham sentido, mas veja bem, não pela dor, mas pelas verdades, por sua humanidade, porque Nele, o encontro entre nós é possível e a construção de um mundo melhor também. Porque nisso tu entende que sofremos pelo mal que não cometemos, mas que ao dobrar a esquina, o desastre pode ser nosso. Você tem que olhar pra fora. Pras pessoas ao seu redor, pois tudo pode te afetar, tudo que acontece lá fora. A igreja tem que parar com assistencialismos e com aquele discurso de “temos que aceitar o sofrimento,” as pessoas precisam se sentir ouvidas, orientadas, esclarecidas, auxiliadas na busca de sentido, um sentido coerente com a dor experimentada, com a própria transcendência, com as verdades do mundo. A Igreja precisa se humanizar com Cristo, isso foi o que vivi nessa caminhada. A experiência de Cristo está dentro da vida humana, de nossos projetos e percalços, nossas quedas, nossos medos. Tu te alia a essa identidade, mas mantêm tua liberdade porque Ele é um Deus trino, uma unidade inteira num verdadeiro Espírito de amor. Nessa morte tu te encaixa, não porque quer ou tem que aprender algo com a dor, mas porque é, porque tu É nisso. Assim, espero que nessa humanidade de filho e Divindade de Pai, eu me sinta ressuscitada. Deus não salvou Jesus da morte, mas salvou na morte. Entendo então que o mal só tem poder até a morte, depois disso, como é para nós com

Clara, só existe o amor. De certa forma há uma reconciliação na experiência de luto, como experiência de vida, que não deixa de ser uma ressurreição também, espero estar caminhando nessa direção.”

São intensas e emocionadas as palavras de Mônica, claramente está encontrando caminhos de reconciliação consigo, sua fé e a vida de modo geral.

Consulta número 37; 22/11/2012

A paciente traz uma avaliação de si mesma, conta-me que está “se estranhando ultimamente, está menos agitada, mais ponderada, sente até um certo receio.” Sente-se bem, embora diferente do que era, pergunta-se sobre se isso vai durar. Pondera como saber o que é verdadeiro, o que vai ficar. Pontuo a partir do que aprendi com ela, que o verdadeiro é aquilo que passa pela experiência, “por dentro,” como havia me sinalizado certa vez, aquilo que nela encontra encontra “eco,” adequação e lhe deixa bem.

Revisa desejos antigos, explora planos na família para com todos.

A vida flui.

Consulta número 38; 06/12/2012

A paciente traz revisões do processo de enfrentamento do luto:

“ Quando olho pra trás vejo esse ano e o anterior, quantas mudanças vividas, as vezes ainda me sinto como se estivesse sobrevoando a minha vida, sabe, foi tudo muito intenso. Ficamos por um tempo descolados da vida, depois a gente vai fazendo testes com a realidade pra ver se ainda estamos vivos, se estamos mesmo voltando pra vida, quando tu te dá conta tudo é tão diferente, então surgem novas escolhas, novas possibilidades, no começo tu nem sabe o que está acontecendo, é uma exaustão, um esgotamento até começar a perceber que se está conseguindo alguma coisa...mas no final das contas até que a gente está se saindo bem, eu só penso nas pessoas que não tem ajuda.”

Reforços para sua clareza, exploramos as diferentes etapas consolidando o momento atual.

Consulta número 39; 13/12/2012

Preparações e preocupações com o Natal, se por um lado sentem-se todos melhores, por outro a saudade é bastante mais consciente nesse ano, ritos alimentam a família de sentido, pertencimento e proximidade com o amor e o afeto que Clara lhes deixou.

Suporte e encorajamento.

Consulta número 40; 19/12/2012

“Haverá sempre uma saudade amorosa em nossos corações, amor que é vida prática e olhos abertos, de verdade esse amor nos ergue todos os dias, depois de toda escuridão a luz se faz presente novamente, na verdade penso que sempre estive com a gente.”

A paciente fala da vida, das coisas que tem feito, de momentos divertidos da família, do amor como garantia e instrumentalização para todos, dos sinais de renascimento da confiança em aceitar o que a vida é para todos e seguir a diante.

Mônica solicita “ancoragem pra a chegada na vida agora, com carinho por tudo que foi vivido, pois foi por amor acima de tudo.”

*Paciente permanece em acompanhamento psicológico e segue evoluindo.

ANEXO B – *Caso B*

“E não há combinação de palavras que eu poderia dizer. Mas eu ainda vou falar uma coisa: somos melhores juntos...”

(Trecho da música “Better Together”, de Jack Johnson, escolhido por Clara e Bruno, como parte do texto de seu convite de casamento).

PRONTUÁRIOS PSICOLÓGICOS

Bruno de 28 anos, vem encaminhado em 8 de Setembro de 2011 por sua família e pelo Frei da comunidade religiosa a que pertence, para atendimento psicológico, em função da perda de sua noiva Clara, 27 anos, em acidente de carro quando voltava do trabalho.

Bruno e Clara conheceram-se há 8 anos e estavam com casamento marcado para Dezembro do corrente ano, na praia de Garopaba em Santa Catarina. Os convites já haviam sido distribuídos, a festa organizada e a lua de mel programada. Havia comprado um apto há alguns meses, mobilharam-no juntos, estavam felizes, já experimentando a realização de seus sonhos, desde Março morando no novo endereço.

Bruno é professor de Educação Física, trabalhava em academias e Clara era professora de Ballet para crianças, em escolas de dança da cidade, escolinhas e também em escolas na cidade de Bento Gonçalves, cidade próxima de Caxias do Sul, onde residiam.

O acidente ocorreu no dia 23 de Agosto de 2011, pela manhã, quando Clara voltava de seu trabalho, de Bento para Caxias. De acordo com a perícia policial o carro que vinha na pista contrária fazia uma curva em alta velocidade, o motorista perdeu o controle do veículo, invadindo a pista de Clara, quando a jovem veio a óbito, ainda no local.

Para viabilizar o presente estudo utilizaremos os prontuários psicológicos dos atendimentos de Bruno.

A seguir serão descritos os conteúdos dos prontuários do atendimento Psicológico de Bruno, desde a primeira consulta até Março do ano de 2013, tal como arquivado no seu fichário clínico, compondo assim, o relato de seu atendimento psicológico, no tempo de um ano e seis

meses em psicoterapia focada para o luto, com frequência semanal, resultando no total de 61 consultas.

Consulta número 1: 08/09/2011

Paciente apresenta-se tenso, aparenta estado de vigilância, trazendo um relato rápido, resumido da circunstância de morte, sua linguagem é compreensível, pausada, apresenta sinais de afeto “congelado” e entorpecimento, entre silêncios manifesta as expressões : “não parece real, tudo parece tão absurdo”...

Questiona em suas ponderações “como enfrentar tudo isso” e percebe, desde já, uma espécie de discrepância entre o mundo como pensava ser e o mundo como o está experimentando agora.

Nitidamente está sob o impacto dos acontecimentos, acidente, morte, velório...

Para auxiliar no trabalho psíquico de assimilação e para obter mais informações, convido-o a contar-me sobre a história do casal. Pude então perceber que relaxou um pouco no ambiente, sentindo-se um pouco mais confortável, passando a falar mais.

À medida que o escuto, percebo alguns de seus recursos psíquicos e outros fatores facilitadores.

Demonstra nítido sentimento de bem-estar ao contar-me sua história com Clara, observação que reforça em mim a ideia de que para Bruno é importante que possamos andar devagar. Ele sinaliza que precisa sentir-se respeitado em seu ritmo de elaboração, uma vez que a morte já havia sido suficientemente invasiva, desrespeitosa e agressiva para com ele.

Notei o quanto Bruno se abastecia de energia enquanto falava da vida com Clara (a cor parecia voltar para seu rosto pálido) e o quanto a história de ambos poderia caracterizar-se como um vínculo saudável e seguro.

Falar da vida, não tanto do acidente ou do velório, nesse momento estava devolvendo a Bruno um sentimento confortável de reassuramento. Ao perceber isto, confirmo também o quanto o luto lhe seria difícil. Debaixo de suas palavras já apontavam intensos sentimentos de impotência, medo, falta de sustentação e referências uma espécie de amputação, estilhaçamento.

Do ponto de vista do que lhe é consciente no momento, Bruno reflete sobre a dor que poderá sentir vivendo sem Clara, já teme, pressentindo a dor aguda que viria pela frente.

Bruno pareceu-me neste primeiro contato um jovem saudável, era feliz, tinham uma vida saudável, equilibrada, muitos amigos, ele e a noiva gostavam de suas atividades profissionais, sua família parece oferecer-lhe um bom suporte.

É o filho mais novo de uma família de quatro filhos.

Clara tinha uma irmã mais nova e de acordo com os relatos de Bruno, sua noiva convivia mais com a família dele do que com a própria.

Bruno vem de uma família Católica praticante, se considera Católico e assim também percebe a noiva, são de classe social média.

É um jovem bastante perceptivo, com bom nível de raciocínio e ótima capacidade para insights. Associa a figura de Clara com imagens como sol, mar, flores, verão, música, dança...

No final da consulta diz ter sentido-se bem, durante a conversa e apesar de tudo, propus um encontro semanal inicialmente, sendo que poderia vir mais vezes se decidisse, optei por deixá-lo livre para escolher, já no intuito de ajudá-lo a retomar sensações de controle e autonomia sobre a própria vida.

Ponto o reconhecimento do quão difícil é esta caminhada agora, sugeri que enfrente um dia de cada vez, oferecendo-lhe meu telefone celular, dando-lhe entender que poderá contar comigo desde já, como parte de seu circuito de apoio e suporte, inclusive para contato entre os intervalos das consultas.

Ele escuta com atenção, concorda com o que digo e decide retornar na próxima semana, iniciando comigo uma espécie de aproximação, nuance do que poderá tornar-se uma aliança terapêutica em prol da reconstrução de sua vida.

Ponderando sobre minhas sensações contra transferências (possíveis sentimentos, que no contato terapêutico, inconscientemente pacientes deixam para os terapeutas, conceito psicanalítico) experimentei com Bruno sentimentos de vulnerabilidade, fragilidade e medo, como que sob o efeito de uma enorme avalanche, imagens mentais como tombo, abismo, escuridão, vinham-me a mente.

Segunda consulta: 15/09/2011

Diferentemente do primeiro contato, Bruno chega trazendo revolta, sensações de injustiça, indignação, dúvidas em relação as suas capacidades, intenso cansaço e pesados sentimentos de desilusão para com Deus, para com a vida... Relata que em uma missa o padre citou em diferentes momentos que “é preciso aceitar a vontade de Deus” e questiona “que tipo de pedagogia é essa?” Percebendo a intensidade de suas palavras e a dor contida nelas, apenas o escuto, acolhendo e estimulando sua fala.

Diz-me que no momento, de zero a dez, seu cansaço é 8 e sua vontade de viver é 3. Conta-me, com a voz embargada, em uma mescla de raiva e tristeza profundas, que não tem conseguido rezar, que perdeu “sua crença no senso de reconhecimento de Deus”, não quer ouvir falar sobre Deus e fé.

Traz que no dia-a-dia, sente-se muito mal em todos os momentos em que experimenta algum tipo de alívio, ou alguma atividade “boa”, como estar com os amigos por exemplo.

Pergunta-me se é normal sentir que está procurando por ela o tempo todo, em todos os lugares, questiona suas capacidades mentais, pois sabe que ela não está mais aqui, mas é como se sua mente negasse o fato e “seu coração continuasse a buscá-la”.

Bruno começa a pensar que não vai dar conta de tudo que sente, percebe que precisa construir algum tipo de estratégia para lidar com o que vive.

Inicialmente valido o que sente para que se assuste menos com o turbilhão de emoções que experimenta, a seguir naturalizo seus sintomas de raiva, anseio, protesto e premência.

Mostro-lhe que ao mesmo tempo em que tudo isso acontece dentro dele, há uma vida diferente da conhecida, acontecendo do seu lado de fora e que lidar com as duas coisas simultaneamente, de fato não é fácil, por isso muitas vezes sua mente poderá mostrar-se confusa e sentir-se bastante cansado.

Bruno entende então que não deve cobrar-se, percebe que toda essa experiência é absolutamente desconhecida, algo para o que nunca preparou-se, cujo grupo de resposta de enfrentamento terá que desenvolver a medida em que vive.

Ponto para Bruno, na tentativa de esclarecer e diluir um tanto do desconforto que traz que não está nele a falha, ou empobrecimento de recursos para lidar com a situação, mas a experiência é que é grande e difícil.

Bruno concorda depois de alguns minutos de silêncio dizendo que “é verdade mesmo que ninguém imaginaria Clara nessa condição”. Pergunta-se que tipo de negociação interna pode fazer agora para viver sem ela, quando então seu rosto fica tomado de dor, tristeza e desolação. Diz-me “tudo que me conduzia estava no pronome nós”.

Um silêncio de profundo pesar toma conta da sala de atendimento. Pergunta-me; “-o que posso fazer comigo agora? Eu não sei mais viver o eu, entende?”.

Entendo que ao mesmo tempo em que Bruno me pede ajuda, de certo modo, nesse momento não a quer, pois viver o “eu” representaria deixar Clara para trás, uma vez que havia sinalizado ao longo da sessão o quanto se sentia culpado por sobreviver.

Pondero com ele a partir do que me contou no primeiro encontro, que eles tinham um contrato de amor, um amor que valorizava o sol, o mar, e o quanto isso não vinha de fora, do mundo, mas do modo tão deles de amarem-se, talvez essa fosse uma pista, quem sabe uma saída, manter o que era do “nosso,” as coisas que gostavam, aquilo que fazia sentido para ambos, talvez assim pudéssemos fazer a passagem aos poucos, do “nós” ao “eu”, ou quem sabe, talvez encontrar um lugar para o “nós” dentro do “eu, “ de modo que “o sol e o mar” (metáforas das fontes de vitalização psíquica para esse paciente) pudessem continuar existindo.

Bruno pondera e entende que a culpa que sente, quando faz “as coisas boas” que então eram de ambos, poderia ser resignificada para uma espécie de autorização para viver “o nós,” ainda que sem Clara, “ficar para cuidar do que era nosso”, é o que pensa em voz alta.

Um contrato parecido com o de seu amor, sua maneira de amar, que poderia servir por enquanto. Bruno percebe que da história deles poderiam nascer recursos que o ajudariam a seguir em frente e tem então uma espécie de confirmação do vínculo que havia entre eles,

algo que reduziu parte do sentimento de esvaziamento que a morte lhe deixou. Bruno se despede na saída da consulta, reflexivo e um tanto aliviado.

Permaneço preocupada em criar com ele, meios para viabilizar a vida.

Sentimentos proeminentes nesse momento; privação, o peso de sobreviver, revolta, anseio, premência, dúvidas espirituais e dor psíquica.

Terceira consulta; 22/09/2011

Paciente chega menos agitado, contando-me sobre as reações sociais diante do luto, do seu e da família, sente certa pressão social que lhe incomoda;

“as pessoas parecem jogar um holofote sobre a gente, a maioria fica curiosa, outros olham pra você como se fosse um coitadinho, dizem tanta besteira, ninguém entende o que é passar por isso, acho que não sabem o que dizer ou fazer... eu tenho tentado não demonstrar o que sinto lá fora, sei também que minha família se preocupa comigo e não gosto sequer da ideia de me imaginar vítima nessa situação. É um grau de exposição desconfortável. As vezes sinto raiva de algumas coisas que escuto, tipo; logo você esquece é tão jovem ainda, pode ter outras namoradas...”

Sinalizo que é coerente, sentir e pensar assim, realmente o luto é um processo muito singular e íntimo, estímulo que use a revolta como sinal de discernimento em alguns momentos, cuja força pode ajudá-lo a posicionar-se diante dos excessos das pessoas que invadem sua experiência. Do mesmo modo pode permitir-se aceitar ou não convites, de acordo com suas necessidades em cada momento. Procuro ajudá-lo a entender que não há uma receita de enfrentamento, o que conta é o quanto pode escutar suas necessidades, respeitando-as e oferecendo-se tempo para pensar, até que possa retomar alguma sensação de estabilidade e segurança novamente.

Bruno reconhece o impacto da morte de Clara no meio social, traz relatos de cenas do velório e manifestações de um grande número de pessoas, “Clara era muito amada... a gente nem tinha a noção do quanto”.

Sofre ao perceber o quanto sua juventude, doçura e beleza não “combinavam” com palavras como “falecida, cemitério, funerária...” Conta que num determinado momento do velório se viu diante de “tudo aquilo” tendo os planos do casamento em mente; “como é possível isso?!” repete em voz alta. Revive e descreve algumas manifestações de alunas das escolas onde sua noiva dava aulas e se questiona como as crianças iam lidar com isso; “a morte da profe. de ballet delas”, reflete o quão cedo também era para aquelas crianças lidarem com isso...

Reconhece -”se “buscando alguma lógica para o que não tem lógica alguma”, então volta a pensar sobre a vida;“ o que é isso que chamamos de vida afinal?! “Que tipo de mundo é esse...” Retoma algo que lhe disse em outro encontro; “- e o que é pior, como tu mesmo disse, a vida não pára, segue andando aí fora...”

Proponho que perceba que são duas dimensões a cuidar, o luto e a vida, talvez pudéssemos oferecer espaços e tempo para ambos, um pouco para a vida e outro tanto para o luto, que ambos possam ser considerados, lado a lado.

Bruno me diz; “um pouco se caminha e um pouco a gente senta, um pouco a gente sofre, outro momento olha para fora... é isso, não é?” Digo-lhe que podemos tentar.

Paciente caminha para assimilação.

Consulta número 4; 29/09/2011

Bruno chega contando-me que se sente um pouco mais organizado, mas entende que é um tipo de organização prévia, pois não dura muito. Tem pensado em seu papel no relacionamento com Clara, “sinto saudade de cuidar dela, é uma dor que queima no peito...” Enquanto fala põe as mãos no peito, com olhos marejados de lágrimas;

“ sinto saudade de planejar as coisas com ela...as vezes quando me sinto relativamente bem, em seguida me sinto péssimo, as coisas não se encaixam dentro de mim, é como se não pudesse ficar bem sem ela, e não fico, é como se a minha cabeça dissesse; como você está aceitando isso? É uma dor muito diferente de tudo que já senti, você se sente sem paradeiro, sem onde atracar, nada serve, é uma dor física, mental, emocional, espiritual, sei lá, é na alma, dói tudo...tenho tentado me ajudar, fico perto dos amigos, das pessoas que gosto e confio, mas a cada pouco parece que tudo se esvazia...é como se estivesse quebrado, amputado...Quando faço algo que era parecido com a gente, fico um pouco melhor mas também sinto dor porque ela não está aqui comigo, como é difícil!”

Procuro auxiliar na nomeação de seus sentimentos de ambivalência frente à vida, essa força que está fazendo para seguir em frente quando é tão difícil ir adiante sem ela. Bruno me diz que é como se tivesse que ir a diante e ao mesmo tempo “isso fosse ilegal”, proibido;

“queria estar com ela, sei que ela não ia querer que eu dissesse isso e também não estou dizendo que quero morrer, não é isso, mas queria ter notícias, saber se está bem, tenho pensado em Deus, mas ainda estou muito confuso... às vezes faço algumas coisas conversando com ela mentalmente, sinto que isso me ajuda, afinal nós temos uma ligação certo?”

Bruno de certa forma questiona-se e a mim, se o vínculo poderia morrer, pondero com ele se o que ele sente por ela poderia morrer um dia e me responde que não.

Paciente sente que sua dor aumenta com a passagem dos dias, também porque seu grau de consciência sobre a perda se amplia.

Ao rever seu papel na relação com Clara proponho que também atente para o que pôde oferecer a ela, na busca de seus recursos internos, para que se reconheça. Bruno sai pensativo sobre isso.

Consulta número 5; 07/10/2011

A partir de nossa última conversa Bruno percebeu que precisa “pensar-se”, em suas palavras; “reencontrar seu endereço na vida”. Diz-me;

“-... não quero viver pesado, a sombra do passado, não quero viver amargurado, eu também preciso olhar pra mim, pra minha vida... a gente pertencia ao sol, eu conheço a alegria, experimentei a plenitude, quero muito encontrar meios de me fortalecer, resgatar a confiança que tinha em mim, me sentir melhor comigo mesmo, cuidar do que também é meu...”

Ponderamos sobre viver a nova realidade, mudanças práticas, assumir cuidados com o apto, olhar para alguns pertences de Clara, enfim considerar as mudanças na rotina de vida agora. Sente que a família pode ajudá-lo nisso e percebe que estão atentos as suas necessidades e querendo sentir-se uteis. Bruno pondera sobre o recomeçar, faz associações com a Páscoa, na ideia de “ressureição,” relata que há um sentimento bom de renovação que nesse período do ano sempre lhe veio à mente ou ao coração, pensa que é algo que lhe auxilia.

Os movimentos de Bruno nesse momento voltam-se para reaprender, de fato, viver num mundo onde Clara não está, tentando resgatar algum senso de competência e apropriação de si mesmo.

As consultas nesse período também parecem estar a serviço de uma espécie de autorização para seguir em frente. O sentimento de culpa por sobreviver dá espaço a um desejo de dinamismo, de fluência e de imensa saudade. Bruno quer uma vida mais leve, já não suporta carregar o peso da dor e de algum modo confirma internamente que sua noiva não era a morte, o pesar, a angústia, ela era a vida, a luz, a leveza.

Discernir o que é morte, do que é a pessoa amada, no luto leva tempo, principalmente porque é preciso a seguir, sustentar isso, percebo que esse foi o pedido de Bruno nesse encontro.

Consulta número 6; 13/10/2011

Com maior clareza sobre o que tem lhe ajudado nessa caminhada Bruno lista o que descobriu até agora e testa a nova realidade: tem prestado mais atenção em si mesmo, fazendo acareações entre como vivia no passado e o que consegue realizar hoje; tem sido fiel as suas necessidades realizando o que consegue sustentar com segurança; lentamente sente que o

medo de ir adiante tem reduzido; tem “conversado” com Clara em suas meditações e isso de certa forma lhe faz pensar em voltar a rezar; está contando com ajuda de pessoas próximas.

Quando olha para si mesmo, entende-se na vida, como se tivesse num intervalo de tempo entre o que foi vivido e o que será, já sentindo que deseja sair desse “entre parênteses de tempo”.

Percebe que é bastante rígido e exigente consigo mesmo, está sempre se cobrando em agir corretamente, fazer o melhor possível, etc. Pergunto-lhe se esse grau de exigências já vinha com ele ou foi algo que surgiu no processo de luto. Bruno confessa-me que sempre foi assim, preocupado em fazer o melhor por todos. Pondero com ele que tipo de mudanças poderia acontecer agora em relação a isso, diante de tudo que está vivendo. Depois de alguns minutos de silêncio me diz;

“-... acho que de certa forma, de todo esse absurdo nasceu um novo senso de realidade, a experiência de luto pode ter algum destino, não que eu ache que a gente precise passar por uma coisa dessas pra aprender algo, mas que isso virou tudo virou, e quando você tenta começar a colocar algumas coisas no lugar se dá conta de outras... acho que eu ainda estou tentando me entender, como fiquei ou vou ficar, mas sinto falta de quem eu era, do mundo de antes, de como me sentia... e queria terminar logo de passar por tudo isso, mas também estou entendendo que não é algo tão mecânico assim, ainda é confuso, mas penso que eu estou indo, estou conseguindo lidar com tudo isso, acho que estou”.

Para consolidar o que vem construindo válido as conquistas de Bruno até aqui, os reforços tem sido muito importantes para ele, por vezes funcionam como nutrição psíquica, fonte de energia, em outros momentos são como norteadores no resgate de sua autoconfiança e de uma direção para a vida.

Consulta número 7; 18/10/2011

Neste encontro traz três temas: questões relacionadas a Deus e o mundo espiritual; o desejo de oferecer cuidados a família de Clara e as noções de tempo e segurança para viver, que começam a ganhar outro sentido.

Em relação a Deus Bruno parece reaproximar-se;

“- Ainda não estou muito tranquilo em relação a Ele, mas tenho pensado Nele e voltado a pensar em conversar com Ele, é só que é muito difícil entender esse mundo que Ele criou, começo a pensar que Clara está sim num mundo espiritual melhor do que aqui, mas era aqui que a gente vivia, juntos, e era bom, estava tudo bem, sabe, de repente você se vê tendo que entender tamanha mudança, também é um imenso grau de exigência, não é? Se deparar com tudo isso... e ainda dizer tá eu entendo, continuar acreditando e tudo bem, não dá! Não é que me sinta especial ou diferente, sei que existem muitas pessoas que sofrem mas não penso só em mim, nem só em Clara, penso nas crianças que morrem, outros jovens, no quão incerta é essa nossa vida. Sei que é a humanidade que faz o mundo girar, que Deus não deseja o mal de ninguém, mas não era Ele todo poderoso, onisciente, onipotente, etc? As vezes eu penso Nele

e digo; pega leve comigo tá, porque não tá fácil entender tudo isso, me dá um desconto. Acho que minha visão de Deus mudou muito, as vezes nem sei onde colocar Ele, nem o que fazer com Ele...”

Pergunto a Bruno se para ele hoje Deus existe, responde-me que sim e que se sente “confuso porque apesar de tudo, as vezes tem vontade de rezar”.

Pergunto como rezava antes e como seria rezar agora, Bruno me diz que teria que pensar mais sobre isso e decide mudar o assunto.

Conta-me que teve vontade de visitar os pais de Clara e foi, sentiu-se bem, relata um pouco da história dela com a família de origem, onde havia alguns conflitos de relacionamento.

Em seguida pergunta-me se acredito em sinais, peço que me esclareça, ele explica se haveria alguma forma de sentir-se espiritualmente conectado a Clara, como pensamentos que lhe vem como um sopro, uma ideia leve e boa, a letra de uma música que surge do nada e que lhe faz bem, ou mesmo a ideia de ir visitar os pais dela... Pergunta-se quanto a esse tipo de lógica, se pareceria muito absurda.

Respondo-lhe que tudo que parece absurdo só é até que possamos entender e assimilar.

Conta-me o quanto percebe que suas noções de tempo mudaram, por exemplo, quando pensa no falecimento dela, assim como parece tão longe, lhe é ainda muito recente... Observa que o emocional e o racional se misturam em sua mente, como se a mente funcionasse em “três dimensões” ao mesmo tempo, espiritual, emocional e racional.

Nota também que a maneira como se sentia seguro para viver deixou de existir e tem pensado muito sobre como readquirir aquela sensação de segurança que possuía no passado e que lhe deixava tão mais tranquilo para viver, pondera se isto seria possível, uma vez que implicaria negar a nova realidade; “às vezes olho para fora e sinto inveja das pessoas que vivem como eu vivia, achando que vivemos num mundo seguro e bom...”.

Neste encontro o escutei, pois são muitas as reflexões que vem fazendo, tudo está se movendo dentro dele, em alguns momentos ele mesmo se surpreende com o que pensa e sente, em outros apenas experimenta. Mostro-lhe seu gasto de energia mental e sugiro que procure relaxar sempre que possível.

Parece-me que certos ativismos mentais, racionalizações, ficam a serviço de fazê-lo fugir um pouco da dor, seja como for, parece-me que escapar um pouco não é prejudicial, na verdade funciona como uma espécie de dosagem do pesar para Bruno.

Quanto a essa “pseudopsicose” que o luto causa, na fragmentariedade e conseqüente exigência de revisão em todas as dimensões humanas vividas no vínculo com a pessoa perdida, também é natural, além do que, Bruno vem administrando bem seus pensamentos e tem explorado bem seu espaço terapêutico.

Bruno descreve um sonho que teve com Clara, está muito feliz, sente como se tivesse recebido notícias, ela veio visitá-lo, lhe deu a entender que está bem, que é cuidada, deixa claro a ele que seu lugar agora é lá e que ele deve seguir em frente, sente seu abraço com uma intensa sensação de que foi real.

O sonho causa um efeito autorizador para a vida em Bruno e ele reaproxima-se do tema da espiritualidade.

Tem a certeza de que o vínculo entre eles permanece que onde Clara está é **algo** bom, não sabe definir se sente como um lugar, mas teve através do sonho uma experiência vívida de amor e cuidado. Algo que lhe dá certezas sem saber explicar claramente.

Diante disso, pontuo como o sonho lhe trouxe bons sentimentos, o ajudou. Reforço com ele à ideia de que o vínculo entre eles permanece, mesmo que sendo reconfigurado pela separação.

Para ressignificar o vínculo no processo de luto é preciso primeiramente que seja reconhecido, afinal não é possível transformar o que não existe. A morte é tão violenta e agressiva que deixa como rastro também essa dúvida, “será que perdi tudo?” É com a elaboração psíquica que percebemos que se um dia tivemos aquele amor, nós ainda o temos, mesmo que de uma maneira diferente.

Não é possível ir adiante neste processo, sem o auxílio de “ecos” externos (talvez defensores externos) que tanto para dor, quanto para o amor, respaldem e sustentem a experiência do sentir.

É muito solitária a experiência de quem não pode contar com uma escuta, um reconhecimento para o amor vivido que agora se manifesta de maneiras diferentes das conhecidas anteriormente.

Senti que o que Bruno me pedia era se eu lhe daria esse crédito. Um pedido a serviço de resgatar inclusive sua confiança interna, a confiança que poderia ter em si mesmo e diante de todas as incertezas próprias do luto, isso era, sem dúvida, uma importante intervenção terapêutica; “Sim Bruno. Você pode confiar em si mesmo e no amor que sente. Pode sim.”

Consulta número 9; 01/11/2011

Bruno pensa a partir do sonho que então “a alma tem uma identidade que leva consigo. ”

O questiono sobre o que caracteriza ou define a identidade de Clara. Bruno então traz tudo que conhece dela, momentos bons que passaram juntos, o trabalho para comprar o apto, as economias, as dificuldades, os projetos que planejaram aqueles que conseguiram desenvolver, o jeito dinâmico, doce e divertido dela de envolver a família nas viagens, nos passeios, no dia a dia. A maneira como idealizaram a festa de casamento, em como Clara era detalhista, as conchinhas de praia nos convites do casamento, o modo como se espreguiçava rindo e brincando quando acordavam de manhã, o jeito elétrico dela de estar sempre pensando alguma coisa legal para fazer com a família, com os amigos.

Questiono-lhe no que imagina que eram parecidos. Bruno descreve suas semelhanças com ela, os mesmos valores, a mesma fé, uma crença de fazer sempre o bem, a mesma doçura, desejos muito parecidos, na dança, no cuidado com o corpo, “não pela beleza, mas pela saúde, leveza,” a alegria de viver que era de ambos, a mesma perseverança...

Bruno vê diferenças em seus ritmos, pensa Clara mais acelerada e ele mais centrado; “fazíamos uma boa dupla, um complementava o outro, sinto falta dela, luz sempre acessa do meu lado...” Pergunto se entende que de modo geral suas almas tinham semelhança na identidade, responde-me que pensa que sim. Digo-lhe que conhecer a alma e sua identidade pode nos dar algumas certezas também. Ele pondera muito pensativo e depois concorda. Sugiro que em algum momento, se e quando ele quiser, poderíamos fazer um inventário das certezas que já tem. Parece-me importante que Bruno possa ver-se nessa caminhada, naquilo que já conquistou, naquilo que vem conquistando.

No momento em que Bruno diz “luz sempre acessa” pensei também nos sentimentos contra transferenciais que tive no início de seu atendimento, principalmente o de escuridão. Entendi o quanto fui tomada pela ideia de viabilizar a entrada de luz em sua vida e por que.

Consulta número 10; 08/11/2011

“Muitas das certezas dela são as minhas, estive pensando o quanto entender isso me ajudou a enfrentar a saudade...” Bruno chega com essa frase.

“Porque então se considero tudo o que é dela , também o que é meu...” o paciente se depara com a possibilidade de gostar da vida que teve e que tem apesar de tudo.

“ Penso no que queríamos pra nós dois, não queríamos só pra ela, tenho pensado o quanto seria honesto que eu agisse de maneira coerente com isso... se as certezas dela são também as minhas, ela sabe que pode confiar em mim, sei que ela iria fazer o melhor possível pra seguir adiante, tenho que tentar o mesmo, tentar ser feliz. Agora começo a entender o que é o “nós” dentro do eu”.

Neste encontro Bruno fala das saídas que está encontrando, renovando as negociações internas e estratégias, mas traz paralelo a isso, a força que tem feito para seguir em frente, a saudade grita e a privação de Clara “queima” em seu peito.

Ambos sabemos que estamos próximos da “data do casamento”.

Tenho escutado o que ele deseja trazer, no intuito de não invadi-lo, deixo que me mostre o que quiser ou puder mostrar.

Consulta número 11; 22/11/2011

O tema dessa consulta ficou em torno da sensação de revolta pelas negociações financeiras com a família de Clara, o distanciamento da realidade que eles viviam e a dificuldade dos pais de Clara de em meio ao processo de luto deles, entenderem a realidade também de Bruno.

Ao mesmo tempo em que Bruno sente o impacto de ter que olhar pra tudo que construíram juntos, agora como simplesmente um carro ou um apto, Bruno entende que para os pais de Clara isso hoje representa partes, pedaços dela, da vida dela. Fica por vezes admirado em como as pessoas conseguem ser tão insensíveis para o significado das coisas e ao mesmo tempo compreende que são realidades diferentes. Pensando neles como pais, decide facilitar ao máximo todas as negociações. Sabe que Clara vivia muito mais próxima de sua família, do que da própria, por isso também compreende a dificuldade dos pais.

Neste exercício o paciente considera o trabalho psíquico de pensar as discrepâncias nas adaptações a nova realidade, por exemplo;

“... nisso tudo você descobre com crueldade a diferença entre o que você sente, pensava antes e a realidade agora de certa forma eu tinha uma ideia mais doce e segura do mundo e das pessoas do que realmente é, hoje já sinto falta daquela sensação de segurança que me trazia uma espécie de conforto para viver.”

Trabalhando passo-a-passo seus pensamentos e sentimentos, percebe que vai resgatando uma coerência interna para lidar com os acontecimentos.

O trabalho com o paciente, nesse momento é um trabalho de “ligações”, onde juntos buscamos integrar o Bruno do passado no Bruno do presente, sem deixar de reviver tudo que foi importante e que ainda será, embora de uma nova maneira. Paralelamente nestas revisões vamos filtrando com o quê Bruno deseja ficar, onde e como preservar isso.

Bruno reforça o quanto sonhar com Clara lhe fez bem.

Pondero o quanto os sonhos podem ser importantes recursos psicoterápicos, os sonhos de Bruno, por exemplo, lhe trazem a certeza de que deve seguir em frente. Porque os sonhos dele são assim? Sonhos são como pensamentos noturnos, acontecem também de acordo com o vivido, os sonhos de Bruno parecem trazer indícios de seu vínculo seguro com Clara, poderiam indicar a hipótese de um modelo operativo de vinculação segura no relacionamento com ela.

Pode-se pensar que Bruno possui mais recursos facilitadores por ter desenvolvido um vínculo seguro com Clara? Se vínculos seguros facilitam a recuperação em processos de luto, não teríamos aqui uma importante abordagem preventiva? Se pudéssemos auxiliar, como profissionais da saúde psíquica, educadores e religiosos, no estímulo e construção de vínculos seguros, estaríamos então promovendo recursos para o enfrentamento saudável de processos de luto. Se por um lado o amor saudável traz a dor, como Bruno mostra, por outro, oferece motivos e suporte para seguir em frente. Do mesmo modo poder-se-ia pensar que a dor espiritual de Bruno, em relação a Deus seja também expressão de seu vínculo com Deus, ou sua tentativa de reconstruí-lo, nisso também seria possível refletir sobre as imagens de Deus, que nos são construídas, assim como a de Clara para Bruno e a de Si mesmo.

Consulta número 12; 29/11/2011

“Por que tudo isso meu Deus por quê?!”

Traz sentimentos de angústia e indignação ao revisar os planos para o casamento, o encantamento de Clara planejando a festa...

Tentativas de construir sentido para essa imensa ruptura em suas vidas.

Ao final de suas expressões de dor e revolta, questionamentos com Deus e sobre “isso que agora chama de vida,” após um longo silêncio, onde pensa o evento de Dezembro sem ela, a decisão de manterem a missa e o restaurante, a recepção, os CDs que prepararam para os convidados com as músicas deles, as flores, os convidados que quiserem ir, a ideia de colocar a foto dela com o tecido do vestido na igreja, as alianças que irão para lá com ele, a importância e a dor em realizar esse movimento por eles dois... Enfim, Bruno verbaliza que não espera que as pessoas entendam porque a família dele e principalmente ele, decidiram ir adiante com o evento. Ele sabe que o ritual representa vida para eles, é algo da intimidade e do modo de sua família sentir e tentar dar sentido, organizar tudo isso. Representará a vida que não nega as despedidas, mas que valoriza cada precioso momento de Clara junto a todos, a alegria e a luz que ela era. É “um jeito fiel a todos,” de assimilar o “para sempre” dentro de cada um, o seu amor por ela, na medida em que ela estava muito feliz com tudo.

Bruno quer também, realizar por ela seu sonho e o sonho de ambos;

“-... uma maneira de dizer; nós estamos aqui, aqui onde não deixaríamos de estar por nada no mundo, estamos aqui por você, com você, por nós, nossos planos, nosso amor...”

Acolhida, compreensão e estímulo.

Consulta número 13; 06/12/2011

Preparação para o evento encerrada, a certeza de que irá independente do que outros digam ou pensem lhe faz um grande bem, como se Bruno resgatasse seu direito de Ser, fator que diante de tudo o que veio vivendo, se torna importante, reforçando a retomada de controle e autonomia sobre seu viver, sua capacidade para sentir algum senso de coerência e reassuramento frente à vida e ao luto, que parte de si mesmo.

Pensar que nesse ritual há um movimento espiritual, a missa, estimulou Bruno a voltar sua atenção para Deus, mas parece estabelecer uma relação diferente com Deus, ainda de certo modo em reconstrução, não tão clara a nós.

Nesta etapa o paciente começa a tomar consciência de seus recursos, estímulo-o a perceber o que tem conseguido até aqui; a maneira profunda e adaptativa com que tem administrado todas as dificuldades, a postura amorosa com que tem pensado as pessoas ao seu entorno

(apesar da dor e revolta normativas) e as certezas que nascem do amor de Clara a cada lembrança.

Bruno agora compreende que pode confiar em si mesmo, relaxar e usufruir do encontro com todos na praia, sabe de sua coragem a cada passo, de suas conquistas diante de todas as mudanças, e sente um misto de alívio, alegria e intensa saudade.

Conta-me com certa leveza que já utiliza o que aprendeu com tudo que tem vivido ajudando outras pessoas que aparecem na academia falando com ele sobre luto e perdas e sente-se bem com isso.

Observo que a aproximação consigo mesmo, também na decisão de ir adiante com o ritual, a aproximação com Deus e o resgate do que sente e sentiu em relação a Clara, promovem uma espécie de apropriação em Bruno. Um fortalecimento, fatores de algum modo associados a serviço de constituir talvez uma reconciliação integradora em meio ao processo de luto. Reconciliação relacionada ao resgate de todos esses vínculos: de Bruno consigo, dele com Clara e dele para com Deus, o que poderia culminar num novo vínculo com a vida e o mundo, uma adaptação mais coerente e realista às mudanças e ao que conhece da vida como um todo agora.

Consulta número 14; 13/12/2011

O ritual acontece em Garopaba, Bruno retorna com sensações de intenso cansaço, não apenas pela viagem, e atenção oferecida a todos lá, mas pelo desgaste emocional durante a cerimônia e a profunda comoção que experimentou. Conta-me também de sua sensação de alívio por ter conseguido realizar e participar de todo o evento.

Traz a postura do padre que realizou a missa, que lhe convidou a subir próximo do altar, ação que lhe trouxe sensações recuperativas de escuta e apoio pela fé, de certo modo uma experiência emocional religiosa corretiva que o convida a ter esperanças sobre a escuta em sua religião, o convida a voltar para sua casa religiosa de origem, onde Bruno retoma sensações de paz e tem renovado pertencimento em sua crença espiritual. Foi organizador, amparador e libertador, de acordo com sua percepção.

Bruno relata que sentiu Clara muito próxima e teve a certeza de que o amor permanece como uma ligação entre ambos, embora o próprio ritual tenha demarcado a mudança nesse amor e na nova forma de amar agora. “Não consegue definir essa “ligação” claramente, é um “entre”, um “dentro”, uma forma diferente de sentir o amor por ela, com ela”, mas um amor “em nada menos importante que o daqui, de quando estavam juntos, só diferente, talvez mais **aberto**, um amor onde toda a vida lhe cabe e ainda a transcende”.

Quando pensa na morte agora, pensa com algumas nuances diferentes do começo, sai dos “porquês, das fatalidades, da ausência de critérios” para uma noção sobre “uma ponte entre o aqui e o lá” e entende que sentir isso o ajudou a enfrentar a saudade e aquele sentimento terrível de impotência do início:

“ - ...as coisas parecem fazer um pouco mais de sentido agora, isso não resolve minha dor, nem minha saudade, mas de algum modo sinto como um descanso, que me autoriza para a vida, me sinto ligado, sinto que nem tudo se perdeu.”

Ao mesmo tempo Bruno questiona se isso faz sentido ou é algum tipo de construção espiritual que sua cabeça está fazendo simplesmente pra sofrer menos...

Percebo que há uma enorme força positiva no que sente e considerando que também é algo que o autoriza a vida, reforço à ideia de que a morte não rompe o vínculo mas o redimensiona, digo-lhe isto considerando que nos encaminhamos já para a ideia de reposicionamento emocional da pessoa amada e perdida, uma das tarefas esperadas no processo de elaboração psíquica do luto.

Neste encontro trabalhamos ainda perspectivas ligadas as datas festivas tais como; o que pode fazer para enfrentar melhor o Natal e o Ano Novo, a importância da família e dos amigos, encontrar meios de tornar Clara presente de modo vitalizador para todos, a viagem para a praia, sua ida aos lugares onde costumavam ir, onde a ausência dela se mostrará mais intensa, seu direito de sentir, ter momentos para a dor e a saudade, momentos só seus... Ao mesmo tempo reconhece que essas datas eram tão boas, “curtiam tanto”, logo Bruno também utiliza as lembranças para enfrentar melhor essas datas, as boas lembranças que possui, as boas lembranças que é, aquelas que o tornam, que aos poucos lhe reconstruam. Conta com a família, certo de que o estão ajudando muito e também os amigos. Já existe espaço nele para um forte sentimento de gratidão.

Ofereço-lhe contato durante o período de férias caso necessite, decide tentar caminhar nesse período sozinho, já como experiência de autonomia e fortalecimento, além do que decide viajar para praia e se despede com meu apoio.

Consulta número 15; 10/01/2012

“O recomeço é real”.

Tendo vivido as datas festivas percebe que agora “está lidando com a realidade mesmo”, decide voltar a morar no apartamento deles, pois até então estava na casa dos pais.

Vive a experiência de morar lá sem ela, doa alguns pertences de Clara, organiza sua nova rotina, trajeto para o trabalho, alimentação e etc. Decide comprar um carro. Sente o peso da nova vida, “vida mudada,” nisso retornam sentimentos de desolação e inconformismo. Questiona-se sobre se deveria ter mudado, mas em seguida entende que “sim, a vida precisa andar”.

Reconhece o quão difícil é “adormecer e acordar sem Clara naquela casa”, onde tudo “tem a marca dela, suas cores, sua alegria...” Tem convidado amigos para jantar quando sente intensa solidão. Mas apesar de toda a dor, agora a dor de viver as mudanças, enfrentá-las, sente que está fazendo a coisa certa.

Neste encontro Bruno tem muito a contar sobre suas decisões e práticas, então o escuto, percebendo a enorme “força que está fazendo pra não ficar preso ou ser engolido pelo passado”. Bruno quer viver, vem tornando-se cada vez mais resiliente:

“-Quero fazer disso aprendizado, força e sentido pra vida, não quero fazer disso sequela ou fracasso, nós éramos mais do que isso, nós éramos a vida, mas só Deus sabe o quanto tem me custado, aliás, espero que Ele saiba mesmo e me dê um tempo pra respirar inclusive!”.

Nesse período Bruno retoma uma relação com Deus, quando antes isso estava frágil, lacunar, duvidoso, agora parece fortalecê-lo, no entanto parece ser uma forma mais viva e exigente de relacionar-se.

Consulta número 16; 17/01/2012

Traz a vida no apartamento; o fato de estar administrando a nova vida lhe dá folego, há sensações de saudade, mas que já se mesclam com sentimentos de alívio por estar conseguindo.

Entende que um amor saudável e verdadeiro é aquele que liberta, “que quer o bem do outro”.

Às vezes pensa que se Clara lhe dissesse “Bruno eu preciso ir em frente”, ele seria o primeiro a autorizá-la, mas deixa bem claro para mim que apesar de pensar assim, seu coração muitas vezes teima em ficar com ela, no passado.

Prestando atenção em suas reações percebe que já não se assusta quando tem vontade de ficar sozinho, sente que em alguns momentos ficar só lhe organiza e hoje já sabe identificar quando ficar só lhe ajuda e quando lhe atrapalha.

Conta-me que às vezes se surpreende imaginando o que Clara estaria pensando de tudo que tem vivido e de tudo que tem feito, conclui que ela aprovaria.

Parte de seus sentimentos e busca de autorizações são também porque ao viver sente-se “indo adiante” e a sensação natural, nessa etapa da caminhada, no enlutamento, é a de estar “abandonando” a pessoa amada.

Compreendemos e naturalizamos isso e Bruno me pede o que penso sobre ele experimentar sair com amigos, ir a uma festa por exemplo. Trabalhamos seus sentimentos e expectativas para que se permita viver esse retorno para a vida com o máximo de conforto e discernimento possível.

Consulta número 17; 14/02/2012

Bruno traz suas exigências internas, “aquelas que estiveram sempre com ele,” mesmo antes de Clara entrar em sua vida; seu desejo de fazer sempre o melhor, não incomodar as pessoas com o que é seu, seu medo de errar e prejudicar alguém, o peso de buscar ser de alguma maneira sempre útil, etc. E agora essa adaptação a uma vida tão diferente de tudo que havia planejado...

Questiona-se muito, “se está realmente fazendo as coisas como devem ser, pelo melhor,” gostaria de poder falar com Clara, perguntar-lhe algumas coisas, ao mesmo tempo sabe que essa busca por autorizações e apoio dela, é irracional, pontuo dizendo-lhe que não é irracional, mas sim emocional, estava acostumado a pensar tudo junto com ela, não deseja magoá-la e precisa hoje, olhar pra vida, cuidar do que lhe acontece aqui...

Paciente percebe que precisa flexibilizar antigas defesas, o modo antigo como buscava segurança para viver precisa ser revisto, ou seja, se antes controlando as variáveis de algumas circunstâncias de sua vida, podia sentir-se em paz, agora com o luto, fica-lhe a mostra que não lhe é possível controla-las, ou encontrar respostas que se encaixem perfeitamente a vida, entende que precisa saber lidar com isso. Traz:

“-Como administrar o inesperado sem se sentir vulnerável o tempo todo? Como lidar com sentimentos de culpa e impotência? Porque tudo isso aconteceu comigo, com a gente?”

“-Veja bem, não é que me sinta diferente de outras pessoas que perdem alguém que amam, também penso **por que não comigo**, mas é que acho que não tem como passar por isso sem questionar porque comigo?”

Aos poucos Bruno assimila a vulnerabilidade humana, a dura realidade de que para a morte não há critérios, ela não respeita histórias de vida, nem idade, nem mesmo o jeito de ser ou de viver das pessoas.

Quando então, pensando sobre isso, Bruno dá-se por conta que todas as suas cobranças pouco representam diante da realidade do que a vida é, chega à conclusão de que há uma espécie de desprendimento que nasce disso tudo:

“-Você faz o que pode com o que tem em cada momento, tenta o tempo todo fazer valer a pena, tenta ser feliz e fazer as pessoas felizes, sendo o mais honesto possível consigo e com os outros, é isso não é?”

Percebo o quanto Bruno rompeu com suas antigas regras internas e está criando novas, de certa forma “regras mais realistas” como ele mesmo diz.

No final dessa consulta conta-me que conheceu alguém, mas sua expressão é de preocupação, me ocorre de imediato olhando para seu rosto, a ambivalência de desejar a vida e o passado ao mesmo tempo, e com a mesma intensidade. É como estar em um elevador com dois botões apertados simultaneamente, um para subir e outro para descer, não se sabe para onde o elevador irá, está sujeito a tudo...

Pontuo seu caminho de descobertas e ofereço-lhe encorajamento, estímulo e discernimento.

Ao sair diz-me que tem entendido que precisa flexibilizar suas exigências internas realmente, sinalizando-me um importante pedido de ajuda, carregado de temor e angústia; “temos que

manter o elevador funcionando, que não paralise em algum andar,” foi o que pensei, ao ouvi-lo.

Consulta número 18; 28/02/2012

Paciente conta que guardou algumas fotos fez uma nova reorganização dos pertences da noiva no apto, doou outros, para pessoas que escolheu.

Em suas reflexões com pesar, pondera a fantasia de como seria bom ter notícias dela, saber “com certeza” se ela está bem, “se realmente está seguindo em frente também”.

Explorações sobre esse tema, geram uma escuta interna sobre como ele está nesse momento, essa é outra dor, talvez a mais difícil, fazer mais do que sobreviver, reinvestir na vida.

Entendo que quando Bruno quer notícias ou algum contato com Clara agora, o que está tentando dizer a si mesmo e a ela, é que precisa encontrar meios de seguir em frente, nas questões práticas da vida, sem sentir-se como alguém que um abandona. Está tentando elaborar a culpa não mais por sobreviver, mas por viver realmente, nesse período seus passos são pesados, faz uma imensa força para dar conta disso e da vida que emerge.

Novamente aqui lhe vem à mente as noções sobre o vínculo, de onde retira através das lembranças algumas e novas autorizações (pelo sentido/significados que vai encontrando, extraindo das lembranças a medida em que as memórias lhe vem a mente).

Pela primeira vez em nossas consultas sente-se a vontade para chorar, com conforto e consciência, assume o que sente pela história vivida, compartilhada com Clara. (Sinto como se Clara estivesse presente na sala.)

Experimento com ele o início de uma verdadeira despedida.

Há em Bruno um profundo, intenso e absolutamente verdadeiro sentimento de amor e gratidão por Clara, algo que fará parte de sua alma, de seu Ser para sempre e essa é parte de sua garantia. Ele entende isso, fala de seu contrato de amor com ela, o contrato que era de ambos e ao mesmo tempo percebe que este já está sendo resignificado, redimensionado em si; “nós ficaremos bem”, é o que conclui em voz alta.

Quando olha então, para sua vida hoje e nota que está conseguindo torná-la mais sua, isto é, saindo do intervalo de tempo entre a vida do passado e o trauma, sente-se aliviado, como se tudo pudesse ser redefinido para uma vida um pouco melhor, menos pesada, mais organizada, com algum formato, algumas definições; “é como sair da coisa, aquela coisa que a vida ficou, logo depois do fato...” (...) “Antes a vida era nossa, depois fiquei perdido, sem definição, confuso, agora começo sentir que estou conseguindo me encontrar novamente, acho que estou dando os primeiros passos, mas dói, o contato com os amigos antigos dói pela saudade, os novos amigos dói, porque parece que você não pode fazer novos amigos, justamente porque é

também se afastar do que era nosso. E as pessoas...bom, nem mesmo a gente tem ideia do que é passar por isso, é mais do que nascer de novo, é tentar não morrer, ir buscar no meio de entulhos, saindo dos escombros, o que você pode salvar de si mesmo e de quem ama. Eu não julgo as pessoas por não saberem o que dizer pra gente, por dizer bobagens, porque nem a gente sabe o que fazer com a gente durante um bom tempo.”

Em meio a tudo, hoje, Bruno respeita-se, escuta-se e sabe que tem valor.

Na saída dessa consulta demonstra carinho também pelo espaço terapêutico, faz-me pensar que se sente feliz consigo por ter-se dado essa oportunidade, por cuidar bem de si; “... afinal cuidar de mim é cuidar de tudo que foi nosso também, obrigado”.

Consulta número 19; 06/03/2012

Bruno recebe informações do Espiritismo e pondera suas crenças espirituais:

“Eu conheço o íntimo de Clara, não preciso de notícias de um centro espírita pra ter respostas dela, não preciso dela me dizendo coisas de tempos em tempos, isso não me alimenta, eu não faria isso com ela, não seria possível viver imaginando ela de plantão vendo tudo aqui, preocupada com tudo aqui, também essa não é uma pedagogia espiritual coerente pra mim. Eu sinto e sei pelo que sinto, pelo amor que nós construímos aqui em vida, a partir da realidade que vivemos. Sabe o que é difícil pras pessoas? É viver com sede, quando a gente anda no deserto com muita sede, a gente enxerga coisas porque precisa delas, quantas vezes eu me perguntei se estava vendo, entendendo as coisas com clareza, ou estava inventando pra me aquietar... O meio do caminho traz muita dor, tenho sempre presente o Bruno que eu fui, o Bruno que ela me tornou também, esse é o Bruno que não quero perder de vista. No fundo as armas que todos usamos são as mesmas, mas tenho a certeza de que só o amor sustenta, existem verdades no amor, aquilo que eu adquiri com ela não vai sair de mim, é minha ferramenta. O que acontece é que o silêncio de Deus machuca, silêncio machuca mais do que qualquer atitude, não sei se eu entendo esse silêncio ainda hoje. E, sabe como é no lugar do silêncio cabe de tudo. Hoje sei que Deus sabe de tudo que eu vivo e apesar de ter me sentido abandonado por ele, na crueldade do silêncio, descobri que sofri também pelo tamanho da fé que eu tinha, assim como sofri pelo tamanho do amor que tenho pela Clara. Do amor que sempre vou ter por ela, ainda que de outro jeito, e da mesma maneira que tudo muda, eu sinto que minha fé mudou. Na verdade sofremos pelo tamanho da fé e do amor que temos, não pela ausência deles”.

Entendo que o paciente se sente invadido por crenças alheias e busca coerência na sua forma de sentir. Nesse momento o escuto, dando suporte para o que vem lhe ajudando nessa etapa da caminhada. Estimulo que pense com profundidade suas crenças espirituais, pois entendo que elas por si só podem se tornar uma importante ancora do processo de restabelecimento psíquico.

Consulta número 20; 15/03/2012

“-Não é possível viver sem amor.”

O paciente chega trazendo angústias frente a um possível novo relacionamento, a vida com amor, a vida sem amor, o medo de amar e perder novamente.

Trabalhamos sobre focos da culpa e medo.

Construir sentido agora para amar sem deixar de todo o passado.

Bruno questiona se está pronto para isso ou não, teme magoar essa moça por quem já tem grande carinho e sofre a dicotomia sobre o lugar de Clara em seu coração.

Para amar hoje, a vida lhe exige uma espécie de objetividade que parece abortar parte de sua sensibilidade, reflete; “algo do tipo siga em frente, não deu, não deu...” e Bruno sofre então, a angústia de integrar as partes de si mesmo, para amar sendo o que é, como é, não de um modo que não seja o seu.

Em outras palavras, o que Bruno parece tentar me dizer é que tende a ser muito inteiro em tudo o que vive e pergunta-se como oferecer inteireza, integridade a si mesmo, a menina que conheceu e a Clara, nessa etapa da caminhada.

O desejo de amar, tentar ser feliz, concorre com tudo que sente e já sentiu por sua história de vida até aqui, não apenas pelo que sentiu por Clara, sabe que esse é mais um passo desafiador na direção do ajustamento as mudanças nesse mundo novo.

Consulta número 21; 22/03/2012

Enquanto lentamente experimenta o novo contato afetivo, muito atento ao que sentem, pois também está atento a jovem todo o tempo, fiel ao que pode suportar e aos cuidados com ela, desde o início, muito honesto em suas palavras com a moça, Bruno pondera sobre seus medos.

Se sente muito frágil, há uma espécie de sombra que o acompanha, percebe que o trauma tem grande efeito em sua vida, está ainda muito vigilante, parece estar sempre esperando que algo de ruim aconteça, é convidado por sua própria mente, continuamente a pensar sobre as circunstâncias da morte de Clara. Detesta sentir-se assim e ao mesmo tempo, não consegue impedir que os pensamentos lhe venham a consciência, descreve como uma espécie de “tortura”, são pensamentos invasivos e recorrentes, característicos em situações traumáticas.

Percebe que agora está num momento mais adaptativo e talvez isso também o assuste, uma vez que estavam tão bem quando tudo aconteceu. A sombra do “alguma coisa vai dar errado” não lhe permite sentir-se seguro.

Exploramos seus temores, naturalizando este sentimento de vulnerabilidade. Aparecem medos de adoecer, de morrer, de perder alguém da família e um enorme desejo de sair disso.

Iniciamos uma revisão de tudo o que ocorreu investigando sensações de culpa e outras sensações, talvez ainda não devidamente trabalhadas, buscando compreender mais uma vez tudo, no intuito de encontrar maior reassentamento.

Bruno busca agora uma segurança em si mesmo; “será capaz de amar e de cuidar de mais alguém”? Mostra-me que precisa sentir-se mais fortalecido, sentir que tem algo seguro para oferecer a alguém que venha a amar, quer estar “ mais pronto” e ainda não havia pensado sobre quanto o luto abalou suas noções, seus registros internos sobre como ser um cuidador confiável, é uma dimensão de restituição de autoconfiança importante, também referente ao gênero masculino.

Paralelamente então, nessa revisão, atentamos para os cuidados que pôde oferecer a Clara na história do relacionamento, bem como referente ao acidente.

Consulta número 22; 31/03/2012

Paciente traz sentimentos de protesto e demandas de ordem espiritual. Tem pensado Deus como o via antes de tudo, o fato de que nem Clara, nem mesmo ele fizeram coisas ruins, ou eram pessoas descuidadas, ou insolentes, ou mal intencionadas... Bruno relata que de certo modo, havia um antigo acordo com a vida e com Deus, que se fossem boas pessoas, fazendo só o bem, espalhando o bem e sendo agradecidos, imaginavam que nada de ruim aconteceria, simplesmente porque não haveria razão para o mal.

Por mais ingênua que esta crença pareça-lhe hoje, percebe que representava uma espécie de segurança:

-“... era bom crer nisso, na época uma lógica suficiente, fazia-nos dormir bem, tenho inveja das pessoas que ainda pensam assim hoje, e até penso; deixem que acreditem nisso, é uma percepção doce e até certo ponto imaculada da vida. Só que a gente que passa pela realidade da vida não pode mais se enganar, mas ao mesmo tempo, não quero ficar amargurado e perseguido com isso, não quero viver a margem da vida por causa dessa descoberta, como se faz? Talvez eu precise brigar um pouco mais com Deus e Ele que me entenda dessa vez, tô cansado de ter que entender tudo e aceitar tudo, posso não me resignar pra variar, certo? ”

Explorando o que sente, Bruno percebe que existe a dimensão espiritual, que era e é muito importante para ele, que não pode ir à diante no processo de luto sem tratar disso, se sente confuso porque apesar de toda sua rebeldia neste campo, não pode deixar de reconhecer que mesmo protestando, se sente ajudado e não sabe bem explicar como, nem por que, diz:

“- Tem o mundo das ideias, da cabeça da gente, tem o mundo concreto onde tudo acontece, mas tem algum tipo de sopro, um frescor, acho que vem de outro lugar, as vezes isso tranquiliza minha alma e me faz pensar que está tudo bem, que vou conseguir, que apesar de tudo que é difícil, haverá um sentido para tudo um dia, não é uma coisa que eu pense pra me

ajudar, ou que eu cate de algum livro, ou de algo que alguém me disse, é uma certeza diferente, me traz paz um tipo diferente de confiança. Sabe, tem um fio condutor, alguma coisa que liga tudo em tudo, não sei explicar. Sei que isso as vezes me ajuda muito até a entender a concretude desse mundo.”

Escuta e acolhida.

Consulta número 23; 04/04/2012

Bruno decide viajar para a praia, passar um tempo perto de tudo que representava o melhor no casal, entrar em contato, o quão mais concretamente possível, com tudo que de mais precioso viveram, o que realmente existiu, o que pôde oferecer a ela, considera que isto lhe ajudará a relaxar e recobrar forças, vitalidade.

Nesse período sua saudade é intensa, envolve também a saudade do não vivido com Clara. Bruno sente que precisa de um tempo, um espaço para viver a saudade, com calma e em paz.

Enquanto Bruno se despede, um espaço também se abre internamente, ele organiza-se para viver o novo, consolida dentro de si o quê de tudo que viveu, permanecerá com ele, sabe que precisa trazer consigo o que com leveza, conforto e sentido, puder carregar, num tamanho e lugar que viabilize amar outras pessoas, ou seja, sente que precisa selecionar preservar e posicionar o passado, deixando espaço dentro de seu mundo emocional para o que ainda vai viver e para as pessoas que irá amar ao longo de sua história.

Bruno é assertivo ao pensar em ir à praia, sabe que é um lugar que lhe devolve para si mesmo, o nutre, lhe oferece segurança para sentir e pensar com calma e sem exigências, o ajuda a descansar, uma vez que todo esse processo tem consumido muito de sua energia física e psíquica.

Suporte e reforços.

Consulta número 24; 19/04/2012;

“-Voltar pra casa dói demais, o apto vazio, onde posso me agarrar pra viver... às vezes todas as construções que fizemos na terapia se esvaziam, eu a queria aqui, o que nessa vida podemos controlar afinal, o que está sob a influência da gente e o quanto, eu me sinto insuficiente.”

Sentimentos de dor, impotência, naturalmente reincidentem e Bruno entristece-se consigo, cobra-se, sente-se “patinando,” questiona-se, imagina que não está fazendo o suficiente, se há algo em que pode ajudar-se mais.

Mostro-lhe que está lidando com algo muito intenso e profundo, não é algo externo ou passageiro, é algo que abraça sua alma, que mudou sua vida, que lhe exige muito, precisa ter

paciência consigo. Permitir-se, sentir e protestar a cada passo, o quanto necessário, é assim que evoluímos, entre progressões e regressões. A cada novo entendimento, novas dificuldades, quanto maior a consciência adquirida, maior o contato com a realidade, se por um lado sofremos, por outro compreendemos mais de nós mesmos e avançamos para a adaptação, assim é o processo de recuperação.

Pergunta-me se há um período em que a dor diminui, confirmo que haverá momentos melhores, que passar por tudo isso é o que nos garante também sair disso.

Do luto não sai, quem de verdade não entra, é o que se costuma pensar, justo porque é um fenômeno profundamente íntimo e envolvente, tanto quanto o de amar, pois é decorrente da profundidade do amor vivido com a pessoa perdida.

No entanto, percebo que não é que a dor diminui, mas o quanto o Ser de Bruno se alarga para dar conta da dor e das mudanças. Expande-se para além do que era, considerando o grau de exigência dessa perda, a essa altura do seu ciclo vital e o que ele mesmo diz sobre a sua espiritualidade.

A experiência de luto o transpassa, o transborda, e Bruno naturalmente teme a intensidade do que sente e solicita por suporte. Talvez essa seja a principal função do cuidado psicológico a enlutados, escutar, compreender e encontrar meios de sustentar em conjunto, os trechos mais exigentes dessa caminhada.

A medida que Bruno encontra meios de suportar suas oscilações de emoção, poderá sentir-se competente e confiante para ir adiante no processo de adaptação, considerando então, inclusive as mudanças e fortalecimentos na própria identidade .

Tentamos retomar o que lhe ajudou... o que tem lhe ajudado.

Bruno entende que a dor é o preço de amar não apenas a Clara, mas o mundo antigo, a maneira como viviam, como pensava e era... o que eram juntos, inclusive a família, pois percebe que todos mudaram.

Tem saudade de si mesmo e de tudo que viveu, do que tinham, pensa; “-como é triste que tenham todos que aceitar ter tão pouco quando experimentaram mais”.

Bruno, não deseja contentar-se com a vida “que lhe restou,” quer viver por inteiro, como viveu com Clara, mas ao mesmo tempo sente o quanto isso é impossível, de fato não poderá mais ter o que tinha, talvez possa ser feliz novamente, mas nunca mais daquele modo. Essa consciência o tortura.

Simultaneamente traz que não quer mais sentir-se ligado ao que tinha pela dor, se por um lado a desesperança assola sua alma, por outro luta pra encontrar uma saída.

Repensando seu novo contrato com a vida, se não há segurança no antigo que era “blindar-se fazendo o bem,” qual será sua nova fonte de segurança para viver... Bruno trabalha-se para aceitar a dura realidade da vida.

Revolta, sensações de vulnerabilidade seguem sendo exploradas, assim como as circunstâncias em que percebe que está conseguindo viver e sentir-se um tanto mais tranquilo.

Tentativas e ensaios no viver estão acontecendo. Bruno está redescobrimo sentido a cada experiência, mantendo a flexibilidade para compreender o que melhor se encaixa em cada nova vivência, a cada passo, com amigos, com a moça que conheceu...

É um trabalho de experiência, consolidação e ancoragem na reconstrução de significados para o que vive, também em relação às novas perspectivas.

Bruno estranha-se, sente-se muito diferente do que era, sente como se tivesse que conhecer-se de novo, naturalizamos essa sensação numa perspectiva de conhecer o novo e o diferente em si mesmo, não necessariamente ruim.

Consulta número 26: 03/05/2012

A revolta surge em expressões mais saudáveis, promove movimento, novas explorações, tentativas de encontrar sentido, por exemplo;

“-Hoje me dou conta de que estando mais atento ao que sinto e penso, procuro me organizar pela verdade, assim, se alguém me convida pra fazer alguma coisa que não quero ou não concordo me respeito e não vou, em outros momentos, se percebo que preciso ventilar um pouco a cabeça, então procuro fazer algo de bom. Na raiva você tem duas possibilidades, ou você incrementa e detona com tudo, ou usa essa força para sustentar o que precisa fazer. Sabe, uma coisa assim, como essa que aconteceu com a gente, faz a gente pensar tudo, tipo, tudo que era natural na vida, é reavaliado, é como aquelas pessoas que saem de uma UTI e precisam pensar em respirar, pensar em comer... É isso, tudo fica vulnerável e dolorosamente vivo.”

Organizar-se pela verdade do que consegue ser em cada momento, também está fazendo Bruno repensar suas crenças espirituais, é o que me mostra a seguir;

“-Estive pensando que tenho encontrado outro jeito de acreditar no que acreditava. Nessa história toda, você fica parece que tentando encaixar as peças de um quebra-cabeça, às vezes acontece por que você pensa nas coisas, mas às vezes não. É uma sensação de ser ajudado e só isso, não dá muito pra explicar. Uma coisa eu sei, eu tenho pensado mais em Cristo do que em Deus, por que em Deus as coisas que a gente vive, por mais que a gente esteja falando de Amor, ficam confusas, e o silêncio Dele machuca, mas Cristo sofreu, ele sentiu a vida da

gente. Tenho pensado mais nele, que acaba sendo um caminho do meio bom. A igreja deveria investir mais na experiência de Cristo, não digo naquilo de dor, sofrimento e sacrifício, não isso, que é mórbido, culposo, mas da vida dele, das coisas que viveu como a gente vive - um Cristo gente. Mas também entendo que o costume dos Anjos, Santos e Deus pra algumas pessoas, pode ser melhor. É só que quando você passa por algo dessa magnitude, você precisa de uma lógica suficiente, então as injustiças vividas por Cristo parecem fazer mais sentido do que o famoso “Deus quis assim ou você não deve questionar os desígnios de Deus”. Se isso é só uma busca racional pra não perder a fé, bom eu penso que também não seria um erro encontrar meios de ficar com o que sempre fez parte de você, tu mesmo diz isso, o que não dá é de ficar com algo que não faz mais sentido. E essa ideia de que Cristo pode ser uma ponte entre o nosso mundo e o mundo de lá, é confortável, porque até certo ponto, todo mundo que ama e perde, também fica mais perto e mais aberto ao mundo de lá, eu penso.”

Nesse momento compreendo o esforço de Bruno, acolho e valido suas buscas e noto que está evoluindo.

Não é a primeira vez que em momentos de intensa revolta o paciente entra em contato com questões espirituais e a seguir tende a apresentar melhoras.

Como se pode compreender esse movimento, é algo a investigar com mais profundidade e instrumentalização, muitos fatores podem estar associados nisso (o que, como psicoterapeutas, temos sobre a fé no processo de luto? Que espaço se oferece a esse conteúdo, com que importância e tem sido suficiente? Também são questões a explorar no trabalho de cuidado a pacientes enlutados).

Consulta número 27; 10/05/2012

“Não sei se me reconheço ou se estou nascendo de novo...”.

Bruno está melhor, experimenta com sentimentos um tanto mais leves o contato com a moça que conheceu, sente-se caminhando com um pouco mais de segurança, as vezes percebe que vive como antes, usando o mesmo jeito de viver, as vezes sente que funciona diferente.

Novos modos de encarar a vida se mesclam a alguns antigos, o que lhe dá uma boa sensação de que talvez consiga mover-se a diante sem ter que abrir mão de tudo que era seu absolutamente.

Bruno vem sendo o Bruno a quem se confiava, embora um pouco diferente.

Reforço o que lhe reassegura para que ao se experimentar diante do teste da realidade em suas mudanças, na vida prática, perceba com clareza o que vem dando certo e possa cada vez mais apropriar-se disso.

Consulta de número 28; 17/05/2012

“No grande o pequeno pode ficar enorme...”

Compreendendo as ambivalências dessa etapa, Bruno entra em contato com a mudança e fortalecimento de seus valores.

Bruno pondera que no passado acreditava que coisas muito simples faziam bem, por isso nunca se considerou uma pessoa ambiciosa, entende que ambos, ele e Clara, queriam pequenas e boas coisas, seu apto, seu carro para trabalhar, uma vida de paz, de vez em quando viajar a praia com familiares e amigos, mais tarde aumentar a família, enfim entendia que isso era viver, cultivar boas amizades, a união familiar e “fazer o bem para que tudo corresse bem”. Hoje apesar do quanto à vida mudou, percebe que quanto maior são as exigências do processo de reconstrução que vive mais simples parecem ser as respostas e olhando para fora de si, para a experiência de outros, nota como as pessoas não sabem disso, cita exemplos de pessoas que reclamam da conta que não conseguiram pagar no banco, de um amigo que viajou, do cunhado que se vê cheio de regrinhas para viver...

Bruno mostra-me que o simples uniu-se ao profundo dentro dele, que enquanto respeita as pessoas, também pondera sobre o quanto a liberdade e a superficialidade humana podem distrai-las do que é realmente importante.

Diante de algo tão grande, como o que lhe aconteceu, o que mais tem lhe ajudado vem do simples e verdadeiro, de significado coerente e amoroso para a vida. Entende que parte do trabalho de luto é perceber isso em meio a todo sentimento de crueldade e injustiça que a morte deixa como rastro, a força que precisou fazer para não ser engolido nisto e o quanto “coisas muito simples e honestas lhe ajudaram, recarregando suas baterias para continuar andando”.

Consulta número 29; 24/05/2012

A dor da saudade. Rememorações que nascem do sentimento de privação de Clara. O desejo de ter notícias explora suas fantasias, noções e discrepâncias entre o mundo daqui e o de lá, por exemplo, “como ela está? Será que sente a mesma saudade? Está acordada, dormindo ou trabalhando como dizem os espíritos?”

Acolho suas perguntas sem oferecer respostas, saliento que as perguntas podem ser maneiras de entrar em contato com a saudade e talvez um dia construir suas próprias respostas.

Bruno pergunta-me se pode guiar-se pelo que sente, pois entende que Clara está bem, como expressão do vínculo e por tudo que sabia dela, digo-lhe que então já tem uma direção para suas respostas.

Pontuo como orientação que a busca por contato e respostas é natural, é uma espécie de movimento que nossa mente e coração fazem para lidar com a ideia de ter que aprender a amar em separado, uma tentativa de experienciar a ausência de modo menos passivo.

Bruno concorda que sua busca por contato acontece porque lhe é muito difícil viver sem ela, embora já se sinta um tanto melhor hoje.

Consulta número30; 14/06/2012

Bruno traz a contradição de que em alguns momentos consegue sentir-se melhor e em outros sentir imensa saudade, “é confuso,” me diz, às vezes pensa “como se estivesse traindo a si mesmo”.

Quando Bruno sente-se bem com a namorada, termo que não usa ainda, para referir-se a menina, sente medo de ser feliz e perde-la, salienta que são pensamentos que não pode controlar, invadem sua mente.

Há agora, uma espécie de sentimento de vulnerabilidade que (naturalmente) se coloca também sobre o novo relacionamento.

Exploramos sensações de culpa, auto responsabilizações que estejam relacionadas ao novo vínculo e como essas sensações poderiam relacionar-se de algum modo ao passado.

Bruno traz dúvidas sobre como Clara receberia tudo isso que está vivendo hoje e investigamos com calma e profundidade o que ele imagina que ela pensaria ou sentiria.

Quanto a sentir-se capaz de cuidar de alguém que ama Bruno está mais seguro e satisfeito por ter a chance de amar novamente.

Questiona, pensando em voz alta, como seu coração poderia organizar dois amores. E percebe que parte de seu medo de perder pode ser porque agora administra a vida sem negar a vulnerabilidade em que vive; a dura realidade de que não temos verdadeira garantia e controle sobre a vida.

Nas orações tem conversado com o “cara lá de cima” para que lhe dê um tempo e o fortaleça para que consiga seguir reconstruindo sua vida; “-Nada de desastres por hora”.

Reconhecendo o que tem conseguido o que com coerência já construiu, sem negar a realidade, Bruno solidifica suas construções internas e externas, e reassegura-se.

A medida que, de diferentes maneiras, Bruno vai revendo relacionamentos, dúvidas, conquistas, temores, lendo “sinais/ sopros” espirituais, encontrando e checando na realidade suas respostas, também vai reconstruindo sua autoconfiança, a esperança de que ele possa, um dia, novamente confiar na vida e no mundo, me parece que vem renascendo aqui.

Consulta número 31; 22/06/2012

Pensando sobre essa sensação de medo que as vezes lhe invade, Bruno aprofunda seu questionamento sobre o quanto isso acontece nele em função do novo vínculo, que de alguma maneira causa uma pressão interna, entre ficar com o mundo antigo ou ir a diante.

Parece-me que quanto mais cresce o afeto entre ele e a moça, mais ele sente angústia.

Fundamenta o que pensa trazendo as primeiras experiências vividas com a moça .

Essa “cisão” faz Bruno sentir que não poderá manter o mesmo nível de investimento afetivo no passado e com Clara, terá que reposicioná-la, em outras palavras; com imensa dor Bruno percebe claramente que terá que dar a Clara outro lugar e isso o está fazendo sentir-se “quebrado”. Dentro disso ainda, considera que deixar Clara para trás é também deixar aquele Bruno que gostava, aquela vida que tinha no passado, não sabe se poderia conseguir isso e ao mesmo tempo pensa que isso é o mínimo que deveria fazer, levando em conta o quanto está gostando dessa menina e o que seria justo que ela recebesse dele em termos de afeto e carinho; “-Preciso estar mais inteiro com Luiza.”

Proponho que traga Luiza, já que agora seu nome aparece com mais força nas consultas.

Sugiro que possamos simplesmente pensar também Luiza na psicoterapia (como pensamos Clara e a história deles), os porquês desse novo relacionamento e então, talvez, Bruno possa dar mais espaço para esse vínculo.

Se o vínculo puder existir com discernimento e sem culpa no espaço terapêutico, talvez possa existir em Bruno, sem necessariamente concorrer com o passado ou com as construções que veio fazendo sobre ele e Clara.

Bruno tenta de todas as maneiras evitar comparações, busca amar cada uma dentro do que cada uma é. Conta-me que estava com receio de trazer Luiza como tema para terapia porque sentia que este espaço era só de Clara.

Penso, sem dizer-lhe nada, que então é também graças a Luiza que o espaço terapêutico vai passar a ser inteiramente de Bruno assim como sua vida, que também está deixando de ser de Clara. Bruno aos poucos reapropria-se.

Bruno trabalha-se internamente para “guardar” Clara em lugar seguro, cujas lembranças possa acessar quando desejar ao longo da vida, lugar confortável, que lhe permita viver com amor, alegria e inteireza, uma vida como desejada por ele; “até o final da caminhada nesse lado de cá,” quando então pensa reencontrar Clara novamente.

Consulta número 32; 28/06/2012

Bruno repensa a morte agora numa perspectiva de abandono, assim como a vida que ao renovar-se também abandona o passado.

Vive a dor dessa entrega (de partes do vivido) e novas revisões se impõem, mas agora percebe que está conseguindo reconstruir sua vida, fazendo mais do que sobreviver, isso lhe traz certo alívio. Caminha oscilando entre sentimentos bons e difíceis. Descobre que é realmente possível seguir com e apesar da dor.

As revisões de Bruno lhes dão a chance de discernir com o que pode ficar e o que pode ser mudado, em cada lembrança há um entendimento e um destino para o conteúdo que carregam, além disso, como consequência, tem mostrado a ele porque está gostando de Luiza, fator que alivia parte de suas angústias, promovendo ligações mais coerentes e adaptativas do passado ao presente.

Sente que aos poucos começa a colocar os dois pés na vida, porém as costuras entre o passado e o presente, vão se dando em meio a essas oscilações. Mostro-lhe o quanto as oscilações estão lhe ajudando, uma vez que permitem o movimento e a fluência do processo de elaboração do luto, enquanto abrem espaço para a nova vida entrar.

Consulta número 33; 05/07/2012

“Ou a gente pensa num Deus que sofre, que sofreu ou num Deus que não existe.”

Bruno volta ao tema sobre sua fé, solidificando a ideia de um Deus mais humano que sofre com as dores humanas, diz sentir-se seguro com essa ideia, melhor amparado;

“- ...é preciso que seja um Deus que se importe, que de algum modo nos responda, tenho rezado mas como te disse, antes eu rezava para ter boas sensações, me sentir em paz, acreditava num mundo bom, fazia todo o bem possível porque eu pensava nisso...era agradecer e pedir, acho que aquela maneira que a maioria faz. Eu mais agradecia do que pedia. Hoje rezo para conversar e faço o que me parece mais coerente, não rezo para ser bonzinho, para criar boas vibrações, rezo porque isso faz parte de mim, foi uma compreensão minha, um desejo meu. Ajudo as pessoas no que posso, penso mais nelas, porque sei que nosso mundo é difícil. Não é que não pensasse antes, só que é diferente, hoje quando vejo uma notícia de jornal, penso na dor que todos vivemos. No começo voltei a conversar com Deus e pensei que fosse pela minha sensação de vulnerabilidade, medo de morrer, de adoecer, depois pensei, sim mas disso Ele não me protege, pois não nos protegeu, então acho que hoje tenho sido bem mais honesto e realista com a minha fé. (...) E honestamente já tô meio que fazendo as pazes com Deus, não é animador, é mais ou menos, tenho pensado a diferença entre silêncio e indiferença, acho que Deus não é indiferente a nossa dor, mas é bem duro o seu silêncio, ainda mais porque o que dizem dele, de Deus, deixa qualquer enlutado desnortado também.”

Escuta e acolhida.

Por hora entendo que a fé em Bruno passa pela mesma revisão que todo o resto em sua vida e mundo psíquico. Percebo que o efeito parece ser positivo, Bruno se sente mais forte ao restabelecer, nesse novo modelo de fé, que pode-se pensar mais realista, um contato com Deus, que de algum modo inclui uma espécie de preocupação maior ou diferente, com as

outras pessoas. Parece um tipo de nova conversão que se dá de dentro para fora, primeiro Bruno converte-se a si mesmo, retoma sua vida dos braços de Clara, do próprio luto, da vida anterior e depois se volta para Deus, um Deus, como ele mesmo diz, mais humano, “um Deus mais Cristo”.

Consulta número 34; 12/07/2012

Traz a data de seu aniversário e conta-me que não foi tão difícil enfrentá-la;

“-De certa forma, de outro jeito, o carinho de Clara nos sustentou, o amor dela por todos nós da família, assim como o nosso, era uma atmosfera que deu leveza pra data, me senti mais autorizado a sentir paz e bem-estar, não foi triste, apesar de minha saudade.”

Em seguida Bruno traz seu medo de mergulhar na vida de verdade, mergulhar no hoje, amar pra valer e recomeçar. Fica imaginando formas de agir, funcionar, de pensar, e me parece envolvido pelas suas antigas defesas racionalizadoras, de controle e exigências do passado. Quer prever “a melhor maneira de...” em tudo que o envolve.

Bruno busca “o máximo de garantias” para que ninguém sofra ou se machuque com que vier a viver ou fazer, deseja impedir novas perdas e novamente há um gasto de energia com os medos.

Bruno não consegue nesse momento sentir-se mais espontâneo frente a vida.

Isto me faz pensar que Bruno está vivendo a angústia da entrega para o novo amor de modo mais intenso e profundo, ele está começando a amar Luiza.

Ponto que a maneira instrumental como olha para o luto e para si mesmo, como se fosse encontrar uma equação de enfrentamento, nos momentos em que quer muito ir a diante, também porque não aguenta mais sofrer, lhe atrapalha, seu emocional precisa ser considerado para além de uma ideia de domínio ou controle.

Bruno precisa descobrir que pode alcançar seus desejos de modo mais natural.

Ele tenta estabelecer metas para si mesmo, ações de proteção e quando não as consegue, fica bastante abatido, pois isso se reforçam sensações de fragilidade que lhe trazem de volta os sentimentos de impotência do período traumático, tento então, construir com ele outro caminho, flexibilizando essas defesas tão rígidas, valorizando as experiências que hoje tem, encontrando ou reconstruindo significados para tudo o que vive.

Lembro-lhe que o simples e o adequado para cada momento, associado a sua honestidade, podem ser suficiente; “no grande o pequeno pode ser bom,” lembro-lhe uma de suas perspectivas que anteriormente o ajudou.

Bruno confessa-me que às vezes sente-se mesmo desumano para consigo, nota que é bastante duro em relação a si, é pouco compreensivo com seus sentimentos e dificuldades, não aceita

ficar sofrendo, sente como se estivesse “empacando a vida, vitimando-se” (...) “sou muito mais paciente e compreensivo com os outros, sempre fui assim”.

Conta-me que às vezes, quando sente que não fez algo como deveria, fica muito chateado consigo mesmo e se isso envolveu alguém, tenta de todas as formas alguma reparação ou compensação, questiona-se porque é assim, juntos exploramos o passado, dessa vez rumo a sua infância.

Bruno está disposto a ampliar suas defesas, enriquecer sua caixa de ferramentas para a vida.

Consulta número 35; 19/07/2012;

Bruno chega sorrindo e reconhecendo que o trabalho que o luto lhe exigiu é um trabalho artesanal sobre si mesmo; “... a gente se pega pela mão e vai se construindo de novo”.

Entendo que tenta me mostrar que está conseguindo de fato repensar-se e isto tem lhe feito bem. Conta situações boas que viveu, inclusive com Luiza, o quanto ela tem se mostrado importante para ele, traz as preocupações dela e no que gostaria de ajudá-la.

Quanto ao passado e a Clara, chega a conclusão de que este é um amor que sempre terá em sua alma, mas “como um amor cuja força lhe autoriza amar.” Bruno pondera que suas dificuldades podem estar muito mais relacionadas a sua forma de ser e de pensar do que com Clara e isto lhe trouxe grande leveza. Já a saudade, continua em seu peito, embora hoje como uma saudade diferente, o que não quer dizer menor, só diferente.

Reforços para suas evoluções.

Consulta número36; 03/08/2012

Bruno retoma uma revisão do que foi seu processo de luto até aqui, de todos os sentimentos mais difíceis que experimentou. Parece começar uma despedida do que lhe foi mais doloroso sentir e enfrentar, uma despedida desta vez não mais de Clara, nem do antigo Bruno, mas de tudo que viveu desde a morte de Clara;

... “- Primeiro foi aquele impacto, nem conseguia pensar, um pesadelo, uma confusão, depois aquela dor aguda no peito, às vezes eu sinto ainda, mas bem menos agora, com o tempo àquela sensação ruim de insegurança que vem com força, você perde todas as referências que tinha, depois descobre que de nada adianta controlar as coisas, então perde o controle também, mesmo o controle que pensava que tinha sobre a vida que era tua. Aí tenta pensar, racionalizar, entender, fica obcecado com tudo que aconteceu, tem medos, cada minuto do dia só pensa nisso, mesmo que não queira, tanto que quando tu começa a pensar menos, tu até se culpa, e tudo vai e vem no meio de uma saudade que é no corpo, na alma. Dói demais, tu te

sente vulnerável, pequeno, parece que tudo isso vai te engolir, principalmente porque uma parte do teu medo acontece, exatamente porque uma parte de ti quer mesmo ir embora, não pra morrer, mas pra ficar mais perto e porque não tem mais energia. O mundo fica sem graça, os dias passam devagar, a saudade aumenta, é muita saudade... Tu percebe que tem mais saudade do que tem a si mesmo. Isso tudo te assusta, depois passa um tempo, tu percebe que tá diferente, nem sabe mais o que pensar de ti, porque tu não é mais o mesmo, e a vida não é mais a mesma, a rotina muda, as pessoas da família também mudam. Parece que todo mundo foi sugado. Tu não gosta mais da vida que tá tendo, nem de ti, bate um enorme inconformismo, uma revolta e tudo se mistura dentro de ti... A gente precisa de um respiro, um espaço onde a gente possa pensar com calma de novo, sem mais medo de ser julgado, de não ser entendido, de parecer fraco ou maluco, ou de ter que engolir o que te dizem, porque tem isso também, as pessoas ficam muito aflitas pra sei lá, dizer algo que te ajude, e no fim, fica por isso mesmo, é difícil encontrar ajuda... Eu tive a sorte de ter amigos que me ajudam, a família que sempre me respeitou e deu apoio, mas penso e quem não tem? Por isso que se as vezes aparece alguém lá na academia, que conversa comigo alguma coisa sobre isso, se eu puder eu ajudo, assim desse meu jeito. Não sei muita coisa, mas sei que escutar ajuda muito.”

A descrição de Bruno é importante indício de melhora, não apenas porque demonstra uma compreensão do seu processo, mas pela amplitude de consciência, além disso, pode-se pensar que na medida em que uma pessoa consegue descrever tudo que vive, é sinal de que já apropriou-se do que foi vivido. Logo, hoje de posse de si mesmo e de suas compreensões, coerentes, sobre o que viveu Bruno se organiza e fortalece-se.

Recebe reforços.

Percebo que caminhos se abrem dentro dele, que compreendeu bem a importância de oferecer tempo e calma a si mesmo, a importância de naturalizar o que sente dentro de si, Bruno está mais flexível para consigo.

Consulta número37; 10/08/2012

Bruno tem pensado que reassegurar-se, reconhecendo o que sente e vive, funciona melhor do que exigir-se, mas o quanto isso é também um exercício contínuo e trabalhoso.

Pondera que não vivemos a vida “pensando”, imagina que ele até tinha um perfil reflexivo antes, mas para monitorar suas ações e decisões, não para escutar-se e entender-se, acha que “as pessoas vivem sem pensar no mundo lá fora”;

“Pra algumas é só viver e pronto, pra que pensar? Às vezes sinto inveja delas, será que vou recuperar um pouco do conforto para viver que eu tinha antes? Vivía tão menos tenso, preocupado...”.

Bruno “sente falta do sentimento confortável que tinha algo que descreve como certa “inocência”, em suas palavras uma forma mais descansada de viver”.

Se por um lado cresce na compreensão de si mesmo, gostaria de poder sentir-se mais relaxado.

Tento mostrar-lhe que essa sensação mais natural de segurança retornará.

Pode ajudar perceber que apesar das dificuldades, ele conseguiu resolver muitos dos desafios que enfrentou até aqui, fez mais do que tocar a vida, está reinvestindo realmente, a partir disso pode confiar em si mesmo, constatação que pode ajudá-lo a confiar mais na vida como um todo.

Ele pondera que seguidamente pensa nisso, mas tem ainda muito presente a sensação de vigilância, própria do trauma.

Exploramos seus medos e a seguir, valido o desgaste de ter que carregar uma lanterna no bolso, ou um extintor de incêndios, passear nos lugares tendo que ficar de olho nas saídas de emergência, etc., como metáfora para o que ele de tempos em tempos experimenta e me traz.

Ele sacode a cabeça concordando.

Mostra-me que está sentindo-se com “um pé lá e outro aqui”, considera que já melhorou muito, mas precisa trabalhar-se mais, pois gostaria de ter os dois pés aqui no presente.

Em sua busca, parece-me que Bruno quer sentir-se mais inteiro.

Consulta número 38; 17/08/2012

Um ano de falecimento de Clara.

O tema deste encontro vem carregado de emoções e lembranças, as semanas que antecederam o acidente, o pesadelo que Clara teve, que a fez chorar muito e que não quis contar a ele, os momentos quando acordaram naquela manhã do acidente, a mensagem doce e divertida que enviou para ela poucos minutos antes da fatalidade, a espera pelo retorno, sem informações, a notícia do acidente e da morte, o ritual fúnebre, as expressões das pessoas, os primeiros dias sem ela na casa dos pais...

Nesta revisão há uma expressão de sentimentos que de certa forma se desprendem das lembranças, uma carga emocional ainda muito viva. Paralelamente Bruno parece descongestionar sua mente e seu coração, de um modo que ainda não havíamos feito. Conte-me os fatos, colocando-os numa ordem cronológica, que potencializa sua amplitude de consciência sobre tudo o que ocorreu, promovendo-lhe mais clareza, instrumentalizando-o para administrar seus sentimentos hoje.

Ao final desse encontro, deixa-me algumas expressões de conotação conclusiva;

“-Quando um velório acontece você não tem a mínima noção do que está vivendo ali e nem do que vem pela frente e ainda bem, porque te protege, com a consciência de hoje seria muito mais difícil encarar essa despedida.”

(...)

“Hoje parece que de tchau e ois a vida vai se refazendo em mim”.

(...)

“Minha consciência espiritual mudou tanto quanto eu, tanto quanto a vida. As pessoas podem imaginar que só Clara saiu do lugar e todo resto ficou, mas não é assim. Só quem passa por isso é que pode entender o que é, tanto que não comento muito lá fora, só penso. Converso contigo aqui, no mundo não tem espaço pra transformações dessa magnitude, dessa profundidade, intensidade... Fico pensando em como ficam as pessoas que sofrem e que não podem alcançar um espaço assim. Eu tenho minha dose semanal de” vamos cuidar das coisas”, quando não venho, já sinto falta, é bom vir.”

Acolhida, escuta e fortalecimento.

Chama-me atenção uma dúvida de Bruno sobre o pesadelo que Clara teve duas semanas antes do acidente, um sonho que a fez acordar chorando muito. Naquele momento ele conta que a abraçou, pedindo o que houve e convidou-a a falar, “ela só chorou e não quis dizer nada”. Ele pensa que foi algo muito forte, tanto que ela não quis comentar com ele e se pergunta se ela poderia ter recebido algum tipo de informação antecipatória, algo de ordem espiritual, uma vez que estavam muito felizes, morando na casa nova, envolvidos com a alegria dos preparativos do casamento.

Bruno pensa que talvez nunca saiba essa resposta, mas algo em seu íntimo parece crer que foi uma espécie de preparação, ou um cuidado com eles, algo que talvez eles não tenham entendido.

Pergunta-se sobre o espiritismo e ao mesmo tempo sobre a fé católica.

Apenas o escuto.

Penso se esta questão espiritual pode facilitar ou complicar o andamento do processo de elaboração de luto, principalmente considerando a identidade religiosa do paciente e o que, podemos fazer como terapeutas para melhor auxiliar.

No processo de luto não é incomum essa confusão de ordem espiritual, o que fizemos como terapeutas, é compreender o que ajuda e o que atrapalha em cada caso, mas considerando a força de recuperação que há na dimensão espiritual, na fé, e a partir das construções dos pacientes, me questiono se não podemos fazer mais, otimizar esse importante recurso de recuperação e caso se possa, como poderia ser feito.

Se por um lado a espiritualidade tem potencial para gerar dúvidas e angustias, quanto potencial tem para reforçar certezas e promover vitalizações? Se soubéssemos mais sobre como conduzir ou o que fazer diante dos questionamentos espirituais dos pacientes, ou ainda, ao menos considerar melhor esse tema, teríamos aqui um fator facilitador do processo de

elaboração? Na psicologia temos aprendido a importância de conduzir com neutralidade e escuta, mas e se houver mais a fazer... De qualquer modo, por hora, sigo apenas observando e escutando o que me mostra Bruno.

Consulta número 39; 24/08/2012

Bruno recebe uma psicografia, chega em suas mãos por amigos, foi escrita por um primo de Clara, dizem-lhe que é uma mensagem dela, ele a lê em consulta:

“Amanhã é um dia em que irei me conscientizar que o mundo gira e as pessoas tem caminhos traçados por Deus. Só Deus pode nos conduzir, viver é um mero aprendizado, gostaria que passasse a mensagem para Bruno e as pessoas, para que possam também entender que meu caminho é traçado por Deus. Hoje vejo alegria na tristeza, vejo tristeza na esperança de um dia voltar a poder dizer eu te amo! Hoje amo a vida do jeito que me é possível, hoje sou feliz, agradeço a todos por acompanharem meu sofrimento e minha resignação, peço desculpas por causar sofrimento a quem tanto amo. Mas nada é por acaso há males que vem para o bem, pois tudo posso naquele que me fortalece. Obrigado meu primo por poder passar esta mensagem para as pessoas que amo, inclusive você. Agradeça e beije todos por mim. Eu estarei sentindo e vendo, obrigado, obrigado. Diga ao Bruno para ser feliz e também diga que o amo muito, muito, para toda a vida, agradeça sua mãe por todas preces, orações e pelo apoio a minha família. Meu paizinho é fraco, sente muito minha falta, mas diga que estou sempre presente, diga a mãezinha que a amo muito também, sinto-me mal quando a vejo triste e fico sorrindo quando a vejo sorrir. Peço que diga a Maria que sinto-me mal em vê-la desapontada, mas a amo muito e sempre estarei em prece e pensamento com ela, que ela seja muito feliz. Obrigado por toda nossa família que acompanha meu momento de dor e dá apoio aos meus pais. Eles ficarão bem pois Deus olha por eles. Agradeça a seu pai por ter sido tão maravilhoso, ajudando. Ele é muito especial, meu dindo! Diga que também sinto falta da Lidia, minha irmã, minha vida! Agradeça o Luís que ainda chora por mim. Peça pra ele ser feliz, agradeça muito por tudo. Nunca imaginei ser tão amada por todo mundo! Sinto alegria em ver minhas meninas. Bem, amo elas também. Quando posso vou vê-las dançar. Hoje aqui também ensino a dançar, que tanto amei aí na terra. Agradeça também todos outros, todos mais, diga a todos que os amo muito, sempre estarei com eles. Não esqueça de pedir ao Bruno para rezar por mim, amo vê-lo sorrir na frente do meu porta retrato, ele é maravilhoso, agradeça a Luiza por entendê-lo e cuidar dele, ela ganhou na loteria! Sinto-me feliz em hoje ver todo mundo rezando por mim, fico triste pelo sofrimento de alguns, mas tudo passa, e você cuide da Joana, ela também é muito especial, estou aqui com o vô e a vó, eles são fofos, eu os amo. Agradeça minha tia, que todo dia acorda meu pai ao sair para o trabalho, peça para ele parar de chorar. Eu estou bem e feliz, o sofrimento dele só me fará sofrer! Eu estou bem diga a ele! Obrigado muito. Meu primo querido espero que você passe a mensagem, obrigado por tudo. Por favor beije meu pai, mãe, Maria, o Bruno, a Lidia, diga que eles foram as pessoas mais importantes para minha vida. Fui muito feliz nestes 26 lindos anos de vida aí! Diga ao dindo que ele também pode vir ajudar, ele é médium sabia! Ele tem medo. Diga pra vizinha que eu vejo quando ela reza por mim, diga que ela é a pessoa mais meiga que já conheci, amo ela, o Julio, a Roberta, todos, abrace que eu oro por eles. Muito obrigado meu anjo! Você foi a pessoa que me deixou mais feliz do mundo hoje! Amo você também viu! Obrigado, obrigado! Adeus. Clara!

De modo geral o efeito é confuso, em parte Bruno fica contente porque “aparecem” notícias, por outro lado é como se fosse puxado para trás, começa a questionar-se novamente sobre o que Clara pensaria acerca do que ele está vivendo e durante um tempo na sessão fica perseguido com essas ideias.

A seguir expressa uma imensa saudade, como não trazia já há algum tempo e questiona-se sobre o conteúdo da carta, se o que tem nessa carta é realmente de Clara, se tem o jeito dela, etc.

Começamos então a explorar o que ele pensa que poderia ser dela e o que não seria dela na carta.

Bruno sofre muito com a expressão “adeus” no final da psicografia, acha isso “muito frio e cruel”, pensa que Clara não escreveria esse “adeus” desse jeito, conhecia a sensibilidade dela e considerar que isso seria dela, equivaleria a entender que ela o estaria desqualificando, isso ela jamais faria, é o que pensa e sente.

Repete varias vezes que a conhecia e que essa psicografia, se fosse mesmo enviada por ela, teria então sofrido a influencia do escritor.

Retornam nele sentimentos de revolta e de invasão. Reconhecidamente Bruno se sente invadido pela carta. Está mais uma vez mergulhado em sentimentos de dor, saudade, dúvida, suas angustias espirituais se incrementam. Aparenta uma espécie de regressão, temporária.

Além disso, agora Bruno teme decepcionar Clara, mais do que quando sentira isso anteriormente, teme perder seu amor, quer fazer as coisas de um modo adequado, volta, portanto a cobrar-se e não consegue negar o recebimento da carta, pois parte dela considera pertinente.

Consciente de suas ambivalências combina comigo tempo para ir entendendo as coisas aos poucos novamente.

Percebo que Bruno está sob o impacto do recebimento da psicografia, ele não esperava algo assim nesse momento, estava um pouco mais tranquilo e organizado. Agora, porém, terá que avaliar no que acreditar; se em si, no que construiu, ou no que recebeu e o quê daquilo que recebeu, poderia considerar, por que e como, enfim estamos diante de um ponto de urgência terapêutico, um renovado foco de angustia e desgastes.

Digo a Bruno que isso poderá ser também um exercício de consolidações, aonde talvez venha a perceber o quanto pode realmente confiar em si mesmo e no que acredita. Uma nova sacudida para novas confirmações e fortalecimentos. Bruno me responde rapidamente que está cansado de ser sacudido, queria um tempo para melhorar e de modo confortável, voltar a sentir-se em paz. Concordo com ele. De fato a psicografia não parece ter lhe ajudado.

Bruno chega me contando que em suas orações, muito angustiado e confuso sobre o que é verdade ou não, conversou com Clara e com Deus, buscando respostas.

Depois de todos os questionamentos levantados pela psicografia, resolveu confiar no que sempre acreditou. Pensou sobre sinais do amor de Deus, em Jesus, em Clara, as questões que veio trazendo ao longo da terapia sobre sua fé, decidido a permanecer acreditando nisso.

Então com aspecto leve e tranquilo, Bruno me conta que num determinado dia desta semana, Domingo; "...deu de cara na TV," com uma música em inglês que Clara gostava, aquilo lhe chamou a atenção e se deu conta que nunca havia procurado saber a tradução da música, então decidiu procurar e me mostra a seguinte letra :

Não há uma combinação de palavras

que eu poderia colocar no verso de um cartão postal

nenhuma canção que eu poderia cantar

mas eu poderia tentar pelo coração

nossos sonhos, eles são feitos de coisas reais

assim como uma caixa de sapatos cheia de fotografias

com um tom de sépia do amor

Amor é a resposta

pelo menos para maioria das questões no meu coração

por que estamos aqui?

E para onde vamos?

E porque é tão difícil?

Não é sempre fácil e às vezes a vida pode ser enganadora

Vou te dizer uma coisa

é sempre melhor quando nós estamos juntos

É sempre melhor quando nós estamos juntos

Yeah, nós olharemos para as estrelas quando estivermos juntos

Bem, é sempre melhor quando nós estamos juntos

Yeah, é sempre melhor quando nós estamos juntos

E todos esses momentos podem encontrar

um caminho para meus sonhos à noite

Mas eu sei que eles terão ido embora quando a luz da manhã cantar

ou trazem coisas novas para amanhã a noite, você verá

que eles terão ido embora também, muitas coisas eu tenho que fazer

Mas se todos esse sonhos encontrarem

um caminho para minha cena do dia a dia

Eu teria a impressão que eu estava em algum lugar no meio

Com apenas dois, só eu e você, não há muita coisa para fazermos

ou lugares que devemos estar

nós sentaremos embaixo da árvore de manga

Yeah, é sempre melhor quando nós estamos juntos

Nós estamos em algum lugar no meio, juntos

Bem, é sempre melhor quando nós estamos juntos

Yeah, é sempre melhor quando nós estamos juntos

Eu acredito em lembranças, elas parecem tão bonitas quando eu durmo

E quando eu acordo, você está tão bonita dormindo ao meu lado

Mas não há tempo suficientemente

E não há nenhuma canção que eu poderia cantar

E não há nenhuma combinação de palavras que eu poderia dizer

Mas mesmo assim vou dizer uma coisa

Nós somos melhores juntos

Bruno conta-me que agora sabe de onde Clara retirou a frase que foi para o convite de casamento. A música lhe faz pensar muitas questões que o emocionam e ao mesmo tempo o tranquilizam:

“- Há sim uma espécie de cuidado Divino pra com a gente, aqui nesse mundo, o silêncio é duro, difícil, mas não é abandono. Acredito que existem intervenções indiretas pra cuidar de nós.”

(...)

“Acredito que Clara foi, é cuidada, talvez a gente é que não sabe entender como isso acontece, não entendendo isso como predestinação, não é isso. Quando li a letra da música tive a sensação de que de alguma forma ela sabia. Fiquei pensando no jeito ligeirinho dela, sempre querendo aproveitar o melhor de tudo, pensei; ainda bem que deu tempo dela experimentar viver no apto que ela decorou e planejou com tanta alegria e carinho.”

(...)

“A parte da música que diz que não há uma combinação de palavras suficientes, mas que poderia tentar dizer as coisas pelo coração, respondeu algumas perguntas, me fez pensar que não tenho que ficar esperando respostas que venham de fora, o que vivemos foi real e é suficiente para me dar a certeza de que ela está bem, de que eu posso seguir em frente, que jamais deixaremos de sentir o que sentimos e um dia vamos entender tudo isso juntos.”

(...)

“Quando fala que o amor é a resposta, fiquei impressionado.... porque quantas vezes, de vários jeitos falamos disso aqui. Sobre os sonhos a noite, a minha saudade, tudo... é uma música que diz muito sobre essa sensação de que nunca há tempo suficiente, da separação, mas também fala de vida, da nossa vida, do amor que nos acompanha quando seguimos tentando fazer o que precisa ser feito, encontrando caminhos para o dia a dia. É isso, eu não preciso de cartas me dizendo o que pensar, ou como as coisas estão com ela, eu posso sentir, sou comunicado de um modo muito pessoal sobre as coisas, acho que amor é assim, íntimo, pessoal, indiscutível, deve existir uma maneira criativa que Deus encontra pra permitir que a gente entenda as coisas, um jeito muito nosso, de cada um.”

Bruno termina me fazendo sentir que às vezes a riqueza que existe no que chamamos de extraordinário pode encaixar-se confortável e amorosamente no ordinário de nossas vidas. Ele ficou muito bem com a letra dessa música, foi para ele um importante achado, muito esclarecedor e de algum modo já não se sente mais tão só. A letra da música foi lhe um achado recuperativo e funcionou melhor que a psicografia que recebera.

Consulta número 41; 06/09/2012

Bastante mais tranquilo Bruno solicita-me para pensarmos em Luiza. Analisa sua relação com ela, um vínculo que pelo que pode entender, começou com calma, tolerância e respeito mútuos, evoluindo para importantes sentimentos de carinho e afeto. Conta-me como ela é doce, amorosa, inteligente, meiga e bastante dedicada ao trabalho e aos estudos. Luiza é médica. Ele a vê como uma moça madura, centrada em seus planos, forte e decidida. Sente que precisa ajuda-la a relaxar, traz que ela às vezes tem dificuldade de desligar do trabalho.

Em nenhum momento Bruno alimenta comparações entre Luiza e Clara, mas tenta organizar-se como um bom cuidador, de acordo como costumava cuidar de Clara, pois é a referência mais próxima de relacionamento que tem, quando percebe isso, se angustia. Aos poucos vamos discernindo o que passa dentro dele para que se sinta capaz de amar Luiza, sem mistura-la ao passado. Bruno ainda não sabe bem se cuida ou deve receber cuidados, como proceder, tudo é muito novo nesse fenômeno de voltar a amar sendo quem é agora.

Ao final dessa consulta percebe que o medo de amar e perder ainda o persegue, naturalizamos isso e Bruno também entende que está em terreno muito delicado, decide ir mais devagar.

Consulta número 42; 13/09/2012

“Porquê preciso disso?”

Bruno conta-me relativamente incomodado que sente que às vezes cria “ilhas no tempo”, um espaço para ouvir as músicas que eram deles, é como se, de vez em quando precisasse visitar Clara, mas mais do que isso, é um espaço para visitar tudo do que tinha saudade.

Ao mesmo tempo sente culpa, imaginando que está errado fazer isso porque pode estar cultivando o passado, sente como se tivesse traído seu presente, ou se impedindo de ir adiante.

Trabalhamos para que entenda que não há nada de errado em encontrar meios de viver a saudade, talvez a saudade precise de mais tempo, espaço, é possível viver e cuidar da saudade, paralelamente, cuidar da vida de hoje e da saudade do ontem, tanto quanto for necessário.

Sinalizo o quanto é importante que ele se respeite e também as suas necessidades em cada momento. Bruno diz que havia esquecido essa orientação. Percebe que no luto as coisas não acontecem de maneira estanque, por exemplo; “passou a raiva e pronto ela não volta mais, diminuiu a saudade e pronto, então ela não será mais tão sentida”. Concordo que no campo emocional as coisas são diferentes. Mas Bruno entende que mesmo nesse modo “de andar pra frente, pra trás e depois pra frente de novo,” sente que está melhorando. Logo, digo-lhe que exatamente por isso é que está tudo bem em criar espaços para viver saudade. Conta-me então que às vezes se recolhe para ouvir músicas e olhar fotos, ou para “simplesmente descansar sua cabeça nas lembranças boas do passado”.

Consulta número 43; 19/09/2012

“Estive pensando sobre o tempo pra viver a saudade, isso me fez reviver um pouco de tudo que vivi até aqui; aquele primeiro sentimento de invasão, quando todos olham pra você, dá uma saudade de ser invisível de novo, depois você se sente sem roupa, desnudo de tudo que tinha, no frio, no desamparo, com o impacto dessa nova realidade não se reconhece mais, tá frágil, inseguro, cheio de dúvidas, sente dor, é uma sensação de estar em 'carne viva'. E de repente você começa enxergar as coisas aos poucos... É como se a nuvem fosse se dissipando. Acho mesmo que nem deu tempo pra sentir saudade, tem também a correria burocrática, papéis, carro, apto, certidão de óbito, processo judicial, as pessoas querendo ajudar sem saber como, você querendo se ajudar e não atrapalhar as pessoas, mas também não sabe como...”

(...) “E depois você descobre que há uma linha, uma espécie de fio que vai te ajudando, reconduzindo, tu diz pra mim; algo de ordem espiritual? É pode chamar de ordem, existe essa ordem, não sei explicar, mas ela existe, é amorosa. Hoje a Clara não só faz parte dessa ordem, dessa linha que de tudo cuida, coordena sem aprisionar, e, **ela é**, a Clara é, não só faz parte disso, mas também é isso... Essa ordem está acima, em torno e dentro da vida da gente, é maior do que a morte, do que essa nossa vida aqui, e é amorosa porque te oferece sinais cuidadosos, não sei explicar, só sinto...acho que as palavras não conseguem explicar.”

(...)

“Hoje me dou conta de que não tive tempo pra sofrer, tempo pra saudade, nem sabia como. Quero viver a saudade, quero voltar pra lá, resgatar aquele Bruno ao máximo, é como se o martírio tivesse acabado, agora posso sentir em paz, eu sei que preciso sair de lá depois, só preciso me isolar por um tempo, sair da vida, sentir, pensar em tudo que ouve, em quem eu fui, o que sobrou de mim, pra depois voltar com mais clareza, não sei, nem sei como vou ser, só acho que a ilha é isso. Um jeito que arranjei lá fora de tentar me devolver pra mim mesmo”.

(...)

“ Me sinto bem hoje por conseguir enxergar ao menos esse momento de agora, entender toda essa dor e confusão, é fato que a vida não pára, mas se você pode ao menos se reconhecer, pode mesmo se oferecer mais tempo como tu diz, eu acho que isso já é um começo pra voltar a se encontrar”.

Bruno faz novas revisões do seu processo e enfrentamento, novamente se fortalece entendendo mais de si e buscando vitalizar-se.

Consulta número 44; 27/09/2012

Bruno traz a ausência de Clara, uma ausência “que grita”.

Pondera sobre os planos deles para o futuro. Ao mesmo tempo entende que sentir, de certo modo também lhe ajuda, possibilita olhar para o que é necessário; “reconfigurando as coisas aqui, nessa nova realidade”.

Traz “as dores do mundo” e sua sensação de vulnerabilidade para com isso hoje, pois percebe que sente muito mais quando lhe contam ou entra em contato com histórias de sofrimento.

Exploramos suas mudanças no hoje, naquilo em que se sente diferente do que era no passado. Bruno entende que há recursos que adquiriu, mas entende que havia uma história de muito mais plenitude e inteireza no passado.

Bruno está trabalhando arduamente para buscar os investimentos do passado e trazê-los para o presente. Tenho tentado ajudá-lo, sem invadi-lo, sem antecipações ou regras, receitas. Percebo que sua pressa pela melhora, por livrar-se da dor é parte natural do processo, mas dependendo de como é conduzida ou cuidada, pode ser uma armadilha para o trabalho terapêutico.

Consulta número 45; 04/10/2012

Bruno vai a uma missa e cita o que no final o padre comenta, referindo-se as mortes;

“Não questionem os planos de Deus, quem somos nós para questionarmos os planos que Ele tem para cada um de nós, a nós cabe aceitarmos e agradecer, pois um dia entenderemos”. Conta-me que é a segunda vez que ouve isso.

Essa colocação traz Bruno para uma revolta sobre Deus e a maneira “como a Igreja lida com isso”;

“ Essa história de planos de Deus, é como a do Karma, o destino no Espiritismo, fica difícil construir alguma coisa com isso! Então Deus tinha planos pra Clara morrer? De crianças morrerem? Que tipo de planos são esses? Se Deus é amor alguma coisa tá muito errada?! O que se entende quando se ouve uma coisa assim, é que no meio de tudo isso, estamos muito sozinhos, quem sofre não encontra nenhum caminho por aí não!”

Toda sua condução de pensamento se volta para o que acredita a partir do que entende que faz sentido para ele hoje;

“Eu tenho certeza de uma coisa, porque senti, porque sinto; o amor que tenho por ela e dela por mim, por todos nós tenho certeza que continua existindo, quanto as respostas, talvez um dia eu as encontre, mas é verdade que quem tenta dar respostas não se sai tão bem, bem que podiam ao menos escutar mais e escutar com sensibilidade!”

(...)

“ Quando você ouve alguma coisa tipo essa, você se sente uma formiga, é como se Deus fosse um cara poderoso brincando com uma caixa de formigas, ninguém faz Deus ser Deus porque põe palavras na sua boca, hoje não existe mais isso. Você precisa pensar em coisas que deem conta da realidade que a gente vive, com um mínimo de coerência, e não é dar sentido para algumas vidas só, mas pra vida de todos. Quem nunca viveu uma perda pode até engolir essa, mas e os outros? Então o resto das formigas ficam se batendo dentro da caixa pra encontrar sentido?”

Bruno discrimina o que lhe parece coerente, preocupa-se com as pessoas que sofrem, buscando sentido para a vida e para a fé, percebo que ele verdadeiramente se preocupa com as pessoas, inclusive com sua religião, com sua igreja, gostaria que pudessem auxiliar mais, sabe o quanto sofreu.

Mas dentro de uma perspectiva e orientação psicanalítica, um tanto mais objetiva, me ocorre que há também em suas palavras, uma briga com a ideia de um Deus poderoso, de certa forma um conflito sobre a onipotência humana, que no processo de luto sofre mudanças, faz pensar no deus que por vezes o ser humano pensa ser e no contato com as perdas, as limitações humanas no Deus que passa a sentir. Há um amor que é em Bruno, um amor de medidas humanas e sagradas para ele, um amor que o torna.

Depois de pensar isso, coloco então para Bruno que muitas coisas mudam as ideias que temos de Deus, de nós mesmos, o que podíamos, o que descobrimos que não podemos tanto quanto imaginávamos, etc. Ele pondera por uns minutos e a seguir me diz;

“ -Nesse momento não sou o Bruno que eu fui, também não sou como poderia, luto com todas as minhas forças pra ir adiante, pra sair dessa indefinição, dessa vulnerabilidade, esse parênteses entre o passado e um presente seguro e reorganizado, é um intervalo longo que as vezes me consome, embora hoje menos.”

Bruno percebe que terá que ir apropriando-se aos poucos, aprendendo a gostar desse novo mundo, desse outro Bruno de limitados poderes, que hoje experimenta ter e ser diferente do passado.

E na fé me parece que acontece o mesmo, à medida que Bruno faz as pazes consigo, também aos poucos, faz com um Deus que se mostra menos super poderoso, um Deus que oferece mais espaço para o humano que há nele.

É natural que fique tão bravo quando dizem que Deus poderia salvar só que não fez e nós formigas devemos aceitar a vontade de Deus... Quem de nós não sentiria essa revolta, além do mais, sinceramente, se tudo é plano de Deus, questionar os planos é o mínimo que devíamos ter o direito de fazer, como boas “formigas” que somos.

Outra perspectiva a pensar é que talvez o amor seja uma resposta para Bruno, além de tudo o mais porque tem essa característica, permite a ele Ser em qualquer tempo.

Bruno vem trazendo a constatação de que o impacto dessa nova realidade, das mudanças no mundo como o conhecia e a dor, expulsam-no dos antigos controles e critérios; “- O que é ser agora? Como pode permitir-se ao novo, quando o novo não foi bem-vindo, nem buscado, mas cruelmente imposto?”

Nos momentos bons de hoje “a vida pode até ser uma festa, mas é uma para a qual sente que não foi convidado e nem conhecia esse tipo de festa, é como se entrasse de penetra e ainda tivesse que fazer-se enturmar”.

Pergunta-se como sair dessa sensação de ter que pedir por favor, ou com licença o tempo todo para viver.

Enquanto Bruno tenta retomar o direito a uma vida leve, novamente tranquila, embora de outra maneira, sua mente busca compreender “como, porquê aconteceu tudo isso e como adaptar-se com segurança.”

Conta que enquanto lida com esses pensamentos “a vida lá fora não pára, as pessoas invadem, julgam e ele, ainda hoje, se sente em alguns momentos sob atenções que desejaria dispensar;

“...Parece que as pessoas monitoram você, parecem ter uma imensa curiosidade sobre como você está lidando com isso, as vezes tu não sabe se estão torcendo contra ou a favor...”

Bruno me diz um tanto admirado que paralelamente tem algo que lhe ajuda muito, “injeta forças” nele, não sabe explicar bem, mas define como um algo que cuida, sabe que é uma espécie de força protetora diferente, cuida dele, de Clara, da família, de Luiza; “é como se fosse um pano de fundo, algo importante e seguro que está sempre lá” e no seu entender, parece conduzir e preservar a vida que quer renascer dentro dele;

“Sabe, nesse período todo, desde o começo, o horror, o medo, o choque, o mundo gira, todo o cenário muda, aí tu te assusta, pensa; Nossa! O que é tudo isso tão de repente, tão destrutivo, passam uns segundos e do nada, tu vê a mãe, por exemplo, calma e tranquila, lavando a louça como sempre lavava, aí tu sente, sente porque nem consegue pensar... Ufa, que bom! Tem alguma coisa lá no fundo que ainda da pra sentir de bom! Alguma coisa que não mudou...É algo assim, parecido com isso, multiplicado por uma intensidade maior, e quanto mais tu presta atenção nisso, que sente de bom, parece que as nuvens escuras vão se diluindo e daí tu começa a enxergar um pouco melhor de novo, então essa força, esse sentimento, começa a deixar de ficar só no cenário, ele vai entrando em ti e primeiro tu pensa que ele vem de fora, depois tu descobre que ele vem de dentro e tu parece que acessa mais o amor que sentia, busca motivos pra fazer valer a pena agora. Depois de tudo, tu presta mais atenção em como ajudar as pessoas, mas não de qualquer jeito, sabe, nem por obrigação, tu procura respeitar elas...não é que não pensasse isso antes, mas é diferente. Pequenas ondas de motivação vão te alimentando. As vezes parece um sopro mesmo, te erguendo a cabeça, te fazendo olhar pro sol, te estimulando a andar só mais um pouquinho...é assim, não dá pra explicar. Daí me lembro de tudo que falamos aqui, do quanto a Clara combinava com isso, sol, força, vida, a discriminação entre o que ela é, e a morte... Clara não era dor sofrimento, nuvens escuras. Então essa sensação boa, essa energia, ganha ainda mais força, porque me dou conta que acho que tem a mesma fonte, combinam, o amor e isso, então esse sentimento, esse pano de fundo vai te ajudando e sem tu saber, tu só percebe depois. O amor da gente faz parte disso tenho certeza, o amor da gente, de todos nós.”

Bruno faz construções psíquicas e espirituais, ligações estão em processo dentro dele, é nítida sua busca por integrações, por inteireza. Ele percebe que está se fortalecendo de um modo completamente novo, tão novo quanto tudo que viveu.

Consulta número 47; 25/10/2012

Bruno chega com essas reflexões:

“ Deus e Clara estão juntos com certeza, na mesma frequência, por isso nós não podemos vir aqui quando morremos, assim como Jesus não se manifestou mais, começo a perceber que pode ter uma lógica nisso. Acho tão complicado quando dizem que os espíritos ficam andando por aí, nada contra, só que não serve pra mim. Penso naquele fio condutor que nos guia, que te falava, uma espécie de força, de potência em outra língua, é um fio de justiça, uma justiça que nem sempre é entendida como a nossa aqui... O que você acha?”

Pontuo que ele está tentando encontrar sentido para as experiências que viveu, tudo que sentiu e que hoje sente, tentando encontrar sentido sem deixar de considerar o que pensava antigamente. Essas “ligações,” reestruturações que está construindo, acontecem em todos os campos de sua vida, às vezes falamos disto na fé, em outros momentos nos contatos sociais, em outros nos projetos de vida... Reforço que está realizando uma caminhada para reconhecer-se novamente, entender seu mundo interno e externo e sentir-se seguro nele. Bruno ouve atento, a seguir pensa e concorda, brinca comigo dizendo “que bom então que todas essas “elucubrações” são positivas, não está amalucando”.

Diz-me sorrindo que é “uma nova catequese que a vida está lhe impondo”. Concordo e ele acrescenta que não quer outra “catequese mais ou menos, quer uma que dê conta da vida real”, e fora das questões espirituais, quer também uma caixa de ferramentas que de conta da vida hoje, da vida não como pensava que era, mas como ela realmente é. Brinco com ele dizendo que então estamos todos bem exigidos agora ; os padres, eu como sua terapeuta e ele, ele ri e diz ; “Hãhã ! Com certeza ia sobrar pra mais alguém, que história é essa de eu ter que dar conta de tudo sozinho!”

Bruno está mais leve. Respondo-lhe que é ótimo, contar sempre com ajuda e apoio, que é isso aí mesmo. Ele continua num tom leve e divertido; “é tô melhorando!”

Nesse momento nós dois entendemos que há também um alívio por estar conseguindo, por sentir-se mais forte e por ter flexibilizado exigências e defesas antigas. Há uma conotação de comemoração nesse diálogo e me sinto feliz com ele. A seguir Bruno silencia e com olhos marejados me diz , num tom emocionado; “Ana?! Obrigado. Obrigado mesmo”.

Respondo-lhe que está tudo bem agora, nós fizemos uma boa dupla. Ele sorri e conclui; “esse é o único espaço asséptico que tive e tenho pra olhar pra tudo hoje.”

A expressão “asséptico” me fez pensar na importância da conduta terapêutica, isenta de ansiedade e do quão delicada e preciosa tem sido essa escuta, de fato pisamos em solo sagrado, me ocorre que na Bioética trabalhamos de modo geral a sacralidade da vida humana, Bruno me ensina sobre a sacralidade da vida psíquica, “sou tão grata quanto ele”, foi meu próximo pensamento.

Bruno traz suas ponderações sobre passar uma semana em Florianópolis, trabalhando lá, pois há uma ideia que de vez em quando lhe retorna a mente, sobre morar lá, sempre quiseram morar lá, mesmo sua família, também falavam ele e Clara sobre isso, talvez pudesse pensar nisso agora. Imagina que seria uma expressão desse recomeçar, que está vivendo no seu mundo interno, “seu lado de dentro” além disso estaria perto de tudo que sempre amaram. Pergunta-me o que acho e considero com ele a importância de fazer uma experiência. Percebo que são seus desejos voltando, sua vitalidade experimentando funcionar dentro dele, ajudando-o agora a buscar saídas práticas, fazer experiências práticas diante do mundo novo, pode ser um bom ensaio na direção de ampliar o reinvestir, é também a autoconfiança tentando retornar, buscando autorizações, confirmações, para que ele possa sentir-se existindo, mais dono de si e novamente.

“A vida em Florianópolis”, trabalhar lá, experimentar viver lá, viver pra além daqui, de tudo que viveu aqui, a sensação recuperadora de ter liberdade de escolha, a sensação vitalizadora de resgatar a potência, o poder de escolher algo para sua vida, depois de toda a impotência esmagadora da morte de Clara, de todos os sentimentos ruins do “não há o que fazer, não tem negociação”... De repente Bruno se depara com a possibilidade de escolher, não de modo onipotente, não como quem pode tudo, mas como alguém que pode algo, nem “im”, nem “oni”, só “po”- potente, nos seus limites, virtudes e atrapalhos, só experimentar voltar viver. Talvez esse seja seu primeiro exercício, nesse sentido, mais amplo, de tentar voltar a viver e mesmo que seja apenas um exercício, vale muito.

Pondero isto com Bruno, ele pensa, depois de um longo silêncio onde esteve introspectivo, olhando para o céu, na janela, mostra-me como é sentir e experimentar tudo o que vive, viveu, como que tentando validar o que escutou e dividindo o que pensa:

“-As pessoas não tem ideia do que é viver um descompasso desse tamanho, de uma vida inteira, o presente e de certa forma todo o mundo, ficam invadindo o passado que é **você** e que já não existe mais. A dificuldade de ter que abrir mão do que era pleno pra ti e que já não pode mais ser teu, nem emocionalmente, e ter que se convencer de que no “mais ou menos” que tu experimenta hoje, tu vai estar voltando a viver, vai ter que estar ali porque não há outra saída. Penso todos os dias; ainda bem que essas são contradições desse mundo, espero definitivamente que onde Clara está, não tenha que lidar com isso, onde ela está, isso não deve existir. Depois essa loucura de viver na ausência dos controles e regras e mesmo do prazer e alegria, tudo o que tinha pra viver antes, todos os teus instrumentos perdem a validade, não dão conta... E todos esses outros que vão nascendo do teu trabalho de viver as experiências com o máximo que consegue ter de consciência pra dar sentido a elas, pra tentar sentir a vida de novo, tentar sobreviver, fazer alguma coisa para não morrer, pra não matar o que restou de bom de nós dois, nossas vidas, nossa realidade, nossa história, tudo que somos, que fomos....tudo isso que tu tem que reorganizar, que nasce de viver, experimentar, sentir, tentar entender, testar pra ver se funciona e no que mais funciona, sabendo que nada mais funciona pra sempre... é um tentar debaixo de um soterramento, sabe? E tem o desejo, a saudade de tudo que já não está mais lá fora, nem sob o teu alcance, de forma nenhuma, de jeito nenhum...mas que é como se tu caísse um enorme tombo, também para dentro de ti, não

só aqui fora, tu descobre lá no fundo da queda, quando bate no chão, que pode alcançar algo dentro de ti, o que tu tanto deseja tá lá. Daí tu sabe que tudo mudou, tu sabe, mas não assimila, porque teu desejo é outro, tu não é o mesmo, tu não está aqui fora, a tua vida não tá aqui. E dá um enorme medo de não conseguir sair do tombo, de passar a vida toda olhando no retrovisor que seria como viver morto, apagado, vivendo pra dentro... Então tem que se esforçar, seguir em frente, eu odeio essa expressão, mas é isso. É uma vida muito ruim porque a primeira sensação que tu tem é de estar vivendo uma vida que te trai o tempo todo. Como se tu vivesse se traindo o tempo todo, se sente mentiroso, tem que encontrar razões muito fortes pra não se punir. O antigo dói, o novo dói, o futuro é incerto por uma infinidades de razões, o amor que tinha tá ali dentro, mas tão longe. O tempo tem outra conotação, parece muito, também parece ontem... e tu? Tu te olha e não é quem era, não é quem poderá ser, ser é só uma esperança, onde está aquilo que tu chama de “si mesmo”? É disso que estou saindo, é por isso que vou experimentar Florianópolis. Porque eu quero viver, viver pra valorizar tudo que eu recebi, tudo que talvez um dia eu ainda seja”.

Reforços para sua clareza, para as construções a partir de sua própria coerência, continência e validação. Bruno está retomando o controle sobre sua vida.

Consulta número 48; 16/11/2012

O tema dessa consulta inicia com “o que exigir de Deus?”

Bruno pondera sobre como se relacionar com Deus agora e sobre como, de modo geral, as pessoas se relacionam com Deus ;

“ Costumamos pensar num Deus todo-poderoso, acho que todos rezamos sempre esperando alguma coisa Dele, mas o quanto isso foi aprendido, estimulado, essa relação que parece de uma mão só. Hoje não posso exigir nada de Deus, exigir Dele seria exigir também de mim, se o culpar, culpo todos nós, eu , Clara, todos. E não foi porque aprendi, que penso isso, mas porque entendi. Não é mais pra mim uma questão de super poderes. Só que daí tu te pega pensando, como rezo agora? O que é fé agora mesmo? Porque rezar? O que pedir? Pedir? Antes pedia e agradecia e agora o que estabelece essa relação com Deus? Eu só sinto que há uma enorme bondade que segue preocupada conosco e sinto que Clara é pura vida, apesar de ser de um outro jeito e por isso sempre agradeço.”

O escuto, compreendendo que Bruno está tentando reorganizar sua relação com Deus, sua forma de acreditar e de sustentar sua fé. Às vezes parece pedir licença para acreditar de uma nova maneira, às vezes parece-me que está comunicando um equilíbrio em relação ao que esperar da vida e de si mesmo.

A seguir traz seus sentimentos acerca da semana que passou em Florianópolis, relatos do contato com o trabalho, com as pessoas, a maneira como vivem lá, o mar, essa importante possibilidade de viver longe do trauma; “livre dos olhares das pessoas, sendo apenas o Bruno...” Fala da sensação “tão bem vinda de liberdade que lhe resgatou um pouco mais” (...) “voltei com a sensação de poder ser feliz novamente, ainda que de um outro jeito, esperança renovada”.

Não pensa em morar lá por enquanto, mas ter essa possibilidade para o futuro também lhe auxilia.

Reforços positivos para solidificar avanços e clareza.

Consulta número 49; 29/11/2012

Bruno chega mergulhado em novas revisões e é bem provável que seja por voltar pra casa depois da viagem, o sentimento de “chegar nessa vida,” a que tem hoje, também vai concretizando e redimensionando percepções e sentimentos dentro dele.

“Perdi o Bruno que eu era, hoje acho que eu estou pensando muito mais nisso do que sobre Clara, não que não pense nela, mas tá muito forte isso hoje, o Bruno que eu era não consigo mais ser.”

Peço que tente explicar-me como sente isso, ele então traz;

“-Sinto saudade de como eu era, saudade de mim”, diz com um leve sorriso.

“Hoje vivo com medo, e é um medo diferente, tem uma intensidade grande, às vezes parece uma ansiedade, sei que nasceu do trauma... Penso a vida como num jogo de cartas, na aposta que todo mundo faz, foi errado apostar? Se no que dependeu de mim sempre tentei fazer a coisa certa, então porquê? Eu considero o que pensava no passado, a lógica do mundo antigo como você diz, sei que tudo isso tá mudando, mas me pergunto se o meu medo tem a ver também com essa falta de fé, essa falha na fé... só que hoje não dá mais pra viver construindo fantasias pra ficar bem. Se temos que inventar Deus pra sermos pessoas melhores, ou pra nos sentirmos bem, ou seguros, então pra mim Ele de verdade não existe. Eu não aceito ideias construídas no faz-de-conta, porque elas não dão sustentação suficiente, eu preciso do real, de algo que minha cabeça não alcance manipular, que venha pelo sentir, pelo inquestionável, porque pensar tá muito confuso. Ao mesmo tempo me pergunto, será que sou eu que tô sendo muito exigente? Será que não sou eu que não tô mais confiando em mim? E é só isso, a vida é isso... Sei lá. E as vezes eu tenho a nítida sensação de que não é minha fé que tá frágil, ou pequena, ou duvidosa... As vezes eu tenho a nítida sensação que tem algo sabe... Algo que vem até mim, porque é algo que eu não pensei, não é inventado, eu sinto, só sinto, assim do nada, é uma espécie de fluência, simplesmente flui, faz as coisas fluírem, coisas boas, que amenizam um pouco de tudo se tu ceder a isso. Mas me dou conta, que bom que é algo que eu não controlo, que não nasce do meu pensar, porque hoje eu ainda não me sinto inteiro pra confiar no que penso.”

A seguir Bruno pondera o medo em relação ao contato com a vida e com a morte;

“-A impressão que eu tenho hoje é que na minha vida eu entreguei tudo, eu me entreguei, eu vivia entregue, entende? Eu entreguei tudo e fiquei no vazio. Acho que talvez seja a morte que faça a gente sentir como falta de fé essas dúvidas, uma falta de fé, de esperanças, o que aconteceu com a gente gerou uma inteira desproteção, acho que é essa desproteção...”

Pondero com ele suas tentativas para discriminar o que foi, ou é seu, do que aconteceu consigo. Pontuo cuidados com seu senso crítico, pois tende a pensar, e até certo ponto é natural, que ele é que não está respondendo bem as circunstâncias. Considero com ele que talvez não seja falta de fé e é coerente que suas buscas sejam na direção de resgatar sensações saudáveis de reassuramento para viver.

No final deste encontro, chama-me atenção a importância do cuidado que como terapeutas, podemos ter nas questões referentes à fé e a autoconfiança, pois ambas estão intrinsecamente relacionadas; significados que são ancorados na fé podem estruturar e sustentar vidas psíquicas e significados ancorados no “si mesmo”, como cita Bruno, podem reconfigurar toda uma maneira de crer, enquanto essas dimensões redesenham aquilo que entendemos como existência, o Ser na vida e para a vida, ou em outra direção.

Consulta número 50; 06/12/2012

Bruno vem fazendo o exercício de tentar viver, reaprendendo a funcionar sem os antigos controles, como antes conhecido, está enfrentando seus medos e nisto reconhecendo-se.

Traz que considerou “simplesmente viver”, ou seja, não pensar tanto e o resultado tem sido positivo.

Conta-me que como eu havia sugerido, em algumas sessões atrás, escreveu sobre seus pensamentos, sentiu que lhe fez bem, mas confessa que não se sente tão confortável para escrever.

Com a folha em mãos, proponho a leitura e juntos refletirmos sobre seus sentimentos.

Lembro-me que estamos próximos da data que teria sido seu casamento, quando foi o ritual da missa em Garopaba.

Então Bruno lê o que escreveu, explica-me que fez uma comparação entre sua vida e o planeta, e Clara como a água do planeta, foi como lhe ocorreu:

“ Como estávamos conversando, penso nas coisas ruins que me aconteceram nesses últimos tempos. O ano de 2012 foi muito pesado, muitas mudanças, de relacionamentos, de amor e de fé. A mudança que mais me assusta ainda é a minha mudança. Aaaa que saudade daquele Bruno onde habitava a Clara. Não que hoje não habite mais, é diferente. Muitos acreditam que o mundo acabe daqui alguns dias. Respondo, o mundo, planeta terra? Aaa esse eu não sei mas o oceano do meu mundo secou no dia 23 de Agosto de 2011. Três-quartos de Bruno era Clara. Era o que me nutria, onde haviam peixes coloridos, onde me banhava com prazer. Em exatas duas horas esse mar secou. Não conseguia enxergar a beleza das coisas, não

achava mais os peixes e passei a me alimentar de pó. Clara, eu e a fé que andávamos em perfeita harmonia. Como um sopro de vento nos perdemos, ou melhor nos desligamos. Quem falhou? Não sei. E sabe de uma coisa, não quero saber. Deus me dê uma resposta?!? Deus, resposta, rs rs, com um pouco de ironia...ironia até de mim mesmo, por ser tão ingênuo de acreditar que fazer o bem nos blindava de algo. Tenho parcela de culpa sim por ser tão desligado. Hoje sou Leão para encarar os meus medos, as vezes esse faminto animal passa fome. Não porque não conseguiu derrubar um búfalo para encher a barriga mas por estar de barriga cheia e se sentir vazio. Falta de fé e meu grande amor Clara.

Mas...que incentivo racional tenho para continuar caçando? Com toda certeza vos digo nenhum! Mas!! depois de passados um ano e quatro meses lutando contra tudo digo que tem algo a mais nisso tudo. Não sei ao certo o que é . O que é bom. Se não seria racional e por um momento prefiro o sentimento. Nada do que eu possa escrever, será o suficiente para elencar que força é essa. É algo que ocorre nos bastidores de uma peça musical por exemplo. Onde cento para assistir mas quando abrem-se as cortinas os músicos não estão, “Clara e banda”, mas mesmo sem ninguém, consigo ouvir músicas, e de excelente qualidade! E o mais magnífico é que bato palmas mesmo assim. Só que, admito... canso de só ouvir e não ver, pois nem sempre consigo, e por esse motivo as vezes falto a peça musical. Mas, o mais impressionante ainda, é que as vezes que não vou, continuo escutando uma harmoniosa sinfonia. Não pára de tocar nunca, me fazendo lembrar de Clara e dos peixinhos coloridos! Isso é Graça. O quê? Peixinhos coloridos? Sim! é Graça. Para mim é. O sopro divino está no aplauso sem espetáculo ou no espetáculo sem plateia.”

Ponderamos quantos sentimentos estão ali; raiva, culpa, medo, forças, capacidades, confusões, fé, beleza, desejos, saudades, saudades físicas...

Bruno reflete e quanto as suas mudanças diz;

... “ é nesse esvaziamento de toda a vida da terra, nesse extremo, que te deixa tão nú, diante do contato com as verdades, ali tu descobre que precisa escutar essas verdades, por mais que não queira ouvi-las porque dói”.

Assim, sugiro a ele que possamos explorar aos poucos todos esses sentimentos. Ele considera.

Há em Bruno um desejo por melhora rápida e um sentimento contraditório, desconfortável, de receio, de exposição, vulnerabilidade e medo de perder o passado, ambos muito fortes.

O fato de ter feito essa pequena entrega, de algo escrito, com seus sentimentos e pensamentos mais íntimos, já é uma importante amostra do quão está tentando voltar a confiar em alguém, no mundo, na vida, em si mesmo.

Penso que temos que avançar sim, como deseja, porém sem perder isso de vista, a experiência de entrega e a negociação entre desejo, respeito e identidade, que o processo terapêutico pode ir ajudando-o a reconstruir de modo seguro. A escuta atenta, pode naturalmente ir abrindo espaço em Bruno para ele mesmo. E de fato, no conteúdo do que escreve, há muito para ser trabalhado, aspectos que iremos explorando juntos a medida em que ele suportar de modo confortável abrir, aprofundar-se mais e avançar.

Aqui parece necessário atenção e cuidados para destinos pulsionais, a libido, o desconforto e o estranhamento de ter seu princípio de prazer desligado pelo luto, sensações que se

despreendem do fenômeno natural de ter o ego aprisionado por esse trabalho de desinvestimento do passado, as cobranças internas em relação à Luiza e as exigências dessa etapa em que está da caminhada de recuperação. Em Bruno é como um renascer do si mesmo. Talvez uma renovação planetária que trará água própria, uma “nova era”.

Bruno acrescenta de que se dá conta hoje de seu processo; sobre a primeira etapa do enlutamento, de ter seu mundo suspenso, a seguir de viver do passado, sob os entulhos do passado, e depois, essa pressa e medo de melhorar. Tranquilo-o de que encontraremos formas seguras de administrar o que sente, sem deixar de caminhar. Ele concorda dizendo-me que precisa sentir-se caminhando, não importa muito a velocidade, mas quer garantir que não cesse de dar os passos. Sustento com ele que sempre estivemos caminhando. Percebe então o quanto se sente ameaçado por essa ambivalência interna; “quero ir a diante, mas não quero perder mais do que já perdi, e, não sei se consigo.”

Digo-lhe que sim, que percebo assim também, ele se tranquiliza na ideia de que se sei o que se passa com ele e não me assusto, então “nós vamos dar um jeito”.

Talvez boa parte da recuperação em processos de luto, tem como chave principal esse tipo de continência, terapeutas aqui são mesmo como guardiões de travessias, as vezes é só manter a porta aberta e estender a mão, isso vale muito, pois tende a manter o processo fluindo.

Consulta número 51; 13/12/2012

Bruno começa esse encontro ponderando sobre como aquilo que hoje entende por Deus, mistura-se com o que sente que Clara é agora. Conta-me de seu desejo de estar perto deles, de encontrar meios de sentir-se mais perto de tudo isso, da consciência de cuidar bem de si mesmo, da doação ao bem e ao outro que esse novo modo de viver suas crenças fazem-no sentir;

“-Somos daqui mais do que de lá, quando não perdemos alguém que amamos. Quando perdemos somos mais de lá do que daqui. Vivemos com a cabeça lá. O que pode fazer perder o aqui. Então parece que o único jeito de a gente ficar próximos de lá é trazendo o de lá pra cá. Alguns trazem os espíritos, eu penso mais nas ações, penso em fazer coisas que combinem com isso entende? Me sinto mais próximo quanto mais parecido puder ser. É muito difícil ser daqui hoje. Eu acho que sou de lá, mas fiquei por aqui, é meio assim que a gente se sente.”

Bruno tem pensado em trabalhar auxiliando as pessoas, gostaria de “ fazer algo maior pelas pessoas”, conta-me sobre um concurso que ele e Clara fizeram, se ele fosse chamado, daria aulas de educação física para crianças, não sabe se está preparado, mas gostaria de tentar, pensa que isso viria contribuir para o cuidado com as pessoas e o mundo.

Bruno percebe que todas as suas inquietudes estão a serviço do projeto de reconstrução de sua vida, entende que entre a saudade, as novas descobertas e adaptações, está indo bem.

Consulta número 52; 20/12/2012

Vem trazendo um levantamento do ano; ajustes vividos, a dor, o desgaste, o que foi perdido, o que foi conquistado, o que hoje é real para ele, a saudade, o que tem lhe ajudado a enfrentar tudo que vive e viveu, incluindo suas características de personalidade e recursos internos.

Ao olhar para o processo de elaboração do luto que experimenta, chega à conclusão de que foi muito importante fazer uso da flexibilidade interna, fugir dos pensamentos rígidos e sentenciais, bem como a sensibilidade e a calma. Diz que olhar para a vida devagar, cuidando só do que acontece em cada etapa da caminhada, dentro da perspectiva de “um dia de cada vez”, sem pensar muito longe, temporalizou espaços internos, que preservaram energias, gerando novas reflexões que depois se tornaram novas ferramentas.

Percebo que Bruno já não está mais com dois botões do elevador acionados, assim como já tem os dois pés mais próximos do mundo presente. Parece encaminhar-se para as últimas etapas do processo de luto.

Conta-me que está feliz com Luiza, ambos tem momentos bons juntos. Luiza parece compreendê-lo muito bem, é calma e afetiva, mas Bruno confessa-me que não deixa que seu processo a invada. Quando está com ela hoje, está com ela, tenta oferecer toda a atenção possível, carinho, cuidado e a todo o momento, em pensamentos, coloca-se no lugar dela, cobra-se de ter a consciência de não invadi-la ou trai-la com pensamentos ou sentimentos que não sejam de ambos.

Ponto que a maneira tão intensa quanto se exige para não magoar Luiza, sinaliza que gosta muito dela. Ele concorda me dizendo que ter encontrado alguém como ela, pode ter sido parte daquilo que entende como cuidado de Deus. Diz que sempre pensa em oferecer a ela o que gostaria de receber, que tenta ser sempre muito honesto com ela e que a está amando de um jeito diferente, não maior, nem menor, só diferente, como muitas vezes falamos em terapia, isso porque segundo ele, o Bruno de Clara era outro Bruno, assim como Luiza é Luiza e Clara era Clara. Sente com leveza e discernimento hoje, que são amores diferentes, que ocupam lugares diferentes em seu coração. Bruno está feliz também por sentir que está conseguindo cuidar bem de Luiza.

Observo e divido com ele que atrela a palavra amor a cuidado com muita frequência em sua forma de sentir e pensar, ele concorda e acrescenta que sempre sentiu assim, mas que isso foi algo que toda essa experiência reforçou dentro dele.

Consulta número 53; 10/01/2013

“A vida é esse mar que a gente não vê.”

Bruno está bem, apesar de viver as datas de Dezembro; o rito do dia 10, o Natal, Ano Novo e as férias. Traz relatos de momentos bons em família, entre amigos, com Luiza. Em nenhum

momento deixa de citar o carinho e a saudade de Clara e do mundo antigo, mas o conteúdo aparece de um jeito diferente, como ele mesmo diz, ele está diferente agora, mais seguro, com noções sobre a vida e a realidade mais solidas, recomeça uma construção de sentido para a vida e para o futuro.

Recebe reforços e noto que Bruno direciona-se para reestruturar suas certezas nessa vida nova, que também vai deixando de ser nova para ser simplesmente a vida, sua vida.

Consulta número 54; 17/01/2013

Bruno se dá conta que está de certa forma desinvestindo do passado e de Clara no movimento de olhar, viver e gostar do presente, então traz sentimentos de pesar e certa culpa;

“Como posso viver e cuidar das duas, pois eu não posso mentir pra mim mesmo, as duas são importantes pra mim, eu não entendo bem, se penso demais em Clara, as vezes, ou se deveria pensar menos, será que estou com essas dúvidas porque estou me despedindo? Sabe, uma coisa é dizerem pra você que você não tem mais quem ama, a perda vem de fora, depois tem aquilo de você ficar procurando por quem ama e não ver, é a realidade dizendo que a pessoa não está mais lá, mas de repente, me pego tendo que eu mesmo dizer, aqui dentro de mim (põe a mão no peito com os olhos marejados), mas tu Clara não tá mais aqui, dói muito, é muito difícil, é a perda vindo de dentro entende, é tu tendo que ir embora...”

Disponibilizo lhe escuta- continência, exploração das lembranças para “ir de malas plenas,” levando o que for mais confortável e desejoso no seu caminhar, para que possa sentir que “abandona o mínimo possível;” despedidas e revisão dos motivos para ir adiante.

Consulta número 55; 24/01/1013

Bruno chega bastante abatido, está próximo do aniversário de Clara, traz algumas revisões e ponderações;

“Parece que todos que não estão com a gente são perfeitos, penso, é o que todos devem te dizer, mas quando penso nela, que tipo de idealização eu tenho... O dia 9 de Fevereiro me comove mais do que o falecimento, porque ai sim, penso na vida que ela era, que ela tinha, que ela teria, a energia dela... as pessoas podem achar que a gente exagera quando fala da Clara, mas não é, não é! Sinto uma saudade tão profunda, uma tristeza. Rezo pra que Deus nos fortaleça, pra enfrentar tudo isso e que Deus me perdoe se não estou conseguindo ser melhor, que me entenda, estou diferente, todas essas mudanças invadiram a minha vida... Penso na vida que tínhamos, no quanto ramos pra construir tudo que tínhamos, o quanto a gente era feliz, a gente fez nosso melhor sempre. Como é duro usar os verbos no passado. Eu

não quero morrer, não é isso, mas tu não faz ideia como eu queria estar com ela, é um sentimento muito forte, uma coisa que te domina, tu tem dificuldade até de pensar. As vezes chego a pensar; tínhamos que estar juntos nisso também, como sempre fomos, eu queria ajudá-la, queria ter notícias claras, rezo pra que ela esteja bem. Deus é muita saudade! Ana, tu sabe o que é perder alguém que devia estar contigo pra que tu pudesse suportar as dificuldades? Era ela, ela devia estar aqui, a gente enfrentava tudo juntos...ela tinha que estar aqui, comigo, pra enfrentar, nos ajudar a enfrentar até esse “nós” que é de outro jeito hoje. Perdoe-me Ana, mas eu tenho que protestar sabe, eu tenho... A Clara tinha que me ajudar a suportar, superar a ausência de Clara...(sorri) que loucura. Era nós pra tudo entende? Pra tudo! Aquilo que o convite do nosso casamento dizia; 'somos melhores juntos'. Sabe o que é ainda mais difícil, é que o próprio amor impõe, não dá pra morrer, tenho que amar ela de outro jeito. O “aprender a amar em separado” que tu diz. Se pelo menos pudessem abrir uma janela, onde eu pudesse vê-la, falar com ela, depois eu voltaria pra cá, não morreria, porque ela investiu em mim, mas voltaria pra cá abastecido. É muito louco isso tudo, confuso, eu não morreria por nós dois, mas morreria pra ter nós dois juntos de novo... Acho que amar a Deus é assim, como amar a Clara hoje, esse amor que É (entona a voz), mas não do modo como conhecíamos, nesse, desse mundo. Amar Clara e Deus é o mesmo tipo de forma da amar, amar pelo que é, pelo que sinto, não pelo que toco ou vejo, é duro, é difícil mas tô tentando.”

Ofereço-lhe suporte, naturalizando sintomas e auxiliando na compreensão dos movimentos de despedida que parecem fazer parte da virada dessa etapa no processo de luto e reconstrução. Entendo que diante da força do dispositivo de apego, da privação, da aflição e saudade, Bruno retorna temporariamente ao passado, penso que a seguir deve reestruturar-se novamente, entre progressões e regressões vai desinvestindo do ontem para reinvestir de outro modo no presente. Assim o processo se dá. Noto que naturalizar os sintomas para ele é muito importante, pois ele mesmo se assusta com suas regressões temporárias.

Desinvestir, na elaboração do luto em Bruno, pressupõe suportar a experiência de não mais ter ou ser como antes, e através do que sente, bem como dos dados de realidade, deixar-se convencer no contato com e pelas mudanças, que se alastram de fora pra dentro e depois de dentro pra fora, na direção de tornar-se quem é, apropriando-se conscientemente da vida que possui, então a partir de si mesmo.

Consulta número56; 07/02/2013

Bruno prepara-se para enfrentar a audiência, nunca esteve em uma, nem mesmo no fórum, está ansioso, triste e com sensações de revolta, para ele seria importante que houvesse ao menos algum tipo de reconhecimento do motorista em relação ao que aconteceu. Conta-me que nunca, em nenhum momento, o homem entrou em contato com ele e ao contrário tentou responsabilizar Clara que pela investigação pericial, estava andando na sua pista e em velocidade permitida.

Na verdade me parece que Bruno não queria essa audiência, ao mesmo tempo, tenta convencer-se de que como acidente de trânsito, não pode ficar impune, “como se nada tivesse acontecido.” Repete-me em diferentes momentos, nessa consulta, que ele é alguém de paz, que detesta brigar, sente-se mal por tudo isso. Percebendo suas angústias me proponho a

acompanhá-lo e seu advogado solicita se eu poderia depor apenas para consolidar a ideia das dificuldades psicológicas e o trabalho de reconstrução de vida que Bruno vem fazendo. Combinamos seu acompanhamento no fórum.

Há um grande sentimento de impotência nele, similar ao do início da caminhada; a audiência (revisão e re-contato com o dia do acidente e a morte), o aniversário de Clara, o recomeço com Luiza, tem mobilizado intensos sentimentos em Bruno.

Depois de explorarmos o que poderia acontecer nessa audiência, suas expectativas e desejos em relação a isso e de acordo com a realidade, tendo também se preparado para a forma fria como poderá vir a assistir o juiz e os outros advogados falando da morte de Clara, sente-se mais fortalecido para enfrentar essa circunstância.

A seguir traz suas incertezas com relação à vida agora, dúvidas sobre se está agindo corretamente, identifica comportamentos relacionados a sentimentos de culpa, pensamentos mais rígidos, ataques internos de seu juízo crítico contra si mesmo.

Vamos ventilando suas emoções, ajudando-o a entender o que é normativo e porque, assim como o que é despertado pelas mudanças que hoje vive, também discernindo aspectos do afeto que tem por Luiza e tudo que isso representa para si hoje.

Apontamentos sobre o acompanhamento durante a audiência:

Bruno apresentou-se tenso, muito observador, o motorista não veio, enviou a mãe para comparecer na audiência em seu lugar.

A advogada da seguradora mostra uma postura bastante hostil e indiferente, tenta coagir Bruno e seu advogado, dando a entender que para eles é simples interesse referente às questões financeiras, a juíza, de certa forma, repreende com expressões faciais, essa abordagem da advogada em relação a Bruno e mostra-se bastante objetiva, faz intervenções reconhecendo os danos morais e psicológicos em função do acidente na vida de Bruno, solicita uma rápida escuta sobre o quadro clínico do mesmo e me dispensa.

Decido aguardar a saída do paciente, no intuito de oferecer-lhe apoio, pois é nítido o esforço que está fazendo para enfrentar esse momento, a expressão de dor e revolta está presente em seu rosto e pesa sobre seu silêncio. Antes de sair sugiro a juíza e advogados que escutem o que Bruno tem a dizer, a juíza confirma que isso será feito. Penso que o fato de Bruno ser ouvido pode auxiliá-lo tanto na redução do sentimento de impotência, quanto em relação a tudo que está tendo que aceitar sem ter o direito de negociar ou dizer o que sente e pensa.

Na saída Bruno me oferece uma carona até a clínica, viemos conversando, ele me pede licença e desculpas pela dureza das palavras que eu iria ouvir dele nesse momento e “explode” dentro do carro, traz toda sua raiva, em relação a tudo que ouviu, a maneira leviana como as pessoas lidam com algo tão profundo, doloroso e transformador, a revolta de o motorista ter mandado a mãe, quando deveria comparecer, o olhar assustado daquela mulher, o mal estar que sentiu e reitera que tudo que esperava era uma atitude humilde de reconhecimento do homem que arrancou Clara da vida, entendeu que nem isso teria, depois da catarse, extremamente cansado, então as lágrimas vertem de seus olhos, em silêncio.

A seguir relata que se sente bem por ter ido, feito algo, ao menos o que estava ao seu alcance. Pergunta-me “que tipo de homem manda a mãe no seu lugar numa situação assim... que tipo de homem...” E depois de um curto silêncio, responde a si mesmo; “um homem que faz uma curva em alta velocidade e na contra mão”...

Bruno sofre ao entrar em contato com essa realidade e pergunta-se ainda; “que pessoas vivem, aí fora, no mundo”...

Ofereço-lhe suporte enquanto metaboliza sua raiva e pondera o mundo que vive como agora o conhece. O descaso é sem dúvida, sentimento mais doloroso do que o descuido, ele experimenta isso na violência de um mundo que investia muito menos na paz e no cuidado do que ele sentia e imaginava.

Consulta número 57; 14/02/2013

Dois temas compõem esse encontro; o processo jurídico que reduziu bastante a sensação de impotência que havia em Bruno, apesar do desgaste, trazendo-lhe importante alívio, e a consciência de estar construindo possibilidades de amar novamente e viver hoje, sem negar o passado e o que foi vivido lá.

“Para algumas pessoas, o outro mundo e a ideia do reencontro um dia, é uma esperança, pra mim é uma certeza. Outra certeza é que podemos permanecer ligados no amor. Acho que evoluir é conseguir lidar com paradoxos, nisso tu tem razão, não invalidar, compreender, considerar, aquilo que reforça a tua liberdade de ser no mundo, porque tu não fica preso ao que te aconteceu, mas não é fácil chegar a essa dedução. É uma escolha, não deixar de ter o que traz o bem-estar, pelo mal que te afligiu. Amar... Buscar ser feliz aqui, agora, esse é o caminho que quero pra mim. As músicas me ajudam, elas me deixam encontrar essa frequência única, vida, amor e cuidado. Não sei se tem algo mais que se pode fazer além disso, de qualquer maneira é com isso agora que quero me ocupar, uma vida simples e boa que combine com isso.”

Entendo que o paciente avança, está fazendo escolhas, retomando destinos que deseja dar a sua vida, me solicita ajuda para isso, valido sua busca e sigo agora oferecendo suporte para o que é seu e bom. É, como diz ele, “o recomeço amanhecendo.”

Consulta número 58; 28/02/2013

Dias frios na cidade, noites frias, apesar da época do ano, Bruno traz lembranças dos últimos invernos com Clara, descreve a difícil sensação de chegar em casa e encontrar o apto escuro, gelado, cita;

“-Noites frias, esse frio que não é só no corpo, como é ruim viver assim, como se só um pedaço de você tivesse aqui, quero ajuda pra não me sentir tão pela metade... Preciso me preparar pra esse inverno, o frio é o da privação de Clara, esse vácuo, essa lacuna, eu sei... Quero voltar a vibrar como vibrava, sei que nunca mais vai ser do mesmo jeito, mas quero mais do que um resto de vida, quero oferecer mais pras pessoas que estão comigo.”

Bruno faz comparações com o último inverno, onde se sentia um tanto entorpecido, preocupado com tarefas e questões burocráticas, teme sentir mais nesse inverno. Conta-me que foi chamado para dar aulas, era o concurso que ambos haviam feito, está contente em ir trabalhar com as crianças;

“-Estar entre os pequenos é como estar mais perto dela, era o que ela fazia também. As vezes eu pensava, onde coloco nossos planos de ter uma bailarinhinha, penso em oferecer esse amor pra essas crianças, minha irmã e a mãe vão me ajudar no começo, até eu pegar o jeito com os pequenos. Acho que vou dar conta, quero muito experimentar.”

Traz ainda que ouviu “uma entrevista de um padre, professor em teologia na rádio, falando sobre o silêncio de Deus, que Deus realmente às vezes parece estar dormindo” e gostou muito, relata ter se surpreendido com a clareza e a coerência desse padre.

Na saída desta consulta Bruno me diz que apesar de tudo tem se sentido mais próximo de Deus e um pouco mais confiante.

Consulta número 59; 07/03/2013

Conta-me sobre o fim de semana com Luiza em Porto Alegre. Pondera o quanto é bom e tranquilo seu relacionamento com ela, equilibrado. No entanto, confessa-me que ainda se cobra muito, questiona-se sobre talvez ser cedo demais. Relata que tem conversado com Clara em suas orações, espera que ela lhe entenda. Sente que é possível adaptar dois amores, pois são diferentes, mas sente que se cobra ainda.

Proponho que pensemos mais a fundo sobre essa cobrança. Diz-me que posso pensar que o que vai dizer pareça maluquice, mas sente que “é exatamente porque amou e ama Clara que percebe poder amar Luiza”. Traz que Clara é um amor ainda muito vivo dentro dele, um amor que sofre transformações, acredita que sua espiritualidade também lhe ajuda nisso.

Pergunto como isso acontece se poderia me explicar melhor. Começa dizendo que “acha que Clara não está em Deus, ela é em Deus”, é assim que sente. E “antes de viver essa quebra de mundo, pensa que vivia sua fé de um jeito diferente.” Peço que me dê exemplos. Então explica que sua fé, hoje melhor entendida por ele, “era uma espécie de compensação, uma afetividade, uma ideia de vamos fazer coisas boas, para construir um mundo bom”, diz que só havia duas coisas nas orações; “pedir e agradecer,” acrescenta;

“ Hoje depois de tudo, Deus é mais Cristo, como te dizia há um tempo atrás, mais vivo, mais pessoa, converso com ele, as orações já não são mais pedir e agradecer, é um relacionamento, não é mais um papinho doce, ingênuo como antes, acho que é mais realista. Clara queria

nossa felicidade, a dela era a minha também, então a minha é a dela. Penso que eu, Deus, Clara, estamos de algum modo conectados, todos nós, a Luiza também. As vezes quando penso se estou sendo bom o suficiente, é também porque tenho medo de não conseguir ficar tão próximo dessa frequência. É aí que entra meu amor por Luiza, quero ser bom com ela também, quero que ela tenha o que é justo de mim. Quando a Clara estava aqui vivíamos com segurança, alegria e amor. Pensávamos a vida, ela sabia de mim, eu dela, por isso tenho a certeza de que ela está bem, me autorizando a ir adiante. Eu faria isso por ela. O amor de verdade é isso. Acho que quando penso em não me distanciar dela é porque uma parte de mim ainda quer a gente juntos, enquanto a outra já a ama de uma outra maneira. Eu a amo, eu fui amado, então eu a autorizaria a ser feliz do jeito que ela pudesse mesmo sem mim. É um ir adiante que parece te levar pra longe, mas também é um longe que te traz pra perto se você puder entender como é... É um Deus mais humano, um amor que não morre e que sustenta a vida, é um jeito de cuidar das coisas que sempre vão ser importante pra mim, porque foram importante pra gente. Minha antiga organização ruiu, mas não é por isso que estou fazendo essas escolhas, estou fazendo por quem eu sou hoje, que não é a mesma coisa de dizer, o que me restou, eu não vou viver um resto de vida e não vou oferecer restos a ninguém. Eu quero uma reconstrução e espero sair disso tudo, bem mais forte, senão puder ser melhor do que era. Tô tentando não pelas convenções ou pelo que aprendi, mas pela verdade daquilo que sinto.”

Pergunta-me se acho o que diz incoerente. Respondo-lhe que não o acho incoerente, pontuo que penso que o amor saudável pode permitir o amor, que há lógica no que diz. Desde que o acompanhamento, Bruno tem conseguido pensar-se com coerência, logo reforço que pode confiar em si mesmo.

Conta-me também que tem buscado relaxar mais, “sair do plantão das perguntas”, se divertir e isso tem lhe mostrado que “dá pra ser o que puder ser e fica bem.” Pontuo outra vez em tom amoroso; “sim podes confiar no Bruno que tem ai dentro, que é de si mesmo”, ele respira fundo e sorri.

Consulta número 60; 21/03/2013

Paciente pondera a sua realidade atual;

“- Se você parar pra pensar o mundo antigo, tudo no hoje fica pequeno... antes havia uma ingenuidade que eu acho que até te poupa de sofrer, quando agora a gente é obrigada a lidar com a realidade, não pode fazer de conta, aquele tipo de segurança se foi. Não dá pra comparar o passado com o presente porque ficou um rombo enorme, nada que tu venha a ter compensa, não equivale, dá pra ser feliz, tu toca em frente, vai atrás, tem responsabilidade, mas tem um tipo de sensação de insuficiência que te acompanha... Então se você viver comparando é muito ruim, tem mesmo que pensar no passado de um outro jeito. Não gostar do passado, ou como tu diz, desinvestir, é muito difícil porque é como mentir ou se deixar pra trás, eu preciso ter energia disponível pro novo, pro diferente, pro novo ser bom, as vezes ainda não tenho. O caminho é me encontrar aqui hoje, existir hoje, pra talvez depois deixar o passado ”

Bruno está tentando olhar para si no presente, sente imensamente as diferenças, esforça-se e percebe sua pressa, seu cansaço. O luto e a elaboração é um processo bastante emocional e Bruno gostaria de otimizar o tempo, sofrer menos, encontrar meios “de deixar o passado para trás sem deixá-lo”.

Exploro com ele lembranças pelas quais tem muito carinho, onde vamos resgatando o que pode trazer para o presente e “para sempre”, paralelamente ele mesmo traz eventos atuais que vão fazendo parte do Bruno que está começando a ser. Está descobrindo aos poucos que pode continuar gostando de si mesmo.

Consulta número 61; 28/03/2013

Paciente chega contando a experiência de dar aulas para as crianças carentes refletindo sobre a realidade que sua perda lhe trouxe e a realidade dessas crianças, pondera sobre a importância do amparo, do que tenta oferecer as crianças. Pensa nas características de Clara ao dar aulas para suas alunas, lembra do carinho que ela tinha pelo que fazia e conclui; “tem coisas que sou hoje porque na convivência acho que fui me tornando, se eu sou, ela me tornou também”.

Exploramos identificações entre ambos e entra em contato com a história do casal;

“-... Lembra que falamos do mar? Clara era o mar, mas ela não foi sempre assim, acredito que ela foi se tornando mar ao longo de 8 anos de relacionamento, eu acho que com a gente ela encontrou espaço suficiente pra se tornar o mar que se tornou. Penso que nós conseguimos dar a ela, espaço, apoio, pra que ela se encontrasse com ela mesma, ela era muito feliz, tu não tem ideia, estava sempre sorrindo, sinto que minha família estimulou, permitiu que ela se tornasse ela, sabe, acho que isso a gente ofereceu, ela era muito feliz conosco e nós todos com ela.” (...). Quando penso em Luiza também levo em conta isso, foram muitos anos, enquanto eu e Clara estávamos nos conhecendo, as vezes eu faço uma força pra não deixar todo aquele mar se derrubar sobre Luiza, ela tem seu próprio jeito de ser e com o tempo poderá descobrir o mar que ela é, não quero invadi-la com o que é meu, tento protegê-la e também o nosso relacionamento. Mas tem horas que abro os braços pra segurar tudo atrás da gente sabe?”

Administrando a saudade e as compreensões sobre o passado enquanto vive o presente, Bruno vai desenvolvendo autonomia e fortalecimento interno tem clareza e segurança sobre o que viveu o que vive e deseja no presente.

No discurso de Bruno, Clara está menos idealizada, é compreendida e assimilada dentro da realidade do que foi vivido por todos, na perspectiva histórica familiar, onde observa que suas características e riquezas foram construídas ao longo do tempo, também no contato com todos. A compreensão de Bruno de que a evolução é um processo que acontece com a vivência das experiências de vida, em todos o liberta e lhe dá esperanças.

Seu namoro com Luiza segue e aos poucos retoma possibilidades de pensar o futuro.

De todo período de acompanhamento psicológico, é nesse que se mostra mais adaptado, está feliz com seu trabalho na escola, percebe crescimento no vínculo com Luiza e com a vida, aproxima-se da inteireza que sempre veio buscando e termina esse encontro me dizendo;

“-Agora é a vida, né, esse intervalo de tempo até chegar lá do outro lado, onde espero um dia poder entender o que não alcancei entender aqui, e matar a saudade.”

*O paciente segue em acompanhamento Psicológico e até o momento presente mantêm-se evoluindo.